



XEQUE MATE

A EXPERIÊNCIA DE APRENDER, PRODUZIR E REALIZAR
UM PROGRAMA DE ENTREVISTA NA TV UNIVERSITÁRIA RN

Valquíria Aparecida Passos Kneipp
Alexandre Ferreira Mulatinho
Renato Ferreira de Moraes
Emily Gonzaga de Araújo
Organizadores

Valquíria Aparecida Passos Kneipp

Alexandre Ferreira Mulatinho

Renato Ferreira de Moraes

Emily Gonzaga de Araújo

Organizadores

XEQUE MATE

A EXPERIÊNCIA DE APRENDER, PRODUZIR E REALIZAR
UM PROGRAMA DE ENTREVISTA NA TV UNIVERSITÁRIA RN



Natal, 2022

**Reitor**

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFRN

Maria da Penha Casado Alves (Diretora)

Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Bruno Francisco Xavier (Secretário)

Conselho Editorial

Maria da Penha Casado Alves (Presidente)

Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Everton Rodrigues Barbosa

Fábio Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

Izabel Souza do Nascimento

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Editoração

Helton Rubiano de Macedo (Editor)

Kamyla Álvares (Editora)

Isabelle Cavalcante (Colaboradora)

Revisão

Wildson Confessor (Coordenador)

Vitor Matheus (Colaborador)

Design editorial

Rafael Campos (Coordenador)

Wilson Fernandes (Programação visual)

Antônio Ivo Ferreira Lima (Editor de vídeo)



Fundada em 1962, a EDUFRN permanece dedicada à sua principal missão: produzir livros com qualidade editorial, a fim de promover o conhecimento gerado na Universidade, além de divulgar expressões culturais do Rio Grande do Norte.

Publicação digital financiada com recursos do Fundo Editorial da UFRN. A seleção da obra foi realizada pelo Conselho Editorial da EDUFRN, com base em avaliação cega por pares, a partir dos critérios definidos no Edital nº 02/2021, para a linha editorial Publicação Institucional.

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Xeque Mate [recurso eletrônico] : a experiência de aprender, produzir e realizar um programa de entrevista na TV Universitária RN / Valquíria Aparecida Passos Kneipp ... [et al.], organizadores. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 6,68 MB). – Natal : EDUFRN, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web
<<http://repositorio.ufrn.br>>.
Título fornecido pelos criadores do recurso.
ISBN 978-65-5569-241-9

1. Jornalismo. 2. Jornalismo – Programas de entrevistas. 3. Jornalismo – Rio Grande do Norte. 4. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Jornalismo. I. Kneipp, Valquíria Aparecida Passos.

RN/UF/BCZM

2022/07

CDD 070.4
CDU 070

Elaborado por Márcia Valéria Alves – CRB-15/509

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN– Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário
Lagoa Nova | 59.078-970| Natal/RN| Brasil
e-mail: contato@editora.ufrn.br| www.editora.ufrn.br
Telefone: 84 3342 2221

Dedicamos este livro aos estudantes, professores e profissionais do Jornalismo, do Radialismo, do Audiovisual e da Publicidade e Propaganda da UFRN.

Valquíria, Alexandre, Renato e Emily

Agradecimentos

Agradecemos a todos os profissionais da área técnica, do jornalismo e da administração da TV Universitária da UFRN e também ao Departamento de Comunicação Social, pela oportunidade de poder compartilhar momentos de aprendizado e trocas produtivas durante todo o primeiro semestre letivo do ano de 2018, na produção e realização do Programa Xequé Mate.

Valquíria, Alexandre, Renato e Emily

Dimensão ideal da entrevista: “[...] o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os participes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios.”

Cremilda Medina, 1986

Prefácio

Chegamos a uma época em que a aprendizagem para fins profissionais, em contexto acadêmico, já ultrapassou os limites da passividade por parte da turma discente. Sujeitos de outros tempos, discentes aguardam mais do que a transferência de conhecimentos por parte do corpo docente e querem arriscar-se para aliar saberes com a experiência não meramente laboratorial.

Por diversas maneiras, vê-se a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) atender essa expectativa discente, sendo um exemplo cabal quando coloca no ar, por intermédio da Televisão Universitária (TVU), um programa inteiramente produzido e realizado por discentes, evidentemente, sob orientação docente. Estamos nos referindo ao programa *Xeque Mate*, que é tema da presente obra.

Como se sabe, a UFRN, por intermédio da Superintendência de Comunicação, opera, como poucas instituições de ensino superior do Brasil, uma emissora de televisão em sinal aberto, em operação há 45 anos, no contexto da radiodifusão pública do Brasil. A oferta por mais de quatro décadas de uma grade de programação televisiva sempre representou um enorme desafio, e, por isso, deve ser motivo de comemoração a Instituição garantir a prestação de serviço na condição de ser uma das mais respeitadas universidades brasileiras.

Além de integrar a programação como os demais da grade da emissora, o *Xeque Mate* traz o *selo* de produto jornalístico com natureza acadêmica, dado o ambiente de produção nitidamente vinculado a uma disciplina ofertada pelos cursos de Comunicação. Portanto, é um produto midiático que deixa de ser considerado experimental e ultrapassa essa condição na medida em que é catapultado ao posto de programa pronto para exibição na tela de uma emissora em sinal aberto.

Satisfatoriamente, o *Xeque Mate* poderia ser apenas um produto laboratorial, visto que o Departamento de Comunicação detém estrutura para cumprir essa função laboratorial e permite o chamado *momento maker*, aquele

em que o discente coloca a *mão na massa* preocupado apenas com o *feedback* do docente e dos colegas da turma. De longe, essa não é a condição do programa *Xeque Mate*, desde o momento em que a TVU abraçou a proposta de inseri-lo no pacote de seus programas exibidos regularmente para uma audiência incerta e remota.

Esse olhar de um produto *feito por estudantes* é retratado aqui, nesta obra, quando os autores e as autoras acionam fontes e dados acerca do *Xeque Mate*, ainda que interessados mais precisamente nas ocorrências do primeiro semestre do ano de 2018. Dividida em duas partes, a obra espelha uma história nada usual em televisão aberta, qual seja, a de assumir inteiramente a responsabilidade pela exibição de um programa cujos convidados são entrevistados por discentes.

Mesmo concentrada em compartilhar momentos da aprendizagem e das trocas produtivas entre discentes e docentes em um *frame* de tempo relativamente curto – se considerarmos a permanência do programa na grade da TVU há quase vinte anos –, a equipe organizadora e produtora do conteúdo desta obra retoma, em diversos trechos, o emaranhado histórico de movimentos e de parcerias que tornou possível dar vigor ao programa como produto midiático. Inclusive, oferece um resgate histórico interessante

das origens do programa nos primeiros passos do ensino de jornalismo no estado do Rio Grande do Norte, ainda no modo presencial, na Faculdade Eloy de Souza e uma breve temporada presencial nos corredores do Setor V do *campus* da UFRN. Todavia, a obra centra-se na virada histórica do *Xeque Mate* com feição televisiva no início dos anos 2000.

Na condição de Superintendente de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), de 2011 a 2019, tivemos a oportunidade de vivenciar parte da experiência relatada e tomar ciência dos três eixos de sustentação desse singular projeto: o eixo acadêmico (como disciplina optativa e, depois, obrigatória), um eixo extensionista de interesse da Pró-Reitoria de Extensão e o eixo midiático, como produto ofertado na grade de programação de uma emissora em sinal aberto, situação em que ganha um nível de exposição incomensurável.

Ainda que nos limites do escrito e da memória, os diversos artigos presentes nesta obra presenteiam-nos com a leitura de parte da história do *Xeque Mate*, o que confere relevância heurística a um conteúdo que aprofunda e amplia a compreensão da singularidade da empreitada em levar ao público de televisão em sinal aberto um produto feito por aprendizes.

A obra mostra como é a construção do programa, como ele abre espaço para discentes interagirem, como entrevistadores, com convidados de diferentes perfis e de vínculos institucionais internos e externos, e faz dessa experiência a oportunidade de aprendizagem.

Esses e outros aspectos estão expostos de forma competente e em linguagem acessível, em uma publicação de fôlego produzida com a tutela de professoras e de mestrandos em docência assistida do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, (PPGEM) da UFRN, responsáveis por reflexões teórico-práticas que abrem a parte inicial da publicação. Parte, esta, complementada com o minucioso relato do professor aposentado Emanoel Francisco Pinto Barreto, o qual, na condição de convidado especial do programa que ele próprio idealizou e criou, contextualiza o início da trajetória dessa empreitada na versão audiovisual e com inserção na grade de programação da TVU. Não menos interessante, a segunda parte do livro reúne a transcrição de 18 entrevistas realizadas e exibidas no primeiro semestre de 2018.

A coletânea de artigos que a obra traz oferece uma leitura robusta e qualificada de um produto que também tem sido objeto de vários trabalhos de conclusão de curso, mas que ainda se mostrava carente de um estudo mais adensado,

que trouxessem reflexões relatadas pelos próprios estudantes que passaram pela experiência *Xeque Mate*, bem ao estilo *revelações de bastidores*, ou, como queriam, depoimentos bem no formato *making of*, indicando e validando aspectos interessantes não exibidos nas sucessivas temporadas do programa na TVU.

Em razão disso e do apanhado das significações do programa em sua profundidade histórica, os autores dos artigos assumem – e cumprem – a responsabilidade de produzir uma obra referencial, inédita e necessária. Dessa maneira, o conteúdo disposto nesta publicação passa a ser um referencial de consulta indispensável quando se trata do programa *Xeque Mate*.

A publicação resulta de um trabalho de grande envergadura, traz conhecimento e promove reconhecimento de muitos esforços (de pesquisadores, de docentes, de discentes e de gestores) que mantiveram – e ainda mantêm – o programa em uma trajetória longeva e bem-sucedida. Cada capítulo condensa e adensa informações, dados e detalhes dessa trajetória em diferentes momentos.

Extremamente valiosa e reveladora, a obra *Xeque Mate: a experiência de aprender, produzir e realizar um programa*

de entrevista na TV Universitária RN também nos convida ao trabalho da reflexão sobre a importância de defender a universidade pública, pois somente uma universidade com essa natureza mostra-se capaz de abrigar uma televisão pública em sinal aberto com a oferta de um produto à sociedade feito por estudantes.

José Zilmar Alves da Costa

Xeque-Mate: por trás da entrevista

Este livro traduz o programa de entrevistas “Xeque-Mate”, uma experiência profundamente inovadora de ensino e da prática de jornalismo em nosso estado. Coordenado por professores e tendo alunos da UFRN como entrevistadores, de trajetória longeva e bem-sucedida, é precursor do icônico “Roda Viva”, da TV Cultura de São Paulo, e uma excelente produção regional que acompanho há muito tempo. A publicação aborda as variações e grandes entrevistas deste programa, que proporciona aos alunos aprendizados práticos, uma vez que suas diversas atividades são desenvolvidas em um estúdio de TV, revelando-se ora como um espaço de experiências, ora como a oportunidade de aproximar teoria e prática.

Mergulhando em encontros expressivos, “Xeque-Mate” é produzido pelo Departamento de Comunicação Social (Decom) da UFRN em parceria com a TV Universitária (TVU). Tem aqui sua bonita trajetória tatuada neste livro coordenado por Valquíria Aparecida Passos Kneipp, Alexandre Ferreira Mulatinho, Renato Ferreira de Moraes e Emily Gonzaga de Araújo. Recordo-me da origem do programa em 1972, na antiga Faculdade Eloy de Souza. A prática estudantil tornou-se tão exitosa que a Congregação de Professores da Faculdade reconheceu a experiência como atividade curricular, vivenciada por alunos e professores. Os idealizadores do “Xeque-Mate” foram Jorge Batista e João Bezerra da Silva, este Presidente do Diretório Acadêmico e o primeiro seu Diretor Cultural. Apesar de realizado em moldes diferentes do que foi idealizado, mas mantendo a característica de exercício prático, o programa sobrevive ainda hoje.

Ao entrevistar, o jornalista poderá ter a oportunidade de conhecer a história, desejos e verdades do outro. Estará atento para, em exercício semelhante a uma investigação filosófica, aprimorar-se e se aproximar da veracidade de fatos, leis, estudos. O diálogo está entre as formas de comunicação que ganha destaque, na Grécia Antiga, no qual a entrevista está inserida. Mas quais seriam os limites capazes de distinguir

entre uma boa entrevista jornalística e aquela que não passa de um mero ato de captar informações com pouca análise e interação? Esta publicação identifica o percurso necessário em um programa de entrevista na TV marcado pela busca de uma verdade dialógica, a construção de saberes, escuta, percepção, inter-relação e conhecimento do outro.

Pretende-se que a entrevista construa ideias, pensamentos, por meio da conversa franca entre entrevistador e entrevistado. Consideramos que para obter uma conversa franca, o jornalista necessita estar atento a alguns procedimentos e estratégias como a escuta, a relação que estabelece com o entrevistado, às formas de perguntar, interferir. Entre essas técnicas está a percepção de linguagem não verbal, a atuação no improviso e o questionamento de pontos falsos, contraditórios ou infundados do interlocutor. Evita-se assim, entre outros prejuízos, a superficialidade de encontros mecânicos ou com respostas preestabelecidas.

Ao escrever esta apresentação, reconheço a possibilidade de a avaliação correr o risco de ser parcial ou tendenciosa em consequência de estar ligado ao programa desde os seus primórdios, no pátio dos fundos da Fundação José Augusto. Além de ser o primeiro entrevistado daquela época, em junho de 1972, fui o primeiro entrevistado no seu retorno na UFRN e ainda dei uma terceira entrevista

mais adiante. Idealizado e executado pelos alunos através de sua representação estudantil: o Diretório Acadêmico Odylo Costa, neto. Semanalmente, nas sextas-feiras, a Faculdade recebia um convidado para ser entrevistado pelos estudantes. Era aberto a outros estudantes e de forma geral a quem desejasse participar.

O livro ilumina um programa de TV feito exclusivamente para a entrevista. Identifica e questiona caminhos para a construção de conversas televisionadas que permitam a expressão bilateral de ideias, a busca pela verdade, escuta e interação com o outro. Verifica algumas entrevistas ao longo da sua história que se voltam para o encontro de entrevistador e entrevistado. Condensa informações de diferentes momentos. Uma obra de grande valor, traz conhecimento e promove a memória histórica. Boa leitura!

Diógenes da Cunha Lima

Sumário

Introdução..... 22

PARTE 1 – REFLEXÕES DA EXPERIÊNCIA XEQUE MATE

Capítulo 1 – *Xeque Mate*: aprender fazendo um
programa televisivo com estratégias de transmissão..... 25
Valquíria Aparecida Passos Kneipp
Emily Gonzaga de Araújo

Capítulo 2 – *Xeque Mate*: relatos da experiência
do estágio em docência na UFRN..... 51
Renato Ferreira de Moraes
Alexandre Ferreira Mulatinho

**PARTE 2 – PROGRAMAS XEQUE MATE VEICULADOS
NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2018**

Capítulo 3 – Entrevista com Sheila Maria Freitas de Souza Fernandes e Melo.....	75
Capítulo 4 – Entrevista com Dino Lincoln	103
Capítulo 5 – Entrevista com John Carlos Mantilla	136
Capítulo 6 – Entrevista com Jussier Ramalho	159
Capítulo 7 – Entrevista com Mirian Moema Filgueira Pinheiro	193
Capítulo 8 – Entrevista com Diógenes da Cunha Lima	221
Capítulo 9 – Entrevista com Ianne Silva.....	252
Capítulo 10 – Entrevista com Victor Filgueira	284
Capítulo 11 – Entrevista com Manoel Neto	315
Capítulo 12 – Entrevista com Gilliard de Medeiros	341
Capítulo 13 – Entrevista com Fernando Amaral	382

Capítulo 14 – Entrevista com Manoel de Medeiros Brito	417
Capítulo 15 – Entrevista com César Ferrario	447
Capítulo 16 – Entrevista com Francisco Barbosa Albuquerque	478
Capítulo 17 – Entrevista com Janduhi Medeiros.....	515
Capítulo 18 – Entrevista com Erick Pereira	542
Capítulo 19 – Entrevista com Ângela Paiva	580
Capítulo 20 – Entrevista com Alice Carvalho	612
Ficha técnica.....	645
Referências	649
Sobre os organizadores.....	654
Xequ Mate:	658

Introdução

O ano de 2018 marcou a comemoração dos 60 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que representa um ícone no campo do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, com papel fundamental no Rio Grande do Norte. Por isso os programas *Xeque Mate*¹ realizados nesse ano tiveram como objetivo homenagear a nossa UFRN. Para isso, foram entrevistados professores, pesquisadores, autoridades de destaque na universidade e representantes da sociedade potiguar nas áreas da cultura, do empreendedorismo, da educação, da segurança pública, entre outros. Este livro também tem como objetivo registrar, por meio das transcrições de programas de entrevista *Xeque Mate*, veiculados na TV Universitária, no primeiro semestre do ano letivo de 2018. A equipe responsável pela produção

¹ Optou-se pelo uso da palavra título do programa Xeque Mate sem hífen porque, em sua versão original, foi adotada essa forma.

e organização do programa *Xeque Mate*, composta por professoras e mestrandos em docência assistida, teve como foco as entrevistas realizadas, o resgate e a preservação da memória e de parte da história da UFRN, com convidados que de alguma forma pudessem contribuir com essa proposta. A obra é dividida em duas partes, sendo que, na primeira, estão as reflexões teórico-práticas dos organizadores. Na segunda parte, outras 18 entrevistas realizadas e exibidas como parte integrante das disciplinas Tópicos Especiais dos cursos de Jornalismo, Comunicação Social Habilidades em Publicidade e Propaganda, Radialismo e Audiovisual da UFRN.

Parte 1

Reflexões da experiência

Capítulo 1

Xeque Mate:

aprender fazendo um programa televisivo
com estratégias de transmissão

Valquíria Aparecida Passos Kneipp
Emily Gonzaga de Araújo

O CONTEXTO HISTÓRICO DO PROGRAMA XEQUE MATE NO CURSO DE JORNALISMO

Segundo Barreto (2020), a experiência por meio do programa *Xeque Mate* foi criada no curso de Comunicação Social – Jornalismo, nos anos 1970, quando o curso não fazia parte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mas funcionava na Fundação José Augusto, como Faculdade de Jornalismo Eloy de Sousa, como um exercício para que os alunos do curso entrevistassem personalidades nas dependências de um auditório em formato de arena, ainda não era um programa de televisão. “Os estudantes descobriram um modo de tratar de política, dentro de um evento chamado

Xeque Mate” (BARRETO; 2020, informação verbal). Nesse período, houve uma vez em que o *Xeque Mate* foi transmitido por uma emissora de rádio; ainda segundo Barreto, “foi quando o ex-governador Aluízio Alves foi convidado, e como ele era dono da rádio Cabugi, que hoje pertence ao grupo da rede Globo [...], então a Cabugi disponibilizou a veiculação do programa, do evento”. Em 1976, o curso foi federalizado e passou a fazer parte da UFRN.

Antes de se transformar em um programa de televisão, nos anos 1980, quando o curso migrou para a UFRN, houve uma tentativa de fazê-lo renascer no mesmo formato, em algum auditório da universidade. Em 2002, o *Xeque Mate* foi transformado em um programa televisivo pelo professor Emanoel Barreto e passou a ser exibido, ao vivo, pela TV Universitária do RN (TVU). Na época, o superintendente da TVU era o professor Márcio Capriglione, que aceitou a proposta do professor Barreto (2020) para transformar a experiência do Xeque Mate em um programa de TV.

A ideia era de que o programa contasse sempre com a presença dos jornalistas profissionais. Porque a gente partiu de uma ideia, traçamos uma espécie de paralelo, de analogia ou meio que uma metáfora, se é que se pode falar em metáfora no mundo da realidade, de que *Xeque Mate*

funcionaria para os alunos como se fosse uma maratona de perguntas (BARRETO; 2020, informação verbal).

De acordo com o professor Barreto, esse jornalista seria uma espécie de “coelho” (grifo do autor) que iria estimulando os alunos com as suas perguntas. A partir das perguntas de um profissional, seria estimulado o surgimento de novas perguntas. Funcionaria, na prática, como dicas “ao vivo” (grifo do autor) para os alunos, mas, infelizmente, essa ideia nunca foi posta em prática.

Para o primeiro programa, Barreto (2020) revela que a estratégia inicial foi convidar uma personalidade política. O então governador do Rio Grande do Norte, Garibaldi Alves Filho, foi convidado. No entanto, como não se tinha certeza de que ele compareceria, procedeu-se ao convite de uma personalidade em *stand-by*, a então deputada Fátima Bezerra. Uma vez que o governador realmente não compareceu, Fátima Bezerra foi a primeira entrevistada do programa Xeque Mate na televisão. Nesta primeira edição, o criador e apresentador usou um provérbio árabe para relacionar a importância daquele momento histórico: “A natureza da semente é germinar. E o programa germinou. Foi uma semente bem plantada, né?” (BARRETO; 2020, informação verbal).

Com uma carreira construída no meio impresso, no jornal Tribuna do Norte¹, o professor Barreto enfrentou o desafio de apresentar um programa de entrevista na televisão: “eu não tive, assim, dificuldade. Eu só não gostava do teleprompter. Como era só um entrevistado, então eu fazia a apresentação tranquilo” (BARRETO; 2020, informação verbal). Ele também relembra o clima que misturava a jovialidade dos estudantes, o bom humor e a liberdade para construir as entrevistas de cada programa.

Teve um programa em que veio um sanfoneiro, Elino Julião, o programa terminou transformado num forró. [...] Quando ele começou a cantar, o Mafaldo Pinto disse: “professor, eu posso dançar?” Eu disse: “pode”. Aí ele pegou uma menina e começou a dançar, e o programa terminou com Elino cantando e Mafaldo dançando (BARRETO; 2020, informação verbal).

Em meio a tantas entrevistas com personalidades da política, da economia, da cultura e das artes, nesse período, o então candidato à vice-presidência, José Alencar – em plena campanha eleitoral – também foi entrevistado no *Xeque Mate*. O programa trazia pessoas de diversas matrizes ideológicas. Entre os mais marcantes para o professor Barreto,

1 Tendo começado como repórter de política e passado pela editoria de cidades; depois como editor do Segundo Caderno, e, posteriormente, tendo passado cerca de 15 anos como repórter e editor de política.

ele cita um em que a entrevistada era uma prostituta: “Ela criou a associação dos profissionais do sexo. Ela era uma pessoa muito simples, com baixo nível de escolaridade, o programa ao vivo, um programa comovente” (BARRETO; 2020, informação verbal).

Depois de dois anos e meio à frente do *Xeque Mate*, Barreto deixou a apresentação do programa para se dedicar ao mestrado, deixando um legado em experiência prática a ser continuado na formação dos estudantes de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: “A experiência é a imersão. É a imersão do sujeito no seu ambiente e a compreensão desse ambiente, ou tentativa de compreensão desse ambiente, visando, em alguma medida, explicá-lo de algum ponto de vista, e essa explicação chegar aos outros também” (BARRETO; 2020, informação verbal).

São cerca de 18 anos de experiência acadêmica para os estudantes, aliada à exibição televisiva. A estratégia inicial era realizar uma entrevista, mediada por um professor, que, além de entrevistar, colocava os estudantes para fazerem questionamentos, também. Ao longo desse período, vários professores foram apresentadores, respectivamente: Emanuel Barreto (2002 e 2003), Ruy Alkmim Rocha (período 2007-2013), Bruno Gomes (2014.1 e 2014.2), Luiz Fernando Dal

Pian (2016.1, 2016.2, 2017.1, 2018.1 e 2018.2), Valquíria Kneipp (2019.1), Ranniery Sousa (2019.2).

Para Barreto (2020), a experiência foi muito rica porque contribuiu para a formação profissional de jornalistas que hoje são destaque no cenário do estado, mas as dificuldades de formar uma equipe e conseguir transmitir ao vivo, semanalmente, o programa acabaram desestimulando sua continuidade, sendo este ministrado curricularmente dentro de uma disciplina optativa. Com o objetivo de sanar essa dificuldade, desde o segundo semestre letivo do ano de 2019, a disciplina do programa passou a fazer parte da grade obrigatória do curso de Jornalismo e também dos Cursos de Comunicação Social, com as habilitações em Publicidade e Propaganda e também em Audiovisual.

O programa *Xeque Mate* é exibido semanalmente pela TV Universitária, que integra, desde 1999, a estrutura da Superintendência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, junto com a Agência de Comunicação (Agecom) e a Rádio Universitária FM. A programação da TVU-RN tem como princípio atender os diferentes públicos, e segue as diretrizes defendidas pela Associação Brasileira de Emissoras Públicas Educativas e Culturais (ABEPEC), “que priorizam a sua integridade, uma ação independente, plural e que valorize a criatividade e a

inovação na produção de seus programas” (TVU). Em relação ao jornalismo, a emissora busca oferecer informação de qualidade, com relevância social e sem submissão às imposições mercadológicas, e ainda se propõe à livre expansão em manifestação do pensamento, da criação da informação, a não praticar a censura de natureza político-ideológica ou artística. O sinal da emissora atinge aproximadamente dois milhões de telespectadores, que correspondem à região metropolitana de Natal, composta por catorze municípios. (TVU).

De acordo com Rocha Filho (2012), apesar de a TVU ter sido criada como emissora educativa, efetivamente não consolidou a sua condição de emissora pública. “Entretanto, a TV se tornou espaço de registro e difusão para conteúdos educativos, culturais e informacionais, dando margem para experiências dignas de nota”². Um dos exemplos apontados pelo autor é o surgimento do programa *Xeque Mate* como “a reedição televisiva – revista e teoricamente reformulada – de evento com idêntica denominação, que marcou época em Natal, em meados dos anos 1960”.

Por meio dessa iniciativa, Rocha Filho (2012) ressalta que os alunos praticam a entrevista coletiva, a produção de matérias e atividades de assessoria de comunicação. Assim, exercitam sua capacitação profissional e vivenciam

2 Disponível: <https://bit.ly/2VMEjds>

o trabalho do jornalista, com todos os seus imprevistos e dificuldades. Para o autor, o programa contribui, também, para o exercício prático de conhecimentos técnicos da área de jornalismo, de radialismo e de publicidade, possibilitando a integração entre as três habilitações.

Em 2018, uma equipe formada por três professores e dois estagiários de docência assistida do mestrado em Estudos da Mídia da UFRN encarou o desafio de reformular e atualizar a estrutura e o funcionamento do Programa *Xeque Mate*, inserindo a utilização de redes sociais digitais e trabalhando o engajamento destas, como forma de transcender o programa para além da exibição e da disponibilização no YouTube. Foram reformuladas a vinheta de abertura, o estúdio e toda a identidade visual do programa. Na imagem 1, temos a logomarca que era utilizada até então. Ao lado, a nova proposta criada pelo departamento de arte da TV Universitária:

Figura 1 – Versão anterior logo do programa Xeque Mate



Fonte: reprodução dos arquivos da emissora

Figura 2 – Versão atual logo do programa Xeque Mate



Fonte: reprodução dos arquivos da emissora

Atualmente, todos os quatro cursos do Departamento de Comunicação (Jornalismo, Audiovisual, Publicidade e Propaganda e Comunicação Social com habilitações em Radialismo)³ participam da equipe de produção do Programa *Xeque Mate*.

O PROCESSO DE PRODUÇÃO: PESQUISA, PAUTA, ENTREVISTA E TRANSMÍDIAÇÃO

O desafio lançado pela direção da TVU RN teve como objetivo reinventar o *Xeque Mate*, de modo que o programa se tornasse uma nova experiência, mais estimulante e intrigante para os alunos. Para tanto, formou-se uma equipe de coordenação com três professores⁴ e dois estagiários⁵ de docência assistida do mestrado em Estudos da Mídia. Depois de algumas reuniões com a direção da TVU, elaborou-se um projeto de atuação, no qual estava previsto uma etapa inicial de treinamento para os alunos da graduação e, posteriormente, a preparação do planejamento do programa para o semestre. Em seguida, seriam iniciadas as gravações, sua produção propriamente.

-
- 3 A partir do ano de 2016, as habilitações foram divididas em cursos independentes, com departamento e coordenações autônomas.
 - 4 Valquíria Aparecida Passos Kneipp, Emily Gonzaga de Araújo e Luiz Fernando Dal Pian;
 - 5 Renato Ferreira de Moraes e Alexandre Ferreira Mulatinho.

O treinamento consistia em oficinas de pauta, entrevista, reportagem e edição. No segundo momento, estabeleceram-se, respectivamente, um cronograma de gravação e a montagem de equipes de pré-produção, de produção e de realização de cada programa. Essas equipes faziam rodízio, de modo que eram agrupamentos distintos em cada semana. Vale lembrar que todo trabalho estava vinculado às disciplinas, logo, os discentes teriam uma meta a ser atingida, equivalente aos requisitos necessários para a aprovação nesses componentes curriculares: frequência às aulas/programas, passar por todas as equipes ao longo do semestre e realizar cada atividade da qual o(a) aluno(a) se prontificasse a participar com empenho e razoável qualidade. Foram estabelecidas cinco equipes: pré-produção, realização, produção, transmídia e assessoria (de imprensa), sendo que cada equipe tinha atribuições específicas conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Equipes de trabalho

Equipe	Atividades desenvolvidas
Pré-produção	Pesquisa e redação da pauta; pré-entrevista, contato e agendamento com os entrevistados; elaboração de um breve perfil do entrevistado (nota coberta ⁶), elaboração do roteiro de entrevista, gravação do off;

6 Essa nota entraria no processo de edição e montagem do programa; todas as edições veiculadas na TV do programa Xeque Mate começavam com a nota coberta logo em seguida à vinheta de abertura, de maneira a apresentar ao(a) telespectador(a) o entrevistado daquele dia.

Equipe	Atividades desenvolvidas
Produção	Logística de recepção e de encaminhamento do entrevistado para maquiagem (preparação do entrevistado) e, em seguida, ao estúdio; coordenação do estúdio, coordenação dos alunos participantes da entrevista do dia, checagem do estúdio (água, roteiro e coordenação no <i>switcher</i>);
Realização	Participar da gravação como entrevistador;
Transmídia	Fotografias, vídeos curtos (pequenas chamadas), postagem no Instagram, Facebook e YouTube;
Assessoria	Elaboração e distribuição de <i>release</i> para divulgação.

Fonte: elaborado pelas autoras

A primeira atividade realizada pelos discentes foi a elaboração de uma pauta, em que cada um apresentou um provável entrevistado para o programa *Xeque Mate* levando em consideração a relevância do tema que esse falaria (factualidade) e o ineditismo (não repetir pessoas que já tivessem sido entrevistadas no programa)⁷. Um modelo básico de pauta, com base em Paternostro (1999), contendo a proposta, o encaminhamento, dados sobre o entrevistado e um roteiro para entrevista foi adaptado para servir de modelo aos alunos. Consideramos que a proposta deveria conter uma descrição sobre o assunto a ser tratado na entrevista, de modo a não deixar dúvidas sobre o(s) tema(s) a ser(em) abordado(s)

7 Nesta situação, os alunos aplicam, na prática, a teoria estudada em disciplinas anteriores acerca dos critérios de noticiabilidade, isto é, os aspectos e/ou características que conferem a um acontecimento ou pessoa o *status* de serem significativos o suficiente para serem noticiáveis na ampla mídia (PENA, 2005).

pelo entrevistado, além de responder a todas as perguntas do tradicional *lead* jornalístico (quem, o quê, onde, como, quando, por quê), em um texto de 10 até 25 linhas. No encaminhamento, deveria constar uma sugestão de como a entrevista seria roteirizada, com sugestões de assuntos a serem abordados para preencher os 50 minutos de duração do programa. Nos dados, a partir de pesquisa realizada pelo(a) aluno(a), estariam todas as informações atualizadas sobre o assunto. Por meio da pesquisa, também era feita a checagem de todos os dados, com um perfil do entrevistado: uma explicação de quem é o entrevistado, que elementos lhe conferem relevância e/ou notoriedade para ser entrevistado no *Xeque Mate*, bem como suas contribuições à sociedade em nível local, regional ou nacional. Tudo isso em um texto de 10 a 35 linhas. Ao final de todo esse trabalho, haveria um pré-roteiro, com informações da entrevista, sugestões de perguntas por bloco e informações da entrevista agendada (horário, nome, profissão, endereço, telefone etc.).

Também foi repassada aos alunos a orientação sobre a redação dos *offs* para a apresentação do entrevistado no início do programa (nota coberta). Nesse texto, deveria haver indicações de tipo de imagem que foram pensadas para aquela peça, bem como o texto que sinteticamente trazia uma apresentação da pessoa do(a) entrevistado(a), de 8 a 30 linhas.

Durante as oficinas, a partir de fundamentos teóricos, buscou-se estabelecer uma conexão entre a reflexão conceitual e a prática do programa. As oficinas começaram abordando a questão da entrevista, a partir da proposta de Medina (1986) de um diálogo possível, com a busca de uma aproximação do entrevistado conforme a autora propõe: “A verdadeira vida comunitária é aquela que permite a cada indivíduo relacionar-se com o próximo em termos da relação EU-TU, e não em termos da relação EU-ISTO” (MEDINA; 1986, 5 *apud* Buber). Na busca de conceitos e de definições, refletiu-se sobre as questões técnicas de base para a realização da entrevista, sem deixar de lado a busca por um diálogo. Traçando um paralelo entre a consciência profissional e a comunicação humana: “A entrevista não é apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica” (MEDINA, 1986, p. 5). Reafirma-se, conforme a autora, qual pode ser a dimensão ideal para uma entrevista, com, “o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios” (MEDINA, 1986, p. 8).

Em relação à televisão, Aronchi (2004) localiza a entrevista como um dos gêneros da categoria informação, que também conta com debate, documentário e telejornal. De acordo com o autor, “o gênero entrevista está ligado aos programas que procuram pessoas das mais diversas áreas para ficar frente a frente com o apresentador” (ARONCHI, 2004, p. 147). Em relação ao foco ou assunto das entrevistas, o autor complementa que elas podem ter por assunto principal tanto a vida do próprio entrevistado quanto uma ou mais informações de domínio dele.

A partir das propostas de Yorke (1990), algumas questões relativas à capacidade de conduzir uma entrevista, principalmente em televisão, que pode ser ao vivo ou gravada, foram retomadas. De acordo com ele, é importante

fazer a entrevista fluir; extraír o melhor que puder do entrevistado, como um dever diante do público; evitar erros gramaticais ou editoriais que possam ser corrigidos; cobrir todo o assunto antes de o tempo esgotar-se (YORKE, 1998, p. 148).

O autor também elaborou uma lista de indicações sobre o que fazer em uma entrevista em televisão, bem como o que não fazer, tratando de questões de ordem técnica, gramatical e até de postura pessoal e estética. Ao final, ele

destaca a responsabilidade que o entrevistador precisa ter. “Não esqueça de que você tem o privilégio de poder fazer as perguntas que uma pessoa comum faria, se tivesse a oportunidade. Você está representando o público, ninguém mais” (YORKE, 1998, p. 153).

Como parte da estratégia de atualização do programa, criou-se a equipe de transmídia. Ela foi pensada para produzir materiais específicos para as redes sociais digitais, como fotos e pequenos vídeos no celular dos bastidores, da equipe e dos entrevistados. Esse material foi distribuído no Instagram⁸ e no Facebook⁹ do programa antes e depois da exibição, de modo a despertar a atenção do público, convidá-lo para assistir ao programa e buscar fidelizar a audiência. Partiu-se para esta atividade prática a partir da proposta de Jenkins (2009) para a narrativa transmídia, ou seja,

histórias que se desenrolam em múltiplas plataformas de mídia, cada uma delas contribuindo de forma distinta para nossa compreensão do universo; uma abordagem mais integrada do desenvolvimento de uma franquia do que dos modelos baseados em textos originais e produtos acessórios (JENKINS, 2009, p. 384).

8 Disponível: <https://www.instagram.com/xequemateufrn/>

9 Disponível: <https://www.facebook.com/xequemateufrn/>

Todos os programas produzidos no primeiro semestre de 2018, além da exibição semanal, contaram também com uma reprise, e estão disponíveis no canal do YouTube do programa *Xeque Mate*¹⁰. Estas estratégias auxiliam na ampliação do universo comunicacional do programa e mantém um arquivo digital, o qual também serve como portfólio para os estudantes participantes.

Após a realização das oficinas e a entrega das pautas¹¹, estabeleceu-se um cronograma de trabalho para todas as gravações do semestre a partir de uma reunião de pauta e da elaboração de uma lista com os prováveis entrevistados. Posteriormente, aconteceu a gravação de um programa piloto, seguida de uma reunião de avaliação junto com a equipe da TVU. A partir daí, as gravações passaram a ser, via de regra, quinzenais. Na semana em que não havia gravação, os discentes e docentes elaboravam a avaliação dos programas gravados na semana anterior e trabalhavam na pré-produção e na definição das equipes que participariam da próxima gravação.

10 Disponível: <https://bit.ly/3wH9ovN>

11 As oficinas duraram duas tardes inteiras, de modo a consumir dois encontros de aula; a entrega das pautas também levou o mesmo tempo, considerando que nós discutímos a viabilidade de sua realização em sala de aula.

A EXPERIÊNCIA PRÁTICA DOS ESTUDANTES DE COMUNICAÇÃO DA UFRN

A experiência que une teoria e prática em todas as etapas de realização do programa *Xeque Mate*, além da contribuição para os estagiários de docência da pós-graduação em Estudos da Mídia, também tem se revelado um período importante na formação dos estudantes. Com base em alguns preceitos da história oral como técnica e metodologia de pesquisa, a partir de depoimentos enviados pelos estudantes, alguns alunos relataram um pouco da perspectiva inicial ao se depararem com uma disciplina que trata da produção de um programa exibido na TV Universitária.

Segundo o estudante de jornalismo Elias Bernardo (2020), ao perceber que seria gravado um programa, ficou surpreso: “fiquei com um pouco de medo, porque eu não sabia de algumas nomenclaturas, algumas coisas que são específicas da TV” (BERNARDO, 2020, informação verbal). Aos poucos, durante o primeiro mês de aulas, a proposta foi integrar os estudantes por meio de conceitos e treinamentos práticos sobre a rotina de produção do programa.

Logo depois do primeiro mês, a gente já foi para a parte prática, começou a ter reunião de pauta. E aí é uma coisa muito interessante, que acho que a gente leva pra toda

vida, né, na nossa profissão, porque sugerir pauta é o que a gente mais vai fazer nessa vida trabalhando nessa área (BERNARDO, 2020, informação verbal)

Outro aspecto importante ressaltado pelo estudante é a possibilidade de exercitar, na prática, a profissão que está estudando.

Outra coisa importante é entrar em contato com os entrevistados. Isso porque tem entrevistado que não é muito acessível. Então eu já vou avisando, “não desistam”, ou então [que] busquem entrevistados que sejam mais acessíveis, sei lá, alguém que tem contato com esse entrevistado que você está precisando. É mais ou menos isso o programa (BERNARDO, 2020, informação verbal).

Letícia França, estudante de jornalismo, recorda-se da experiência que vivenciou durante o curso da disciplina por ter tido contato direto com o fazer jornalístico: “a gente fazia a pré-produção, ou seja, a gente produzia as pautas, tinha as ideias dos programas, pensava em quem seriam os nossos entrevistados. Essa parte também era muito legal, e montar antecipadamente todo o programa” (FRANÇA, 2020, informação verbal). Por fim, a estudante destaca a sua preferência no processo de produção do programa: “a parte que era mais legal era participar das entrevistas. Então a gente ia lá pro estúdio, participava das entrevistas com os

entrevistados. E era muito legal porque a gente tinha essa oportunidade de se soltar um pouco mais frente às câmeras” (FRANÇA, 2020, informação verbal).

A participação efetiva da estudante Michelle Ariane por três temporadas seguidas proporcionou experiência acumulada, habilidade, desenvoltura em frente às câmeras e oportunidade profissional. “O *Xeque Mate* me abriu muitas portas no sentido de fazer jornalismo, com qualidade, com apuração, desde a pauta até a execução final do programa, indo no ar” (ARIANE, 2020, informação verbal). Tendo atuado em todas as etapas da produção do programa *Xeque Mate*, a estudante aproveitou cada função para contribuir e aprender.

Cada programa era um novo aprendizado, com grandes debates, com grandes conversas. Isso foi muito enriquecedor pra minha vida profissional, assim como dos colegas, tenho certeza. Fica aí o conselho para que todos aproveitem ao máximo dessa oportunidade, que é única e engrandecedora, sem dúvida. Eu tenho só gratidão, eu tenho um carinho muito especial pelo programa *Xeque Mate*, e vou levar essa marca por toda a minha trajetória (ARIANE, 2020, informação verbal).

A estudante de Jornalismo Thayane Guimarães Santos, que atualmente já está formada e atuando dentro da área no

estado, também recorda a importância do *Xeque Mate* para a sua formação: “Saí da universidade há pouco tempo, mas é fácil reconhecer toda a experiência, toda a credibilidade que o *Xeque Mate* traz pro nosso currículo. E poder participar do programa foi algo incrível, foi uma experiência particular” (SANTOS, 2020, informação verbal). Ela ressalta a possibilidade que teve durante a participação no programa e que “estar por dentro de como funciona exatamente a produção, a redação, a execução de um programa televisivo dentro da universidade é a oportunidade única para todo aluno que queira participar, que queira ter essa vivência um pouco mais de perto” (GUIMARÃES, 2020, informação verbal).

Jailson Santos, estudante do curso de Audiovisual, relata sua trajetória no *Xeque Mate*: “Por meio dessa experiência, pude entender como funciona a dinâmica de um programa gravado em estúdio, pude produzir as pautas, e também agendar as entrevistas que aconteciam todas as sextas-feiras durante o semestre” (SANTOS, 2020, informação verbal).

Do curso de Radialismo, o estudante Virgílio Manoel Bezerra reproduz o legado de sua passagem pelo programa *Xeque Mate*: “Foi um experiência incrível, onde eu obtive muitos conhecimentos sobre os bastidores da televisão norte-rio-grandense” (BEZERRA, 2020, informação verbal). O estudante ressalta também o caráter experimental do

programa: “Foi uma experiência enriquecedora, em que os detalhes e os meandros da TV Universitária eu pude ver de perto. Pude sentir, pude participar, pude aprender o bastante para seguir uma carreira de radialista, de televisão, de apresentador, de todas as áreas da televisão, eu vi, e foi bastante importante na minha vida” (BEZERRA, 2020, informação verbal).

Por fim, a aluna Hogla Geovana, do curso de Jornalismo, revela que a experiência prática do programa *Xeque Mate* conseguiu reconectá-la ao curso: “Foi muito importante eu participar desse programa, ter essa experiência, porque me permitiu ver um outro olhar sobre a graduação, porque, no início, é algo bem mais teórico, que acaba fazendo com que a gente perca a esperança mesmo, e a vontade até de frequentar a faculdade” (GEOVANA, 2020, informação verbal). Para ela, a prática foi fundamental: “A experiência é sem igual, porque você tem a oportunidade de participar da produção do programa, participar das entrevistas, ser repórter, ser diretor. E foi muito gratificante, a professora deu total apoio pra gente” (GEOVANA, 2020, informação verbal). Outro ponto apontado pela estudante é a responsabilidade profissional que o aluno começa a desenvolver: “Você aprende a ter responsabilidade com os seus compromissos. E foi muito importante porque também há oportunidade

de conhecer várias pessoas, conhecer outras histórias e ter um novo olhar sobre o jornalismo, e assim continuar com a minha graduação” (GEOVANA, 2020, informação verbal).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de reformular e atualizar a estrutura e o funcionamento do Programa *Xeque Mate* trouxe para o grupo coordenador das atividades a possibilidade de experimentação de novas tecnologias em um programa televisivo. Com isso, foi possível despertar a atenção dos estudantes, por meio da utilização de redes sociais digitais (Instagram e Facebook), que estão em sua rotina cotidiana, e, consequentemente, possibilitaram a liberdade de criação em uma atividade prática e pública. Essas ferramentas proporcionaram maior engajamento dos estudantes, por se sentirem em um território totalmente conhecido, que é o das redes sociais digitais. Houve uma potencialização das atividades estudantis, por meio da utilização de um grupo de WhatsApp, que permanecia ativo em todos os dias (ou seja, otimizava um fluxo contínuo de diálogo em vista da produção dos programas), sempre com informações sobre o andamento das atividades preparatórias para a gravação dos programas, e temas de interesse.

Os mestrandos em Estudos da Mídia da UFRN tiveram a oportunidade de estar em sala de aula, trocar conhecimentos com os estudantes e sentir-se em situação de docência, ao ministrar oficinas e coordenar as atividades dos grupos de trabalho. A reflexão conceitual e teórica contribuiu para o aprendizado prático e enriqueceu o repertório dos estudantes. A atividade prática em situação de trabalho, ao ter que cumprir prazos para manter o programa no ar, com uma edição inédita a cada semana, proporcionou o amadurecimento e o fortalecimento das questões éticas e profissionais de toda a equipe do programa.

A liberdade para apresentar pautas foi mais um estímulo à proatividade dos estudantes, à medida que tinham a oportunidade de discutir as propostas nas reuniões de pauta, auxiliar, debater e escolher qual seria o melhor assunto a ser abordado, bem como quem seria o entrevistado mais interessante naquele momento. As discussões passaram até por questões como adequação editorial das pautas a serem abordadas em uma emissora de televisão pública e de caráter educativo.

É possível, ainda, considerar que, no ensino universitário, o uso da teoria e da prática dosado de forma equilibrada auxilia no processo de *aprender fazendo*, em diálogo com John Dewey (1978), que defende a educação como um processo de

reconstrução e de reorganização das experiências adquiridas, que irão influenciar as experiências futuras. A proposta experimental do programa *Xeque Mate* buscou a reflexão conceitual e teórica em parceria com a vivência prática das atividades cotidianas de um programa televisivo para construir um aprendizado significativo na formação dos futuros profissionais de comunicação das três formações oferecidas pela universidade.

Por fim, ao longo de quatro semestres, o maior ganho foi a inclusão da disciplina “Tópicos Especiais em TV” na grade do curso de Jornalismo como obrigatória, e não mais uma optativa, que poderia ser cursada ou não ao longo da graduação. O processo de imersão realizado pelos discentes no programa *Xeque Mate* é fundamental para que, independentemente de gostar ou não de programas televisivos de entrevista, eles possam experimentar essa possibilidade de aprender jornalismo fazendo-o. Se futuramente o mercado de trabalho lhes solicitar essas competências e habilidades, certamente estarão aptos a bem executá-las.

REFERÊNCIAS

- ARONCHI, José Carlos de Souza. *Gêneros e formatos da televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004. 212p.
- BARRETO. Emanuel Francisco Pinto. *Entrevista realizada pela autora no dia 27 de janeiro de 2020*.

BERNADO, Elias. *Depoimento* enviado em 31 de março de 2020.

DEWEY, John. *Vida e educação*. Tradução e estudo preliminar por Anísio S. Teixeira. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978. 113p.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009. 432p.

MATE, Xeque. *Facebook*. Disponível: <https://www.facebook.com/xequemateufrn/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MATE, Xeque. *Instagram*. Disponível: <https://www.instagram.com/xequemateufrn/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MATE, Xeque. *YouTube*. Disponível: <https://bit.ly/3wH9ovN>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986. 96p.

PATERNOSTRO, Vera Iris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. São Paulo: Campus, 1999. 232p.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005. 240p.

ROCHA FILHO, Ruy Alkmim. *A comunicação pública e a educação na TVU e no programa Xeque-Mate: aspectos históricos*. Disponível: <https://bit.ly/2VMEjds>. Acesso em: 16 jan. 2020.

TVU. *História*. Disponível: <http://www.tvu.ufrn.br/pagina?ahistoria>. Acesso em: 16 jan. 2020.

YORKE, Ivor. *Jornalismo diante das câmeras*. São Paulo: Summus, 1990. 208p.

Capítulo 2

Xeque Mate:

relatos da experiência do estágio em docência na UFRN

*Renato Ferreira de Moraes
Alexandre Ferreira Mulatinho*

INTRODUÇÃO

“Ensinagem” é o processo compartilhado de trabalhar os conhecimentos, no qual concorrem o conteúdo, a forma de ensinar e os resultados de maneira mutuamente dependente, de acordo com Pimenta e Anastasiou (2002). Essa foi a tônica dos conceitos debatidos no módulo prático do Curso de Iniciação à Docência (CID), ministrado pela Profa. Dra. Cláudia Rosana Kranz, realizado entre 27 de julho e 29 de novembro de 2017, com carga horária total de 45 horas e participação de alunos de 17 cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O CID tem como um dos objetivos capacitar e preparar os discentes dos cursos de Pós-Graduação da UFRN para a rotina, a realidade e os desafios da sala de aula, garantindo aspectos teóricos e práticos quanto ao planejamento didático e às estratégias de ensino-aprendizagem, de forma a capacitar os futuros profissionais da instituição para o mercado de trabalho. Para tal, a relação professor-orientando deve estar articulada ao plano de ensino, no qual o estagiário docente no Ensino Superior insere-se a partir de um plano de trabalho, apresentado pelo aluno e aprovado pelo orientador.

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência do Estágio Docêncio dos alunos Alexandre Ferreira Mulatinho e Renato Ferreira de Moraes, integrantes da turma que ingressou no primeiro semestre do ano letivo de 2017 do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN, na produção do programa *Xeque Mate*, sob orientação da Profa. Dra. Valquíria Aparecida Passos Kneipp. Os mestrandos realizaram o estágio no primeiro semestre de 2018, nas turmas, respectivamente, COM0157 – Temas Especiais em Jornalismo, ministrada pela anteriormente citada Profa. Dra. Valquíria Kneipp, e COM0166 – Tópicos Especiais em TV, ministrada pela Profa. Ma. Emily Gonzaga de Araújo.

Percorremos o caminho metodológico proposto por Stumpf (2005, p. 51) sobre pesquisa bibliográfica que é, em resumo,

o planejamento global que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões.

E, com base em Peruzzo (2015, p. 125), utilizamos os preceitos da observação participante, que “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural da ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”.

O programa *Xeque Mate* era exibido às quartas-feiras, às 19h, com reprise aos domingos, às 15h30. Para um melhor aproveitamento das disciplinas, já que se tratava da entrega de um produto midiático elaborado pelos alunos sob supervisão da orientadora, as turmas tinham separadamente as aulas teóricas, às terças e quartas; e numa só turma, as aulas práticas, que correspondiam à gravação dos programas, às sextas-feiras, com a participação dos estagiários de docência na distribuição de tarefas e no auxílio aos alunos na produção e na execução das pautas, em uma estratégia com o intuito de revisitá-lo o espírito do *Xeque Mate*, criado em 1972.

XEQUE MATE, UM PATRIMÔNIO DO TELEJORNALISMO REGIONAL

Segundo Rocha Filho e Accioly (2010, p. 10), o *Xeque Mate* é um projeto que se “realiza sob uma perspectiva que integra a prática nos estudos teóricos, procurando compreender a entrevista como elemento indispensável à comunicação social, na verdadeira acepção do termo”. Criado em 1972, e a partir dos anos 2000 inserido na grade de programação da TVU RN, é um programa de entrevistas e debates com temática geral, cujos entrevistadores são alunos do curso de Comunicação e de Jornalismo da UFRN.

A edição televisiva do *Xeque Mate* deriva de uma versão que surgiu anteriormente, ainda quando a Faculdade Eloy de Souza funcionava na antiga Fundação José Augusto. O programa de entrevistas *Xeque Mate* foi criado pelo Diretório Acadêmico da faculdade, em 1972, e consistia em uma entrevista coletiva realizada semanalmente pelos alunos de Jornalismo, no pátio da Fundação José Augusto (NASCIMENTO, 2017, p. 40).

O primeiro convidado do *Xeque Mate* foi o então presidente da Fundação José Augusto, Diógenes da Cunha Lima (Figura 3), que depois viria a ser novamente entrevistado

pelo programa na versão televisiva (primeiro semestre, 2018), objeto deste estudo (Figura 4).

Figura 3 – Diógenes da Cunha Lima no primeiro Xeque Mate, em 1972, na Faculdade Eloy de Souza



Fonte: Queiroz *et al.* (2018, p. 287).

Figura 4 – Versão do primeiro semestre letivo de 2018 do programa, no estúdio da TVU RN



Fonte: acervo dos autores, 2018.

O programa empolgava alunos, professores e convidados para as entrevistas, em concordância com o que se observa no relato de Fernandes (2018) na apresentação de um convidado para o *Xeque Mate*:

Chamava-se Apolinário. O ‘gênio do Apodi’ (destaque do autor). De batismo, Apolinário Ferreira de Carvalho. Era agricultor. Nascido e criado numa pequena fazenda da zona rural do município de Apodi, zona oeste do Rio Grande do Norte (FERNANDES, 2018, p. 191).

Criado num momento de efervescência política no Brasil e no Rio Grande do Norte (RN), o programa tinha grande repercussão no meio universitário e jornalístico do estado.

Aí veio o *Xeque Mate*. Foi aquela explosão de público na Faculdade de Jornalismo, nunca antes alcançado, faltando espaço para acomodar a todos que lá acorreram. Os entrevistadores eram professores (inclusive o saudoso Professor Waldson Pinheiro), jornalistas, pessoas de reconhecido saber em suas áreas de atuação e nós, estudantes de Jornalismo. Foi sucesso total, repercutido por toda a imprensa na época. As respostas dadas eram rápidas, acertadas, objetivas e de um variado universo de conhecimento (FERNANDES, 2018, p. 192).

Como relembra Almeida (2019)¹, o *Xeque Mate*, criado pelos alunos da Faculdade Eloy de Souza, era realizado também num clima de informalidade, em que se reuniam os estudantes, o entrevistado convidado e, na maioria das vezes, um grande público espectador, a quem se permitia participar da entrevista.

De acordo com Queiroz (2018), após um movimento reivindicatório bem articulado de professores e alunos, e como consequência dele, no qual teve destaque o programa de entrevistas em questão, a Faculdade Eloy de Souza foi agregada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1973.

Três anos depois, incorpora-se definitivamente à instituição com a criação do Curso de Comunicação Social, que dá continuidade a sua missão formadora. O novo curso fica vinculado, desde então, ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (QUEIROZ, 2018, p. 28).

De forma criativa, segundo Almeida (2019)², o movimento de sensibilização à federalização foi tomando corpo e sendo construído, envolvendo os vários dirigentes que

1 Informação oral de Aldemar de Almeida (2019) ao pesquisador Alexandre Ferreira Mulatinho, em depoimento gravado em agosto de 2019.

2 Informação oral de Aldemar de Almeida (2019) ao pesquisador Alexandre Ferreira Mulatinho, em depoimento gravado em agosto de 2019.

detinham o poder para tomar as medidas que iam se tornando necessárias.

Segundo Queiroz (2018), a repercussão na mídia, principalmente pela presença de autoridades nos debates, garantia a sensibilização para a causa.

Compareceram ao programa, além do presidente da Fundação José Augusto, o Governador Cortez Pereira e o Reitor Genário Fonseca. As manchetes dos jornais da época refletem a repercussão do *Xeque Mate* e seus desdobramentos: “Jornalismo preparado para a federalização” (*Diário de Natal*, 14 jul. 1972); “Governador promete ajuda a Jornalismo” (*Diário de Natal*, 23 ago. 1972); “Xeque Mate: Reitor fala de Imprensa e Universidade” (*Tribuna do Norte*, 15 set. 1972); “Universidade pode ter Curso de Comunicação” (*Universidade Informa – Boletim Informativo da UFRN*, set. 1972) (QUEIROZ, 2018, p. 42).

Ainda segundo Queiroz (2018, p. 42), a federalização foi confirmada pelo Reitor durante uma entrevista no *Xeque Mate*, conforme publicou o jornalista Sebastião Carvalho em coluna no jornal *A República*, de 14 de setembro de 1972.

Uma vitória da turma da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, através do seu programa *Xeque Mate*, uma espécie de aula prática, em que os alunos argüem uma autoridade sobre assuntos da atualidade: “[...] o Reitor

Genário Fonseca, bombardeado por várias perguntas e argumentos, revelou que a escola será federalizada” (CARVALHO, 1972 *apud* QUEIROZ, 2018, p. 42).

Percebe-se, com os relatos, a força que o *Xeque Mate* deu ao movimento pró-federalização. Mas a pauta desenrolvida ao longo de mais de dois anos de funcionamento do programa foi bem mais extensa. Afirma Almeida (2019), constituiu-se [o programa] dos mais diversos temas: “nele estiveram presentes os problemas do Rio Grande do Norte, e as propostas para enfrentá-los de dois governadores: Cortez Pereira e Tarésio Maia”. Em 1973, até uma recusa de Pelé ao convite para ser entrevistado pelos estudantes transformou-se em notícia e ultrapassou as fronteiras do Estado, de acordo com Queiroz (2018).

O *Diário de Pernambuco* de 26 de setembro de 1973, em manchete de primeira página no caderno esportivo, noticiava o fato como um protesto ocorrido nas ruas de Natal, afirmando que “estudantes potiguares se revoltam com o Rei Pelé”. No mesmo dia, a *Tribuna do Norte* tratava o assunto como um mal-entendido, assim reconhecido pelo jogador. E reproduzia no título da matéria uma frase a ele atribuída: “não me recusei a ir para o Xeque Mate” (QUEIROZ, 2018, p. 44).

Conforme Neri (2018), aluno concluinte da turma de 1974 da Faculdade Eloy de Souza, o ambiente da instituição era fervilhante, o que influenciava as pautas do programa.

Lembro, por exemplo, dos temas quentes levados para o debate no *Xeque Mate*, o programa de entrevistas criado pelos estudantes para tratar dos mais diversos temas que estavam acontecendo no Brasil e no mundo (NERI, 2018, p. 163).

Havia, ainda, um ambiente de agitação em função do momento político pelo qual passava o país. Segundo Queiroz (2018), João Bezerra da Silva e Rogério Bastos Cadengue, líderes estudantis hoje já falecidos, foram atuantes num período em que o movimento estudantil concebeu e construiu, com tanta vitalidade, o programa *Xeque Mate*. Um espaço que envolvia alunos e professores.

Vale recordar que lecionamos durante os anos de chumbo do regime de exceção, sob o fio da navalha da censura. No entanto, tal fato não atemorizava docentes e discentes, em seu espírito crítico, mordaz, criativo e ousado da aula prática (que mais parecia uma audiência pública dessas da moda atual) intitulada *Xeque Mate*, onde mestres e discípulos exercitavam o sagrado direito da liberdade do pensar e do dizer (MEDEIROS FILHO, 2018, p. 181).

Neri (2018) relata que o programa era uma espécie de *Roda Viva* da TV Cultura, de São Paulo, mas com algumas diferenças. Criado bem antes (uma vez que o *Roda Viva* foi ao ar em 1986), o *Xeque Mate* era mais livre, mais criativo. Menos comprometido com determinado pensamento político, tinha o modelo de teatro de arena. No centro da roda, sentava-se o entrevistado. Em volta dele, em cadeiras ou na base das colunas que formavam o pátio da Fundação José Augusto, sentavam-se alunos e outras pessoas que tivessem interesse em participar daquela entrevista. “Por ali passava de tudo. Qualquer assunto era tema livre para ser discutido no *Xeque Mate*. Sem dúvida, foi a maior aula prática de Jornalismo daquela turma” (NERI, 2018, p. 163).

Depois da conquista da federalização, o programa deixou de ser realizado. Em 2002, conforme Nascimento (2017), ele foi adaptado para a televisão como programa semanal:

a ideia foi do Professor Emanoel Barreto, responsável por fazer a ponte entre a experiência antiga e a experiência contemporânea, concretizando uma parceria entre o Departamento de Comunicação Social da UFRN e a TV Universitária (NASCIMENTO, 2017, p. 41).

Nascimento (2017, p. 47) acrescenta que

o caráter de extensão do *Xeque Mate* nunca foi abandonado; a ideia era conjugar o projeto de extensão à

disciplina Tópicos Avançados em TV. Mas, para isso, era necessário que, além de contar com a atuação de alunos e professores, também atuassem os funcionários da TV Universitária.

Justamente com esse foco, em 2018, a reformulação do programa foi objeto de um projeto de extensão coordenado pela professora Valquíria Kneipp.

Com o início das aulas, no primeiro semestre, o programa passou a ter a seguinte formatação: três blocos, com cerca de 18 minutos cada um, e produção a cargo de alunos dos curso de Comunicação Social (habilitações em Radialismo e Audiovisual) e Jornalismo da UFRN, sob a supervisão da Profa. Dra. Valquíria Aparecida Passos Kneipp e da Profa. Ma. Emily Gonzaga de Araújo, da disciplina Tópicos Especiais em TV.

ESTRATÉGIAS PARA A PRODUÇÃO

“Qual o objeto do trabalho docente?” É o que questionam Anastasiou e Alves para indicar que se trata não apenas de um conteúdo em específico, “mas um *processo* que envolve um conjunto de pessoas na construção de saberes” (2004, p. 69, destaque das autoras).

A construção do plano de trabalho pelos estagiários, a supervisão da orientadora e as estratégias de execução dos planos de aula em parceria com as professoras responsáveis pelas disciplinas (e também a experiência das docentes no tema) foram primordiais para a entrega do produto midiático *Xeque Mate*. Anastasiou e Alves (2004) abordam o assunto quando lançam um olhar para o trabalho em parceria na construção de planos mais abrangentes.

Quando um professor participa de um colegiado que participa coletivamente do Projeto Político-Pedagógico, a questão da definição de estratégias evolui rapidamente, pois já estão definidos vários determinantes: a função da universidade, a visão de homem, de ciência, de conhecimento e de saber escolar; de perfil profissiográfico e de objetivos gerais do curso que norteiam as escolhas em sala de aula (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 72).

Definidas as estratégias das disciplinas, introduziu-se a ideia de construir uma pauta de convidados de modo a privilegiar entrevistas que estivessem relacionadas à história da Cidade, do Estado e da Universidade, como forma de celebrar os 60 anos da UFRN, comemorados em 2018. Era preciso, portanto, apontar temas relacionados a essa estratégia, na medida em que os alunos demonstraram uma tendência à abordagem de assuntos relacionados ao cotidiano da vanguarda cultural local.

A didática foi definida em torno do tema citado, mas não fechada, pois, ao final, foram introduzidos, na pauta de entrevistas, personagens que normalmente não teriam espaço em emissoras de cunho comercial, construindo-se, assim, um produto midiático plural e diverso.

Para Lima e Braga (2016, p. 74), a didática significa o ingresso na profissão de professor do Ensino Superior. Entretanto, não basta o conhecimento sobre o assunto, pois é preciso estabelecer uma conexão entre os dois lados do problema:

não basta saber a ciência a ser ensinada, pois é preciso estabelecer a mediação entre este campo de conhecimento e os estudantes, de maneira que se promova o processo ensino-aprendizagem da profissão docente, valores e visão de mundo.

Nesse sentido, os estagiários (alunos da Pós-Graduação), sob supervisão da orientadora, procuraram transmitir a sua própria experiência do campo profissional para os estudantes da Graduação, aspecto que, ao final do processo, significou um aprendizado mútuo e uma troca de saberes a respeito de novas nuances do cotidiano jornalístico em função, também, de novos hábitos de consumo de uma geração nascida sob a marca do avanço tecnológico no campo comunicacional. “A ressignificação das práticas e teorias pressupõe que o

professor saia do campo teórico e desenvolva uma visão crítico-reflexiva da realidade socioeducacional em que está inserido” (LIMA; BRAGA, 2016, p. 74).

No caso dos estagiários, de que forma essa participação foi efetivada? Após a aprovação dos planos de trabalho pela orientadora, os mestrandos foram inseridos na parte prática das disciplinas ministrando uma oficina de pauta e produção para os alunos. A proposta, com referência em Paternostro (1999), Barbeiro e Lima (2002), Medina (1986) e Alcure (2011), tinha como objetivo preparar os estudantes sobre as rotinas de realização de pautas, a pesquisa com relação ao planejamento de entrevistas e a produção em telejornalismo.

Além disso, sob supervisão da orientadora, foi atualizada a estrutura e o funcionamento do programa, com a proposta de utilização de redes sociais digitais como forma de transcender o programa para além da exibição e da disponibilização na plataforma YouTube, baseado na narrativa transmídia de Jenkins (2009).

As sugestões de pauta foram coletadas e distribuídas ao longo dos dias destinados à gravação dos programas, por vezes numa rotina com gravação de dois programas, de modo a manter a regularidade da atração na grade da emissora. Essa troca de experiências e saberes durou quatro meses e resultou numa tarefa compartilhada em que, no total, foram

produzidos 19 programas, incluindo um piloto, gravado com um dos idealizadores do Xeque Mate, Emanuel Barreto, Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social e pesquisador da Base de Pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia – COMÍDIA, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Entrevistados do programa *Xeque Mate* por data de gravação

Programa	Entrevistado	Data de gravação
Piloto	Emanoel Barreto ³	16 de março de 2018
1	Sheila Freitas ⁴	4 de abril de 2018
2	Dino Lincoln ⁵	11 de abril de 2018
3	John Carlos Mantilla ⁶	18 de abril de 2018
4	Jussier Ramalho ⁷	25 de abril de 2018
5	Míriam Moema Filgueira ⁸	05 de maio de 2018
6	Diógenes da Cunha Lima ⁹	14 de maio de 2018
7	Ianne Silva ¹⁰	14 de maio de 2018

3 Disponível em: <https://bit.ly/3g5U2cb>. Acesso em: 26 jun. 2020.

4 Disponível em: <https://bit.ly/2VpG79g>; <https://bit.ly/2ZbpgrQ>; <https://bit.ly/2YB3DSz>.

5 Disponível em: <https://bit.ly/31wIET1>; <https://bit.ly/2BJOzsI>; <https://bit.ly/38IJcRZ>.

6 Disponível em: <https://bit.ly/2NyxrxE>; <https://bit.ly/2NzK1YS>; <https://bit.ly/2YAUYj7>.

7 Disponível em: <https://bit.ly/2Ab1WSy>; <https://bit.ly/38bMG4s>; <https://bit.ly/2A7LDG7>.

8 Disponível em: <https://bit.ly/2NA0R9L>; <https://bit.ly/2Bd500V>; <https://bit.ly/2NuGFGo>.

9 Disponível em: <https://bit.ly/3g6fjTn>; <https://bit.ly/2BFVwuX>; <https://bit.ly/3dDJpvR>.

10 Disponível em: <https://bit.ly/3eH9RpC>; <https://bit.ly/2BeIqv>; <https://bit.ly/2Nwzu0p>.

Programa	Entrevistado	Data de gravação
8	Manoel Neto ¹¹	6 de junho de 2018
9	Gilliard de Medeiros ¹²	13 de junho de 2018
10	Fernando Amaral ¹³	20 de junho de 2018
11	Victor Filgueira ¹⁴	27 de junho de 2018
12	Manoel de Medeiros Brito ¹⁵	27 de junho de 2018
13	Cesar Ferrario ¹⁶	4 de julho de 2018
14	Francisco Barbosa Albuquerque ¹⁷	11 de julho de 2018
15	Janduhi Medeiros ¹⁸	18 de julho de 2018
16	Erick Pereira ¹⁹	25 de julho de 2018
17	Alice Carvalho ²⁰	1º de agosto de 2018
18	Ângela Paiva ²¹	8 de agosto de 2018

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

11 Vídeo não disponível no canal da emissora.

12 Disponível em: <https://bit.ly/3fZj395>; <https://bit.ly/3dBmkK4>; <https://bit.ly/2A4CU7o>.

13 Disponível em: <https://bit.ly/2CBAduX>; <https://bit.ly/381suCe>; <https://bit.ly/2YzFJH2>.

14 Disponível em: <https://bit.ly/3g6iWIZ>; <https://bit.ly/3i7xXft>; <https://bit.ly/2Vn84yf>.

15 Disponível em: <https://bit.ly/2YBgzI8>; <https://bit.ly/2VlQJ90>; <https://bit.ly/3eAns24>.

16 Disponível em: <https://bit.ly/3dBowBi>; <https://bit.ly/3dIsXuo>; <https://bit.ly/3i5FRpG>.

17 Disponível em: <https://bit.ly/2ZbyxjF>; <https://bit.ly/2BgVCJw>; <https://bit.ly/386iKXu>.

18 Disponível em: <https://bit.ly/31ntTSa>; <https://bit.ly/3dItD2U>; <https://bit.ly/3i7mht6>.

19 Vídeo não disponível no canal da emissora.

20 Disponível em: <https://bit.ly/2ViihvW>; <https://bit.ly/2Z8j43I>; <https://bit.ly/31nuQdc>.

21 Disponível em: <https://bit.ly/3dDPnNh>; <https://bit.ly/2Nu1h1s>; <https://bit.ly/3ljF0f1>.

Nessa rotina de trabalho, um dos estagiários acompanhava a gravação das notas de abertura²² em sala de aula e outro auxiliava as professoras no estúdio, bem como dava andamento à produção das próximas pautas aprovadas previamente.

Coimbra (2017, p. 39) denomina esse processo de ensinagem, que

caracteriza-se pela compreensão de que o ensino e a aprendizagem formam uma unidade dialética no processo, caracterizada pelo papel mediador do educador e pela ação do estudante, mediante tarefas contínuas e integradas dos sujeitos do processo.

CONSIDERAÇÕES

O *Xeque Mate* notabilizou-se, ao longo do tempo, por seu espírito revolucionário, modificador, contador de histórias, provocativo, sendo indiscutível sua contribuição como símbolo de resistência e como espaço de debates num tempo de ditadura e censura à imprensa. Adquiriu, portanto, uma bagagem histórica, um simbolismo carregado de nuances

22 A abertura do programa consistia numa apresentação do entrevistado, com imagens de arquivo e narração em off, geralmente gravada pelo aluno que havia produzido a pauta sobre o convidado.

culturais e políticas diante da comunidade universitária e da sociedade local.

Sendo a reformulação do *Xeque Mate* o objetivo geral de um projeto no qual se incluiu o Estágio Docência no Ensino Superior, a prática em sala de aula logo assumiu, para nós, estagiários, o caráter de compartilhamento de experiências e de aprendizado mútuo. A realização do *Xeque Mate* durante o primeiro semestre de 2018 durou quatro meses e significou a produção de 19 programas, incluindo um piloto.

Para o autor Alexandre Mulatinho, pela sua trajetória no jornal impresso, isso significou uma vivência similar à experiência profissional de fazer uma reportagem evê-la como manchete de primeira página numa edição de domingo. Assim foi o prazer da atividade docente com os alunos do *Xeque Mate* da turma do primeiro semestre de 2018.

Dessa maneira, para ele, foi possível partilhar experiências da sua vida profissional e ensinamentos de professores, como: Rogério Cadengue, fundador do *Xeque Mate* – e que foi seu professor na UFRN; Albimar Furtado, ex-aluno da Faculdade Eloy de Souza – e que foi entrevistado, mais uma vez, pelo programa; Aldemar de Almeida, também aluno da Faculdade, que depois se tornou professor do Decom/UFRN – e que também lecionou para Mulatinho; e muitos dos atuais jornalistas do Rio Grande do Norte na prática

do telejornalismo, como a professora Miriam Moema, que também foi entrevistada.

Em concordância com o estagiário docente e autor Renato Moraes, também com experiência em jornal impresso, mas recém-chegado de outro Estado, a atividade representou um aprendizado rápido e denso em torno da história da televisão do RN, do mercado local e do próprio programa e um desafio em relação à tarefa de auxiliar os alunos e assessorar as professoras na busca de personagens para as entrevistas. Além do foco na formatação do produto, isso significou, inclusive, um aprendizado quanto ao planejamento de aulas e à organização de tarefas e de estratégias didáticas quanto à aplicação das técnicas de produção em TV na realização dos programas.

A ação constituiu, ainda segundo Moraes, uma parceria na construção de uma interface de abertura de espaços para personagens do cotidiano da região, alguns até então distantes das estruturas midiáticas comerciais: alunos e professores unidos para uma tarefa de valorização do local. Afinal, conforme Cascudo (1978, s.p.), “quem não tiver debaixo dos pés da alma a areia da sua terra não resiste aos atritos de sua viagem na vida, acaba incolor, inodoro e insípido, parecido com todos”.

REFERÊNCIAS

- ALCURE, L. *Telejornalismo em 12 lições*: televisão, vídeo, Internet. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Senac Nacional, 2011.
- ALMEIDA, A. *Entrevista concedida a Alexandre Ferreira Mulatinho*. Rio Grande do Norte: Natal, ago. 2019.
- ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. *Processos de ensinagem na universidade*: pressupostos para a estratégia de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-99.
- BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. *Manual de telejornalismo*: os segredos da notícia na TV. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier Campus, 2002.
- CARVALHO, S. Fac. de Jornalismo Federalizada. *A República*, set. 1972.
- CASCUDO, L. C. In: *Depoimento*: Cascudo. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978.
- COIMBRA, C. L. A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana. In: LEAL, E. A; MIRANDA, G. J.; CASA NOVA, S. P. C. (Org.). *Revolucionando a sala de aula*: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. São Paulo: Atlas, 2017. p. 1-13.
- MIRANDA, G. J.; CASA NOVA, S. P. C. *Revolucionando a sala de aula*: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. São Paulo: Atlas.
- FERNANDES, A. J. Um gênio esteve no Xeque Mate. In: QUEIROZ, G. et al. (Org.). *Memórias*: Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza. Natal: EDUFRN, 2018, p. 190-193. Disponível em: <https://bit.ly/3kwilqC>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Xeque Mate: a experiência de aprender, produzir e realizar
um programa de entrevista na TV Universitária RN

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA, M. S. L.; BRAGA, M. M. S. C. Relação ensino-aprendizagem da docência: traços da Pedagogia de Paulo Freire no Ensino Superior. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 71-88, jul./set. 2016.

MEDEIROS FILHO, J. Uma escola que ensinava jornalismo. In: QUEIROZ, G. et al. (Org.). *Memórias*: Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza. Natal: EDUFRN, 2018, p. 178-183. Disponível em: <https://bit.ly/3kwilqC>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MEDINA, C. *Entrevista – o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986.

NASCIMENTO, C. D. O. *O aluno e o programa Xeque Mate: construções identitárias*. 2017. 91p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2017.

NERI, E. T. O Caldeirão que fervilhava de ideias. In: QUEIROZ, G. et al. (Org.). *Memórias*: Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza. Natal: EDUFRN, 2018, p. 162-165. Disponível em: <https://bit.ly/3kwilqC>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PATERNOSTRO, V. I. *O texto na TV: Manual de Telejornalismo*. São Paulo: Campus, 1999.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005, p.125-145.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Docência em Formação).

QUEIROZ, G. et al. (Org.). *Memórias: Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza*. Natal: EDUFRN, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3kwilqC>. Acesso em: 15 abr. 2020.

QUEIROZ, G. S. Percursos de uma escola pioneira. In: QUEIROZ, G. et al. (Org.). *Memórias: Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza*. Natal: EDUFRN, 2018, p. 27-48. Disponível em: <https://bit.ly/3kwilqC>. Acesso em: 15 abr. 2020.

RENATO MORAES UFRN. *YouTube*. Disponível em: <https://bit.ly/2ZfDAPN>. Acesso em: 26 jun. 2020.

ROCHA FILHO, R. A.; ACCIOLY, S. M. Projeto Xeque Mate: perspectiva pedagógica e jornalismo combativo. In: *VII Encontro Nacional de História da Mídia, 2009, Fortaleza. 7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3xIvQWE>. Acesso em: 15 abr. 2020.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51-61.

TVU. *YouTube*. Disponível em: <https://bit.ly/34kNCkW>. Acesso em: 8 abr. 2020.

Parte 2

Programas Xeque Mate
veiculados no primeiro
semestre de 2018

Capítulo 3

Entrevista com Sheila Maria Freitas de Souza Fernandes e Melo



PROGRAMA 1

Entrevistadores

Jailson França (Audiovisual)
Ana Carla Dantas (Jornalismo)
Marcelo da Rocha (Jornalismo)
Alexandre Beethoven (Radialismo)
Brenda Crisóstomo (Radialismo)

Entrevistada

Sheila Maria Freitas de Souza Fernandes e Melo
Secretária de Segurança Pública e da Defesa Social do
Rio Grande do Norte

Apresentação em *off*

Sheila Maria Freitas de Souza Fernandes e Melo assumiu a Secretaria de Segurança no dia 19 de abril de 2017. Nascida em Natal, ingressou na Polícia Civil no ano de 2000. Passou por vários cargos na capital e no interior. O último foi o de Diretora da Delegacia de Polícia da Grande Natal. É bacharela em Direito e Pós-graduada em Políticas e Gestão em Segurança Pública. Faz parte do corpo docente da Academia de Polícia Civil do Rio Grande do Norte.

BLOCO 1

Apresentador: De onde partiu essa inspiração de trabalhar com segurança pública?

Sheila Freitas: Eu tenho familiares oriundos da segurança pública; meus avós eram uma parte policiais militares, e outra parte não era policial civil, mas trabalhou como delegado comissionado da época. Então a gente já tinha toda essa ligação familiar. Embora a minha primeira profissão foi técnica em geologia, onde trabalhei por 12 anos. Mas, ao concluir o curso de Direito aqui na UFRN, fiz o concurso pra polícia e me encontrei na profissão da minha vida.

Jailson França: Olá. No início da sua carreira, como sua família enxergou esse processo de você estar dentro da polícia?

Sheila Freitas: Primeiro, foi meio difícil eles entenderem o fato de [eu] ser policial. E eu não era só uma delegada que me limitava a fazer o trabalho da delegacia. Eu gostava da parte operacional, de ir para o *front*, de ir para os embates, de ir para as operações onde haveria confronto e eu poria minha vida em risco. Então foi muito difícil, sobretudo para minha mãe. Uma mulher feita, mas com aquele cuidado de mãe. Aos poucos, eles foram se acostumando, pai, mãe, marido, filhos; e hoje, já são bem tranquilos.

Ana Carla Dantas: Olá, Secretaria, a senhora sofreu algum tipo de preconceito por ser uma mulher à frente de um cargo que tem uma responsabilidade extrema e de risco?

Sheila Freitas: Eu acredito que muito pouco, sobretudo da polícia onde eu venho. Sempre fui bem acolhida desde o início, não só eu como todas as mulheres policiais civis. E agora, à frente da Secretaria de Segurança, não é só o comando da polícia civil, é da polícia militar, do ITEP, do corpo de bombeiros. A gente sabe que a mulher, quando assume um cargo dessa natureza, existe um machismo, ainda que não aceita, infelizmente é cultural. Mas isso não

faz com que nós travemos nosso trabalho, não tem esse poder, e é muito dissimulado esse tipo de preconceito.

Apresentador: Em que ano a senhora começou a estar à frente da Delegacia da Polícia do estado?

Sheila Freitas: Em 2000. Comecei na delegacia de furtos e roubos, era adjunta, na época, ficava na Zona Norte, e foi uma das delegacias que foram responsáveis por eu me apaixonar tanto pela polícia.

Apresentador: E de lá pra cá, que tipo de mudanças você consegue enxergar, em termos de gestão pública na área de segurança?

Sheila Freitas: Muitas mudanças. Em 2000, quando nós entramos, era uma turma grande do concurso, 50 delegados de polícia, e sequer tínhamos armas, algemas, nem carteira de identificação policial. Tudo era comprado por nós mesmos. Eu fui para uma das maiores delegacias especializadas e só havia duas viaturas, uma caracterizada e outra descaracterizada. Portanto, de lá pra cá, tivemos um avanço muito grande nesses últimos governos. Porque não tínhamos nem uma lei para nos resguardar. Não tínhamos o Estatuto da Polícia Civil. Hoje, o policial, quando entra, já recebe sua carteira de policial, sua arma, seu distintivo e sua algema.

Marcelo da Rocha: Algum fato inusitado da sua trajetória já fez você repensar sua profissão?

Sheila Freitas: Não. Já passei por vários momentos difíceis na condução da profissão, mas nada me fez repensar.

Apresentador: Mas tem alguma coisa nesse caminho que foi desagradável, mas que você quis continuar em frente mesmo assim?

Sheila Freitas: Nessa profissão, a gente se depara com muita coisa desagradável, porque a gente quer fazer o nosso serviço, que desagrada pessoas, sobretudo quando você lida com organizações criminosas. Eu passei cinco anos à frente de uma divisão de combate ao crime organizado, e tive muitas ameaças. Sofri muito, fui vítima de ameaça de morte, de bandido de crime organizado e de várias áreas. Eu só temia pelo bem-estar da minha família. Que aquilo ali fosse levado à frente com relação a minha família, desde que fosse somente comigo, faz parte do meu trabalho, é a profissão que eu abracei.

Apresentador: Que tipo de eventos a senhora lembra, ou momentos marcantes que esteve à frente e obteve sucesso em operações, ou desbaratou algum tipo de quadrilha?

Sheila Freitas: Durante essa minha trajetória, tivemos muitos eventos dessa natureza. Conseguimos desbaratar

dois grandes sequestros; um deles, a vítima passou 37 dias em cativeiro. Foi um sucesso total, porque a vítima veio com vida, não foi pago resgate e nós conseguimos prender os sequestradores. Um ano depois, um membro dessa mesma família também foi vítima, só que, dessa vez, foram cinco dias no cativeiro. A gente conseguiu, também sem pagar resgate, trazer ele com vida pra família. Tivemos um caso que me chamou muita atenção, que foi de uma igreja que estava congregando, fazendo orações, uma igreja evangélica no bairro de Felipe Camarão, em cima de uma duma, e foi vítima de roubo. E quando um dos assaltantes tentou bolar a filha do pastor, ele reagiu, não que estivesse armado, ele tentou impedir, e foi tirada a vida dele. Um fato que choca muito é que pessoas estavam reunidas, sem fazer mal a ninguém, e chega um transgressor da lei e tira a vida de um pai de família. Isso é uma coisa que choca tanto a sociedade como nós profissionais, porque ali não tinha ninguém armado pra reagir.

Apresentador: Qual a relação da mídia, dos meios de comunicação de massa, os meios jornalísticos com o trabalho de vocês? Até que ponto a senhora entende que é uma prestação de serviço para a sociedade e em alguns momentos há um tipo de pressão que acaba atrapalhando a natureza do trabalho de vocês?

Sheila Freitas: Olha, lidar com a mídia nos dias de hoje, onde se tem um acesso muito grande, onde há uma liberdade total que as pessoas falam o querem na hora que querem, muitas vezes [essas coisas] deixam a gente chateada, porque os meios de comunicação, digamos, oficiais, onde se tem os profissionais já balizados, eles procuram levar as matérias da forma como acontecem, então a gente não tem muitos problemas. O problema é com essas pessoas que se denominam blogueiros, que vão para as mídias sociais fazer suas críticas, passam além das críticas e começam a cometer crimes de injúria, calúnia, difamação, sem que com isso haja uma punição. A gente vê que há uma liberdade em se falar, em se transmitir uma notícia, em se criticar; agora, a liberdade termina na hora que você está ferindo o direito do outro.

Alexandre Beethoven: Quais são as estratégias na atualidade que os dirigentes da segurança pública estão desenvolvendo para melhorar [o combate à] violência na sociedade potiguar?

Sheila Freitas: Nós temos índices de violência muitos altos. Nós temos vários problemas. Não estou aqui justificando, mas quero dizer que as polícias hoje têm um quadro reduzidíssimo, enquanto a criminalidade aumentou. A gente tem um problema de impunidade muito grande, do não cumprimento da legislação, a gente passa por isso. Então a

Secretaria de Segurança tem buscado meios para minimizar isso. De que forma? Estão sendo feitas operações contínuas, operações integradas que juntam a Polícia Civil, Polícia Militar, força nacional e Polícia Rodoviária Federal, onde estamos atingindo a quadro zonas de Natal: Norte, Sul, Leste e Oeste, levando um policiamento preventivo e repressivo nos locais onde o crime está acontecendo. As estatísticas nos mostram quais são os horários e os tipos de crime que estão acontecendo em determinados bairros. Seria excelente se tivéssemos policiais e condições suficientes para termos pessoas naqueles locais todo dia e toda hora. Infelizmente, não temos isso; temos que ter o pronto emprego, temos que ter os policiais nas ruas na hora que se liga para o 190 e se pede a polícia. Então a gente tem que ter o emprego. Em contrapartida, nós temos uma parte da população [que], infelizmente, trata a polícia com descaso na hora que comete trotes. Ligam muito para o 190, o índice é muito alto de trote. Na hora que se passa um trote pra polícia, está ocupando um canal, uma linha telefônica, que poderia ser utilizado por uma pessoa que realmente está precisando da polícia. Nós estamos fazendo um trabalho de proximidade, estamos tentando quebrar o paradigma de que polícia só é boa longe, a polícia tem que estar próxima à população. A polícia é paga para proteger o cidadão, não para cometer crimes

contra o cidadão. É preciso que se mude essa mentalidade. Essa é a nova polícia que nós queremos, essa é a polícia [de] que eu faço parte.

Apresentador: A senhora falou agora há pouco de uma lacuna na nossa legislação no que diz respeito ao código penal. Se faz necessária uma revisão desse marco legal para que de fato as leis sejam cumpridas?



Sheila Freitas: É urgente, é preciso que haja uma mudança na lei de execução penal. Não é possível uma pessoa que comete um crime bárbaro como um estupro, um crime hediondo, [com] uma morte violenta e se espera uma condenação acontecer daqui a cinco, seis anos, e essa

pessoas está na rua cometendo novos crimes, porque ela não para. O criminoso comete uma vez, duas, três, é uma sequência de crimes. Não é possível que essa pessoa esteja na rua, e quando [esse criminoso] é condenado, ele cumpre um sexto da pena e mude de regime e já vá pra liberdade ou um terço da pena.

Apresentador: Em relação às audiências de custódia, como a senhora vê?

Sheila Freitas: Nós verificamos que ela foi uma forma introduzida neste país apenas para desafogar cadeias. É pra que ela está se prestando. O judiciário deveria utilizar-se de meios para que houvesse um julgamento muito mais célere. Porque, somente com auto de prisão em flagrante e uma audiência prévia no dia seguinte, não vai dar para avaliar todas aquelas circunstâncias e provas; muitas vezes, há necessidades de produzir mais provas, a polícia tem um prazo pra isso quando se tem réu preso, que seria dez dias, conforme o código de processo penal. Ele tem dez dias para o inquérito ser remetido e colher provas, deveriam pelo menos aguardar os dez dias, ver o que se tem mais sobre aquilo. Estão se pondo pessoas na rua. E o pior não é isso; quando se coloca aquela pessoa que primeiro cometeu um delito, porque a pessoa pode errar e não mais errar, com um primário, isso é entendido por todo mundo como

certo. Porém, o que a gente tem visto é que essas prisões são sucessivas, e as solturas, também, na audiência de custódia. Nós temos exemplo de uma pessoa de apenas 23 anos de idade que, num período de seis meses, foi presa e solta três vezes. Uma, por porte de arma, outra, por tráfico de drogas e da última vez, por homicídio. Isso foram os crimes que foram possíveis [para] ela ser presa, e quem é que me diz se ela não cometeu muito mais delitos?

BLOCO 2

Brenda Crisóstomo: Como a senhora faz para lidar com a segurança no Rio Grande do Norte?

Sheila Freitas: Eu procuro usar os meus conhecimentos teóricos e técnicos para lidar com a segurança. Como é isso? A gente verifica a vivência, quais são os maiores crimes e onde estão acontecendo, para a gente fazer um policiamento naquela área. Vou dar um exemplo: nós temos, no Rio Grande do Norte, uma incidência muito grande de homicídios. No ano passado, batemos todos os recordes. Infelizmente, estamos despontando como uma cidade muito violenta, porque o que mede a violência nas cidades é o número de homicídios, isso é imposto por organizações mundiais. Porém, eu sou muito sincera, dizer que [o que] mede a violência nas

cidades são os roubos, são os crimes contra o patrimônio, porque é isso que deixa as pessoas em polvorosa, porque ele acontece em qualquer esquina, em qualquer local, em qualquer bairro. Diferentemente dos crimes de homicídios, que a gente vê que a grande maioria tem associação direta com o tráfico de drogas, e as pessoas que estão morrendo, infelizmente, são nas periferias. A gente procura associar nosso conhecimento de trabalho policial, da maneira como age o assaltante, o meliante da forma como é chamado; em razão disso, foi criada uma divisão de homicídios no nosso Estado, no ano de 2016. Houve um incremento; como a gente viu que tinha muitos homicídios, foi necessário estruturar quem apura esses homicídios, porque é preciso que se saiba quem está matando e coloque atrás das grades, porque é uma maneira que você tem de retirá-lo.

Apresentador: Sobre o trabalho integrado, o que tem sido pensado em termos de políticas públicas unindo as esferas municipal, estadual e nacional?

Sheila Freitas: Nós temos feito, a nível local, não trabalho integrado desde os projetos denominados Ronda Cidadã e Ronda Integrado, que são polícias de proximidade que trabalham em conjunto e diretamente ouvindo a população, inclusive com números de telefones que você pode ligar e seu anonimato vai ser preservado. A nível nacional, existe

uma política do novo Ministério da Segurança Pública, o Ministério Extraordinário, onde ele deseja que todos os estados trabalhem em conjunto, tanto as polícias como os municípios, através da Guarda Municipal. Há necessidade de toda essa integração, ela é importante que aconteça, sobretudo que os municípios também entendam que eles são parte integrante da segurança pública. É preciso que as ruas estejam iluminadas, calçadas, sem buracos, que haja possibilidade de se transitar nelas. Porque são ruas mal iluminadas, esburacadas, sem calçamento, que proporcionam o crime. A gente vê que o crime acontece nesses locais. Então é importante que os municípios entendam isso e façam sua parte. Segurança pública é dever do Estado, mas esse dever é compartilhado com todos os entes da Federação.

Jailson França: Você se sente segura dentro da sua casa com sua família, porque poderia acontecer alguma forma de represália contra você e seus entes queridos?

Sheila Freitas: Eu me sinto segura com minha família. Desde que ingressei nessa atividade, eu tenho uma vida social muito restrita, até porque minha profissão requer. Eu me limito a estar com meus familiares no meu convívio, procuro não expô-los, são poucas pessoas que os conhecem, sabem quem são meus filhos, meus irmãos. Meus irmãos, até muita gente sabe quem são, até pra ter um cuidado maior

com eles, protegê-los. Mas me sinto muito bem na minha casa, meus filhos também; nunca houve uma ameaça direta, nem eles deixaram de viver a vida deles em razão de ter a mãe delegada, o pai era policial.

Apresentador: A Secretaria tem medos? Quais seriam?

Sheila Freitas: Todos nós temos medo, mas eu não tenho pavor nem deixo o medo me controlar. Se eu dissesse que não tenho medo, estaria faltando com a verdade. Todo mundo tem medo, mas não tenho fobia, sempre procuro me resguardar.

Apresentador: Existe uma discussão: até que ponto o sistema penal brasileiro consegue ressocializar uma pessoa, um ser humano? Como a senhora vê isso? Existem muitas críticas dizendo que, na verdade, as cadeias formam novos criminosos quando deveriam recuperar pessoas para o convívio social.

Sheila Freitas: A recuperação dessas pessoas é muito lenta e muito pequena. Na verdade, a lei gostaria que houvesse a segregação para a recuperação, porém a gente vê que, na realidade, isso não acontece. A gente tem ilhas de excelência; hoje, temos um presídio em Apodi, onde é feito todo um trabalho, uma espécie de cooperativa, fazem vassouras com garrafa pet, alguns estudam, tem biblioteca, então há um incentivo maior. Mas, infelizmente, a grande maioria dos

presos, por não ter em que se ocupar, passam por mais uma *faculdade do crime*. Então, é preciso que os governantes, a sociedade toda, sobretudo os comerciantes, os industriários, verifiquem que dentro dos presídios tem mão de obra ociosa e é preciso colocar ela pra trabalhar. É possível se fazer esses convênios, seria muito importante na ressocialização desses presos se as empresas fornecessem trabalho para que fossem feitos lá.

Apresentador: Me fala um pouco da sua opinião em relação ao porte de armas pela sociedade civil no Brasil. Até que ponto a atual legislação que rege o porte de armas está boa? Existe uma corrente que diz que precisa flexibilizar, que precisa permitir que as pessoas tenham acessos a armas. Até que ponto isso protege a sociedade ou cria uma situação mais caótica?

Sheila Freitas: Eu acredito que a lei do desarmamento poderia ter até intuito bom na época que foi feita. Porém, ela desarmou o homem de bem e armou cada vez mais o bandido. Acredito que temos que permitir o porte de arma às pessoas de bem, desde que sejam capacitadas. É preciso que as pessoas que possam ter o porte de armas tenham treinamento, consigam passar nas provas. A exemplo do que é feito hoje, ainda é permitido o porte de arma, só que existem critérios pela legislação e estabelecidos pela Polícia Federal

que torna sua concepção muito mais difícil. Deveria ser concedido desde que as pessoas preenchessem os requisitos, tivessem condições psicológicas de manuseio, de utilização da arma. Tem que aderir a técnica às condições psicológicas.

Apresentador: A senhora tem dados para contextualizar o cenário de mortes por armas de fogo no Rio Grande do Norte?

Sheila Freitas: Temos. Mais de 90% das mortes que temos no nosso Estado são por arma de fogo. E o dado mais preocupante é que cresceu muito o número desse crime de homicídio por adolescentes. Cada vez mais se reduziu a idade do adolescente. Antigamente, nós víamos crianças de 12 a 17 anos e 11 meses cometendo delito. Hoje, a gente já vê a criança com 10 anos; isso é muito preocupante. Só acontece porque a criança não está na escola em tempo integral. É preciso que se pense colocar tempo integral também no Ensino Médio, na fase de adolescente, e tirar a criança daquela situação de vulnerabilidade. Na hora que a família falha e deixa o filho na rua, por uma condição ou outra, ele não tem escola pra ficar, não tem quem oriente, fatalmente, ele vai ser cooptado pelo traficante. Porque é a criança pobre, que não tem os meios de conseguir o quer e a todo tempo a mídia apresentando o tênis novo, a roupa de marca, a TV tal, o jogo tal, então tem aquele desejo de consumo. E

quando ele não tem a condição financeira, ele vai arrumar um meio ilícito, ou seja, roubando, ou tráfico de drogas, para ter aquilo que idealiza como o que seria melhor pra ele.

Marcelo Rocha: Como a senhora lida com os chamados justiceiros que tendem a punir criminosos?

Sheila Freitas: Os justiceiros que punem os criminosos, eles se igualam aos criminosos. Nós não devemos retroceder e fazer justiça com as próprias mãos. Existe um sistema legal no país que tem que reprimir o crime, é a polícia, quem tem que julgar é a justiça. E a gente não pode simplesmente porque vê o crime acontecendo; nós só podemos agir em legítima defesa, aí é outro caso. Mas justiceiro é um criminoso como outro qualquer.

Apresentador: Recentemente, houve uma discussão nacional a respeito da mudança da maioridade penal de 18 para 16 anos. Como a senhora enxerga isso, até que ponto isso é uma saída ou não?

Sheila Freitas: Eu considero que a redução é válida para determinados crimes. Deve haver uma mudança para crimes mais violentos, não para os crimes banais com penas pequenas. Para os crimes violentos, é muito importante que haja uma redução. Vou dar um exemplo, um jovem de 17 anos e 10 meses mata uma pessoa com requintes de crueldade e só

vai ficar, no máximo, três anos preso, e não pode ficar numa cadeia, fica apreendido no local e completa a maioridade e continua no mesmo local destinado aos adolescentes. Ao passo que, se ele comete esse crime dois meses depois, quando ele completaria 18 anos, ele pegaria uma pena de 10 anos. Qual é a maturidade que ele tem com a diferença de dois meses? Ele é o mesmo, ele não aprendeu. Eu concordo com a redução para os crimes violentos, porque eles fazem parte de uma patologia, são pessoas perturbadas. A gente tem visto que essas pessoas que, sobretudo, matam em série, que tem o prazer de matar, além de matar, fazem crueldade, são pessoas doentes; ela precisa ficar segregada da sociedade.

Alexandre Beethoven: Existe alguma orientação ou medida com relação à truculência dos agentes de segurança pública no tratamento das pessoas periféricas, negras, na sociedade potiguar?

Sheila Freitas: Todas as polícias, elas têm uma investigação que é feita após as denúncias. Nós temos, na Secretaria, uma corregedoria de polícia que é feita por pessoas, onde tem seu corregedor, que é um advogado; não é uma pessoa relacionada às polícias, que é pra ter a liberdade do julgamento. Então é feita a denúncia, é feita toda a apuração, e dependendo da gravidade do que aquele policial tenha cometido, ele pode inclusive ser excluído das polícias, ser demitido. A gente

procura sempre retirar dos nossos quadros o mau policial. Porque a grande maioria são pessoas comuns, pessoas de bem, que estão ali para trabalhar. Mas, quando alguém faz alguma coisa errada, um dos policiais, ele é, [mas] é execrada toda polícia. Eu vou dar um exemplo: quantos erros médicos existem? Os outros médicos são culpados? Quantos maus professores existem? Uma atitude de um professor errado faz mal a todos os demais professores? Os demais professores não são atingidos por aquilo. Mas, na classe policial, é diferente; é a única classe que se um errar, todos pagam, porque a sociedade condena todos os policiais. Policial é uma profissão das mais sublimes, porque nós saímos de casa pra dar a vida por qualquer um de vocês. Nós somos os únicos que saímos e não sabemos a hora que voltamos; a gente está na luta. Hoje temos uma segregação muito grande. As pessoas, na hora que não são importunadas, fazem a defesa de qualquer atividade criminosa, mas na hora que é vítima de um ladrão, de um estuprador, quer que a polícia inclusive ultrapasse os limites legais. Isso é do ser humano, é inato do ser humano. Então, o policial fica naquele limiar entre a sociedade de bem e lidando com o mal, na barreira entre o bem e o mal, e não é fácil ficar nessa posição.

BLOCO 3

Apresentador: Existem alguns estudos internacionais sobre segurança pública, um deles realizado no México e divulgado pela BBC, colocando Natal como a quarta cidade mais violenta do planeta. Gostaria de uma análise sua a respeito desse tipo de informação; como a senhora enxerga esse tipo de avaliação?

Sheila Freitas: Primeiro, dizer que a forma como essa organização mexicana tratou a violência no Brasil não é a forma que a gente divulga, porque ela coloca Natal, porém ela soma toda a Grande Natal. Então, mais nove municípios: Parnamirim, São Gonçalo, Ceará-Mirim, Extremoz... Então, ela somou todos esses números de homicídios da Grande Natal e deu Natal como a quarta mais violenta. Seria a mesma coisa de ela pegar [o município de] São Paulo e juntar [a ele municípios de] toda a Região da Grande São Paulo, [como os] da região do ABC, que também teria números bem expressivos. Primeiro, a gente contesta esse dado em razão de ela ter somado Natal, Parnamirim, Ceará-Mirim, Extremoz, São Gonçalo, entre outras cidades que fazem parte da Grande Natal, e dizer que se mede a violência de Natal de acordo com os dados que Natal oferece. O Rio Grande do Norte é transparente; nós fazemos a contagem

[de] homicídio pelo evento morte violenta. Se temos o famoso confronto policial, onde há disparos de ambos os lados e o criminoso morre, aquele crime cometido também é considerado homicídio. Nós temos o exemplo do Estado de São Paulo, quando há confrontos da polícia com bandidos; se morrerem mil bandidos, não conta nenhum. Porque não é contado como homicídio, não é contado como morte violenta. No estado do Rio de Janeiro, que conta como crimes a esclarecer, hora tem homicídio: uma pessoa morta por arma de fogo tá lá no chão, tem os projéteis, não tem o criminoso, ainda não se sabe como aquilo aconteceu, mas tem evento morte e eles contam como crime a esclarecer. Não é possível se verificar que uma cidade como o Rio de Janeiro, com a população que o Rio de Janeiro tem, com o que passa pela mídia social, a gente ter Natal [como] a cidade mais violenta que o Rio de Janeiro, mais violenta que os grandes centros. A gente não concebe. A gente tem também o Pacto [de San José] da Costa Rica, que ele consegue vislumbrar todas as capitais e o modo como cada uma faz a contagem de seus homicídios, e nós temos no Estado do Rio Grande do Norte como integrantes da primeira classe desse Pacto, ou seja, como quem transparentemente divulga seus dados, não há maquiagem. Vou dar um exemplo: recentemente nós tivemos, é... circulou nas redes sociais número de roubos de veículos em Natal e do nível de roubos de veículos em João Pessoa,

e deu uma disparidade muito grande, quase mil por cento de diferença. Temos [em] João Pessoa cidade semelhante a Natal, índice de violência populacional muito semelhante, mas o que é que acontece? Nós aqui, quando dizemos que é roubo de carro, dizemos carro, moto, caminhão, ônibus e carreta, todo tipo de veículo. Tudo é veículo automotor. Tudo que tem um motor, nós contamos roubo e nós contamos furto, tudo junto. Quando verificamos no estado vizinho, na Paraíba, se conta furto separado de roubo, e também se conta os veículos separados, motocicleta separado de carros, que também são separados de caminhões, de veículos maiores. Então, desta forma, se você fracionar sempre, tem o número pequeno, e a gente considera que isso não é a melhor maneira de informar a população e ter transparência. Então, nós pecamos pela nossa transparência. Vou dar outro exemplo, em São Paulo, também o que é chamado de chacina: se morrem 20 pessoas, contam apenas como uma, porque eles contam por evento. No caso que aconteceu o ano passado em Alcaçuz, onde foram 26 mortes, todas as 26 mortes de Alcaçuz foram contabilizadas.

Ana Clara Dantas: Como a senhora disse anteriormente, o machismo infelizmente está enraizado. Então, como é para uma mulher estar à frente de uma pasta que lida com pessoas sendo a maioria homens?

Sheila Freitas: Não é fácil, mas eu encaro com total normalidade, porque já faz parte do meu dia a dia. Quando a mulher entra num quadro policial, ou em qualquer profissão que tem sua natureza em que a maioria é de homens, elas são testadas a cada dia, e tem que provar que são boas, são melhores, que tem capacidade. Então, a gente fez treinamento pra isso, sempre esteve à frente das investigações. Acredito que hoje tenho muito mais o respeito dos meus colegas, e isso faz com que a nossa convivência seja tão boa.

Brenda Crisóstomo: Uma questão que está muito em pauta é o feminicídio. O que a senhora tem a falar sobre isso, os dados do estado?

Sheila Freitas: Infelizmente, este ano já temos um número elevado, 25 mortes de mulheres, mas nem todas são feminicídios. O feminicídio acontece quando ela morre em razão de ser mulher. Recentemente, houve uma comoção muito grande na Zona Norte, em que um ex-marido matou a mulher a facadas. Estava separado há um ano, tinha quatro filhos com ela, e a matou depois de um ano separados. Foi muito na mídia porque ela tinha medida protetiva. Só que a medida protetiva é um instrumento importantíssimo. É preciso que os homens saibam o que é a medida protetiva. Eles têm que saber que se eles têm aquele documento que diz que eles não devem se aproximar de 100 ou 200 metros

da mulher; ele tem que dar cumprimento. O ideal seria ter algum dispositivo que alertasse a mulher que ele estaria por perto. O ideal seria isso, acho que a gente ainda vai chegar a isso. Mas é difícil porque, na violência doméstica, os crimes são premeditados. O agressor, eles ficam anos e anos pensando uma maneira de tirar a vida da vítima. E ele se aproveita do fato, porque é um ex-marido, porque tem um relacionamento com os filhos, com a família, pra estar mais próximo e tirar a vida da mulher. Porém, hoje em dia, se consegue evitar muitos desses números de feminicídio, porque as mulheres têm mais coragem de denunciar. Existe hoje toda uma rede, no estado e municípios, de proteção a essa mulher, ela precisa ir às delegacias, ir ao ministério público, ir ao Judiciário, ela tem casa abrigo, ela precisa também ser empoderada. Precisa que essa mulher não só saia de casa, ela precisa ter um meio de vida pra manter a família. Muitas mulheres sofrem isso e pagam com sua própria vida porque tem a dependência econômica do marido. Então ela sofre todo tipo de violência, ela apanha, ela passa por tudo isso com medo de que falte para seus filhos, não é nem pra ela. Então, a situação da mulher é muito difícil; ela precisa vencer essas etapas para sair desse ciclo de violência.

Apresentador: A gente tem histórico recente de cidades do interior que não têm uma atividade industrial econômica

tão desenvolvida, mas têm ali bancos que circulam dinheiro e quadrilhas fortemente armadas, e uma polícia que não tem muita estrutura. Como a senhora avalia isso? Até que ponto o Estado pode ajudar esses municípios quanto a esse tipo de ação criminosa?

Sheila Freitas: Em 2016 foi o *boom* dessas explosões de banco no interior. A gente via que havia explosão e as pessoas diziam: o dinheiro não é de ninguém, é do banco, é segurado. Mas aquela comunidade do interior ficava sem aquele serviço, ela ficava sem ter o banco, sobretudo os aposentados, para sacar sua aposentadoria, ela [a comunidade] tinha que ir a cidades vizinhas, gastava muito mais pra isso. A gente começou a fazer um trabalho, a Polícia Militar junto com a Polícia Civil, a Divisão de Crime Organizado começou a mapear os dias e horários em que os crimes aconteciam. Verificou-se que esses crimes de roubo a banco aconteciam entre os dias 30 e 10 do mês seguinte, porque, coincidentemente, era dia de pagamento, que envolvia o pagamento da União, como do estado e municípios. Verificou-se que eles procuravam essas agências menores no interior do estado que tinham somente uma salinha com caixa eletrônico, mais nada, que não tinha câmera de vigilância, que não há segurança, então é muito vulnerável. Então, utilizavam-se dessas cidades pequenas, sabiam que ali tinha uma certa quantia, o policiamento era

muito pequeno, o que eles faziam? Entravam na cidade de 8 a 10 homens, ficavam fortemente armados e atirando contra o destacamento de polícia, e conseguiram roubar. Foi feito todo esse trabalho e a gente conseguiu reduzir o ano passado em mais de 50%. Estamos hoje com trabalho integrado, porque a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Paraíba e de Pernambuco nos pediram socorro para que ajudássemos a elas, porque os números estão muito grandes. A gente tá fazendo um trabalho nas fronteiras dos Estados para conseguir que eles não venham para cá e retirá-los dos outros municípios, fazer a prisão deles. Então, a polícia tem um papel importante na prevenção, e depois, quando o crime acontece, na investigação; porém, os bancos também têm obrigatoriedade de proteger os seus locais, não é só deixar à mercê da polícia, não! Falta investimento por parte dos bancos, sobretudo em vigilância eletrônica, em vigilância pessoal mesmo. Então, eles simplesmente deixam aquele dinheiro ali relegado. Diferentemente do que acontece nos grandes centros, onde a gente vê, como Natal, as agências, a grande maioria não tem vigilância noturna, mas tem vigilância eletrônica e tem outros meios que eles utilizam. Mas no interior do estado, eles sempre simplesmente jogam um caixa eletrônico à própria sorte.

Alexandre Beethoven: Gostaria de saber como é que a segurança pública está lidando com a violência da pessoa LGBT aqui no estado. Em sua opinião, é relevante separar a estatística da transfobia e homofobia do homicídio comum?

Sheila Freitas: Eu acho que é muito relevante. A gente tem feito várias reuniões e trabalhado nesse sentido junto com a Secretaria de Políticas Públicas das Mulheres, em que a secretaria é bem atuante. Nós temos uma Coordenadoria das minorias, e há também um pleito de ser criada uma delegacia que trate desses problemas somente para o público LGBT. Porém, infelizmente, a gente ainda não tem pessoal suficiente, então estamos fazendo este acompanhamento. Quando acontecem esses crimes, [são investigados] junto na Delegacia de Defesa da Mulher, fizemos um pacto, acordamos entre os representantes das categorias, as delegacias de defesa da mulher. Como o trabalho na Delegacia da Defesa da Mulher é um trabalho mais humanizado e que, lá, nós temos profissionais, como assistentes sociais e psicólogos, para fazer o pronto-atendimento, a gente canalizou todo esse atendimento ao público LGBT nessas delegacias, porque, muitas vezes, eles são atendidos no plantão e são discriminados. Infelizmente a nossa sociedade é hipócrita, a gente pode dizer isso porque nossas melhorias são discriminadas. Para a gente, embora não tenha uma delegacia própria para tratar

disso, e vamos demorar a ter porque não temos policiais, a gente tá procurando encontrar meios de fazer um melhor atendimento. Verificamos que a rede que lida com a mulher em situação de violência é a rede mais humanizada e mais preparada para atender esse público.

CONSIDERAÇÕES

Dizer à população do Rio Grande do Norte que as polícias estão combatendo a criminalidade [e que] são trabalhadores que gostam de trabalhar e pedir confiança. Nós temos o número 181, que é um disque-denúncia, e é muito importante, é uma ferramenta que a população pode usar para ajudar a polícia. Não deixemos que a criminalidade bata à nossa porta, porque quando ela bate na porta do nosso vizinho, não nos incomoda, mas quando ela bate na nossa porta, nos incomoda, e a gente tem que pensar como cidadão. Pensar que o que não queremos para nós, não queremos para o outro. É mais ou menos essa mentalidade que a gente tem que construir na sociedade. Então, denuncie, ligue 181, e, no caso também de haver algum ato ilegal praticado por policiais, também denuncie. Nós temos uma Corregedoria para isso, não queremos, nas nossas instituições, pessoas que cometem tais atos. Somos servidores públicos, estamos aqui para servir a população.

Capítulo 4

Entrevista com Dino Lincoln



PROGRAMA 2

Entrevistadores

Joan Fontes (Jornalismo)
Lucas Félix (Audiovisual)
Rafael Lopes (Jornalismo)
Felipe Matheus (Jornalismo)
Letícia Araújo (Jornalismo)

Entrevistado

Dino Lincoln
Professor da UFRN e Embaixador da *Campus Party*

Apresentação em off

Dino Lincoln é o primeiro PhD em design do Brasil formado pelas universidades federais. É ex-diretor do Centro Superior de Tecnologia da Uninassau. É fundador da Defender, empresa de ciência e tecnologia em simulações militares. É professor da UFRN, onde leciona projeto de produtos inteligentes, design aeroespacial, inovação e empreendedorismo. É aviador e piloto de acrobacias. Apaixonado pela *Campus Party*, é palestrante e curador desde 2014.

BLOCO 1

Apresentador: O que motivou a escolha por Natal para sediar a *Campus Party*?

Dino Lincoln: Várias capitais querem receber uma *Campus Party*, e dentro da UFRN, começou um processo quando nós convidamos o presidente da *Campus Party*, no ano passado, para vir dar uma palestra em Natal. E nesse processo de vir aqui, ele passou a conhecer Natal, viu vários projetos interessantes, visitou o IMD, passou pela Barreira do Inferno, o Centro de Convenções, e ficou evidente que Natal tinha potencial para realizar uma Campus. A partir disso, foi lançada uma candidatura, e uma equipe técnica

da Campus veio avaliar Natal. Assim como você seleciona quando vai ter uma Copa do Mundo, onde que vai ter uma corrida de Fórmula 1, vem uma equipe técnica avaliar, e o que eles encontraram aqui foi um ecossistema de empreendedorismo funcionando a pleno vapor, com parques tecnológicos que são abertos, várias centros de pesquisa, inclusive centro de lançamento de foguetes operando. Uma universidade com projetos extremamente empreendedores, como a Inova Metrópole, e uma malha de fibra óptica que permite a realização de Campus, no nosso caso, de 20GB de internet, que é colossal, um local para realização da *Campus Party*, então, eles viram que Natal tinha condições técnicas operacionais de realizar uma *Campus Party*. Ela não inicia nada do zero, ela vem sobre um sistema preexistente que tá pronto para decolar, e, digamos assim, toca fogo nele, faz ganhar evidência, e a partir daí, com o governador assinando a carta de comprometimento cedendo o local e viabilizando certos recursos, começou a se configurar a *Campus Party* Natal.

Letícia Araújo: Como funciona a logística de um evento desse porte para a cidade de Natal?

Dino Lincoln: Cerca de 10 a 15 dias antes, começa a chegar a infraestrutura física para fazer cabeamento, as bancadas, os palcos, *stands*, toda a infraestrutura que vai ser

montada no centro de convenções; diga-se de passagem, [de] todo o Centro de Convenções, não sobrou nenhum metro quadrado. Além disso, tem toda a logística de conteúdo de pessoal, recebemos centenas de palestrantes de toda parte do mundo, e isso também ajuda a movimentar a economia do local, porque, além dos palestrantes, tem um conjunto de pessoas que dá suporte, vem trabalhar nesse grande empreendimento. Além da equipe da MCI, a empresa que gerencia o evento em si, porque é algo maior que um evento, são levantados uma série de voluntários no local para também trabalhar dentro da Campus. Um verdadeiro exército se forma para que se configure uma *Campus Party*.



Apresentador: Há quantos anos se realiza *Campus Party*?

Dino Lincoln: Já ocorre há mais de 20 anos e em mais de 20 países no mundo. Começou na Espanha, Paco foi o fundador da Campus e Francesco, que é o atual presidente do estudo *Campus Party*, foi o investidor anjo dele. Há anos ele percebeu que, no futuro, as pessoas trabalhariam *online*, o mundo seria digital e as pessoas precisariam muito da internet. Não era tão fácil prever isso 20 anos atrás, em que a maioria das pessoas sequer tinha um computador dentro de casa. Realmente, é o que a gente está vendo hoje. Quando a gente tá dentro do *Campus Party*, vendo as palestras, participando das atividades, dos workshops, todas as exposições e todo aquele *network*, aquele caos organizado que ocorre por dentro, a gente tem a impressão de que estamos de 15 a 20 anos à frente. São pessoas vindas do futuro contar pra gente como as coisas estão acontecendo lá. É tanto, que o palco principal o tema chama-se *feel the future: sinta o futuro*, é muito importante, principalmente nessa fase que estamos vivendo, de uma quarta Revolução Industrial, polarizar nossos jovens, nossos estudantes, nossos empreendedores com o que vai acontecer, não com o que deixou de acontecer. O que se aproxima da gente é um mundo da robótica, muita disposição em trabalho; a inteligência artificial vai substituir muitos postos [de] trabalho também, então a *Campus*

Party polariza nossos jovens, nossos empreendedores, com a tecnologia para evitar que eles sejam substituídos por ela.

Felipe Matheus: Entre os palestrantes, tem algum tema em alta, que as pessoas sempre procuram mais para interagir?

Dino Lincoln: Pergunta interessante. Qualquer *Campus Party* que ocorra, as 30 áreas de conhecimento estão contempladas: robótica, internet das coisas, *case modem*, enfim, tudo isso está contemplado dentro da *Campus Party*. Dependendo do que eles identificam como potencial local, eles escolhem um tema para ganhar destaque. Aqui em Natal, foi observado que existe Barreira do Inferno, a coordenação da Agência Espacial Brasileira, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, grupos de pesquisa em Ciência e Tecnologia Espacial na UFRN. Então, eles sempre quiseram fazer uma edição com foco aeroespacial, e viram aqui essa oportunidade. Então, apesar de todas as áreas de conhecimento estarem contempladas, ganhou-se um foco aeroespacial, e aí nós temos o que chamamos de palestrantes magistrais, que são aqueles palestrantes de maior destaque selecionados para essas áreas.

Apresentador: Que tipo de legado fica para Natal por organizar um evento desse porte?

Dino Lincoln: É uma pergunta bem recorrente. Existem vários legados, a Campus deixa um rastro de legados por onde ela passa. Primeiro, não é um evento pontual que acontece [e] depois some; ela estende suas atividades até que ocorre outra edição. Então, um dos primeiros que podemos citar é uma extensa inclusão social, sem inclusão, não existe *Campus Party*, por isso que é pré-requisito o apoio dos governos locais para que toda a rede pública seja incluída no Campus, para que a comunidade de baixa renda possa ter.

BLOCO 2

Apresentador: Quem foram os palestrantes de maior destaque?

Dino Lincoln: Entre os palestrantes magistrais, que são aqueles que quando vão palestrar no palco principal, os outros palcos param, porque normalmente acontece tudo ao mesmo tempo, os cinco palcos são simultâneos, 24 horas por dia. Podemos destacar Marcos Pontes, o primeiro astronauta brasileiro, palestra fantástica; Gabe Gabrielle, engenheiro-chefe da NASA que veio a Natal; doutora Rosalie Lopes, brasileira que trabalha na NASA e entrou para o *Guinness Book* com o maior número de vulcões identificados por georeferenciamento; Marcos Palhares, explorador brasileiro

e sócio de Marcos Pontes, faz parte da empresa que está fazendo o primeiro voo civil espacial, e a nova geração, o João Barreira, o chamamos de *magistrinho*, de sete anos de idade, premiado pela NASA, entre outros nomes de destaque. O *Greg Gate*, um grande neurocientista que deu o workshop das baratas *cyborg*, e o *Jon Maddog [Hall]*, que é um dos pais do movimento software livre, o Linux, que fez questão de vir conversar com a gente.

Letícia Araújo: Gostaria de saber em que estágio estamos agora em relação à internet das coisas.

Dino Lincoln: Quando a gente falava, uns 10 ou 15 anos atrás, que, num futuro próximo, até a geladeira estaria *online*, o pessoal ria. Hoje, já temos smartwatch, smartphone, nós estamos num estado de ruptura onde a computação ambígua vai começar a nos tornar meio *cyborgs*. A gente não consegue soltar o celular, que vai se tornar peça de museu, as telas flexíveis estão chegando, as holografias simuladas. Estamos passando agora por um estágio de internet das coisas nos próximos cinco a dez anos, onde nós mesmos estaremos *online* com implantes tecnológicos biônicos nos transformando nos primeiros *cyborgs*, digamos assim.

Apresentador: Futurismo isso ou já acontece?

Dino Lincoln: Já acontece. Alguns palestrantes que vêm para a *Campus Party* já são *cyborgs*, plugam câmera no cérebro, fazem implantes. Claro que parece ficção científica, mas a aplicação prática disso é enorme, por exemplo, o workshop que nós tivemos das baratas *cyborgs* com Greg Gate, ou seja, o pessoal recebe um kit cirurgia, alguns dispositivos de internet das coisas para fazer a telecomunicação com a barata, instala esse dispositivo na barata, programa e começa a controlá-la remotamente como se fosse via internet. Parece uma brincadeira, as baratas geneticamente modificadas, sem asas, não voaram em ninguém, não houve castelo do terror. Isso é precursão da tecnologia que, no futuro próximo, vai permitir que as pessoas tenham implantes para suprimir algum problema num membro controlado pelo cérebro. O próprio implante de mecanismos mecatrônicos que vão auxiliar na locomoção, visão, audição já nos transformam, em parte, *cyborgs*, e isso também vai acontecer pela internet das coisas, porque o gerenciamento disso é através da telecomunicação.

Felipe Matheus: Como foi o processo de escolha dos palestrantes que integram a *Campus Party* Natal?

Dino Lincoln: Existem curadores da *Campus Party* Natal, normalmente dividido por palcos: criatividade, *games*, palco principal, empreendedorismo, e esses curadores ajudam a

selecionar o conteúdo mais adequado para o campuseiro. Não é aquilo que a gente acha legal, nem o governo, instituições ou empresas. Através da curadoria, são selecionados os palestrantes, como a UFRN teve um papel de protagonismo em trazer a *Campus Party* para Natal, para o Rio Grande do Norte, foi a instituição onde começou o movimento, e daí foi agregando vários parceiros, ela teve um grande papel em selecionar conteúdo e colocar palestrantes de alto nível nos palcos da *Campus Party*.

Apresentador: Em relação a cursos de capacitação, oficinas, existe uma grande variedade. Você pode exemplificar alguns para gente?

Dino Lincoln: Depende muito da atividade. Por exemplo, nos workshops, variam; são atividades práticas de acordo com o palco. Tem o palco multidisciplinar, tem o workshop só de internet das coisas; nesses locais, dependendo da atividade, você leva seu kit ou adquire lá ou eles vão dar alguma coisa mais fictícia, mas que tem uma atividade prática. Existe atividade na área *open* voltada para o público externo. A parte da educação do futuro, programar seu primeiro robô, *Campus Kids*, educação de robótica para crianças, lembra que eu falei que a robótica vai tomar muitos postos de trabalho? É importante elas saberem agora como vão programar esses robôs e não ser substituídos por ele. Então, dependendo da

atividade, há configurações diferentes. É um caos organizado de palestras, atividades, workshops, desafios, *hackathons*, que são campeonatos de *hacker*. Só de listar aqui já cansa.

Lucas Félix: Como você vê a evolução da tecnologia nesse setor aeronáutico nos últimos anos, já que em 2017 não houve nenhum acidente comercial? Você acha que essa marca vai se repetir?

Dino Lincoln: Sim, existe uma grande discussão na aviação de como melhorar a segurança, porque a segurança vem em número um na aviação. E a tecnologia tem uma interface muito forte com isso, apesar das primeiras tentativas verbais terem tido alguns problemas quanto a isso, pela implementação, a presença tecnológica nas operações da aviação, o aumento também na segurança; cada ano que passa, cresce o tráfego aéreo e diminui a quantidade de acidentes até o ponto de que, nos últimos anos, a aviação comercial não teve nenhum acidente fatal. Isso nos deixa aqui na *Campus Party* Natal muito felizes, porque, onde entra pesquisa e investimentos em ciências aeroespaciais, o desenvolvimento humano da região cresce como um todo. A gente tem exemplos no Brasil desde São José dos Campos, quando fundaram a CTA Embraer, a modificação que houve na qualidade de vida, até lá na Flórida, com a Cabo Canaveral, e é o que percebe o Gabe Gabrielle quando veio aqui palestrar.

Com esse crescimento das pesquisas e o desenvolvimento em tecnologia aeroespacial no Rio Grande Norte, já falei [em] várias pessoas aqui: a Barreira do Inferno, a Agência Espacial, o INPE, a UFRN, todos integrados. A tendência é que cresça o desenvolvimento da região como um todo.

Apresentador: Qual seria o protagonismo da pesquisa brasileira nessas ciências aeroespaciais?

Dino Lincoln: Começa pelo inventor do avião, Santos Dumont, ser um brasileiro. Claro que os americanos não concordam com a gente... Mas eu acho que captar um negócio, planar e se esborrachar lá embaixo não é voar. Voar é o que Santos Dumont fez; claro que muitos tentaram, morreram tentando, mas quem leva o crédito é Santos Dumont. De lá pra cá, a gente tem essa tradição, e muito orgulho, do que acontece no Brasil, principalmente que a Embraer hoje está despertando o medo de grandes empresas, como a Boeing, isso é um conhecimento extremamente especializado. Poucos países do mundo detêm tecnologia como essa, e a Embraer dá muito orgulho. O Brasil, em parceria com o Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial da Força Aérea em vários empreendimentos que ocorre aqui, está rumo a se tornar um país que detém todo ciclo aeroespacial de lançamento de veículos, de lançamento de satélites; é claro que se não fosse aquele acidente que a gente teve em Alcântara,

já estariamos lá. Mas a gente tá se erguendo das cinzas, tentando chegar lá novamente. Quando isso acontece, o PIB de um país é radicalmente modificado, quando você tem tecnologia que lança satélites em tecnologia espacial de ponta. Estamos em busca disso.

Apresentador: Sobre a parceria entre a Boeing e a Embraer: é interessante para a pesquisa brasileira?

Dino Lincoln: É interessantíssimo, porque isso não ocorre sozinho. Quando você vai investir numa pesquisa, várias outras tecnologias chegam junto; a parte de engenharia digamos assim, é a mais beneficiada, [mas] todas as áreas entram: design até o marketing, também. A Embraer tem uma metodologia dedutiva; ela procura um problema e projeta uma aeronave para atender aquele problema, diferente dessas empresas de fora, que têm a metodologia indutiva, geram a aeronave e procuram um problema para que a aeronave solucione. Graças a essa visão do designer da Embraer, eles conseguiram projetar jatos executivos que desbancaram essas gigantes que existem há décadas. A linha Phenom, da Embraer, desbancou a linha da Citation, da fabricante consolidada Cessa. A partir desse crescimento, a Embraer lançou CO2, que é um jato de médio/grande porte, para poder disputar com grandes aeronaves, e aí eles estão começando a considerar: esse pessoal da Embraer, esses

brasileiros sabem realmente o que fazem e vão começar a tomar nosso mercado. Então a gente faz uma parceria; veja o desempenho das aeronaves brasileiras, o consumo de combustível é mais baixo, conforto é mais alto, a segurança é altíssima. Então, não tem porque as pessoas não comprarem essas aeronaves no mercado lá fora. Daí que se desperta o interesse de gigantes internacionais em fazer parceria conosco. Isso é bom, só o interesse deles em fazer parceria é muito bom, mas nós não sabemos onde vai chegar, porque a Embraer tem a parte de defesa com alguns projetos que são mais restritos, não pode compartilhar com empresas comerciais, então, somente a parte civil de jatos comerciais da Embraer que deve entrar nessa parceria.

Apresentador: Há pouco você falou de como algumas tecnologias vão substituir algumas profissões, algumas práticas humanas. E até que ponto a nossa educação está preparando, está formando realmente profissionais ou cidadãos para um futuro tão tecnológico? Qual sua opinião a respeito?

Dino Lincoln: Olha, um lado é preocupante, do outro lado, a gente fica feliz com algumas iniciativas. De maneira geral, as universidades são muito engessadas, elas conservam muito a maneira de ensinar; a gente observa muitas vezes que o estudante sai depois de cinco anos já obsoleto. Às vezes sai com *diploma de desempregado*, porque as tecnologias

já mudaram, já são outras. Tenho certeza que muito aqui, você quando começou a ser jornalismo, na comunicação, YouTube não era o que é hoje; atualmente é a TV de algumas pessoas, não é mais a TV aberta. Então a tecnologia vai mudando a face das coisas. Por outro lado, a gente fica feliz com algumas iniciativas. A reitoria da UFRN, assim que bateu os olhos na *Campus Party* teve uma visão de quanto seria importante para atualizar o nosso estudante, deu pelo apoio desde o começo: se alinhe com isso que está chegando aí, porque senão, vocês vão sair daqui com *diploma de desempregado*. Então, existe realmente um engessamento no sistema de ensino, mas existem iniciativas aqui e acolá que a gente espera que germinem para que não forme uma massa de desempregados. Até 2033 ou 2035, pelo menos 50% dos postos de trabalho atuais vão ser substituídos por robôs, por Inteligência Artificial. Se nós pegarmos a Copa do Mundo, o Messenger de notícia era feito por um *bot*, ou seja, feito por uma Inteligência Artificial, e eles iam catando o que queriam, filtrando as coisas. De vez em quando eu vejo notícias na China, eles estão fechando fábricas inteiras, e demitem cinco mil aqui, três mil ali, e robotizam todo o processo. Empresa de carro, montadora? Não! É fábrica de alface! Para plantar alface, todo processo de plantio, de cultivo, de extração, até colocar na caixinha – robotizado.

Então a gente tem que tomar muito cuidado, porque as máquinas vão fazer tudo o que a gente faz profissionalmente, e de um jeito melhor, mais barato e mais rápido: é o cerne da Revolução Industrial. A tecnologia chega muito rápido, a gente não consegue acompanhar, é substituído por ela; é perigoso o momento, mas a gente vê iniciativas como apoio da UFRN na *Campus Party*, por exemplo, para que alinhem nossos jovens, nossos empreendedores, com essa tecnologia que está chegando e tomem a dianteira disso e não sejam substituídos por ela.

Joan Fontes: Quais características que um profissional deve ter para encarar esse mundo robotizado no futuro?

Dino Lincoln: Primeira dica: não importa qual é a sua área, se é de Humanas, Exatas, Letras, Filosofia, Engenharia, Matemática: comece aprender a programar. É o idioma do futuro, a gente vai se comunicar com as máquinas através da programação. Toda educação tem que passar por essa base agora, *Science Technology, Engineering, Mathematics*, ou seja, tudo tem que envolver esse eixo, senão não tem como ser implementado no futuro. Existem algumas tecnologias que passam anos incubadas até que elas estouram. Por exemplo, a máquina digital surgiu nos anos 70, e até o ano 2000 não tinha quebrado a Kodak ainda. Hoje a gente não compra mais um celular, compramos uma máquina digital que, por acaso,

telefonam. A mesma coisa vai acontecer com as impressoras 3D: elas vão tomar um lugar de protagonismo nas casas, você vai poder imprimir um produto dentro de casa, vai ser muito mais barato, mais rápido imprimir em 3D. A mesma coisa vai acontecer com a inteligência artificial; muitas vezes um atendimento, seja médico, como já acontece hoje com o *Watson*, ou jurídico, que também já faz uma coisa excepcional, vai substituir muitos profissionais. Então, aprenda sobre inteligência artificial, sobre base de educação *Steam*, aprenda a programar e robótica pra que essa tecnologia seja a sua aliada, e não sua inimiga. A gente vê que a escola, hoje, já começa a se polarizar para isso no Ensino Fundamental, ao invés de ensinar inglês, ou básico de inglês, começam a ensinar robótica e programação, porque esse é o idioma do futuro: a gente vai se comunicar com as máquinas.

Rafael Lopes: A gente sabe que a *Campus Party* traz inúmeros benefícios para a cidade-sede. Gostaria de saber se existe algum tipo de ação por parte da Universidade em manter esses benefícios.

Dino Lincoln: O intercâmbio que ocorre durante a *Campus Party* com vários cientistas do mundo inteiro, como falei aqui, vindo da NASA, neurocientistas, ocorre com nossos estudantes e nossos professores. Daí surgem novos projetos e intercâmbios para essas *Campus Party*. É muito

bonito ver, às vezes através desses programas de inclusão, jovens carentes que passam a ter acesso à robótica, que passam a ter acesso a competições de robótica na *Campus Party*; daqui a pouco, seus projetos já estão na *Campus Party* Brasil e, a partir daí, vai para *Campus Party* Reino Unido, Alemanha, vamos ter agora Houston Fire. Esse intercâmbio não para; a cada semana, acontece uma *Campus Party* em algum lugar do mundo, e o que acontece aqui está em intercâmbio com todas as outras. Então, não é um *evento que acontece e vai embora*, o intercâmbio é gerado, e daí para frente ele continua; isso traz novos investimentos, novas perspectivas para todo mundo, para estudantes, professores profissionais liberais etc.

Apresentador: Que males essa tecnologia robótica pode gerar para as relações sociais, para a sociedade? Existem algumas visões pejorativas nesse sentido?

Dino Lincoln: Eu costumo dizer que, às vezes, as redes sociais afastam quem deveria estar perto e aproxima quem tá longe. A gente ainda não sabe totalmente a extensão dos males que isso pode causar. Jogos digitais, apesar de gostar muito, hoje em dia, se você passar certa quantidade de horas jogando, já pode ser considerado um vício. Rede social, alguns estudos apontam que pode ser um vício, você fica viciado em curtidas, *likes*. São danos que parecem brincadeira, mas a

gente só vai saber a total extensão disso nos próximos anos. Se nós pegarmos gigantes da tecnologia, Steve Jobs, Bill Gates e esse pessoal de alto escalão, eles não deixam [deixavam] suas crianças ficarem nos tablets e celulares, no máximo uma hora por dia ou x horas por semana, porque eles não sabem a extensão que isso vai causar para a postura, visão etc. Traz benefícios, por isso que a gente usa, não tem que deixar de usar. Agora, temos que ficar atentos às limitações, procurar uma relação mais pessoal, não ficar tão restrito lá dentro e se monitorar pra saber se não está viciado nisso.

Apresentador: Então, cabe a cada um criar até uma etiqueta de utilização dessa tecnologia?

Dino Lincoln: Sim. Isso é tema de debate na Campus, e criaram uma área dentro da Campus só para isso. Ou seja, o pessoal, às vezes, passa três a quatro dias agarrado no computador, jogando ou fazendo um *hackathon*, e se esquece que tem que cuidar da postura, que tem cuidar da respiração, tem que se alimentar; então, dentro da Campus tem essa área para o pessoal relaxar, recarregar as baterias e voltar. Se fizer as coisas de maneira dosada, você aproveita bem os benefícios e minimiza os males.

BLOCO 3

Lucas Félix: Como você vê o papel da mídia para levar o que a ciência produz para o público leigo? Isso está sendo feito de forma eficiente aqui no Brasil?

Dino Lincoln: Eu estou entre os vários especialistas em comunicação, vou tentar ser bem comedido nas palavras. Existe um movimento crescente onde o usuário, aquele que vai assistir a mídia, a informação, ele não quer mais que ela venha de forma impositiva. Ele quer escolher o conteúdo com maior liberdade, daí o crescimento do YouTube, Netflix, coisas desse tipo. Eu tenho certeza que esse programa, por exemplo, talvez seja mais veiculado pela internet do que pelo próprio canal aberto. Existe uma sensibilidade pra isso, tanto é que [a programação da] rádio hoje, a maior parte dela, é *online*, além do canal de rádio tradicional. A TV, o pessoal busca o programa na internet; o fato de disponibilizar isso nas novas mídias já mostra que está tentando atender essa tendência dos usuários. Mas ainda é uma maneira muito tímida de fazer isso, por isso, a gente tem um crescimento de portais como a Netflix, porque eles dão o conteúdo de uma maneira completamente diferente para o usuário final, é preciso se atentar com esse pessoal.

Apresentador: De que forma os robôs poderiam ganhar independência e ser um problema para humanidade? Até que ponto isso é ficção? Ou existe alguma preocupação nesse sentido?

Dino Lincoln: A Inteligência Artificial se divide em duas linhas filosóficas: a IA forte e a IA fraca. O pessoal da linha da inteligência artificial forte acredita que as máquinas, com o progresso da capacidade de processamento e o avanço do aprendizado de software, vão se tornar conscientes de que existem. Já a inteligência artificial fraca, que defende que elas podem ficar superinteligentes, simular nosso comportamento, simular que estão conscientes, mas não têm consciência própria, é apenas um monte de software processando dados. Então existe essa discussão, já vem desde o começo; o primeiro artigo de Alan Turing nos anos 50, onde ele falou de inteligência artificial, já apontava dez razões pelas quais não devem ou não podem se tornar inteligentes, desde razões matemáticas, filosóficas e teológicas também. De acordo com ele, primeiro, elas não vão se tornar conscientes, segundo, se forem, por que a ciência é relativa, pode ser que se tornem. A gente não deve deixar isso acontecer, porque pode surgir um *terminador do futuro* querendo ser superior a outros. Essa discussão é ampla no ambiente; hoje, elas não são conscientes, ainda. Eu, particularmente, não creio

que se tornarão, mas estarão simulando comportamentos; essa discussão se enraíza de tal maneira que nós temos a discussão sobre as armas inteligentes. Por exemplo, quem assistiu ao filme chamado *Chappie* vê que alguns robôs substituem a posição de policiais em situações de perigo. Eles entram na frente dos policiais para levarem os tiros. A decisão de atirar vem da máquina ou de um operador atrás? Se acontecer, quem se responsabiliza por isso: é a máquina, quem vendeu a máquina ou o governo que está operando aquela máquina? São discussões que estão a pleno vapor, e a Campus é o lugar ideal pra discutir isso.

Felipe Matheus: Como foi toda sua trajetória de vida pessoal e profissional até chegar a ser o embaixador da *Campus Party*?

Dino Lincoln: Eu vinha de uma carreira na aviação, sou aviador desde [os] 17 anos de idade, fiz todos aqueles cursos: piloto privado, comercial, de acrobacia etc. Em paralelo, fiz uma carreira acadêmica na parte de informática e design, faculdade, mestrado, doutorado, e por essa carreira acadêmica comecei a empreender. Então virei um especialista em simulação de tecnologia militar, e, como professor, comecei a escutar falar de algo chamado *Campus Party*. Meus alunos estavam falando disso, e eu era professor de empreendedorismo, ainda sou. Eu quis ver o que era, os projetos dos

meus alunos ganhando uma projeção que não tinha de outra maneira, e daí fiquei apaixonado, me aproximei da Campus, me tornei palestrante, depois me convidaram para ser curador; como professor, eu conhecia vários conteúdos e pessoas que tinham coisas interessantes. Como curador, eu selecionava conteúdos para os palcos, principalmente de *games*, simulação e criatividade. Passei depois, como diretor de uma universidade privada, a patrocinar a Campus, então eu fornecia recursos, equipamentos, palestrantes, me envolvi com o evento, sempre fiz de forma voluntária pelos resultados que os alunos têm lá dentro. E, algum tempo atrás, me convidaram para ser um dos embaixadores da *Campus Party* no Brasil. Cada embaixador tem sua especialidade e formação, mas a partir daí eu estaria ajudando a *Campus Party* da maneira mais próxima, nesse sentido de trazer coisas que sejam interessantes para os campuseiros, [que] em geral são meus alunos.

Apresentador: Em relação à viação e sua passagem como piloto comercial, que tipo de aeronaves você já utilizou?

Dino Lincoln: Eu voei em diversas aeronaves, desde voar em Esquadrilha da Acrobacia e Demonstração, a serviço aéreo especializado, aquele aviôozinho que puxa faixa na praia. Até para aviação executiva, tenho proximidade com turbo hélice, bimotores, jato. Cheguei a fazer curso de

helicóptero, mas aí não dá para dar aula, coordenar curso. Fundei uma faculdade de ciências náuticas em Recife dentro de um centro universitário privado, a Uninassau. Então, dar aula, gerenciar empresa, voar ao mesmo tempo ficou um tanto complicado.

Apresentador: O que te motivou a estar hoje na Universidade Federal do Rio Grande do Norte?

Dino Lincoln: Desde quando eu fiz o mestrado, doutorado, e via meu orientador e outros professores desenvolvendo vários projetos interessantes, eu me envolvia com esses projetos de pesquisa, na parte [de] design, produtos inteligentes, robótica aplicada, e a gente se apaixona por isso. Até porque a própria aeronave é um robô operado. Então, desde aquele momento, me interessei pelo ensino [em nível] federal; aqui, o departamento de design está sendo criado, e tem muita coisa para fazer, então foi uma oportunidade, uma janela passando, e a gente casou aqui.

Rafael Lopes: Como você avalia a situação do Brasil nesse quesito de tecnologia frente a outras localidades, como Europa ou Estados Unidos?

Dino Lincoln: É uma pergunta com resposta bem capciosa, porque a gente tá muito longe do que poderia ser. Às vezes a educação não é prioridade dos investimentos, e

isso é um *tiro no pé*. Se nós pegamos, por exemplo, a Coreia do Sul, o que eles eram e o que passaram a ser depois que investiram, deixou de ter recursos para outras coisas, mas para educação não faltou. Então, se pegar a quantidade de empresas que a gente tem aqui no Brasil... porque surgiu lá LG, Samsung, Kia, se tornaram potência porque investiram na base, educação. Era bom que a gente aprendesse com eles nesse sentido. Se nós queremos ter as outras coisas funcionando, saúde, segurança, precisamos começar pela educação. A partir da educação, o desenvolvimento tecnológico vem em seguida. Nós temos aqui, no Brasil, um pessoal com *a faca entre os dentes, tiram a água de pedra*. Eles conseguem fazer pesquisa de ponta com pouco ou nenhum recurso. Eu destaco o professor José Dias, que publicou na *Science*, é um dos pesquisadores brasileiros que palestrou na *Campus Party* Natal, é professor da UFRN, trabalha em Harvard, é um dos maiores nomes na busca de planetas que têm características parecidas com a Terra. O professor Júlio Rezende, da UFRN, que fundou a primeira estação de simulação de máquinas do hemisfério Sul. Então, com poucos recursos, tem professores/pesquisadores muito comprometidos, alunos interessados, e que no Brasil, no momento que a gente passar a ter a educação como prioridade em relação às outras áreas, todo o restante vai se beneficiar.

Letícia Araújo: Pela *Campus Party* se tratar de um evento muito tecnológico, muitas vezes é muito elitizada. Quais as ações para tentar trazer jovens que não têm acesso a esse tipo de cultura para dentro do evento?

Dino Lincoln: A primeira ação, que é pré-requisito, é que o Governo traga sua rede pública, que ele se integre. Sem isso, não existe *Campus Party*. De modo que, na mesma arena que é uma área paga, existem vários acessos gratuitos para essas pessoas, e quem pode pagar que pague. Então, existe uma inclusão realmente muito forte para que atenda às vezes nessas comunidades carentes, nas favelas; não adianta o Governo querer resolver as coisas, não vem de cima para baixo, a solução vem de lá de dentro para fora. A gente tem que dar para eles os recursos, o conhecimento, e deixar que eles começem a projetar suas soluções, que entendem os seus problemas. Então, essa interface de inclusão social da *Campus Party* com as comunidades carentes trazendo para eles é lindo. Quando a gente vê esses meninos que chegam cabisbaixos, eles olham um robô, e estão numa realidade tão difícil, que acham que aquilo não é para ele. E quando são inseridos naquela realidade e começam a programar, ver que está funcionando, às vezes são robôs feitos com sucata que ele pode inovar através daquilo, passa a enxergar um mundo diferente. Teve uma campeã em Recife, que veio

de uma escola de robótica e competiu na *Campus Party*, ganhou a Competição Brasileira de Robótica, e foi quinto lugar na China. Essa menina mudou completamente a vida dela. A gente entende que existe problema, mas eu acho que a *Campus Party* é uma das soluções para ele.

Apresentador: Existe de fato uma mudança cultural em relação aos *nerds* ou *geeks*?

Dino Lincoln: Sim, existe uma mudança cultural forte. Se você pegar no Brasil, o brasileiro é apaixonado por futebol. Os canais de esporte *ESPN*, a audiência para campeonatos de *Counter-Strike* é maior do que para campeonato de futebol. Então existe uma mudança, é evidente, cultural, onde hoje não existe mais um *nerd* que era aquele cara específico de matemática e informática; existe hoje o que chamamos de cultura *geek*. Tanto é cultura, a tecnologia, que existe a *Campus Cult*, que é uma intervenção da cultura *nerd* e cultura *geek* dentro da *Campus Party*. Tivemos o campeonato de *cosplay*, o pessoal que se fantasia de personagens de *Avengers*, de mangás etc. Então eu me sinto confortável num ambiente desse, tem jogos de futebol, tem um campinho de futebol [para] quem quiser jogar campeonato de *FIFA*. Pessoas que gostam de tecnologia, não importa a área, se sentem muito confortáveis lá dentro porque é o ambiente cultural ideal para a gente.

Joan Fontes: Existe alguma *startup* aqui na UFRN?

Dino Lincoln: Várias. Inclusive, o modelo que a gente tem no Inova Metrópole, que é incubadora da UFRN, e a grande iniciativa da UFRN e da prefeitura de Natal em trazer o Parque Tecnológico no perímetro da universidade foi para ajudar a trazer iniciativas empreendedoras, é interessantíssimo. Não só tem várias *startups* no IMD, como várias delas estão expostas na *startups makers* da *Campus Party*. Então veja, muitas pessoas não sabem que elas existem, muitos estudantes nem sabem que podem incubar suas ideias lá e ter toda uma mentoria para que sua empresa decole. A partir do momento que se encontram lá, troca *network*, vê várias empresas, já gera uma parceira que venha, no futuro, virar um negócio, a *startup* começa a crescer. Temos várias aqui, e esse foi um dos motivos da *Campus Party* se instalar em Natal: para ajudar a povoar nosso Parque Tecnológico com mentes brilhantes e empreendedoras.

Apresentador: Para quem não conhece uma *startup*, o que é efetivamente uma *startup*?

Dino Lincoln: A gente tem algumas discussões. Normalmente a *startup* é aquela empresa iniciante. *Startup* vai crescer e tem alto poder escalável, ou seja, tem o poder de crescer grandemente sem crescer sua despesa. Você gera

um aplicativo, por exemplo; se você passar a vender milhões daquele *download*, não vai precisar aumentar a equipe. Então, *startup* geralmente tem cunho tecnológico, é uma empresa que tem capacidade escalável de crescimento sem aumentar as despesas. Por isso é muito bom para receber investimento, porque compensa o investimento inicial.

Apresentador: Você é o primeiro doutor formado em *Design* por uma universidade federal, e ainda muito jovem. É uma área nova e está em ascensão?

Dino Lincoln: Sim, é tão nova, que um dos maiores livros que temos no design, do Löbach, que é *Design Industrial*, no primeiro capítulo começa assim: “design, a grande confusão”. Ninguém sabe o que é design porque é muito novo. Tem gente que acha que é desenho, o engenheiro e o arquiteto usam o desenho como uma ferramenta para externar sua ideia, e o design também. Na verdade, o design é um projetista, e é uma área muito nova. A primeira faculdade surgiu na Alemanha nos anos 70, o primeiro doutorado, nos anos 90 no mundo, e, no Brasil, o primeiro programa foi na UFPE das federais, e eu fui o primeiro a terminar. Então é natural que surja uma certa confusão, por ser novo, mas o design em si, criar, projetar coisas, e no nosso caso, é em três eixos, seja gráfico, digital, jogos ou produtos físicos, envolve um processo de criatividade sistêmica. Quando é

abraçado por outras áreas, chamamos de *Design Thinking*, e tem crescido muito, e por esse e outros motivos tem áreas específicas de design, de criação, de criatividade dentro dos palcos da Campus.

Apresentador: O que caracteriza um comportamento criativo no atual mercado de trabalho?

Dino Lincoln: Existe um processo chamado pensamento lateral, que foi muito debatido e pesquisado por Edward de Bono. Hoje, ser criativo requer que você tenha umas ideias *fora da caixa*. Para ter essas ideias, envolve discussões, processos, muitas vezes aquele *insight* não é suficiente. Os processos de design incorporados na criação ajudam a gente a discutir e achar coisas que estavam fora do meu campo de visão. Isso [se] chama metodologia de design, que permeia várias áreas: marketing, publicidade, engenharia e o próprio design. Temos crescido na forma de enxergar a criação das coisas, temos entendido melhor o processo criativo em si, e conseguimos ter cada vez mais projetos inovadores. Consideramos algo criativo e inovador aquela novidade que causa impacto. Às vezes é algo novo, mas não tem grande adesão; quando é uma novidade que causa impacto, existe uma verdadeira caçada por projetos assim, porque os investidores querem colocar o dinheiro para trabalhar para eles,

então buscar pessoas criativas, *startups* que usem processos de design é um método muito usado.

Apresentador: A inovação tem sido constante, e a cada aplicativo criado, nós pensamos que não tem mais para onde evoluir. E parece que, a cada solução encontrada, surge um outro problema.

Dino Lincoln: Esse processo é cada vez mais rápido e requer que a gente seja mais metódico. A partir dos anos 2000, o volume de conhecimento gerado para a humanidade já dobrava a cada dois anos. Ou seja, a cada dois anos, você, praticamente, estava obsoleto. A partir de 2010, era 80 dias; sinceramente, agora, não sei quantas horas isso dura. O processo é muito rápido, e como novas tecnologias surgem o tempo todo, a forma de projetar para elas também muda. Estudar, se aperfeiçoar, fazer *networking*, encontrar outras pessoas que estão fazendo a mesma coisa que você, projetando, criando, ajuda a não ser surpreendido pelas novas tecnologias, mas está polarizado com o que está para chegar.

Joan Fontes: Quais são os desafios para abrir uma empresa na realidade brasileira?

Dino Lincoln: O brasileiro é extremamente empreendedor, e temos que considerar que são guerreiros. Porque, para abrir uma empresa aqui, é muito difícil, são pelo menos

quatro meses de muitas taxas e burocracias. Não devemos nos abater por isso, porque apesar da nossa carga tributária abusiva e a burocracia, que é desanimadora, existem brasileiros empreendedores dando certo e americanos quebrando. Isso não é um limitador. Uma dica é procurar programas de incubação, porque eles reduzem as dificuldades; você tem a mentoria de vários professores e empreendedores para te ajudar a não errar, porque você vai errar como empreendedor. Quando você procura um programa de incubação como o Inova Metrópole, ou o que a gente tem aqui no Parque Tecnológico, ajuda a reduzir esses riscos, porque eles existem.

Felipe Matheus: Depois de tantas edições de sucesso, ainda existe algum objetivo que vocês almejam de forma geral?

Dino Lincoln: A missão da *Campus Party* continua sendo propiciar espaço para que as novas gerações empreendedoras, digitais, hiperconectadas, possam reescrever o código-fonte do mundo. Ou seja, criar uma sociedade melhor através da inovação, tecnologia e do empreendedorismo. E para esse desafio, estamos muito longe de alcançar uma cidade plenamente justa e distributiva. Então, vamos ter muito *pano pra manga* pela *Campus Party*.

CONSIDERAÇÕES

Dino Lincoln: Temos ainda esse ano a *Campus Party* de Brasília, Salvador, Minas Gerais e Rondônia, além da Campus Day, que são outros eventos isolados. O país que a gente quer passa por empreendedorismo, inovação e tecnologia. Parabenizar vocês por estarem buscando esse conhecimento, porque isso não vai acontecer naturalmente, temos que fazer isso acontecer. Parabéns pela iniciativa e por participar desse momento, desejo sucesso e sorte a todos nós. Deus os abençoe, muito obrigado.

Capítulo 5

Entrevista com John Carlos Mantilla



PROGRAMA 3

Entrevistadores

Jailson França (Audiovisual)
Ana Carla Dantas (Jornalismo)
Marcelo da Rocha (Jornalismo)
Alexandre Beethoven (Radialismo)
Brenda Crisóstomo (Radialismo).

Entrevistado

John Carlos Mantilla
Pós-doutor em Nanotecnologia e professor da UFRN

Apresentação em *off*

John Carlos Mantilla Ochoa é mestre em Química Aplicada, doutor em Física e Pós-doutor em Nanotecnologia. Em 2006, tornou-se professor na Universidade Central da Venezuela. Em 2013, devido à crise em seu país, prestou concurso para professor visitante na Universidade de Brasília. Aprovado, mudou-se para o Brasil em 2014. Três anos depois, após o fim do contrato na UNB, prestou concurso para professor visitante de Física da UFRN.

BLOCO 1

Apresentador: Qual a recordação que o senhor tem da Venezuela antes de sair de lá?

John Carlos Mantilla: Bom dia, obrigado pelo convite. A Venezuela era um país irmão, um país que todo mundo queria estar nele, pois tinha muitos recursos, ainda tem: petróleo, minerais, água, e era uma fonte de energia. Tem colônias brasileiras, argentinas, colombianas, peruanas, europeias, que tinham problemas graves, e era um refúgio. A minha recordação nos anos 80 era de um país muito alegre, onde existia a bondade. Peço desculpa se tenho algum sotaque. Tínhamos a possibilidade de viajar, de conhecer, de

comprar medicamentos; era um país de ponta. Tínhamos bastante[s] pesquisadores na área do petróleo, éramos um país petroleiro. Então nossa reserva petroleira estava no alto, e os estudantes de graduação tinham a oportunidade de fazer seus estudos em outro país, financiado pelo Governo, que, por sua vez, eram financiados pelas indústrias petrolíferas. Eles exportavam nosso país para ajudar o crescimento, o fortalecimento. Então isso foi algo muito bom dos anos 80. Teve certos conflitos políticos, principalmente porque o governo queria acrescentar 50 centavos da nossa moeda à nossa gasolina, e o país entrou em greve. Decidiram que o presidente da época, Carlos Andrés Pérez, ele teve que ser afastado, e apareceu do nada, como se fosse um deus chamado Hugo Chávez. Aí começou o problema do nosso país, porque ele chegou com um populismo, e as pessoas queriam algo novo, queriam tirar a corrupção, que tivessem mais empregos, saúde, educação, e ele prometia tudo isso. Só que ele era militar, e muitas pessoas acreditaram, eu acreditei nessa ideia de um novo mundo, de poder ajudar nosso país. Ele foi preso porque só chegaram ao governo de maneira ilegal, querendo derrotar um governo democrático por meio das armas. Depois chegou outro presidente, Rafael Caldera, de um momento para outro ganhou muita fama, ninguém sabe como teve tanto dinheiro, foi financiado por muita gente, e ninguém sabe quem são essas pessoas. Ele

ganhou em 1999, e a partir de então começou a crescer o *câncer* no nosso país. Aquele tumor cresceu, cresceu, ele acreditava ser o novo Jesus Cristo para nosso país. E aí acabou o sono da Venezuela, tudo tem que ser destruído, as indústrias têm que desaparecer, como a Parmalat, que era leiteira, as indústrias de cimento, cafeteiras, de açúcar, de alimentos, todas foram desaparecendo, porque ele não queria, porque tinham que ser venezuelanas. Podia ser que nós queríamos indústrias nossas porque merecemos, mas temos que ter uma base, alguém tem que ensinar. Você não pode, só porque tem um cheque petroleiro, ser dono de um país. Desapareceu a comida, a medicina, desapareceu tudo. Os jovens universitários não sentiam a bondade da universidade. As universidades começaram a desaparecer, e um decaimento forte, [o conhecimento] começou a fugir. Como chama no meu país, fugir o cérebro, porque os jovens é que tem que abordar ideias e conhecimentos novos. E então, o fato de que você tem que ter uma só cor, não tem que ser uma cor vermelha para você ser grande. Ele impôs essa cor, um só pensamento, e quem estiver contra esse pensamento paga o preço, tem que ir preso porque você não combina comigo. Então, as famílias, os amigos, os partidos, se tivessem um amigo falando mal do Governo, tinha que falar para a polícia, porque deveria ir preso. E assim, se ele foi para cadeia, começou o medo, e quando o medo chega, acaba tudo.

Jailson França: Em qual momento você percebeu que as coisas não iam bem ao seu país? Houve um momento específico que determinou sua mudança para o Brasil?



John Carlos Mantilla: Quando eu terminei o meu doutorado no Instituto de Física da USP, iniciei um pós-doc no ano 2005, e o Chávez era presidente da Venezuela, e as coisas estavam ruins. Nessa época, ele esteve aqui no Brasil, e convidava os brasileiros para que fossem na Venezuela, que as coisas estavam certas: era mentira. Quando eu voltei no ano 2006, o número de pessoas que iam presas com idade de 16 anos até 25 anos era muito grande. Centenas de jovens que estão presos porque eles não queriam um pensamento

único. Lutei contra isso; eu dava aula na Universidade, fui professor da melhor universidade da Venezuela, que, na época, estava no décimo lugar entre as universidades latino-americanas. Eu tentava levar pessoas do Brasil para meu país, mas eles, os professores que chegaram do Brasil para Venezuela, davam conta que aquela coisa não estava indo para um bom caminho. Que estava faltando alimento, medicina, a segurança estava pior. As pessoas sentiam medo de falar do que estava acontecendo. No ano 2010, a coisa piorou, porque ele não tinha fôlego para dominar um país; ele tinha ao seu redor muitos militares, muitas pessoas que faziam o que ele não fazia, que era ficar no poder. E para quando o poder chega numa pessoa, não interessa, tem que matar todo mundo. Começou a matar jovens. Em 2013, as pessoas tinham medo de sair para as ruas, nesse ano, eu percebi que tinha que fugir, *não posso ficar aqui*, porque eu escrevia muito nas redes sociais que meu país estava passando mal. Comecei a perceber que havia pessoas me olhando, um professor universitário, físico, que conhecia coisas, então fui. Apareceu a possibilidade, graças a Deus; na UNB, um professor me ajudou, disse: John, você quer vir para o Brasil? Quer sair de seu país? Tem a oportunidade de entrar como professor visitante. Eu concorri à vaga, ganhei a vaga, e fui deixando minha família, meu filho e minha

mujer. Eles estão desesperados vendo matar os estudantes universitários. Construíram uma cadeia, ficavam quatro no subsolo e chamavam de tumba. E ainda existe esse lugar, e quando os estudantes saem de lá, estão doidos. Porque, como você faz para ficar lá embaixo nesse *inframundo*? Não pode. Minha mulher fugiu por terra, chegou a Boa Vista depois de nove meses, porque não conseguia sair do meu país, e consegui mandar ela para Brasília. Mas ficou minha mãe, meus irmãos, ficaram meus amigos, ficaram muitos estudantes, ficou um monte de gente que liga e pede, *por favor, me ajuda a sair do meu país!* Não posso. Quando cheguei aqui no Rio Grande [do] Norte, fiquei surpreso com muitos chavistas, que deveriam estar no meu país passando o que estão passando os meus amigos, e estão aqui desfrutando, estudando com bolsas do CNPQ, fazendo com que nunca aconteça nada com eles, e isso não pode ser.

Ana Carla Dantas: Além do medo e da oportunidade de trabalhar no Brasil, tem algum outro motivo que o fez vir para o Brasil especificamente?

John Carlos Mantilla: Na verdade, no meu país eu não podia, não conseguia trabalhar. Eu sou um nanotecnólogo, e eu queria trabalhar na área de nanociência. Quando o Chávez começou a jogar o dinheiro por todo canto, porque ele queria recuperar e querer construir os equipamentos

novos, eu me emocionei, porque a nanotecnologia e nanociência iam tentar conseguir curar o câncer, alguma coisa boa. Eu comecei nessa área, só que era mentira, não se pode trabalhar, não tem segurança. Eu tive que vir porque não tinha condições, e aqui no Brasil tem essa possibilidade de continuar na minha área.

Apresentador: Qual a avaliação da ciência brasileira em relação à latino-americana?

John Carlos Mantilla: A ciência no Brasil é de ponta, tomara que continue assim.

Marcelo da Rocha: Como você enxerga o tratamento da mídia brasileira com o que está acontecendo na Venezuela?

John Carlos Mantilla: Em Natal, pouca gente sabe disso. Muita gente não sabe onde fica a Venezuela, não conhece. Acham que será por Argentina. Mas tem gente na universidade que está preocupada em saber, em conhecer: Ah, você é da Venezuela? A gente sente aquela admiração. *O que você faz aqui? Consegiu comer?* Porque a mídia mostra que nós passamos fome, e é verdade. Agora conseguimos dormir tranquilo; na verdade, não, porque o pensamento está na Venezuela, mas chegar aqui dá muito alívio, o Brasil é um país irmão.

BLOCO 2

Apresentador: O senhor mais gosta é de dar aula, ser professor ou trabalhar diretamente com pesquisa?

John Carlos Mantilla: Um pouco dos dois, não se pode tirar uma da outra.

Apresentador: O que você tem encontrado de bom nas turmas de Física no Brasil?

John Carlos Mantilla: Eles têm um interesse em aprender, em ter novos conhecimentos, novas ideias. O brasileiro gosta de inovação, de que a física não seja a mesma física antiga, assim como falava o camarógrafo, o espaço-tempo, e aprender a gravidade desse jeito mais confortável.

Alexandre Beethoven: O que você tem feito para ajudar os venezuelanos daqui?

John Carlos Mantilla: Na verdade, em Natal, só tive a oportunidade de conhecer cinco venezuelanos. Uma arquiteta, que trabalhava de garçonete em Ponta Negra, e saiu do emprego porque não estava mais gostando e queria voltar pra sua área. Conheci dois músicos, que fazem mestrado na Escola de Música, e depois conheci mais dois músicos, não sei se eles ainda continuam sendo maestros. Em Natal, são poucos venezuelanos. Na universidade, tinha um grupo; eram

37 pessoas que trabalhavam em conjunto, dando palestra e tentando mostrar o que está acontecendo em nosso país e tentando trazer venezuelanos formados, licenciados, ajudando esse povo. Agora, as pessoas que estão em Roraima, não tive a oportunidade de ajudar, não saberia como ajudar, não tenho como ajudar. Sei que existe a possibilidade, e eu gostaria muito de poder ajudá-las.

Marcelo da Rocha: Muitos venezuelanos que vêm para o Brasil exercem outras profissões que não as suas. O que o senhor acha disso?

John Carlos Mantilla: É lamentável, mas é o jeito. Quando você vai para um país imigrante, é difícil. Encontrar um emprego que você goste é muito difícil. Peru, por exemplo, tem muito venezuelano, e a grande maioria que está saindo do meu país, todos têm grau de ensino superior. E, lamentavelmente, tem muitos que estão trabalhando na rua, como lá em Roraima, que tem juízes, advogados, contadores na rua, porque não conseguiram emprego. Como você falou, a população cresceu, e o governo não pôde dar suporte. Teve um fenômeno no Chile, apresentaram uma quantidade de 500 pessoas, e 90% era para entrar na área de medicina ganhando bolsa; todas foram beneficiadas. Nossa educação não é ruim, só que é difícil; primeiro, no Brasil, pelo idioma, chegar num país que você não conhece

o idioma, e ainda fica aquele sotaque. Por mais que tente, é complicado. E, depois, procurar e conseguir emprego não é fácil. Acho que é igual para o brasileiro que sai do país.

Apresentador: Além das questões da língua, o senhor já sofreu algum tipo de preconceito por ser venezuelano no Brasil?

John Carlos Mantilla: Nenhum. Nem quando cheguei na USP, nem na UNB, sempre fui aceito do jeito que eu sou. A única coisa que eles não entendiam era se eu sou venezuelano ou argentino, não sei se é por causa do sotaque.

Apresentador: E por não concordar com essa cultura política do chavismo, isso te trouxe algum problema?

John Carlos Mantilla: Aqui, eu evito falar porque eu sei que, no Nordeste, uma parte da população gosta dele. Por exemplo, eu estive no Carrefour, e umas pessoas notaram meu sotaque, e começaram a perguntar de onde eu era, e eu falei: da Venezuela. E começaram a falar Chávez, a favor dele, e diziam que o governo tinha que ser igual ao meu, que meu governo estava indo pra frente. Eu fiquei calado, os outros que eram contra começaram a brigar, e eu no meio. Então falei: eu estou aqui graças a vocês, graças ao governo do Brasil que paga minha bolsa e meu salário. Estou aqui graças à universidade que aceitou que eu trabalhasse no

departamento de Física, então não tenho por que falar de política, e segui em frente.

Brenda Crisóstomo: Como o senhor acha que essa crise na Venezuela vá se resolver? Com apoio internacional, seria mais simples? O Brasil, como líder da região, poderia contribuir para o fim dessa crise?

John Carlos Mantilla: Eu acho que sim, o Brasil deve contribuir. Não só o Brasil, mas a Argentina, Chile, Peru, Colômbia, os Estados Unidos. Os Estados Unidos estão ajudando a Venezuela de tal maneira que o venezuelano tem que agradecer. De que maneira? Sancionando [condenando] aquelas pessoas que roubaram o dinheiro do nosso povo e proibindo a entrada delas, tirando. Tem trilhões de dólares que eles roubaram e que o governo dos Estados Unidos tem guardado até o dia que esse governo acabe, até o dia que não tenhamos mais recordações de que aconteceu esse *câncer*. O dia que esse *câncer* desaparecer do nosso país e voltarmos a ser um país... Eu sei que a cada ano desse governo, são quatro anos para trás, retrocedemos. Acho que temos 80 anos de retrocesso, isso é muito para recuperar, são mais 80 anos. Mas com trabalho e com a ajuda de países como o Brasil, que tem alta tecnologia, uma população que poderia ir ao meu país e colaborar, e colabora. Teve um brasileiro de uma organização não-governamental que foi preso e

torturado no meu país, simplesmente por levar melancias para um povo humilde que fica na fronteira com Boa Vista. Ele sofreu, esteve nessa tumba, e teve que sair de lá por que o governo brasileiro obrigou o governo da Venezuela a soltar esse senhor brasileiro. Então, isso é uma ajuda, obrigando esse governo; você não pode ter presos brasileiros, nossos compatriotas, e ele voltou ao Brasil, e era uma pessoa conhecida, saiu nos jornais. A Argentina também está ajudando aos poucos, a Colômbia... Só que não tá chegando só gente boa da Venezuela, também está chegando gente que está atrapalhando aquela ajuda que nós merecemos. Então, por aquela pessoa que comete o erro, todos são culpados, e aí está o problema. Mas eu agradeço muito ao governo do Brasil, e que continue apoiando, porque, por alguma via, temos que sair desse governo. Tomara que seja a democrática.

Apresentador: Em relação ao processo de transição de Hugo Chávez para Maduro, houve alguma mudança? Ou o senhor entende que foi feita a mesma linha política?

John Carlos Mantilla: Eu acho que foi uma linha política mais pesada. A ideia de Chávez era acabar com tudo, ele acreditava na frase *novo mundo*. Porque ele achava que era Jesus, ele criou uma igreja. Tem pessoas que vão lá orar e colocar vela e pedir milagres, até criaram uma oração para ele, como o Pai Nossa, então virou um negócio estranho,

esquisito. E quando chegou Maduro, uma pessoa que não tem educação, nunca teve educação, chegou à metade do ensino médio, como falava nosso líder, “um ser humano sem educação é um ser humano inútil”! (rindo) Porque não tem capacidade de levar um país para frente. Colocaram essa pessoa que sequer conhece as capitais do país, confunde um rio com uma ave, é fraco de mente... E que esperança pode ter o país? Nenhuma. Porque qualquer um que diga “faça isso”, ele faz ou temos que ir por aquele caminho, então vamos por aquele caminho, porque o assessor da Espanha, Cuba, ou não sei de onde falou que ele tinha que ir por ali. Então ele vai, sim, como um palhaço de um circo.

Jailson França: Do que você sente mais falta no seu país?

John Carlos Mantilla: Em termos de comida, a famosa arepa, que é um prato típico da Venezuela, é como se fosse a tapioca daqui. A alegria do meu povo faz muita falta, a música é muito linda, mais [ainda] a alegria de um povo quando você chega no seu meio, da família.

Apresentador: O senhor tem esperança de voltar um dia para Venezuela?

John Carlos Mantilla: Gostaria de ir, mas sei que se eu voltasse agora, eu não sairia nunca mais, iria preso. É muito difícil voltar. Meus amigos falam, se eu chegassem no

aeroporto, não sei se veríamos você. O Governo já sabe que eu estou aqui, e assim como várias pessoas estão aqui. Tomara que um dia, não só eu, mas você possa conhecer o meu lindo país, sobretudo a minha cidade, que se chama Mérida, onde estão as montanhas e cai neve, toda essa riqueza perdida.

Apresentador: Vamos falar um pouco sobre a sua pesquisa. O senhor fez um doutorado na USP e agora está estudando nanotecnologia.

John Carlos Mantilla: Na verdade, na USP, eu fazia semicondutores. Eu trabalhava com materiais que tinham a tendência em tentar colocar sem sensores. Logo eu virei nanotecnólogo, porque tinha possibilidade de tudo. Com ele [semicondutor], você pode fazer não só sensores, mas espelhos inteligentes, mapear se uma pessoa está doente, e essa área é muito conhecida, criar ímãs. Podemos ter a capacidade de ter gravadores que tenham uma potência maior, computadores com velocidade incrível. A nanotecnologia tá entrando na cosmetologia. Ter um cosmético com brilho melhor, intenso. Aquela pessoa que tem cabelo branco, como eu, nunca mais ter isso, ou que estão perdendo o cabelo... graças à nanotecnologia, não ter.

Apresentador: Recentemente, foi noticiado o falecimento do grande físico Stephen Hawking, e numa das últimas

entrevistas dele, falou da necessidade do ser humano de buscar novas fontes para habitar planetas fora da Terra. Enquanto físico, o que o senhor pensa a respeito? Essa visão faz algum sentido ou nós deveríamos olhar mais para nosso planeta e trabalhar com os recursos que temos?

John Carlos Mantilla: Você sabe que o ser humano sempre quer mais exploração, conquistas, novos conhecimentos. Ele tinha um ditado que falava: “a inteligência do ser humano está na capacidade de adaptação”. Então ele procurava que as pessoas inteligentes buscassem novos mundos, e achava que este mundo já acabou, e daqui a pouco vai ser destruído por causa da radiação, dos fenômenos que estão acontecendo, e que é melhor explorar outros mundos. Ele falava: como pode ser que o universo, ele não acreditava em Deus, que não tem nada ter uma terra girando, com certas pessoas dentro dela... por que outros lugares não devem ter também? Nisso ele tem razão, eu também acredito que não estamos sozinhos. Estamos sozinhos aqui neste mundo, por que não pode ter vida em outros lugares? Ir para outro lugar deveria ter um avanço tecnológico muito forte com a transportação, como viajar no tempo.

Apresentador: Você vê alguma incoerência num pesquisador que trabalha com perspectivas evolucionistas e tem como crença o criacionismo?

John Carlos Mantilla: Isso pode levar a muitas interpretações, não sei o que falaria a outra pessoa a respeito de mim. Prefiro não opinar.

BLOCO 3

Ana Carla Dantas: Com a vinda da sua esposa e filhos, o senhor pretende se fixar no Brasil? Se sente bem acolhido pelos brasileiros?

John Carlos Mantilla: A minha intenção é essa. Atualmente, ela está trabalhando na UNB, como professora visitante no Instituto de Química, ela é bioquímica. Meu filho estuda Química Industrial na UNB, e eu estou como pesquisador e professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nossa finalidade, por exemplo, quando cheguei aqui, o governo do Brasil deu a possibilidade de um visto de dois anos para os venezuelanos que entrassem por terra, e depois, dependendo do que você estiver fazendo no país, pode ter o visto permanente. Eu tive que sair do Brasil, fui até o Paraguai e voltar por terra para obter esse benefício com a finalidade de me fixar e fazer minha vida no Brasil.

Brenda Crisóstomo: A gente sabe que a Venezuela está passando por uma crise na saúde pública que atinge a população, matando milhares de pessoas. Eu gostaria que

o senhor fizesse uma comparação entre a saúde pública venezuelana e a brasileira.

John Carlos Mantilla: Não existe comparação da saúde do Brasil, a saúde pública da Venezuela desapareceu. Se você não tem dinheiro, não consegue. Os venezuelanos estão saindo do meu país para conseguir ajuda em qualquer recanto de outro país que consiga recuperar sua saúde. Por exemplo, agora tem aquela doença que pareceu tuberculose, e eles não dão conta, e não querem abrir um canal humanitário que foi sugerido pelos presidentes Santos, Temer, Macri; ele não quer esse caso [dar atenção] a nenhum presidente. Não tem comparação. Pode ser que o Brasil apresente problemas graves de saúde, mas como o Brasil não tem.

Apresentador: A gente entende que a Venezuela ficou muito dependente da sua própria produção de petróleo. E a partir de 2014, com a crise do barril de petróleo internacionalmente, houve uma queda na economia local. Que outro tipo de potencialidade o senhor enxerga para o país, em termos de desenvolvimento econômico, que não foi feito?

John Carlos Mantilla: O desenvolvimento do turismo. A Venezuela tem as praias do mar do Caribe e companhia, tem montanhas onde cai neve. A Venezuela também tem um desenvolvimento de turismo forte. Eu lembro que

os brasileiros que chegavam ao meu país, muitos eu não sei se ainda se continuam, mas na época que eu estava lá, chegavam muitos porque queriam conhecer a famosa Ilha de Margarita, chegavam a Caracas, capital que chamava a capital dos telhados vermelhos, por ter as casas com telhados vermelhos, e [queriam] conhecer nossa cultura e costumes. Essa é uma parte que não foi explorada fortemente. Além disso, nós tínhamos uma economia [em] que dependíamos muito do petróleo, e aí foi um erro muito grande, porque todo venezuelano se achava milionário, porque tinha petróleo para todo canto. Nossa gasolina, o valor dela era cinco de real para encher um tanque, então é muito barata, de graça.

Apresentador: O desenvolvimento científico e tecnológico de um país. O senhor, como um cientista, qual a sua avaliação desse tipo de desenvolvimento político para o país?

John Carlos Mantilla: As novas fontes tecnológicas, que deixem de usar fontes fósseis como petróleo e procurem novas fontes renováveis, pois o clima está tão ruim, pra que esse aquecimento acabe. Procurar novas invenções, novos conhecimentos, aplicar o que se conhece, como química ou ciência reversiva, que usa recursos naturais, que você consiga se adaptar. Por exemplo, todo mundo fala em utilizar o hidrogênio e deixar de usar o petróleo como uma fonte de energia. Ou usar a água e deixar de usar tantas baterias

de lítio, que está atrapalhando outras fontes, e isso está em nosso conhecimento. Tentar deixar de usar tantos químicos e usar mais material como, por exemplo, as flores das árvores que têm óleo. Isso é uma nova tecnologia; o Brasil, nessa parte, está muito avançado, pois sempre estão usando nanopartículas para aquelas pessoas, por exemplo, aquela pessoa que tem gastrite; no Acre, os índios estão tomando o óleo essencial, que tem o nome da região, sacaca. Esse óleo faz com que o sistema fique legal, se você misturar uma pequena partícula em volta de seu olho, você melhora. Faz pouco tempo que enviamos uma publicação científica nessa área de tentar usar produtos naturais e deixar de usar tantos químicos, são novas tecnologias. Igual às pessoas estão fazendo calçados com a folha do coco, que ficam bonitos nas mulheres. Usam outras propriedades, como o pneu do carro, outras novidades que a tecnologia e nanotecnologia ajudam.

Apresentador: Para quem não tem tanto conhecimento na área, o que de fato é a nanotecnologia?

John Carlos Mantilla: Quando você fala em compromisso, estamos acostumados a falar no metro; quando vai descendo a escala, chega a palavra que chama *nanométrico*, uma fração pequena. São partículas muito pequenas, e se juntamos elas, tem-se uma estrutura especial. E ela oferece um *boom* de conhecimento, de propriedade, que pode ser

usado para o bem e para o mal de uma sociedade. Mas pensando no bem, pode ser usada na fabricação de muitas coisas, para a saúde, por exemplo; em nossas veias, passa sangue, então tem que ser um material do tamanho bem pequeno. Por isso se chama nanométrica, nanotecnologia, pois é uma técnica que trabalha com sistemas pequeninhos.

Alexandre Beethoven: Gostaria que o senhor falasse sobre pesquisas já existentes e reais no melhoramento do corpo físico do ser humano.

John Carlos Mantilla: Hoje em dia, uma que já é realidade é a utilização de pele de peixe para curar queimaduras. É um peixe especial no Amazonas, é o melhor colágeno. Outra é que os índios do Amazonas consomem um leite que sai das árvores, pois tem uma enzima e proteínas especiais. E deram conta das pessoas que têm certos tumores no estômago ou no colo, ele ajuda a curar. Então, se os índios utilizam essa propriedade, o cientista vai trazer a solução. A limpeza da água já é uma realidade, limpeza de metais pesados, pois os rios são contaminados pelas indústrias; ainda não temos uma educação de separação de lixo. Passa por nossos rios esse monte de sujeira; o cientista procura sistemas que possam limpar óleos e deixar essa água potável para ser consumida.

Apresentador: Muito se fala também nos limites éticos da ciência. Tivemos um caso não tão recente, que virou notícia

no âmbito nacional, que um instituto utilizava cachorros para experimentos. Como o senhor vê as pesquisas com animais?

John Carlos Mantilla: O que acontece é que quando você faz um teste pra câncer, precisa de material que seja parecido com nosso corpo. Isso está em animais que têm afinidades como, o porco, coelho e o rato. Eu sei que é complicado, pois você tem que provocar uma doença no animal e depois tentar reverter essa situação, que por muitas vezes não dá certo. Há algumas oportunidades que eles conseguem reverter, então essa coisa de limite é complicada. Claro que o Brasil tem suas normas, que são respeitadas; quando se vai fazer uma experiência, você precisa preencher certos documentos e ir atrás de organismos especializados. Agora, com cachorro, eu não gostaria de fazer. Eu gosto de cachorrinhos.

Apresentador: Inclusive existem testes em humanos.

John Carlos Mantilla: Sim, por exemplo, Física Médica, isso se chama fatos, que é procurar um material afim ao ser humano. Por exemplo, estão procurando um material parecido com o pulmão para aquela pessoa que tem câncer. Estão procurando água com algum outro aditivo que eu não acredito que seja como um pulmão. Mas para que isso funcione, você tem que pegar um animal de estimação, desde que seja certo, feito no laboratório.

CONSIDERAÇÕES

John Carlos Mantilla: Eu agradeço o convite de poder falar sobre o meu país; que a população brasileira tenha um pouco mais de conhecimento do que está acontecendo no meu país, que não é fácil. Sei que muitos outros países já passaram por isso; o Brasil passou, não sei se na mesma intensidade, mas o Peru, a Argentina sei que passaram por essa situação, e agora tocou o meu país. Eu queria que a Venezuela não ficasse sozinha, que os governos de outros países ajudassem, contribuíssem com ele, que sejamos unidos para que os venezuelanos pudessem voltar. Hoje encontrei uma notícia num jornal da Venezuela que o ministro de Cuba falou que o governo está fazendo de tudo para que os venezuelanos não pudessem [lá] entrar. Tirando essa parte, se nós conseguíssemos que toda a latino-américa se una para tirar e acabar com esse *câncer*, acho que nosso país voltará a ser o mesmo de antes. Agradeço mais uma vez ao Brasil que acolheu a mim e minha família, muitos venezuelanos que, pelos menos, já têm onde morar.

Capítulo 6

Entrevista com Jussier Ramalho

PROGRAMA 4



Entrevistadores

Joan Fonte (Jornalismo)
Lucas Félix (Audiovisual)
Rafael Lopes (Jornalismo)
Felipe Matheus (Jornalismo)
Letícia Araújo (Jornalismo).

Entrevistado

Jussier Ramalho
Empreendedor e escritor

Apresentação em off

Empreender é ter coragem de enfrentar o medo. É assim que ele define sua trajetória. Jussier Ramalho nasceu em Natal, no Bairro das Quintas, em 1960. Aos

sete anos, iniciou seu primeiro empreendimento: criou um cartão de visitas em que se apresentava com um pedido – ganhar uma bicicleta. Recebeu o presente na véspera do Natal. Começou a trabalhar aos 14 anos. Em 1996, fundou a Banca Prática, onde implantou a filosofia de ir onde o cliente está. Em 2007, participou do programa *O Aprendiz*, da Rede Record.

BLOCO 1

Apresentador: Seja bem-vindo, Jussier Ramalho!

Jussier Ramalho: Muito obrigado pelo convite. Obrigado pela participação dos jovens, futuros apresentadores e jornalistas famosos; se Deus quiser, vamos nos encontrar por essa vida afora. Estou à disposição para a gente bater um papo e mostrar um pouco do que fiz e continuo fazendo.

Apresentador: Nas suas palestras e na tua obra você deixa bem claro as dificuldades que enfrentou durante toda sua trajetória. Para quem não conhece, poderia dar uma resumida?

Jussier Ramalho: Dificuldade na vida é desde cedo; nascer é uma dificuldade. Você imagine uma mulher que gera uma criança que vai crescendo, vai se acomodando dentro de um útero para depois expelir. Então o nascimento já é doloroso para quem pare, a mulher, e para quem, o

bebê, que está nascendo. Andar é doloroso; se arrastar, falar, você começa a balbuciar algumas coisas para depois começar a construir algumas palavras. Então tudo na vida é feito de sacrifício, de muita dificuldade, e eu não acredito em sucesso sem trabalho. Para conseguir alguma coisa, sempre trabalhei muito, planejei; eu sonhava desde criança em mudar minha vida, mas para que isso acontecesse, eu precisei trabalhar, planejar. Por exemplo, com oito anos de idade, nasci no bairro das Quintas e, logo em seguida, eu fui morar em Lagoa Seca, na Rua São José, em frente ao Baobá do poeta – aquela árvore grossa que tinha na Rua São José. Então quem mora naquele bairro pode comprovar tudo que vou falar. Eu tinha oito anos de idade, e a minha vida foi sempre construída de muita necessidade; eu passava muita fome porque eu não tinha pai, morava com minha mãe e duas irmãs, e eu tinha vontade de comer, a minha vida se resume a um prato de comida na verdade. O sonho da minha vida não era ganhar dinheiro, não era ter emprego, o sonho da minha vida era ter um prato de comida na minha frente, porque eu passava muita fome, dias sem comer nada. Então o que é que aconteceu comigo? Eu me planejei, sonhava mudando minha vida, me tornar uma pessoa diferente, mas a pessoa diferente era ter algo para comer, e eu comecei a sonhar com uma bicicleta, porque observei [que] no meu

bairro, em Lagoa Seca, ninguém tinha uma bicicleta. Naquela época, ter uma bicicleta era como se fosse um computador de alto nível hoje, de ponta. Eu não tinha condições de comprar uma bicicleta, nem minha mãe tinha condições, mas eu tinha o raciocínio lógico de planejar, imaginar: como eu posso ganhar uma bicicleta? Comprar eu não posso, mas não posso ficar parado esperando cair do céu. Do céu só cai chuva. Peguei uns papeizinhos e desenhei: esse é Jussier e precisa ganhar uma bicicleta. Saí distribuindo nas igrejas, nas padarias, nos açougues, porque naquela época em que eu era jovem, não existiam supermercados.



Então de manhã eu ia na igreja evangélica, e quando as pessoas saíam da escola dominical, eu dizia: Bom dia, irmão, receba meu cartão – e entregava o cartão para eles. À noite, eu ia à igreja católica ali na São João em Lagoa Seca. Quando as pessoas saíam da missa à noite, eu dizia: Boa noite, irmão, receba meu cartão. Meus colegas de infância me criticavam: “você não vai conseguir isso, rapaz, é impossível”. Porque as pessoas, elas, às vezes, não querem incentivar quem está buscando um caminho de muito trabalho, mas que vai ter sucesso. As pessoas geralmente não conseguem incentivar isso, então eu não me incomodava com as críticas, e hoje sempre digo: quando alguém fala mal de você, não se preocupe, porque se você entende que está no caminho certo, o maior problema é acreditar que você não vai conseguir. Então eu sempre acreditei que iria conseguir, embora meus colegas dissessem “você não vai conseguir”, eu não acreditava, achava que aquilo era mentira que eles estavam dizendo. E eu tanto persisti, que consegui no dia 24 de dezembro de um ano, um pastor da igreja americana, chamado Alan, que a gente chamava de pastor Orlando, porque não sabíamos pronunciar inglês. Ele chegou na minha casa e perguntou se eu morava ali, e minha mãe disse: “mora”. “Eu trouxe uma bicicleta para ele”, e me entregou a bicicleta. E daí para frente eu peguei a bicicleta e comecei a alugá-la pra

ganhar dinheiro. O sonho de ter uma bicicleta aos oito anos de idade não era para que eu brincasse com ela, era para ter como tornasse aquilo um meio de ganhar dinheiro para me sustentar, e sustentar minha família, com o prato de comida tão sonhado, que eu imaginava. Como existem alguns livros: pense e você consegue. Não existe isso. Pense, planeje e execute, aí você consegue.

Lucas Félix: Você é empreendedor desde criança, mas o primeiro destaque notório, pelo menos local, foi a Banca Prática, que fundou há mais de 20 anos. Naquela época, como você pensou um negócio teoricamente banal e tornar com diferenciais?

Jussier Ramalho: Naquela época, eu estava casado há um ano. E o que aconteceu? Eu precisava ganhar dinheiro, estava desempregado. Então, o que aconteceu? Tinha casado ia fazer dois anos, então eu precisava de alguma coisa para ganhar dinheiro. Tinha saído de uma empresa que havia falido no Brasil; era uma empresa nacional que vendia ticket alimentação. Eu tinha que arranjar uma forma de colocar um negócio pra mim, porque nunca quis [ser] empregado, eu fui empregado na minha vida durante três anos. Então, eu estava empregado nessa empresa, recebi uma indenização pequena e comprei uma banca de revistas que estava desmontada lá no bairro de Candelária. Essa banca, na verdade, pertencia

a Neidinha, que hoje tem essa banca no Nordestão aqui de Ponta Negra no Capim Macio. A banca era fora, e ela iria colocar dentro do Nordestão. Então eu comprei desmontada e montei na Afonso Pena no Tirol. Era uma banca como qualquer outra que existe no Brasil todo e em Natal, 6x3; eram 471 bancas na época. Então eu imaginei o seguinte: se eu for mais um jornaleiro, será apenas mais uma pessoa querendo vender jornais e revistas. Eu preciso ser *o* jornaleiro. Aos nossos alunos de Comunicação, quando vocês terminarem a graduação, não queiram ser só mais um jornalista, queiram ser *o jornalista*, o cara que vai fazer diferente. Nas 470 bancas que existiam, eu fui mais uma, e eu não queria ser mais uma banca, mais um jornaleiro. Comecei a usar manga comprida, gravata, minha equipe, que na verdade era minha mulher; [ela] também usava uma camiseta com gravata borboleta e um avental na frente. Então, daí pra frente nós começamos a dizer o seguinte: quem é que vem comprar na minha banca? As pessoas que chegam aqui vêm comprar o quê? Eu percebi logo que a maioria das pessoas que entravam na banca tinha uma criança. Eu trouxe todas as revistas infantis para a primeira prateleira, para que as crianças, quando entrassem na banca, não precisassem ficar: painho, mainha, titio ou vovô, me dê àquela revista ali! Ela ia naquela revista lá embaixo. Percebi que as crianças sentavam

no chão e às vezes estava com a roupa limpa, aí pedi pra fazer um tamboretinho pequenininho. Quando as crianças chegavam à minha banca, sentavam no tamboretinho e começavam a folhear a revista, e o que aconteceu? Quando eu via uma criança que o pai, o tio ou responsável que dizia assim, “meu filho, não mexa pra não amassar a revista”, eu me sentava do lado do garoto, pegava uma revista e amassava na frente dele, passando a revista como a criança faz com os dedos. Resultado, o garoto olhava pra mim e dizia: “tio, você é massa, cara!” Eu criava uma sintonia, empatia com aquela criança que estava ali e, a partir de então, os pais chegavam para conversar comigo: “rapaz, no meu bairro tem uma banca de revista, mas esse menino só quer parar aqui, não sei o que ele vê aqui”. Eu sabia o que era, era a sintonia, eu me tornava um vendedor do tamanho deles, porque eu me sentava no chão e eles, no tamborete, eu tentava mostrar pra criança que amassar uma revista não era pecado, não tinha transtorno nenhum. O que acontece, a criança olhava 3, 4 e levava 10 revistas, porque quem compra não é o pai; o pai paga, quem compra é a criança.

Joan França: O senhor defende a ideia de que você pode ser o próprio chefe. Como isso é possível, um empreendedor ser o próprio chefe?

Jussier Ramalho: No mundo de hoje, eu faço muitas palestras como esta aqui, com um convidado meu, Semio Timeni, que é um palestrante amigo meu; nós apresentamos um programa na rádio 94 toda sexta-feira. E a gente bate na mesma tecla, nas minhas palestras para jovens, eles dizem: “eu quero ser empreendedor, não quero ser concursaço”. Mas o mercado é difícil, não existe uma linha de crédito fácil pra gente tomar dinheiro emprestado e começar um negócio. Geralmente eu faço essa pergunta: você tem um celular, um smartphone? Venda e compre um carro de pipoca ou sorvete e comece seu negócio. O problema é que as pessoas querem começar por onde os outros estão terminando. Então, empreender sua vida, mudar o seu negócio, é preciso que você queira. E para querer, é preciso sacrificar algumas coisas. “Ah, eu tenho um smartphone *top* de linha que vale três, quatro mil reais”. Venda e compre um pequenininho, e pegue os três mil reais e invista no próprio negócio. Com três mil reais, você comece qualquer negócio pequeno que vai te dar rentabilidade. Quer um exemplo claro? Com três mil reais você vai no CEASA e compra 500 reais de frutas, vá para o sinal ou para um ponto, você apura 100%, os mil reais no final do dia, você pega os quinhentos reais, bota no bolso pra comprar no outro dia, os quinhentos reais de apurado que não é lucro, guarda, compra mais quinhentos, vende novamente, apura quinhentos, guarda novamente, e

vai gastando, por exemplo, 10% do que você ganhou. Dos quinhentos que gerou o lucro, vai gastando e guardando o restante; no final de cinco dias, você tem dois mil e quinhentos reais. Então, é difícil ganhar dinheiro? Não. É preciso muita vontade; ganhar dinheiro não é difícil, é trabalhoso. O que as pessoas às vezes querem é o seguinte: eu não vou vender meu smartphone, porque eu vou ficar sem o meu smartphone, sem meu celular. Eu vendi as coisas que tinha para investir num negócio; às vezes deu errado, naturalmente, mas ninguém precisa ficar se lastimando porque errou. Porque na verdade não existe erro, e, sim, aprendizado.

Apresentador: O brasileiro é, na sua essência, um povo empreendedor?

Jussier Ramalho: Sim, mas muito acomodado. As pessoas pensam muito, e ficam preocupadas com o que o vizinho vai dizer se ele não der certo. Eu não posso me preocupar com que o meu concorrente, o meu vizinho, a pessoa do clube, o meu colega vai [me dizer, se vai] me criticar se eu não acertar. O ruim é você chegar no final da vida e imaginar: “eu deveria ter tentado. Eu não consegui, mas eu também não tentei”. Se você tenta e erra, palmas para você, cara, você errou, aprendeu com os erros. Porque errar é natural, o que [é] anormal é você não aprender com os erros.

Rafael Lopes: Se errar é natural, você poderia contar algum erro fatal que cometeu no início da carreira e que hoje está superado?

Jussier Ramalho: Um erro fatal é odiar. A pior coisa do ser humano é odiar. Quando eu estava com seis, oito anos de idade, meu pai não morava com a gente. Eu sabia que meu pai tinha uma condição financeira muito boa, e eu aprendi, incentivado por todo contexto que eu tinha, que [tinha que] odiar meu pai. O pior câncer é o ódio, o pior mal que existe no ser humano é o ódio. Onde existe ódio não existe amor, onde não existe amor não existe bem-estar, amabilidade, não existe olhar nos olhos das pessoas e dizer assim: “eu posso te ajudar, eu sou igual a você”. Então, quando você odeia, é como o veneno que você toma querendo que o outro morra. Quando você não quer errar, tire o ódio do seu coração. Eu errei porque, no início, tinha ódio dele, depois comecei a entender: Por que ter ódio de alguém? O ódio que tenho por ele vai me fazer bem? Vai atingi-lo? Não vai. E agora voltando para o lado comercial, eu tinha vários negócios: uma sorveteria, uma lanchonete, uma banca e uma loja pequenininha de vender roupas, e eu percebi que eu não tinha condições de focar em todos os negócios. O que temos que fazer, pra você que está assistindo: focar em um negócio. Quando esse negócio estiver sólido no mercado, a

sua marca ficar sólida, aí você pode optar por outro tipo de negócio, ou, [fazer] como tem muitas pessoas que têm vários negócios, várias frentes de ações. Então é importante que você tenha foco, eu tinha cinco, seis tipos de negócio e não tinha foco em nenhum, nada dava certo. Quando quebrei tudo de uma vez... quando vendi as coisas, não dava para pagar os fornecedores.

Letícia Araújo: Quando você percebeu que sua história poderia ser motivação para outras pessoas?

Jussier Ramalho: O ser humano, ele é um grande contador de histórias. Quando nós estávamos na época das cavernas, como eram as conversas das pessoas? Elas ficavam em volta de um fogo para conversar, bater papo, e geralmente o mais velho contava as histórias para os mais jovens. A contação de história, quando eu era jovem, a gente ficava brincando muito e ouvindo, quase que hipnotizado, as pessoas contarem histórias. Então, eu sempre fui um grande ouvinte de contação de histórias; a gente chamava de “história de trancoso”, vocês não sabem, mas seus pais e avós vão saber o que é isso. A história de trancoso é aquela história que você contava contos da carochinha, os pais criavam histórias e a gente ficava hipnotizado ouvindo aquelas histórias. A tal ponto de perguntar no outro dia: “E aí, como é que continua aquela história?” O pai e a mãe,

às vezes, inventavam histórias e não sabiam que a gente estava com tanta atenção. Eu comecei a observar isso na banca de revistas; comecei a ver que as pessoas chegavam na banca pra conversar suas coisas, porque a banca não é só um ponto onde você compra revistas e jornais, compram informações; as pessoas queriam conversar. A gente começou a criar um relacionamento com os nossos clientes. Quando começamos a ter esse relacionamento, passamos a ouvi-los muito mais. E quando comecei a ouvir meus clientes, passei a contar histórias para eles. Algumas histórias eu criava para persuadi-lo, convencê-lo, porque às vezes chegava na minha banca estressado demais, porque tinha brigado em casa, discutido com um empregado, com a família, ou a mamãe chegava ali para desabafar. Eu começava a contar histórias para ele que, dentro do contexto, fosse fazer com que ele se acalmasse. Percebi que a contação de história era interessante. Até que um dia, eu estava na banca, e um professor de uma universidade do curso de Jornalismo disse: “eu tô com a garganta muito irritada e vou dar uma aula hoje, meu coordenador vai estar comigo lá. Existe a possibilidade de você ir comigo para a gente fazer uma aula diferente? Pra gente bater um papo, falar um pouco das ações de *marketing* que você faz na banca?” [Respondi] “Mas eu vou contar isso assim?” [Ele então] “As pessoas vão gostar do que você vai contar, o que faz na banca, o atendimento, o envolvimento do cliente, os trabalhos sociais que você executa.” Eu falei:

“Tá bom”. Fui. Quando chegou a noite, muito nervoso, claro, quando eu cheguei lá, e comecei a contar as coisas que eu fazia na banca, percebi que as pessoas ficavam paralisadas ouvindo o que eu estava contando, quase que hipnotizadas. Eu me lembrei da época de criança, quando eu ficava ouvindo a minha mãe contar histórias; então, naquele momento, percebi que poderia contar outras histórias. Contei lá outras histórias do que havia acontecido comigo antes da banca. Uma semana depois, outras universidades começaram a me procurar, a UFRN começou a me chamar. Então a contação de história é bacana, vou me profissionalizar, porque não é a contação de história em si, é como você conta a história, mas que sua história seja verdadeira, você tem que contar histórias sem criar, sem inventar, sem fazer conto de fadas. O que eu fiz? Comecei a mostrar situações que aconteceram dentro da banca, situações que me levaram a chegar na banca e antes de chegar a banca, o que havia me colocado no mundo com tanta garra, com tanta disposição para chegar e fazer o que estava fazendo. Já tive público de cinco mil pessoas no Fortaleza Hall, no Ceará, com Roberto Justus e mais 13 palestrantes. Eu já fiz evento numa casa de *show* enorme, para quatro mil e quinhentas pessoas. Nunca imaginei falar para essa quantidade de pessoas. Fui me especializar, fazer cursos fora de Natal, fiz curso aqui com um cara daqui de Natal, gente muito boa, talentosíssimo, Nil Moura, do circo Glock, [que] me ensinou sobre tablado e como alcançar a

voz para com a plateia. Depois fiz alguns cursos em São Paulo, desenvolvi meus *slides* com equipes boas, procurei os melhores que tinham. Hoje, por exemplo, uso meu equipamento *top* na palestra desenvolvida por profissionais de São Paulo e uso, também, filmes desenvolvidos por [um] profissional daqui da terra, chamado Fernando, que faz em 3D as minhas animações. Onde eu chego para dar palestras, as pessoas perguntam: “quem é que fez esse material?” E é um profissional daqui da nossa cidade. Uma coisa que eu queria, aproveitar o programa para abrir a cabeça ou alertar os novos empreendedores, os grandes empresários: contratem profissionais da terra. Não significa dizer que um bom profissional tem que ser de fora. Aqui tem gente talentosíssima, grandes consultores, jornalistas, juristas, *chefs* de cozinha. Por que importar, se eu tenho gente de alta qualidade aqui, de primeiro time? Aqui tem gente profissionalizada, gente capacitada; então busquei um profissional de fora, um daqui, juntei os dois, fizemos um grande projeto, e aí, por esse motivo, ando pelo país inteiro dando palestra.

BLOCO 2

Apresentador: Além dessa sua atuação frente às palestras motivacionais levando boas histórias que motivem a sociedade em diferentes âmbitos, você tem um livro publicado:

Você e sua melhor marca, pela Alta Books Editora. Como é que surgiu o processo criativo e da onde surgiu a ideia de publicar livro?

Jussier Ramalho: Eu estava num evento em São Paulo, e minha vida tem muitas coisas interessantes. As pessoas dizem que existe sorte. Não existe sorte, você tem que estar pronto. Como tô falando com um público muito grande, pela TV Universitária, para jovens que estão me entrevistando aqui e os que estão nos assistindo, presta muita atenção: não existe sorte, existe você estar preparado para, na hora que é oportunidade cair no seu colo, você estar pronto para desenvolvê-la. Foi isso que eu fiz. Eu estava na palestra em São Paulo e o equipamento de um amigo deu pau. Esse cara é sensacional, Ricardo Bellino, e aí ofereci meu equipamento para ele. Ele deu a palestra com meu MacBook. O que aconteceu logo depois? Ele disse *muito obrigado*, e então começamos a conversar. Ricardo Bellino é nada mais nada menos que sócio de Donald Trump, atual [na época da entrevista] presidente americano. Ele gostou do meu jeito, ouviu minha história, minha palestra, e disse que iria lançar um livro e queria falar comigo. Ele lançou um livro onde conta a história de algumas pessoas, entre elas, Silvio Santos e tal, e conta um pouco da minha história nesse livro: *Escola da vida*. Ele disse: a sua história é muito interessante, por que

você não lança um livro contando sua história? Me convidou para esse projeto, me apresentou a empresa, a editora, fui lá, conversei com algumas jornalistas, alguns colegas de vocês que sempre me incentivaram bastante. Sempre tive um apoio muito grande dos jornalistas, sou muito grato a essa profissão maravilhosa. Escrevi o livro em 45 dias, eles me ajudaram; e já estamos na 19^a edição. Depois que eu lancei o livro *Você é sua melhor marca*, aconteceu uma coisa interessante. Eu estava em Natal, o telefone na minha casa toca. Eu não falo inglês, falo português muito mal, não tenho formação acadêmica. Atendi. Eles disseram assim: *Hello?* Eu disse *Hello!* Do outro lado da linha, alguém diz assim: “É o Mister Jussier?” Eu disse: *Yes*. E aí perguntaram: *No speak English?* E eu, “deixa de onda, deixa de brincar comigo”, achando que era um trote, que era brincadeira até. Resultado: era alguém de fora do Brasil tentando falar comigo, querendo me entrevistar, eu não sabia inglês. Me mandaram um e-mail, pedi para um amigo meu traduzir. Eles queriam me entrevistar. Marcamos um questionário, com quatrocentas perguntas, e depois disso, marcaram uma entrevista de duas horas por videoconferência. Fizeram análise muito forte, e disseram: “Nós temos milhares de pessoas no mundo inteiro, somos da Caliper, e estamos escolhendo 20 pessoas para lançar um livro em inglês, que é este aqui”. Na verdade, eu não

acreditei, porque são milhares de pessoas no mundo inteiro sendo pesquisadas pela Caliper Americana no estado de New Jersey, e disseram: “Nós queremos conhecer no lançamento de 50 anos da Caliper, vamos lançar um livro”. É esse aqui com essa capa que vocês estão vendo, e a primeira história do livro é a minha. Autografado pelo presidente da Caliper, [que] inclusive é cego, é deficiente visual. Ele mandou para mim o convite da Caliper americana, me convidando para que eu fosse fazer o lançamento lá. Eu fui coautor do livro; isso me deu muita visibilidade. Então, a partir daí eu me tornei um palestrante, que fora do Brasil as pessoas começaram a me ver. Então, fora do nosso país, as pessoas já conhecem o trabalho de um, de um potiguar, norte rio-grandense, de um nordestino arretado.

Felipe Matheus: Qual estratégia você montou para conseguir contar toda sua história no livro?

Jussier Ramalho: Esse livro é uma biografia comentada. Na verdade, euuento histórias que aconteceram comigo desde os oito anos de idade até recentemente. Só que, em cada história, em cada capítulo, tem sempre um exemplo de como você pode se tornar um empreendedor. Algumas universidades adotam esse livro para fazer resenhas no curso de Administração, Economia, [Ciências] Contábeis e até de Jornalismo, então, para fazer pesquisas, como fonte de

informações e de resenha para que eles possam fazer alguns trabalhos. Então, euuento a história, mas comentando para os dias de hoje.

Apresentador: Como foi sua participação no programa *O Aprendiz*, com Roberto Justus?

Jussier Ramalho: No bloco passado, eu falei que era importante que as pessoas estivessem prontas para quando as oportunidades surgissem. Então, eu fui a São Paulo dar uma palestra e conheci Walter Longo, presidente do grupo Abril, que na época era vice-presidente do grupo Roberto Justus. Walter Longo e [eu] começamos o bate-papo na sala VIP; na sala VIP, nós somos todos iguais, e então ali, naquele momento, era um palestrante, o vice-presidente da empresa e um jornaleiro. Mas a gente começou a conversar, eu disse que tinha muita vontade de conhecer Roberto; ele disse, “vamos lá amanhã”. Eu fui no outro dia. Quando cheguei na sala, a secretária disse que tinha conseguido um espaço de cinco minutos na agenda dele para que eu pudesse conversar. Quando eu entrei para falar com Roberto, eu comecei a conversar e cinco minutos se tornaram cinquenta minutos, porque me convidou para sentar, e nós começamos a conversar, e eu, olhar para o relógio e tal, preocupado com o horário dele, mas ele não estava mais preocupado com o horário porque a conversa foi muito interessante.

Já saí de lá com o convite para participar do *Aprendiz*, fui como consultor. Não devo ter ido muito mal, não, porque foi bacana. A equipe que eu estava ajudando foi a vencedora. Nós trouxemos essa equipe para Natal, participaram de várias ações aqui em Natal. E assim, Roberto Justus, tenho um carinho muito grande por ele porque foi uma pessoa que foi um divisor de águas na minha vida. Ricardo Bellino, Roberto Justus, Alexandre Garcia, Stephanie Canitis são pessoas que eu devo muito.

Lucas Félix: Como você vê o empreendedor potiguar em relação à média do Brasil? Aqui é mais propício ou menos?

Jussier Ramalho: Olha, a média do Brasil não vou citar, porque em todos os lugares existem pessoas que têm muita vontade e não conseguem fazer. E existem pessoas que têm vontade e fazem; isso é proporcionalmente em todas as cidades do Brasil. O povo brasileiro é um povo alegre, feliz na verdade; muitas vezes nem deveria ser tanto, porque as dificuldades que a gente passa são muito grandes, mas o povo brasileiro é empreendedor por natureza. A mulher brasileira é empreendedora nata, está chegando agora e pegando seu nicho de mercado. Então o que eu digo sempre é que é fundamental que as pessoas abram seus negócios, mas [o que] é mais importante ainda é que treinem. O grande problema é que o empreendedor ou os grandes gestores acham que

treinar um profissional, qualificar seu profissional, é gastar dinheiro, e na verdade não é. Toda empresa precisa qualificar o seu profissional, toda empresa precisa dar condição para que o profissional se modernize. Por exemplo, vocês [que] estão se graduando, todos nós, eu que estou aqui sendo entrevistado, o entrevistador, vocês, a câmera, o diretor do programa, todos nós estamos demitidos, e só não sabemos quando. É apenas um ponto, todos nós estamos, que estamos assistindo agora esse programa, todos vocês estão demitidos, porque, se você não muda, não treina, não se atualiza, está demitido do mercado. É preciso que o empreendedor, empresário, grande empresário entenda isso. Bota na cabeça que treinar equipe é fundamental para que o profissional se modernize, se torne valorizado e seja feliz no que ele faz. Porque, muitas vezes, você tem aqui grandes profissionais na TV, por exemplo, e quase não existe uma reciclagem ou um incentivo para fazer um curso, ou em qualquer televisão. Estou falando em qualquer área, inclusive. Esse profissional começa a se desmotivar: eu não vou fazer curso, não saio para fazer um seminário. Então isso desmotiva, e é importante que as pessoas entendam que todos os profissionais precisam estar o tempo todo se qualificando, porque as oportunidades surgem dia após dia, e é importante que você esteja pronto

no mercado para, quando a oportunidade cair no seu colo, você se abraçar com ela e dizer assim: “agora eu vou embora”.

Rafael Lopes: Você poderia dar uma dica voltada para a área de Comunicação em relação a empreender?

Jussier Ramalho: As pessoas dizem assim: “ah, eu empreenderei bem se eu fizer o que eu gosto”. Não é bem assim. Você tem que fazer o que é bom, quando você faz, você gosta. Por exemplo, eu conheço muitos empreendedores ou muitas pessoas que, às vezes, vão muito na onda. Eu sou totalmente contra o modismo, a manada. Por exemplo, aqui, Natal, vamos trazer para nossa cidade. Há uns três, quatro anos começou o modismo dos *food trucks*; todo mundo abriu um caminhão ou um carro de *food truck*. Cara, todo mundo fazia tudo igual, o que aconteceu? O mercado começou a encolher, e aí várias situações; o mercado diminuiu, desaqueceu. Começou a febre do Pet[shop], todo mundo abriu um Pet[shop], e agora são as barbearias; todo mundo faz um curso e vai ser barbeiro. O que serve para você que me fez a pergunta não serve para aquele outro. Se você bota um negócio e dá certo, pode ser que ele vá colocar o mesmo negócio e não dar certo. É importante que você primeiro pesquise o que está fazendo, veja o mercado consumidor, entenda de ponto, de como abrir um ponto, porque as pessoas dizem, “vou abrir um comércio”, abre em qualquer lugar, de

qualquer jeito, porque é mais barato. Nem sempre o que é mais barato vai lhe servir. O restinho do dinheiro que você tem da venda do seu carrinho, do seu celular ou terreno, investe num negócio e não fez pesquisa de mercado. Por exemplo, eu deixo meu telefone aberto; qualquer um de vocês que quiser me perguntar depois, entrar em contato comigo, tirar dúvidas, estou à sua disposição. Inclusive, aproveitar o programa para dizer: se vocês, universitários, que estão me assistindo agora, quiserem entrar em contato comigo, meu telefone é simples demais, é 99991 3795, vai aparecer aí no vídeo. Você pode copiar, me perguntar, que o meu telefone não desliga, é 24 horas ligado. Pode perguntar o que vocês quiserem, se eu souber, respondo. Então ele me perguntou: “eu abri um negócio e não tá dando, uma loja de roupa”. Eu fui olhar o ponto onde ele abriu o negócio. Olha só os erros, uma loja de roupa numa esquina. Esquina é o pior lugar de você abrir um comércio pequeno; numa esquina de rua dobrando o carro, passando de carro, geralmente você não para para olhar de lado porque está prestando atenção na curva, não vai olhar para sua vitrine. Evitem as esquinas. Elas são boas quando o negócio é grande, uma grande fachada, mas lojas menores têm que estar sempre do lado da sombra, porque é uma das pessoas que caminham na calçada, tem que estar sempre no meio da quadra, porque é aonde você

diminui a velocidade do carro, você pode parar para alguém desembarcar e embarcar. Então você, que tá me assistindo, presta atenção, são dicas simples para você fazer uma boa leitura, pra que você possa ver em três segundos uma vitrine. Tudo isso chama atenção por qualquer que seja o serviço. As pessoas estão agora, estamos na linha da moda, que é a de rede social, não é bem assim, vende tudo pela rede social e esquece a TV? Não! Ela tem que ser um complemento, por exemplo, mesmo sendo um complemento, as pessoas não sabem fazer algumas coisas. Vamos aproveitar esse programa para fazer uma consultoria. Por exemplo, você que tem barba bem feita, um galã, o que acontece: mostra você de lado com a barba feita. Poxa vida, tem duzentas mil pessoas fazendo a mesma barba que você. Pare de fazer o que todo mundo tá fazendo. Os homens gostam de usar gel no cabelo ou barba, dá uma dica na barbearia: Olha, se você usa no cabelo à noite, lave o cabelo, não durma com o gel, porque dá caspa. Por que só postar barba feita ou um cabelo raspado? Poste serviços, informações; o cliente ou consumidor não compra só um produto ali, compra serviço, e eles começam a seguir pessoas que estão dando condições de você ter serviço. Por exemplo, aqui em Natal, tem uma sapataria, a Vigo, que eu sou fã. Eles não fazem só propaganda de sapato, dão dicas. Por exemplo: Se a senhora usa sapato de couro, não use dois

dias o mesmo sapato porque o pé transpira e aí dá o famoso chulé. O sapato de couro não deve ser exposto no sol quente, deve secar na sombra. São informações que começam a dar para quem comprou um sapato, e o cara vai perceber que essa loja não quer me vender só sapatos, ela está me prestando um serviço. Era isso que eu fazia na minha banca; eu não vendia a revista, eu vendia serviços.

BLOCO 3

Apresentador: Num país como o Brasil, onde a gente tem indicadores claros de desigualdade social, o discurso da meritocracia se aplica a qualquer um, a gente pode realmente generalizar esse discurso?

Jussier Ramalho: Eu acho que sim porque, por exemplo, vamos pegar meu caso. Nasci nas Quintas, como falei anteriormente, numa família pobre. Passei fome até os 17 anos. Já passei dois dias sem comer nada, passava o dia todinho só bebendo água. Então, o que me fez sair desse fundo do poço? Muita vontade e determinação. Só vontade e determinação não me trariam para cá; eu tive que fazer o que as pessoas geralmente não faziam. Por exemplo, não tenho formação acadêmica, como eu já falei para vocês; quando era garoto e não podia estudar mais, eu pegava os jornais, antigamente nas mercearias embalavam o sabão, se

enrolava o feijão, arroz, com jornais, e eu ia numa mercearia lá na Lagoa Seca na Rua São José, de Dona Suzana, pegava os jornais para ler, exercitar a minha eloquência, a minha capacidade de escrever. Fui me preparar, ter méritos para, quando conseguisse o emprego, já estivesse sabendo. Aos 16 anos, fui trabalhar numa Kombi no interior do Rio Grande do Norte, chamado João Câmara. O cara que dirigia era o dono e vendia biscoito, pão, bolo, e eu era só um entregador de pão e bolo. Fui entregador de pão e bolo meritocracia, se você é contratado por uma empresa e você só faz a função para [a] qual foi contratado, você sempre vai receber esse mesmo valor, esse mesmo dinheiro. Portanto, vocês, universitários que serão profissionais amanhã, sempre tentem fazer mais do que foi pedido. Era o que eu fazia. Fui contratado para ser entregador de pães quando cheguei em João Câmara. No primeiro dia, a Kombi abriu, colocamos tudo em exposição, e havia 15 a 20 Kombis vendendo os mesmos produtos que a gente vendia. Eu perguntei para o dono da Kombi: “Por que que a gente não oferece quando as pessoas estão chegando na feira?” [Resposta] “Porque ninguém compra, as pessoas só compram biscoito, pão e bolo quando voltam da feira. Porque é costume, hábito, as pessoas fazem isso, fique calado porque você foi pago para entregar biscoito!” O que aquele empreendedor fez naquele momento? Ele não sabia me responder, estava fazendo o que todo mundo estava

fazendo, indo para *manada de elefante*. E eu, que estava questionando para poder *sair do quadrado*, eu fui dar uma volta na feira e observei que as pessoas estão comendo doce e queijo nas bancas, fazendo a feira e comprando doce, queijo. Voltei correndo e observei uma coisa que o mercado não havia observado naquele momento. O consumidor estava consumindo, comprando na feira, e quando ele voltasse para o biscoito, compraria menos. Se eu gasto mais dinheiro lá, quando eu volto, vou comprar menos porque meu dinheiro está acabando. Ele disse: “E você quer que eu faça o quê?” [Respondi] “Vamos pegar as pessoas que estão chegando; me dê um saco de tareco”. Nós, nordestinos, sabemos o que é tareco. Ele me deu um saco de tareco contra a vontade dele. Quando as pessoas desceram do caminhão, já vinha há duas horas em cima daquele caminhão. É simples você imaginar isso, eu peguei um tareco e coloquei na boca do moço, um senhorzinho que vinha na minha direção pegou o tareco, botou na boca, me deu um abraço, achou que eu ia cair, porque eu era magro. Meu apelido era *corta vento*. O que aconteceu comigo quando eu botei o biscoito na boca dele, que ele me abraçou, eu disse: “Tá vendo como meu biscoito é gostoso?” [risos] Ele disse: “E eu quero um pacote!” Era igual a um padre colocando hóstia na boca das pessoas, e, resultado: todo mundo começou a comprar pão, biscoito,

bolo, naquele momento eu fiz degustação. Hoje ninguém compra produto sem degustar; até pra casar você degusta antes. [risos] Então, é importante que as pessoas entendam que degustação é isso; as pessoas precisam entender, mudar, sair de o quadrado, sair daquela caixa, fazer tudo que todo mundo faz todo dia, você só ganha o que todo mundo ganha, e você nunca vai conseguir se tornar uma pessoa rica. Hoje, para ser rico, não é saber economizar, é preciso saber gastar.

Lucas Félix: Ultimamente, está tendo uma tendência muito forte dos empresários, das pessoas da iniciativa privada, virem para a vida pública, para a política. O que o senhor acha desse movimento, e toparia assumir um cargo mesmo que não fosse como candidato na Secretaria?

Jussier Ramalho: Não. Eu acho que não pode misturar. Empresário tem que tomar conta do Brasil com seus negócios; agora, políticos têm que modificar. Não podemos ter um Estado tão caro como nós temos porque quem paga o Estado são os empresários. A iniciativa privada é que gera riqueza, quem paga o serviço público são os empresários do Brasil, e não são beneficiados com nenhum tipo de lei que o ajude. Como é que aumenta a máquina do Estado e a economia não cresce? Porque o empresário não tem incentivos. Com o tempo, isso vai parar se igualar, e depois não vai ter mais dinheiro. Então é importante que o país

incentive o empreendedorismo. Os países ricos são os países que empreendem; é uma cultura muito interessante. Nós, os empreendedores brasileiros, não temos a cultura de incentivar o colega que está crescendo, que está vencendo; nós temos a cultura de derrubar a pessoa. Euuento uma história muito engraçada, que chegou uma pessoa em São Paulo, no hotel, com a caixa de caranguejo, e quando foi fazer o *check-in* no balcão do hotel, uma moça disse: “Que bicho é esse aí?”, porque ele abriu a caixa para os caranguejos ficarem respirando. Ele disse que eram caranguejos. “E eles não vão me morder não?” “Morde, não”. Ele terminou de fazer o *check-in*, fechou a caixa para mandar deixar na casa do amigo, e a moça disse: “Eu queria te fazer uma pergunta. Como você tinha tanta certeza que esse bicho não ia sair para me morder?” [Resposta] “Porque são tudo natalense, quando um começa sair, o outro puxa pela perna para derrubar”. [risos] Eu tô dizendo isso de brincadeira, mas olha só, nós habitualmente, quando estamos num negócio, quando começamos a crescer, alguém começa a lhe derrubar; as pessoas usam as redes sociais para derrubar o outro, criam *fakes* para poder maltratar, atrapalhar a vida do outro. *Tem que incentivar que ele cresça para que eu cresça no rastro dele.* As pessoas vibram com a desgraça alheia, e essa maldade que existe dentro das pessoas precisa ser dominada. Todos nós temos a maldade dentro da gente, e é fundamental que a

gente entenda isso. Olha só como nós temos maldade: Você passa num acidente e para pra olhar uma pessoa acidentada, você vai contribuir com alguma coisa? Não! É o médico que vai fazer, é o SAMU que vai fazer, mas a gente para para fotografar; isso é maldade. Por que as pessoas ainda querem fazer justiça com as próprias mãos? Lincham um e outro, [só que] ninguém tem autoridade para tirar a vida do outro. Nós temos tanta maldade dentro da gente, que matamos o Judas, estraçalha o bicho no chão, isso é maldade. Será que Jesus ensinou isso? Tire o ódio do coração! Olha que raciocínio ilógico, você diz assim, prega o amor na Semana Santa, e pega o Judas, vai matar, rasgar, pisotear; então é preciso que as pessoas entendam isso. O empresário precisa estar sempre pronto para trabalhar pelo Brasil, pela economia, pelos negócios, gerar riqueza. O serviço público tem que ser feito por político pelo público. Essa mistura não fica legal. Então, acho que cada um na sua, agora os dois precisam se ajudar.

Apresentador: Você falou muito nessa necessidade de desenvolver uma cultura empreendedora e do Estado incentivar esse tipo de cenário. Até que ponto o senhor vê as políticas assistencialistas e inclusivas, como bolsas ou políticas de cotas, como benéficas para ajudar nesse processo de empreendedorismo?

Jussier Ramalho: Muito boa pergunta. Eu não concordo, mas não sou ninguém para dizer nada. Eu não acho certo dar bolsas, porque, em vez de você dar bolsas, dê capacidade para que a pessoa abra seu próprio negócio. Por que você não gera riqueza para que as pessoas começem a ter seu próprio negócio? Olha só, é melhor você ganhar 170 ou 200 reais todo mês numa bolsa ou ensinar, treinar aquela pessoa a serem empreendedoras e ganhar seu dinheirinho? Vou dar um exemplo muito claro: qualquer pessoa pode começar um negócio com 500 reais; uma banca de frutas, de doces. É simples. O grande problema é que as pessoas não querem começar de baixo, não acreditam no empreendedorismo. Por que não existe uma política pública de excelente qualidade, que treine, qualifique, incentive? Não adianta eu lhe dar um comércio sem treinamento, sem qualificação; você abre um negócio e quebra. O SEBRAE está aí para comprovar isso. 80% das empresas morrem no segundo ano porque as pessoas confundem faturamento com o lucro. Uma menina me procurou e disse: “Jussier, eu ganho todo dia 500 reais, e estou passando uma fase difícil, não sei pra onde esse dinheiro vai. Eu compro todo dia 500 reais de produto, no final do dia, eu vendo, apuro mil”. Na cabeça dela, e da maioria das pessoas, ganhou 500, mas não ganhou 500. Era para ganhar quanto por mês? 15 mil, e esse dinheiro eu não vejo. Ao invés dela

gastar apenas 100 com as despesas do dia a dia e guardar os 400; mas o problema é que as pessoas começam um negócio e já querem trocar o celular; tem essa camisa ali; começa almoçar fora, a trocar o tênis. Aí todo dinheiro que entra não consegue capitalizar-se, porque ele não consegue juntar, não sabe gastar. Eu disse, antes nascer feio e pobre como eu nasci, é a consequência do destino. Agora, morrer pobre e feio é incompetência e preguiça danada. [risos] Portanto, saiba gastar. Essa é a filosofia: saber gastar.

Joan Fontes: Você disse que não tem formação acadêmica. O quanto isso foi um empecilho na sua carreira? Alguém já te olhou com desconfiança?

Jussier Ramalho: Muito incentivo [a] todos vocês que estudem, pesquisem, se qualifiquem cada vez mais. Só com o estudo você pode criar asas e sair do lugar. Eu consegui alguma coisa, mas sofri, ralei, fui muito discriminado. Muitas empresas, no início quando iam me contratar, viam meu portfólio, meu currículo, às vezes não queriam: “Me diga alguém que você já trabalhou para dar um depoimento”. Eu passei muitas dificuldades, mas só estudo, qualificação, faz com quem você saia do lugar. Aproveitem vocês, que estão na Universidade Federal sensacional, uma das melhores do Brasil, aproveitem essa oportunidade que poucas pessoas têm de estar aqui nesse momento. Esses cinco anos que

vocês estiverem aqui, se doem, façam o máximo que vocês puderem. A todos os estudantes, uma mensagem para vocês interessante: as pessoas entram na faculdade e ficam seis, sete, oito, dez períodos apenas somente com o que o professor doou e ensinou. Por que que não pesquisa, não vai às empresas buscar estágio? Se você chegar na empresa para passar um dia pesquisando sobre ela, qualquer empresa, qualquer uma, vai abrir suas portas. Comecem, são 30, 40, 50, 100 casos que você vai ter na sua empresa, na empresa chamada *você*.

Felipe Matheus: Qual é o maior erro que as pessoas que querem empreender cometem?

Jussier Ramalho: Fazer o que todo mundo está fazendo é imitar os outros, não criar. As pessoas gostam muito de imitar, como eu falei sobre os *food trucks* ou pet shops, [o negócio de] barbearia. O que tá dando certo para um necessariamente não é obrigado a dar certo para o outro.

CONSIDERAÇÕES

Jussier Ramalho: Aproveitar esse programa para dizer o seguinte: todo empreendedor ou empresário que estão nos assistindo hoje pode começar a mudar o mundo. Na palestra *TED*, que eu já participei de dois *TEDs*, que é um projeto americano, eu sempre digo que são 12 dias para mudar o

mundo. O ano tem 365 dias e 12 meses; se você escolher um dia por mês para visitar uma instituição e se dedicar para ajudar essa instituição, você vai, com certeza, mudar a vida daquela instituição, e termina mudando o bairro, a cidade. É isso que eu faço. Tenho dois projetos sociais que sou voluntário: o Lar da Vovozinha e a Escola Casa do Caminho, em Ponta Negra, têm 76 crianças, oferecemos em média dez mil refeições para as crianças e os familiares. Oferecemos, por mês, 460 cestas básicas, mais ou menos oito mil refeições, entre sopas. Essas crianças chegam às sete da manhã e ficam até às cinco horas da tarde, se alimentam, têm atendimento médico-odontológico, enfardamento, e saem de lá aprendendo o que é cidadania com oito anos de idade. Então, qualquer um pode fazer: vocês que estão começando a vida jovens, vocês que estão nos assistindo agora, mude a sua cabeça, o seu comportamento e a sua atitude enquanto cidadão, para que você possa mudar o mundo. O mundo não vai se transformar sozinho, é muito difícil; é preciso que você use esses 12 dias durante uma vez por mês, doze dias por ano para mudar, porque a gente faz, e muita gente cobra. Passe a cobrar menos e passe a fazer mais. Experimente, você, telespectador, passar um dia sem julgar, é tão difícil, mas tente; fico aguardando seu contato pra dizer se você conseguiu passar um dia sem julgar alguém.

Capítulo 7

Entrevista com Mirian Moema Filgueira Pinheiro



PROGRAMA 5

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Gustavo Sousa (Jornalismo)
Endy Mahara (Jornalismo)
Letícia França (Jornalismo)
Michelle Ariany (Jornalismo)
Jailson França (Audiovisual).

Entrevistado

Professora Mirian Moema Filgueira Pinheiro
Ex-chefe do Departamento de Comunicação Social,
estudiosa do telejornalismo e uma memória viva da
área de Comunicação Social.

Apresentação em *off*

A convidada de hoje do Xeque-Mate é uma das pioneiras do curso de Comunicação da UFRN. Miriam Moema Filgueira Pinheiro é graduada em Jornalismo, mestra em Ciências Sociais e doutora em Estudos da Linguagem. Da graduação ao doutorado, completou sua formação acadêmica na UFRN. É professora das disciplinas Dramaturgia e Roteiro e Laboratório de Telejornalismo. A televisão é uma de suas principais fontes de pesquisa.

BLOCO 1

Apresentador: Olá, Professora. Seja muito bem-vinda. Obrigada por aceitar nosso convite, é uma honra recebê-la aqui no *Xeque Mate*.

Mirian Moema: Obrigada vocês pelo convite. Me sinto muito honrada nessa emissora, onde comecei minha carreira, e agradeço imensamente o convite, e queria desejar um programa tranquilo, sereno e harmonioso, porque me sinto muito em casa aqui e com os meus alunos, que eu digo que é a força maior da minha vida.

Apresentador: Vamos começar, de fato, pelo começo. Jornalista, professora, pesquisadora, de onde surgiu o

interesse, como foi esse processo de escolha do jornalismo para o resto da sua vida?

Mirian Moema: É uma história bem interessante e que começou quando eu ainda era estudante do Ensino Médio. Fazia o curso preparatório para o vestibular, e eu achava que deveria, sempre pensei que deveria fazer Medicina, tinha um pouco de influência dentro de casa, e aí fiz o primeiro vestibular de Medicina, e ao fazer o vestibular, descobri que não era isso exatamente que eu queria. Tem um histórico da minha família também do Jornalismo, porque meu bisavô por parte de pai, que era jornalista, excelente orador, bem conhecido aqui no estado, que é Zé da Penha, já era na época escritor, escreveu vários livros e acho que essa tendência acabou influenciando na minha escolha pelo jornalismo. E eu também sempre gostei de falar, me comunicar, e [com] essa minha característica, sempre ouvia algumas pessoas me dizerem: “Essa aqui dá pra ser jornalista”. Em casa, assim mesmo, em reuniões familiares, diziam pra mim isso, e acabei, resolvi fazer o vestibular de Jornalismo, e me interessei muito em fazer porque, na época, a televisão tava surgindo com toda aquela expectativa que, hoje, as redes sociais fazem com os jovens, fez comigo, à época, a TV. E aí comecei e resolvi fazer Jornalismo. A partir daí me encantei.

Amo o que faço, adoro estar em sala de aula, gosto de ensinar, e a comunicação com a educação realmente me conquistou.

Gustavo Sousa: A senhora começou a sua vida profissional bem cedo, quando esteve lecionando na UFPB. Eu queria saber como era o jornalismo no estado naquela época e se já existia a TV Educativa.

Mirian Moema: Na verdade, quando eu fiz o concurso pra universidade, eu fiz na UFPB, na década de 80, e o jornalismo na Paraíba, o impresso, já era muito consolidado. Já o jornalismo audiovisual, especificamente o telejornalismo, não existia absolutamente nada, porque, na década de 80, a Paraíba não tinha sequer uma TV Educativa. E como nós conseguimos formar um pouco os alunos lá? Foi através de um convênio com a TV Universitária, a UFRN e a UFPB, trazendo os alunos pra cá, pra fazer e desenvolver a prática do telejornalismo aqui, porque quando eu fiz o concurso, a vaga era pra telejornalismo, lá na UFPB, e eu fiquei sempre trabalhando com os alunos, dava a parte teórica lá e vinha para cá, finais de semana. Normalmente, no semestre, vinha duas vezes e gravava os programas e levava para lá. Então, o jornalismo impresso era consolidado, mas o jornalismo audiovisual não existia.

Endy Mahara: A senhora foi também diretora de imprensa quando estava na UFPB. Queria saber se tem algum momento marcante desse período para lembrar.

Mirian Moema: Sim, com certeza. Eu passei no concurso, a universidade me liberou poucos dias para eu resolver minha situação aqui na UFRN porque entrei como aluno e, logo em seguida, fui contratada pela UFRN e fui funcionária da TV Universitária. E aí, fiquei um tempo aqui na TV Universitária; quando eu fui pra UFPB, fiz o concurso, e no mesmo ano que fiz o concurso, eu tive 15 dias pra deixar a UFRN e ir pra UFPB. Ao chegar na UFPB, no mesmo ano, eu enfrentei, tinha 24 anos, um problema sério, que foi uma greve de professores, que despontava lá na UFPB em função de um professor que havia sido demitido, e nós lá da UFPB, da época, foi pioneira na greve de servidores, de professores, só da universidade. Só a UFPB estava em greve, e nós conseguimos a readmissão do professor e, logo em seguida, eu me envolvi, me engajei na luta, e recebi o convite para fazer parte da chapa de diretoria, do Sindicato da Imprensa da UFPB, e aí fui, e nós ganhamos a eleição. Lá já era eleição direta, e a chapa ganhou. Concorri ao cargo de Diretora de Imprensa, e fiquei lá. Como Diretora de Imprensa, no ano seguinte, a gente enfrentou uma outra

greve, e não paramos mais de atuar. Fiquei na direção por dois anos e meio lá da imprensa.

Apresentador: Isso ainda em plena ditadura militar? Como era lidar com esse tipo de situação de luta pelo funcionalismo público em governo militar?

Mirian Moema: Ainda. Não foi muito fácil, foi muito difícil. Nós ainda conseguimos alguns ganhos, e aí conseguimos ganhos a ponto de deflagrar, em seguida, uma série de greve em universidades, inclusive daqui da UFRN. Nós nos deslocamos, eu vim a várias assembleias aqui como representante da UFPB, justamente para incentivar os colegas a não desistir, a resistir, para que a gente pudesse ter alguns ganhos do ponto de vista político e social também, e de garantia do emprego, da sua carreira.

Michelle Ariany: Como foi sua experiência quando estagiária aqui na nossa TV Universitária, ainda como estudante?

Mirian Moema: Imagine vocês que, na década de 70, a gente iniciando, a TV Universitária não tinha um espaço definido ainda. Eu estava iniciando o curso de Jornalismo, nós não tínhamos estágio com bolsa, não era estágio remunerado, era porque queria aprender, adquirir experiência na prática laboratorial, e as condições eram as mais difíceis possíveis porque a gente não tinha parque tecnológico que a gente

tem hoje, se é assim que podemos chamar. Não tínhamos os equipamentos que a gente tem hoje, nem sonhávamos ainda com as possibilidades digitais que temos hoje, e tudo era muito difícil, tudo era das primeiras experiências do sistema analógico, e as coisas eram feitas com muita dificuldade, e a gente não tinha praticamente um telejornal que comtemplasse a coleta de informação que fazíamos, eram pequenos *flashes* que entravam a noite. Muito precário mesmo. Então hoje, em relação a esse período, podemos dizer que a UFRN é um parque tecnológico.

Apresentador: A senhora saberia precisar como era a audiência daqueles que tinham televisores, naquela época, quando começou aqui na TV Universitária?

Mirian Moema: A audiência da TV, na época, era muito relacionada com as aulas que eram produzidas, que era o Projeto Saci, que atendia as escolas do estado do Rio Grande do Norte, e essas aulas eram produzidas por nós, da TV Universitária, e aí, a audiência era representativa na época porque as aulas eram passadas dentro da programação, e tínhamos audiência em função disso. Mas, assim, o jornalismo veio a se consolidar bem depois, na época de 80, e nós tivemos a oportunidade de participar de algumas reportagens e, particularmente, comigo aconteceu uma reportagem que nós, a TV Universitária vendeu as imagens pra TV Globo

de Recife, porque só nós da TVU tínhamos conseguido esse furo, essa matéria, e aí as emissoras privadas ficaram todas solicitando esse material em função disso. O jornalismo tinha seus destaques, mas bem depois. Foi um navio coreano que invadiu as águas e a Marinha fez todo um acompanhamento desse navio, até que conseguiu prender e trouxe para base naval de Natal, e a imprensa do RN foi proibida de filmar e gravar, e nós conseguimos. Eu lembro de um companheiro aqui da TV Universitária, um repórter cinematográfico, Casé, que foi comigo, que era a repórter escalada, alugamos uma canoa no Rio Potengi e fomos beirando o rio pela outra margem e conseguimos, com a câmera teleobjetiva, filmar o navio. Nos aproximamos um pouco, fomos advertidos e voltamos com o material já gravado, que serviu para as outras emissoras que não conseguiram gravar. Esse fato foi, inclusive, destaque na emissora. Recebemos uma cartinha do diretor parabenizando a equipe do jornalismo porque conseguiu essa grande coleta de informação expressiva.

Letícia França: Enquanto mulher, quais foram as dificuldades para conciliar as duplas, triplas jornadas?

Mirian Moema: É difícil, um pouco difícil. Hoje menos. Mas antes, na época, era mais difícil porque eu sempre estudava, trabalhava, sempre trabalhei; comecei a trabalhar aos 16 anos, e essas tarefas sempre foram meio difíceis de

encarar depois de um dia inteiro de trabalho, ao chegar em casa. Teve um período que eu casei, tive filhos, e ficou mais complicado, com uma bebê nova, e nesse período, inclusive, eu recebi um convite para ser diretora da TV Universitária, e não aceitei, porque não tinha condições, com uma bebê, minha filha novinha, e eu não tinha como conciliar. Mas fiquei de licença um período normal, que toda mulher tem direito na gestação e, em seguida, para dar aula, pra participar de congresso, escrever. Então, tudo isso ficou meio difícil. Mas, graças ao meu companheiro, eu consegui lidar um pouco com essa situação, porque ele foi um companheiro e tanto, me ajudando e cuidando da filha enquanto eu ia trabalhar, enquanto ele tava em casa. É complicado, é difícil. Hoje, acredito que estamos em outro momento, que há essa possibilidade de creche, e na época era tudo muito difícil.

Apresentador: A senhora mencionou há pouco que começou na UFPB e depois veio para UFRN como professora. O que de fato motivou a sua vinda? Foi uma questão familiar, pessoal?

Mirian Moema: É, de fato, foi uma questão familiar. Na época, meu pai tava muito doente, teve um início de infarto, e aí a minha mãe ficou muito apreensiva e, na verdade, eu ajudava financeiramente e tive que vir porque vi que minha mãe não tava dando conta sozinha. Então foi muito

familiar, porque, se fosse pra eu optar, pra escolher, eu amo essa universidade, amo aqui, gosto daqui, sou fruto dessa universidade. Mas, eu teria continuado na UFPB; [mas] infelizmente, tive que fazer essa escolha de voltar porque a família pesou mais.



Jaílson França: Durante essa trajetória no jornalismo, houve um momento que pensou em desistir da carreira? Porque são 30 anos de dedicação.

Mirian Moema: Confesso a você que, nos momentos mais difíceis, tanto como profissional do mercado quanto na academia, eu não pensei em desistir do jornalismo, nunca. Da comunicação, nunca. Tive momentos de desânimo, tive

momentos de questionamentos, reflexões, de autoanálise, mas assim, desistir, não.

BLOCO 2

Apresentador: Obviamente, muita coisa mudou, da época de 70, quando a senhora começou a trabalhar com televisão, pra cá. Mas o que teve de elementos mais expressivos, que a senhora entende, o que mudou no telejornalismo, daquela época para hoje?

Mirian Moema: A mudança de quando eu iniciei para hoje é extremamente significativa; eu diria, até radical, porque você sair de uma estrutura de gravação, de coleta de informação, analógica, com câmeras de difícil manuseio e câmeras pesadas para o sistema que temos hoje, digital, sistema prático, e eu diria democrático. Hoje se faz comunicação, jornalismo, com muito menos custo do que se fazia naquela época, e a facilidade com que nós hoje coletamos e disseminamos informação. Então, eu acho que um dos fatores foi essa mudança que nós iniciamos. Quando a televisão começou ao vivo, nós sequer tínhamos como gravar um programa, por exemplo. Depois surgiu o videotape, nessa evolução da televisão; a gente tem, hoje, possibilidades que hoje a gente fala, ao vivo, em qualquer momento. Somos

participantes desse conjunto de fatos, acontecimentos que ocorre[m] no mundo. Então a diferença é extremamente significativa e, para mim, muito favorável.

Letícia França: Hoje muito se discute sobre *fake news*. Queria saber sua opinião sobre esse tema.

Mirian Moema: Esse tema é um tema que está sendo extremamente abordado, estudado inclusive; profissionais da área estão se inquietando com essas questões. Mas eu acho que, dentro do contexto da comunicação e do mundo, das mediações que a gente vive hoje, eu acho que faz parte também. Eu diria que não sou muito favorável a esse tipo de divulgação, de fato em si. Mas eu acredito que isso faz parte do conjunto que estamos vivendo hoje. As redes sociais que possibilitam; nós passamos de um processo de emissão e recepção para um processo onde emissor é receptor e receptor é emissor. Então, o que antes o receptor era o indivíduo que recebia as informações, hoje esse processo mudou. Então, hoje, o receptor é tão produtor de conteúdo quanto o profissional da área de comunicação, então acho que é muita gente envolvida no processo, e isso acaba que pessoas, eu diria, um pouco menos informadas ou não sei se informadas, mas, assim, até com uma pitada de instigar o público, faz isso, às vezes, mais como uma provocação, eu acredito.

Apresentador: Professora, não sei se a senhora concorda comigo, mas notícias falsas, ou disseminação de inverdades, sempre existiu nas mídias, relações sociais. Parece que as tecnologias, de alguma forma, potencializam a disseminação até com algoritmos que vão controlar, disseminando perfis falsos. Acho que a coisa passa também, não sei se a senhora concorda, por um processo de educação, de conscientização da sociedade pra conseguir filtrar o que é ou não verdade.

Mirian Moema: Eu concordo totalmente com você, e acho que o fato que estamos vivendo hoje, a sociedade cria. Nós vivemos um momento aqui em Natal, no ano passado, onde as pessoas vivem amedrontadas e com certo temor, até exagerado, pela violência na cidade e as rebeliões nos presídios, e as pessoas ficavam criando inverdades ou fatos falsos [factoides] pra amedrontar ainda mais as pessoas. Então, as pessoas ficavam: “Ah, vi no Facebook; ah, fulano assaltou e entrou no restaurante e fez arrastão”, e as pessoas só se comunicando através das redes sociais, e as redes sociais fazendo todo esse circuito de inverdades que, infelizmente, a gente passa por isso.

Michelle Ariany: Agora, o lado mãe, o lado humano da Mirian Moema, que acho que muitos não conhecem ainda. Você, como mãe, independente, profissional, que trabalha desde cedo, sempre dedicada ao jornalismo com

muito amor, muito vínculo. Em que momento isso acabou tirando o seu papel de mãe e te deixando a pensar em como pode ter melhorado enquanto mãe, “em que ponto isso me atrapalhou, me auxiliou”; e se isso, de alguma forma, foi um diferencial na educação da sua filha, se a sua profissão, enquanto mãe, houve influência na educação da sua filha, da sua família, no geral.

Mirian Moema: Na verdade, sim, porque como profissional, eu sempre fui uma profissional muito exigente comigo mesma; então eu não consigo deixar as minhas obrigações, os meus deveres, minhas aulas, cumprimento das minhas obrigações, em segundo plano. Em alguns momentos, eu me exijo muito. Em casa, a minha mãe sempre me colocava isso, sempre me alertava quanto a isso; ela me dizia que eu era muito perfeccionista e, realmente, eu concordei com ela no momento que ela me fez essa observação. Aconteceu, sim, porque teve momentos em que eu poderia estar mais presente na educação da minha filha. Eu só tenho uma filha, ela é filha única e, por isso, ficava mais difícil porque o pai tava muito mais presente na vida dela do que eu, porque eu tinha que sair. Tiveram momentos que eu chegava na universidade de manhã – o nosso curso funcionou uma época pela manhã e tarde –, e aí eu, em alguns cargos administrativos, tinha que ficar aqui o dia inteiro, chegava de manhã e saía à noite,

tinha aula à noite também, e isso me distanciava um pouco dela, e teve momentos que ela chegou pra mim pra dizer: “Mainha, você não me ouve, eu preciso conversar mais com você”! E foi nesse momento que eu me percebi o lado mãe da Mirian [não] tava, não é que me senti mal, mas, assim... não fiquei confortável com essa cobrança da filha. Aí fui refletir sobre isso, e fui mostrando pra ela, é tanto que hoje escreve. Ela gosta muito de escrever, e sempre quando ela escreve, fala que quer ser igual a mim. Sempre muito responsável com as obrigações, os deveres, e isso me conforta hoje, que nesse momento que percebi isso, eu fui dando uma maneirada, porque a gente que trabalha e é responsável é muito cobrado. Quem mais trabalha é mais cobrado, porque as pessoas acham que você tem a obrigação de estar ali. Eu fiquei muito tempo em função do curso, chefe, vice-chefe. Lá na Paraíba, fui vice-chefe. Quando cheguei, logo em seguida, eu fui vice-chefe do departamento, inclusive com um companheiro maravilhoso, Fausto Neto. E aí, nesses momentos em que você tá mais voltado para o trabalho, faz com que o lado mãe, o meu lado mãe, ficasse um pouco a desejar.

Apresentador: Professora, em relação à sua participação na gestão administrativa aqui do departamento, para além das questões pessoais, quais são os principais desafios de

tomar conta, administrar, um setor, um departamento como o de comunicação social?

Mirian Moema: Eu diria que essa parte administrativa, para mim, eu dividiria essa experiência em dois momentos. Um primeiro momento em que eu fui assim que cheguei no departamento, de volta da Paraíba, eu assumi a chefia junto com o colega Ricardo Rosado, que foi vice-chefe e aí, em 87, nesse período, o departamento não tinha absolutamente nenhuma condição de atender as necessidades práticas laboratoriais, e aí uma das metas que eu me comprometi com os alunos, principalmente, com os colegas, o corpo discente, foi a de que eu iria batalhar pra conseguir deixar os laboratórios pelo menos em condições viáveis para as aulas práticas, e aí fizemos um projeto chamado Consolidação dos Laboratórios; e esse projeto, tive que ir pra Brasília, brigar lá. Foi um período muito difícil financeiramente, falando pra universidade, e houve uma brechinha, os projetos chegavam, eles iam avaliando as necessidades, e acabou que demos sorte: nosso projeto foi contemplado, foi atendido. E, aí, nós conseguimos montar todo o laboratório de fotografia, o laboratório de TV, foi quando veio todo o equipamento da época pra ser montado. O grande problema aí foi a chegada do equipamento, o equipamento todo aqui e, simplesmente, o equipamento foi guardado, armazenado, no banheiro do

Centro de Humanas, Ciências e Artes, porque não tinha espaço. Aí foi uma outra briga que nós compramos, inclusive, com a participação efetiva dos estudantes; fomos em passeata na reitoria e pedimos, lá, ao reitor, na época acho que Daladier, não lembro bem agora, mas acho que foi nesse momento, e aí nós conseguimos um espaço aqui na biblioteca, que hoje acho que é o laboratório de informática, pra montar nosso laboratório de TV e de rádio; também que aí compramos alguns gravadores. Isso, pra mim, foi nesse período, enfrentamos esse problema, tivemos a sorte de conseguir a consolidação dos laboratórios, e acho que é o mais representativo desse momento administrativo.

Gustavo Sousa: Professora, a senhora frisou durante a entrevista que o ambiente acadêmico sempre esteve muito presente na vida da senhora, como orientadora, como professora, a senhora realizou também diversos trabalhos. Tem algum que lhe marcou em especial nessa trajetória?

Mirian Moema: Tem, tem momentos que eu guardo com muito carinho. Um primeiro momento foi um lá em João Pessoa, na Paraíba; nós montamos uma revista chamada *Realidade*, com os alunos, e tivemos uma produção bastante significativa naquela época, e esse trabalho recebeu prêmios, isso foi um momento. O outro momento foi agora, na minha pesquisa de doutorado, quando eu fui em uma

escola, trabalhar dentro de uma escola de Ensino Médio, e eu descobri que os alunos do Ensino Médio me deram todas as possibilidades de conclusão da minha pesquisa, porque eu achava difícil trabalhar em leitura de imagem nas escolas públicas, e aí eu tive uma grande surpresa, e isso foi extremamente gratificante pra mim de ver os alunos de Ensino Médio lendo as imagens com uma facilidade que eu não esperava. Então, esse trabalho já foi publicado, tá em *e-book* no reservatório da biblioteca aqui da editora, foi publicado pela editora da UFRN, e isso também academicamente foi muito significativo, essa pesquisa, esse trabalho.

Apresentador: Em relação aos alunos, sei que essa pergunta é até um pouco complexa pra conseguir lembrar uma grande quantidade de nomes, mas, alguns alunos que ganharam projeção nacional, internacional, a senhora poderia lembrar agora?

Mirian Moema: Em 96, nós tivemos a Cientec e, pela primeira vez na história do curso de Comunicação Social, nós conseguimos um estande na Cientec. Um curso de Comunicação não tinha uma acolhida muito boa nessa época. Montamos o trabalho que até hoje continua com resultados positivos; nós fizemos um jornal, que era feito aqui na TVU. A gente vinha para cá, gravava aqui no estúdio, levava pro telão que a gente montou na Cientec, chamado

Telecoteco; era um telejornal, informando tudo que acontecia na Cientec. Montamos um jornalzinho, um tabloidezinho, chamado *Balacubaco*, e nós fizemos toda divulgação da feira, e teve um envolvimento muito grande dessa turma. Foi a turma que mais mexeu comigo; eu me envolvi demais com essa turma, porque era uma turma muito interessada, e o resultado desses trabalhos. Nós temos, hoje, um aluno que tá aí como resultado de todas essas experiências, que é o Alan Severiano, que foi meu orientando aqui, que está aí na Rede Globo; começou na TV Cultura, com um documentário que ele fez, inclusive, comigo; e aí ele mandou pra TV Cultura, foi aceito e convidado para trabalhar na TV Cultura, e depois da TV Cultura, ele recebeu o convite para ir pra Rede Globo de São Paulo, depois para o Rio, e agora, mais recentemente, como correspondente nacional. Então, tem o Alan, tem o Pedro, que hoje trabalha na Editora Abril, tem a aluna Ariane Mundo, que foi aluna da Escola de Cinema de Cuba, e foi convidada para dar aula lá, e outros tantos que agora não lembro, mas essa turma, especificamente, tem muitos que são professores hoje. Tem o Caio Vitoriano, que hoje é professor da UnP, bem reconhecido, profissional da área do jornalismo e da publicidade, e outros tantos que não lembro, são muitos.

Endy Mahara: Estamos vivendo um momento de revolução, especialmente entre as mulheres. Você falou de vários cargos que exerceu como professora, gestora, jornalista, mas antes de tudo você é mulher, e nesse momento de revolução, eu queria saber sua opinião sobre a posição da mulher hoje comparado com a sua época, e especialmente para o jornalista. A gente vê isso muito principalmente na televisão, relacionado ao cinema, mas eu quero saber sua opinião, a mulher no jornalismo hoje comparado com sua época, quando você começou.

Mirian Moema: Eu diria que hoje tá bem melhor de quando eu comecei. Inclusive, a gente vê hoje no jornalismo, a gente tem a presença da mulher em várias áreas. Uma coisa interessante é que eu tava com uma aluna, conversando com ela sobre a participação da jornalista nos programas esportivos, e hoje nós temos mulheres no campo como repórter, comentarista e tal. Na minha época, isso era muito difícil, porque nós sabemos que o preconceito existe até hoje e que a mulher é sempre vista como a segunda força, nunca a mulher foi considerada, e na minha época, pior. Hoje a coisa tá bem mais flexível sobre a participação da mulher nos diversos campos do jornalismo, e com essa aluna, que nós estávamos conversando, a gente tá fazendo uma pesquisa – inclusive é o TCC dela – sobre a mulher no

esporte, participação no jornalismo esportivo, e a gente tá conseguindo dados bem representativos dessa participação; ainda não é o desejado, mas em relação a minha época, que você perguntou, a mulher tá muito mais atuante. Ontem, inclusive, eu participei, na *Campus Party*, de uma palestra que era a participação da mulher nos trabalhos de TI, e foi bastante interessante porque as meninas do *Good Girl*, do IFRN, mostraram o percentual de mulheres, uma delas a Suzie, criadora do *Good Girl*, ela está em uma empresa bem representativa em São Paulo, que até lá em São Paulo, que é um estado onde a coisa acontece com mais evidência, a participação da mulher é efêmera [ínfima].

Apresentador: Professora, pegando o gancho na pesquisa da sua orientanda sobre a inserção da mulher no jornalismo esportivo. Recentemente, circulou nas redes sociais, nas televisões por assinatura e na própria rede aberta, uma campanha de jornalistas esportivas mulheres com uma *hashtag* *deixa ela trabalhar*, justamente criticando o assédio explícito no ambiente, muito no futebol, majoritariamente machista. Tem alguma novidade em relação a isso no campo de pesquisa que ela tá desenvolvendo, essa questão do assédio que ainda é muito notório?

Mirian Moema: Aqui, também, ela tá fazendo levantamento e já detectou casos aqui. A gente tá trabalhando com

Natal, com o jornalismo esportivo em Natal, e tem casos, sim, de assédio, de jornalista aqui em Natal; ela tá fazendo esse levantamento. Não posso precisar ainda porque é muito embrionário, ela tá fazendo o levantamento dos dados, mas ela me mostrou, e tem casos. Inclusive, tem uma menina, se não me engano, ela é apresentadora de um programa de esporte na TV Ponta Negra, e ela sente a mesma coisa que as jornalistas que lançaram a campanha. Quando é pra ela expressar a opinião, a fala dela é sempre muito curtinha, muito limitada. É uma campanha muito bem-vinda.

Apresentador: A senhora é otimista, em relação a um futuro próximo, em relação a essa situação?

Mirian Moema: Eu gosto muito de dizer, Dal Pian, que o pessimismo não leva gente a nada. Mas, assim, eu acredito que a força da mulher, nós, com essa campanha especificamente, nós vamos conseguir pelo menos abrir mais espaços; não que seja de imediato, mas a gente vai. Acho que o grande problema é que nós, mulheres, não podemos desistir. Nós temos que mostrar a nossa capacidade, nossa competência, como um ser pensante igual ao homem.

Jailson França: Nesse ano, a universidade completa 60 anos. Na sua opinião, o curso de Jornalismo contribui para a instituição de qual maneira?

Mirian Moema: A comunicação sempre contribui, depende da forma que essa comunicação é disseminada, como ela é construída, se os conteúdos são organizados. Agora, que o Jornalismo contribui, ele contribui, porque, se fizermos uma comparação do que era a universidade, vamos dizer, cinquenta anos atrás, do que a Universidade é hoje, a Comunicação tem um papel muito expressivo nessa evolução e desenvolvimento da Universidade. Infelizmente, trabalhamos em uma universidade que a Comunicação também, como em qualquer outro setor, setor privado, tem seus interesses, e isso, às vezes, acaba limitando um pouco a atuação dos profissionais dessa área, porque tem todos esses aspectos para serem considerados. Mas, acredito que sim, eu vejo isso que a Comunicação, e muito mais agora, de dez anos pra cá, com as redes sociais. A prova disso é que a UFRN vem sempre sendo classificada nas nove melhores universidades Norte-Nordeste, sempre fazendo parte do *ranking* das melhores universidades.

Letícia França: A tendência natural é que os alunos aprendam com os professores, então, hoje, a gente queria inverter essa ordem: o que a senhora, em todos esses anos, mais aprendeu com seus alunos?

Mirian Moema: Eu aprendi muito. Eu diria que não aprendi, eu diria que aprendo todo dia com os meus alunos.

Agora, isso vai depender muito desse papel que a gente desempenha de educador; eu prefiro dizer de mediador, porque, na verdade, se você se considera um eterno aprendiz, você vai aprender todos os dias com seus alunos. Agora, se você se considera como um *olimpiano*, você sempre vai ficar em um nível bem acima dos alunos. Eu tenho como base, pra me colocar dessa forma, o Paulo Freire, porque ele dizia sempre que não há uma dialeticidade se não há *eu, tu, tu e eu*, pra esse aprendizado ser mútuo. Educar é isso. Agora, você trocar informação é outra coisa. Mas, na verdade, eu tenho aprendido muito com meus alunos, principalmente nesses últimos tempos, onde essa geração tem me ensinado as questões de lidar com as novas mídias, eles têm me ensinado muito; a gente discute do ponto de vista teórico e do ponto de vista prático, eles têm me mostrado coisas excepcionais, e eu tenho aprendido muito. Essa troca de experiência é permanente. Para mim, em sala de aula, essa troca é constante, permanente e saudável pra mim. Então, eu me coloco sempre com os meus alunos de igual para igual, logicamente com direitos e deveres, a gente conversa isso, mas eu tenho como base em sala de aula a minha conduta como professora, a *Pedagogia da Autonomia*.

Apresentador: Nesse contexto que a senhora coloca, é notável que os alunos tragam conhecimento pra sala de

aula também, e acho que é esse o papel da mediação que a senhora desenvolve. A senhora percebe, também, uma certa ansiedade em conquistar as coisas muito rapidamente? Há estudos que percebem alunos, muitas vezes, criando expectativas e não alcançando, e isso gera um quadro às vezes de depressão, e precisa dar esse suporte. Como um professor, hoje, pode lidar com esse tipo de cenário em que os alunos estão sendo muito imediatistas e se frustrando, às vezes antes do necessário?

Mirian Moema: É muito interessante, Dal Pian, esse assunto. É uma coisa que me inquieta muito, é uma coisa que me toca muito, em função dessa minha convivência e dessa troca. A gente nunca deve esquecer que o aluno, ele tem um conhecimento prévio, e que a gente tem que considerar isso, por mais imaturo que seja, a gente precisa levar em consideração. Uma coisa que me toca muito hoje é exatamente esse aspecto, a ponto de [me] instigar a desenvolver uma pesquisa sobre motivação, que é uma coisa que tá me inquietando muito na sala de aula. Eu tenho uma relação muito afetiva com meus alunos, não acredito em uma convivência em sala de aula que não seja com afetividade; e, pra mim, é fundamental que a gente possa entender que, antes de sermos professores e alunos, somos seres humanos, e eu tenho casos de alunos que se frustram. Eu tenho recentemente um caso de

um aluno, ele precisava de uma bolsa, nós desenvolvemos um projeto de extensão, ele realmente precisa da bolsa, pra sustento mesmo, e nós elaboramos o projeto, pedimos em duas bolsas, e nos foi negado. Eu recorri, fui lá, argumentei, levei o documento por escrito, e mesmo assim não fui atendida. Então, essas frustrações acontecem constantemente, isso vem sendo uma constante; eles criam aquela expectativa de ver se realiza um trabalho e ver se pode servir de portfólio no mercado pra eles, e eles acabam sendo frustrados em relação a muitas cobranças – inclusive a família cobra de um lado –, e acontece de a instituição não atender, e eu lastimo isso, porque coisas assim [são] importantes pra vida do aluno, que aí o aluno começa. Nessa relação que eu tenho em sala de aula, eu fico muito amiga dos meus alunos e no término das aulas, eu sempre fico com três, quatro alunos que vêm a mim falar de problemas pessoais. Em função disso, recorri a um estudo que eu fiz sobre Educação Emocional, e minha formação em *coaching*, que é justamente pra dar esse apoio aos alunos, eu venho fazendo isso com os meus alunos. Hoje eu tenho três alunos que chegaram a mim dizendo, que situação extremamente complicada, que a vida não tem mais sentido, “não quero mais viver”. Eu fiz com que ele visse a importância, a grandeza que ele carrega com ele, o ser que ele era, a preciosidade que ele tinha dentro dele; e a gente tá

nesse processo, caminhando satisfatoriamente. Eu convidei um colega, psicólogo, pra trabalhar um pouco isso com meus alunos, porque eu estou muito preocupada. Todo dia chega um aluno dizer que não veio à aula porque estava no médico por estar com depressão, muito ansioso. E a gente vê isso nas aulas, uma ansiedade, uma coisa incontrolável nos alunos, e isso tá me deixando bastante apreensiva, porque é uma situação onde nós, me coloco assim como uma pessoa de mais idade e vejo jovens de 21 anos extremamente confusos, sem acreditar na vida e desanimados totalmente, quando você faz qualquer comentário na área de mercado, se sentem extremamente desmotivados e derrotados; é essa a situação. É uma situação que acho que nós, professores, temos que procurar entender, e aí, vejo que tem alguns professores que ainda tão, assim, naquela posição de autoridade, e acho que não é bem assim. Eu não consigo ver essa posição como uma coisa boa para o aluno, é tanto que, muitas vezes, não somos entendidos pelo aluno, porque a nossa metodologia em sala de aula, a nossa conduta de sala de aula, é de uma abertura que os alunos se surpreendem, falam que gostariam que todos fossem assim, porque eu vejo o aluno como ser humano, antes de tudo; ele tem problemas como eu tenho, e acho importante que os professores tenham empatia: se coloca no lugar do outro e sente o que o outro sente. Tenta

entender o que eu outro tá passando, e aí acho que a coisa ajuda, e esse comportamento ajudaria muito.

CONSIDERAÇÕES

Mirian Moema: Eu fico extremamente feliz, eu estou muito satisfeita, agradecida. Gostaria de agradecer o convite, aos meus colegas, professora Valquíria, professora Emily, todos os alunos, toda a equipe técnica, equipe de produção do programa, alunos e colegas. A minha alegria é enorme nesse momento, porque são 60 anos da universidade e eu estou aqui há mais de 30 anos, minha vida nessa universidade. Fiz Graduação, Pós-graduação, Mestrado e Doutorado, tudo nesta universidade, e me sinto muito agraciada por ter uma universidade que me possibilitou esse conhecimento, essa disposição de repassar esse conhecimento para os outros, e minha maior satisfação é entender a educação como uma parte de mim. Eu me dou muito em função do outro, e espero também do outro que a gente possa, nessa relação, crescer juntos, e eu agradeço profundamente o convite, e estou à disposição no que puder colaborar aos colegas e alunos, eu estarei aqui. Muito obrigada e gratidão sempre.

Capítulo 8

Entrevista com Diógenes da Cunha Lima



PROGRAMA 6

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Caio Rodrigues (Radialismo)
Arlyson Aguilar (Jornalismo)
Aracely Xavier (Jornalismo)
Ana Carla Dantas (Jornalismo)
Rafael Lopes (Jornalismo).

Entrevistado

Diógenes da Cunha Lima
Professor e ex-reitor da UFRN

Apresentação em *off*

Diógenes da Cunha Lima é advogado, professor, poeta e escritor. Nascido em Nova Cruz, foi reitor da UFRN de 1979 a 1983. No mesmo período, foi presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Exerceu vários cargos públicos, inclusive o de Secretário de Estado da Educação e Cultura. Recebeu os títulos de Grande Oficial da Ordem Nacional do Mérito Educativo e a Medalha João Ribeiro, pela Academia Brasileira de Letras. É o atual presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

BLOCO 1

Apresentador: Muita gente não sabe, Professor, mas o primeiro *Xeque Mate* ainda na Faculdade Elói de Souza de Jornalismo, na década de 70, o senhor, como presidente da Fundação José Augusto, foi o entrevistado daquela época.

Diógenes da Cunha Lima: É verdade. Eu dizia que, disse já algumas vezes, que é um programa fantástico, precursor do Roda Viva nacional de hoje, eles inventaram a partir daquilo; reunia, ao redor daquele pátio da Fundação José Augusto, estudantes, professores, convidados especiais, e eu tive esse privilégio.

Apresentador: O senhor é natural de Nova Cruz, vamos começar do começo mesmo. Quais são suas lembranças, suas memórias da cidade de Nova Cruz, e de que forma essa infância em Nova Cruz mudou o Diógenes da Cunha Lima?

Diógenes da Cunha Lima: Nova Cruz é uma emoção na minha vida e eu carrego Nova Cruz para onde vou. O rio Curimatau; a igreja onde fui coroinha; o colégio Nossa Senhora do Carmo, em que estudei; os amigos; as figuras humanas; o meu pai, que era um poeta sem escrever nenhum poema, raramente fazia, mas era um leitor fantástico; a feira de Nova Cruz, que é uma das maiores do estado, onde eu ia ouvir os cantadores da feira, repentistas, violeiros, me encantava na cidade. Além disso, era um lugar de trabalho, porque meu pai tinha seis filhos para estudar, dificuldade financeira para manter esses meninos estudando fora, e então todo mundo tinha que trabalhar. Ele dizia que, quando o braço, estirado, dava um metro, já podia trabalhar na loja. Eu fui empacotador, comecei fazendo pacote, depois fui promovido a caixa, ainda menino, depois guardava tecidos e fui vendedor, um bom vendedor.

Arlyson Aguilar: Queria começar a respeito dos 60 anos da universidade. Eu penso que você é um dos principais frutos dessa universidade; começou como estudante de Direito e virou reitor. Eu queria que o senhor contasse um

pouco desse processo, se o senhor já na graduação enxergava a universidade como lugar político; como foi esse processo de estudante universitário a reitor da universidade que você mesmo estudou?

Diógenes da Cunha Lima: Foi muito simples. Ingressei na faculdade de direito na Ribeira, a velha Faculdade de Direito cheia de boas ideias e movimento da cidade. Então, me esforcei muito na faculdade, para ingressar. A gente tinha que comparecer de paletó, imagine isso para as aulas e professores extraordinários, entre os quais ressalto Câmara Cascudo, que era professor; modéstia à parte, fui aluno predileto dele, e ele ficou comigo até morrer [ainda] nesta função. Na faculdade de Direito, eu estudava e trabalhava; tinha que ir pra Nova Cruz pra trabalhar, ajudar a feira de meu pai, na segunda-feira, e vinha de trem. Tinha trem de Nova Cruz pra cá, imagine como era. Mas havia um movimento interessante entre as faculdades, disputa das faculdades, porque a universidade foi formada da união das faculdades; então, havia disputa de Direito com Medicina, com Odontologia, Farmácia, Engenharia, e os campeonatos. Então eu tentei participar de campeonatos, mas não tinha vocação para o esporte, em consequência, estou vendo aqui no cenário as figuras de xadrez, me lembrei que eu me orgulhei muito porque fui duas vezes campeão de xadrez na universidade, havia um seminário maior. Mas estudava

muito, fazia muito esforço no meio daqueles professores que me encantavam, como Edgar Barbosa, Floriano Cavalcanti, figuras absolutamente notáveis. Quando passei no vestibular, a minha tia, que era uma pessoa bacana, uma das fundadoras da Escola de Serviço Social, disse: “Parabéns! O primeiro passo para ser um bom advogado!” Eu disse que “não, o primeiro passo, vou ser advogado, mas o primeiro passo vou ser o reitor dessa universidade; vou tomar o lugar de doutor Onofre!” Ela se espantou, e ficou como brincadeira na família que eu ia ser reitor. Deu certo, muitos anos depois, eu [virei reitor]. Mas começou assim, com essa ideia, foi assim que a gente começou essa luta.

Aracely Xavier: Falando um pouco da sua vida literária, o senhor já publicou mais de 20 livros. Como começou o seu interesse pela literatura?

Diógenes da Cunha Lima: Começou o seguinte: o meu pai recitava poemas, que eu sei decorado até hoje. De manhã, quando ele acordava, ele ia tomar banho, botava uma toalha no pescoço e acordava a gente com poesia, muitas vezes, citando lá poemas do jeito que ele gostava. Isso me chamou atenção, não só pela sonoridade, mas pela rima, eu achava interessante. Depois, eu vi, na feira, os cantadores, e achei fantástico o repentina, os desafios que havia entre eles, e eu comecei a tentar imitar com o pessoal lá; fiz os versinhos

iniciais, talvez, aos oito anos de idade. E o fato interessante é que houve o cinquentenário de casamento do meu avô em João Pessoa. Era uma figura interessante também, um intelectual, tinha sido deputado na Paraíba, e os quatro anos faziam a chamada Primeira Comunhão. Um dos quatro era meu primo Ronaldo Cunha Lima, meu amigo até morrer, uma figura fantástica; fiz uma biografia dele depois, trouxe ele pra faculdade, governador da Paraíba, senador da República, deputado federal, veio aqui pra dar aula sobre poesia, e deu um *show* fantástico. Enfim, Ronaldo também me influenciou, nós começamos a brincar com as palavras ainda criança, foi assim que começou.

Apresentador: O primeiro livro foi lançado pela universidade em 1968, o *Lua 4 vezes Sol*.

Diógenes da Cunha Lima: Era um livro de atrevimento. Naquela época, eu fazia sonetos em Nova Cruz. Quando eu cheguei aqui, era meio gozação, o pessoal fazia gozação com quem fazia soneto, aquela poesia arrumada: 14 versos, dois quartetos, dois tercetos. Então eu vi, tomei um choque, tinha 13 anos quando vim pra cá, e comecei a tentar poesia, de forma aberta, mais livre, sem as obrigações da métrica, da rima e com ritmo diferente. Então, tive o atrevimento de mostrar a Cascudo, que pediu pra fazer o prefácio, e mais, dois versinhos do livro ele decorou e repetia sobre

a Ribeira, a noite, as farras. Ele repetia sempre esse verso: “Na Ribeira, só o que passa permanece”. Muitas vezes ele ressentiu [repetiu] isso pra mim, e foi assim.

Apresentador: Então o Diógenes escritor antecede o Diógenes advogado?

Diógenes da Cunha Lima: Bem antes, bem antes mesmo. Eu comecei menino, e fui publicar bem depois. Eu tinha certo medo de publicar e achava que não era bom. Andei participando de exposição, porque tinha exposições de estudantes da união estadual de estudante, a gente fez uma exposição no grande ponto com Zé Augusto Delgado, que foi meu colega de faculdade e colega de escritório depois.



Rafael Lopes: O senhor teve a oportunidade de conviver com um dos maiores nomes do cenário potiguar e de todo o Brasil, que foi Câmara Cascudo. Eu gostaria de saber como iniciou essa relação, como foi esse início.

Diógenes da Cunha Lima: Quando eu vim para Natal, meu pai disse: “Você gosta de literatura, vou lhe contar: lá tem um rio chamado Luís da Câmara Cascudo, o resto é tudo riacho, e procure se aproximar dele”. Eu, atrevido, toquei a campainha da rua Junqueira, 377, que era a casa dele, e Anália, a criada da casa [de] muitos anos, veio atender: “O que você quer menino?”, “Eu quero conversar com Câmara Cascudo”, “Ele tá muito ocupado, não vai atender você”, “Eu vim de Nova Cruz pra conversar com ele, por favor, diga a ele isso”. Ela disse, e ele veio me buscar. A partir disso, ele me deu presente, me deu chocolate, que ele colocava trancado na gaveta, *Sonho de Valsa*, e se animou; eu fiquei na escuta dele. Depois, na faculdade, ele foi meu professor, e eu fiquei encantadíssimo quando eu vi uma aula dele. Então, eu fazia o seguinte: qualquer outra aula – já estava em outro ano, não tinha mais nada a ver –, eu ia assistir as aulas dele, e às vezes interrompia, e ele foi se aproximando, até o ponto que eu passei. Ele foi me chamando pra ir na casa dele, e eu fui ficando, ou seja, eu chegava lá seis horas da tarde e saía quando ele mandava embora; ele dizia: “Vá baixar

em outro terreiro”, aí eu tinha que sair. Mas eu tive outras figuras, também, que me aproximei. Por exemplo, Gilberto Freyre, em Recife, me deu bastante atenção durante muito tempo, até o ponto que, quando ele fazia um Seminário de Tropicologia, na Universidade Federal de Pernambuco, quando fui reitor e o pró-reitor era Sanderson Negreiro, eu era também apaixonado por ele, Gilberto transmitiu para nossa universidade o Seminário de Tropicologia, enquanto eu fui reitor, era aqui. Houve intelectuais interessantes, como Edgar Barbosa, que foi um guia e orientador, e também políticos e gente da inteligência. Como eu tive o privilégio de conviver muito com Dinarte Mariz, que foi quem criou a universidade a pedido de doutor Onofre com Djalma Marinho, e um grande amigo meu, que morreu, é o centenário dele este ano: Dom Nivaldo Monte.

Apresentador: Como era o Câmara Cascudo professor? Como era a metodologia e a didática?

Diógenes da Cunha Lima: Não tinha método nenhum, era uma zorra. Ele chegava em sala, ele ia dar sobre “internacional público”, aí ele fazia o que ele queria; ele dava aula sobre cultura brasileira e estimulava o aluno a estudar. Dizia que nos livros estão a sabedoria do mundo, dava aula contando histórias. Um exemplo, um dia eu perguntei a ele sobre motivos de guerras, ele disse: “Então vou começar

o seguinte, os tapuias que habitavam o interior na época, em dezembro, vinham e lutavam com os tupis pela posse dos cajus”, e vinha por aí afora contando sobre a origem do caju. Eu vim aprender que era uma árvore nordestina que passou para o mundo, e contava aulas sobre tudo. Um exemplo, sobre alimentação, porque ele ensinava o que é o Brasil, o que é o brasileiro, que animal somos nós como brasileiros, então ele ensinava costumes brasileiros, religião, as formas e crenças, mitos, lendas, alimentação, tudo aquilo que forma a alma de um povo. Ele passou a vida estudando e escrevendo sobre esse tema. Era uma figura queridíssima do meu coração, e foi meu padrinho de casamento. Eu casei em João Pessoa, primeiro casamento com a mãe de meus filhos, teve três filhos meus, e ele foi lá com Doutor Onofre, que era o criador da Universidade, como meus padrinhos de casamento, Delgado também, que era meu colega e uma figura fantástica, de um fazendeiro brilhantíssimo, Ari Chico Pinheiro. Enfim, a minha vida foi desta forma, e sempre ligada a Cascudo. O tempo todo ele brincava comigo, do tipo, inventava apelido; uma vez ele me emprestava o livro e eu me tinha a obrigação de ler durante uma semana e comentar, fazer um pequeno comentário sobre aquilo que representava no Brasil. Por exemplo, ele dava um livro grego, romano, eu tinha que ler aquilo e apresentar o mínimo. Uma

vez eu demorei a entregar o livro, demorei ir à casa dele, e quando cheguei lá, ele disse: “Padre Vieira”, e eu disse: “Tá me chamando de santo agora, Professor? Qual Inquisição pegou o padre Vieira?” Ele disse: “Não, é que o padre Vieira criou um livro chamado *Arte de Furtar*. Cadê meu livro?”. O tempo todo brincando. Outro que ele me chamava, não sei por que, era *blue evil*, diabo azul. Cada dia ele inventava uma coisa, fazia às vezes um elogio, de agrado. Eu fui reitor por causa dele; ele escreveu uma carta ao Presidente da República, me deu cópia. Eu fui a Gilberto Freyre, Gilberto mandou outra carta semelhante. Fui a Jorge Amado, Jorge Amado disse, naquela época existia uma disputa muita grande de quem seria o reitor: “Olha, o meu vai ser o contrário, porque vou dar, e se você tiver uma presença minha, eu dou, mas você vai se lascar”. Deu, e deu certo. Depois o ministro Jarbas Passarinho disse que “o monstro sagrado da literatura nordestina” estava exigindo, porque, até então, a política estava toda contrária ao meu nome, estava apoiando o outro, grande figura humana, que acho que erraram; era pra ter sido Clóvis Gonçalves, que era meu opositor e devia ter sido reitor. Era um grande homem, uma grande figura humana, foi vice-reitor daqui, trabalhador, mas eu disputei, já estava pensando desde o vestibular, e deu certo.

BLOCO 2

Ana Carla Dantas: Entre as suas obras, foram publicados livros infantis, o senhor escreveu livros infantis também. E eu gostaria de saber de onde surgiu essa inspiração, e como você falou que Câmara Cascudo teve uma influência grande na sua vida, esteve com você durante a sua vida e a dele também, ele teve uma influência também para publicar esses ditos também? Como que surgiu, qual a motivação que o fez escrever livros infantis?

Diógenes da Cunha Lima: Toda vida tive uma paixão por criança; é uma mania. Estou publicando agora, vai ser pelo instituto federal, um livro chamado, em primeira mão, dizendo uma novidade no programa Xeque-Mate, um livrinho pequeno de tamanho, mas espero que não seja pequeno de conteúdo, chamado *O Natal de Zé Zus*²³. Eu reúno personalidades, e anda pela cidade, passa na universidade, conversa aqui sobre as coisas, faz observações, passa pelo meu baobá, que é uma árvore grande aí que tenho, é o meu entusiasmo e a vida inteira. Mas eu comecei a fazer música por causa de meu filho que tava aprendendo o alfabeto, Diógenes Neto, e eu fiz uma musiquinha pra facilitar a memorização pra ele. Comecei com uma canção de ninar,

23 Disponível: <https://bit.ly/3rfa1f2>

fiz um alfabeto contando o sentido das letras; depois, comecei a fazer canções de ninar pra cada filho meu, pra cada neto, pra filho de amigos meus mais próximos, eu fiz umas musiquinhas de canção de ninar, aquela canção de berço pra você balançar na rede com o menino dentro. Depois, houve uma história interessante. Alexandre tá aqui [e] podia ouvir essa história. Uma sobrinha muito querida do coração vai com o pai fazer doutorado, professor da universidade, vai fazer doutorado em Madri, e eu, com saudade dela, na praia, de férias, dias de férias, cada dia eu fiz um conto, e juntei com um livro chamado *A avó e o disco voador*²⁴, e esse livro deu um êxito total, esgotou rapidamente, foram dois mil exemplares, e foi adotado em escolas. Muitas escolas já me chamaram, estudam o livro e trabalham, enfim, é sempre um encanto a participação infantil. Eu gosto da literatura infantil. Uma historinha para vocês, que é novidade: agora eu vim de Tóquio e lá fui visitar um grande parque que tem uma coisa singular, um prédio enorme para biblioteca de literatura infantil universal. Eu fui ver o que tinha do Brasil, havia um bocado do Brasil, e uma novidade pra mim, uma novidade absoluta, um conto de Machado de Assis, dele pra crianças, que estava lá. Pra mim, ele era pra adulto, não jovens como vocês, e encontro essa maravilha da presença

24 Disponível: <https://amzn.to/3krIrd7>

dele. Enfim, a literatura infantil e a presença da comunicação com a criança, não há nada melhor, porque a criança não é só pai de um homem [como escreveu Freud], a mãe de um homem, pai da mulher, porque ela nasce daí. Ela é a pureza mais absoluta que nós temos, depois vai ficando grande e vai ficando safado, cheio de pequenas coisas e perde a naturalidade e a vida. A criança é também a própria imaginação.

Rafael Lopes: Professor, nós estamos comemorando 60 anos de UFRN e o senhor é uma figura constante de todo esse percurso. Com certeza, ao longo desse tempo, o senhor viu modificações, uma reestruturação da nossa universidade; eu queria que o senhor elencasse pra gente quais os principais pontos que mudaram, a estrutura ou mesmo uma cultura dentro da universidade.

Diógenes da Cunha Lima: Cada reitorado tem a sua contribuição na universidade, e é muito grande e boa. Por exemplo, a universidade foi muito bem nascida porque Onofre Lopes foi um homem fantástico de visão universal. Ele criou, e implantou logo, o primeiro do Brasil de importância universal, um programa de extensão universitária, levando para o interior. Então, a implantação de doutor Onofre, ele plantou e escolheu o melhor. Pra vocês terem uma ideia, Onofre conseguiu que Dinarte criasse a universidade com orçamento que ele criou que era o dobro do orçamento

do estado, ou seja, era quase impossível; mas Dinarte Mariz era amigo dele, meio doido, e Onofre estimulou isso aí, estimulou que ele criasse, e ele criou. Doutor Onofre federalizou a universidade com uma mentira, vou contar pra vocês, acho que pouca gente sabe. Ele soube que o dinheiro do estado não dava pra manter. Eu fui contratado da seguinte maneira: doutor Onofre levou meu nome, e ele gostava de mim, e disse: “Olha, você vai trabalhar dois anos pra ver se dá certo de experiência”. Eu nunca tinha visto uma experiência grande desse tamanho. “Dois anos, vai ganhar um mês sim e outro não, se der certo, depois de dois anos, eu contrato você”. Era assim. Depois doutor Oto vai lá e diz: “doutor Onofre”. Eu, que já tinha reclamado, depois de seis meses, trabalhei seis e só recebi três, aí ele, doutor Oto, vai lá e: “Onofre já deu certo, tá lá muito bom, ele trabalha e recebe um mês sim e outro não, tem alguma coisa errada”; “Não, mas ele tomou compromisso comigo”; “Tomou compromisso porque você colocou a faca nos peitos”. Bom, ele era essa figura notável. Ele queria federalizar a universidade; havia um congresso liderado aqui por Dom Nivaldo Monte, na escola de serviço social, e ele consegue levar Juscelino pra lá, Congresso de Católicos do Nordeste, muita gente; tinha uns três ou quatro professores da universidade, mas era muita gente de toda parte do Nordeste. Ele disse: “Presidente, aqui

estão os professores da nossa universidade que vieram pedir a Vossa Excelência pra federalizar que a universidade precisa que se comprometa”, e não era professor nenhum, era tudo conversa mole dele, e o presidente prometeu aos professores *entre aspas*, e federalizou depois; olha que coisa fantástica. Genaro foi quem fez o trabalho e abriu, Genaro Fonseca; pra esse *campus*, Domingos fez um trabalho interessante, procurando, sobretudo, trazer professores de fora, que a gente tinha dificuldade, sobretudo doutores e mestres, pra cá, entre outras coisas interessantes. Depois de Domingos, eu procurei fazer uma dinâmica na cidade. A primeira coisa que eu fiz foi o seguinte: havia uma disputa entre a lista sétupla pra quem se indicava, e eu entrei de oposição ao reitor, que era difícil, mas entrei; era o menos votado, mas entrei na lista. Então, quando eu fui escolhido, a partir dos pedidos de alguns políticos, como Dinarte mesmo, Djalma, Ivan Rosado, mas o governador contra o presidente do partido, muita coisa contra; então, nessa oportunidade, eu escolhi dois dos concorrentes que podiam ter sido nomeados, Lauro Bezerra e Daltro Melo de Andrade, excelentes; escolhi deputado estadual que tinha sido eleito já cinco vezes, escolhi Santos Negreiros, intelectual de primeira, Zezé Delgado, Jomar Alecrim, o que havia de melhor, e tive sorte, o que era chefe de departamento, diretor de cenas, eram excelentes. A

primeira coisa que eu pedi, reunimos o pessoal todo, era ver as carências que a faculdade tinha, então se detectou uma série de coisas, mas a primeira: falta de pesquisa. A universidade não tem pesquisa. Dificuldade da prestação de contas da construção; consequentemente, faltava, por exemplo, o Centro de Biociência, que é uma velha reivindicação e não tinha. A própria reitoria funcionava na biblioteca pequena e pequeno número de livros, então, detectando o que havia de dificuldade, não havia memória da universidade. A memória não se cuidava, nem de publicação de livros, nem de disco, nem de TV, a TV que era igual a essa TV vinha de pacote de fora, e aqui se reproduzia em preto e branco, então não havia muito interesse de leitura e nem de pacotes externos. Enfim, fomos descobrindo o que havia de carência na universidade e tentamos preencher. Havia falta de prestígio nacional. Era uma universidade pequena do Nordeste, e o pessoal de Recife deu muita pancada no começo na nossa universidade, achando que podia, e Cascudo começou a defender a universidade a pedido de doutor Onofre, e já vinha dando um prestígio muito grande. Começou a mostrar que a universidade tinha futuro, mas não tinha elementos ainda pra isso. Então, tomamos algumas providências e conseguimos, por exemplo, o dinheiro suficiente pra construir o Centro de Biociência, a biblioteca, que era metade,

tiramos e inauguramos o prédio da reitoria que era lá dentro, duplicando a biblioteca, não só ela, como livros, revistas, cem mil livros tinha e deixamos com duzentos [mil]. Então, cada um procurou fazer o máximo dentro daquele quadrado. Sanderson fez um trabalho notável de aproximação trazendo o Seminário de Tropicologia pra cá, de Gilberto Freyre; muita coisa interessante começou a ser movimentada. Havia criado no papel, mas houve dificuldades, a Funpec, a fundação de pesquisa, não funcionava e não existia, então eu instalei a Funpec. Contra tudo e contra todos, porque o pessoal dizia que a universidade criou a Funpec e não podia, juridicamente, criar, e eu disse: “Não, sou profissional do Direito, acho que pode, a universidade é autônoma, e vai criar!” E instalamos. Então foi o primeiro centro de pesquisa, de começo de pesquisa. Outra carência, era que a universidade estudava muita coisa de fora e deixava as locais, então fizemos um projeto do Rio Grande do Norte; primeiro estuda as coisas locais pra depois estudar as universais. A ideia básica do começo, da Funpec, era essa. Havia também carência, minha cidade de Nova Cruz não tinha um *campus*, lá abriu um *campus*. Caicó, que tinha o Seridó, com muito peso e importância, havia um pequeno começo de *campus*, nós deixamos grande, pronto pra ser uma universidade lá. Enfim, a coisa começou a girar e mover internamente.

Apresentador: Professor, muita coisa mudou, mas algo em comum que é o engajamento político de movimentos estudantis, na sua época, no período final da ditadura militar, havia engajamento...

Diógenes da Cunha Lima: Aquilo era uma guerra, um barulho muito grande. Vou contar a vocês uma história. Eu estava lá na reitoria quando disseram: “Olha, os estudantes tomaram o auditório e tão dando um pau grande lá na administração, então saia por aqui!” E eu: “Não, vou pra lá!” Cheguei lá, entrei, tirei o paletó, a gravata, entrei, começo de vaia. “Eu posso falar?” E consegui pegar o microfone, liderados por Mineiro, Hugo Manso, que liderava a classe estudantil, aí comecei a dizer: “Essa é a universidade que eu sonhei!” Reclamando, protestando, dizendo as coisas. “Me dê uma lista de reivindicações!” E terminou que deu certo. Outro episódio com estudante foi que eu vi que a universidade não tinha prestígio nacional; havia um único órgão – hoje tem vários – das reitorias, era um encontro de reitores, um conselho de reitores das universidades brasileiras. Atrevidamente como sou mesmo, me candidato à presidência, e tivemos o primeiro reitor daqui do Conselho de Reitores, eram as 79 universidades melhores do Brasil. Na época, entravam todas as grandes, por exemplo, a USP, Unicamp, Unesp, Universidade de Brasília, públicas

e privadas, todas entravam, então deu um certo prestígio. Na época eu, estudante, não tinha expressão, e eu tive o privilégio, vou contar pra vocês essa novidade, de receber no Conselho de Reitores; aluno não podia ter reunião, nem encontro, nem diretório, nada reconhecido porque era considerado de esquerda e comunista. Então, recebo um cidadão chamado Aldo Ribeiro, que presidia a UNI, ilegal e fora do lugar, e eu o recebi no Conselho de Reitores com vários reitores, convidei e eles vieram e recebemos esse grupo; o que eles queriam era ser reconhecidos. Eu reuni os 20 reitores e fomos ao ministro: “Ministro, a universidade tem um encontro de reitores nacional organizado pelo conselho que eu presido, 30 funcionários” – por acaso, também, a universidade do RN conseguiu a liderança nacional de um funcionário, era Assis, Francisco de Assis assumiu – “logo, os professores têm a associação nacional e os estudantes, a parte mais importante da universidade, não podem falar. Nós queremos a representação”. O ministro, primeiro, reclamou que era baderneiro, terroristas, mas depois aceitou, e eu tive o privilégio, há alguns anos, quando Aldo Ribeiro foi assumir o ministério de Lula, ele veio a Natal, me telefonou dizendo que queria me ver, relembrando esse fato. Eu fui com o senador Garibaldi ao gabinete dele, depois, e tivemos um bom contato e um bom encontro. Foi um

episódio notável, pra completar, pra dar fôlego também internacional, me candidatei à vice-presidência e ganhei da Organização Universitária Interamericana; tinha sede no Canadá, mas entravam reitores de todo o continente, e deu um certo prestígio. Depois, a universidade, já com Daladier, ampliou e trouxe aqui um trabalho bonito da universidade de Quebec. Eu acho que foi muita luta pra conseguir as coisas, mas conseguimos. O Centro de Convivência, estava no chão, o antigo reitor tinha bolado essa história; na época o reitor mandava muito, estava parado, e o ministério disse que não dava dinheiro pra nada, e eu disse: “Ministro, você está convidado para inauguração”, “Como, se não vai ter recurso pra isso? Isso é exagero, universidade precisa de sala de aula!”; “Não, mas precisa ter um lugar de encontro”. Bom, cheguei aqui e fizemos uma coisa interessante. Houve uma ideia de um ou dois diretores que as construtoras estavam atrasadas na universidade daqui e eu podia multar. Eu dei o prazo de 30 dias pra que eles se endireitassem e cumprissem as obras; não pagou, e eu multei. Depois fui ao ministro e disse: “Ministro, preciso do dinheiro pra pagar a coisa toda, a obra, porque tem essa multa e eu quero”, chamei cada um e digo: “Olha, eu tenho dinheiro pra vocês, mas só se pagarem a multa que estão devendo à universidade”. Com isso, foi construído o Centro de Convivência, e depois, pra

completar, foi Banco do Brasil, Caixa Econômica, Correio; eu dei dez anos gratuitos, contanto que completasse com iluminação, banheiro, essas coisas.

BLOCO 3

Caio Rodrigues: Voltando à questão da literatura, o senhor escreveu algumas biografias de personalidades importantes aqui do nosso estado. Como foi o processo de escolha desses nomes?

Diógenes da Cunha Lima: Foram as pessoas com quem eu convivi. Deus me deu esse privilégio de conviver com essas pessoas. Então, Djalma Marinho, era de Nova Cruz, amigo de meu pai, e eu escrevi *O Homem que Pintava Cavalos Azuis*. A propósito, quem deu esse título, eu contei essa historinha, foi um ex-diretor desta TV, que foi Luiz Lobo, grande jornalista. Dinarte Mariz foi quem me nomeou adjunto promotor de Natal e Nova Cruz; consequentemente criou um clima amigável a Djalma. Ele se aproximou, tivemos contato. Dom Nivaldo Monte foi uma grande figura da minha vida, que trabalhou comigo na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras²⁵, mas também uma figura humaníssima, cheia de coisas fantásticas. Eu queria sempre pessoas bem-humoradas,

25 <http://anrl.com.br/site/a-academia/quem-somos/>

doutor Onofre, com quem convivi desde o começo, e a cidade de Natal, que eu fiz uma biografia da cidade porque eu acho que as cidades, tem cidades femininas e masculinas; por exemplo, o Rio de Janeiro é uma cidade feminina, São Paulo é masculina, Paris é feminina; Londres, masculina. Natal é uma cidade feminina, pelas cores, pela beleza, pelas formas, pelo rio, pelo morro; nas expressões maiores, é uma cidade que gosta de se enfeitar, uma cidade bonita por natureza. É bonita porque se criam coisas interessantes aqui, enfim, e a mulher é a parte mais bonita da humanidade. Então, dei o título [do livro, *Natal: Biografia de uma Cidade*] como mulher; é tanto que o livro é dividido em pré-natal, o natal, a menina, moça e a mulher.

Apresentador: A respeito das novas gerações que estão escrevendo, estão produzindo literatura com selos alternativos, mesmo numa era muito caracterizada pelas tecnologias digitais, os jovens estão muito conectados em outras mídias. Como o senhor vê essa cena da produção cultural literária ainda no Rio Grande do Norte?

Diógenes da Cunha Lima: Há uma expressão que eu adotei, que, “o Brasil é um arquipélago cultural, ou seja, há as ilhas chamadas estados que separam e não sabem nem o que tá acontecendo”. Aqui há gente grande da poesia, do maior nível. Poesia é quando a palavra atinge a excelência.

Então, há grandes poetas aqui, desde os velhos que já passaram aos novos que estão surgindo. De vez em quando, eu tomo um choque com a beleza de um jovem que às vezes aparece e me pede um prefácio, encabulado de mostrar, como eu me sentia também, naquele tempo, mas é uma beleza de coisa que está havendo, e é um ressurgimento de novos e bons escritores do Rio Grande do Norte.

Aracely Xavier: Eu soube, durante as pesquisas que fiz, um fato curioso sobre a data do seu nascimento, que houve uma interferência do tabelião do cartório. Queria que você falasse um pouco pra gente.

Diógenes da Cunha Lima: É que o tabelião lá de Nova Cruz gostava do seguinte: ele registrava o menino pela ordem de chegada. O último menino foi em julho, eu nasci no dia 26, mas o último menino tinha nascido e sido registrado dia 19; logo, ele não podia pular para o dia 26, e registrou 20. A minha mãe não aceitava isso porque eu tava arriscado a me chamar de Ana, porque nasci no dia de Santana, no dia 26 de julho, e então dizia: “Não, seu número é 26!” Eu arrumei a vida dizendo pra comemorar sete dias de comemoração de aniversário, e ainda pra confundir mais, alguns cronistas sociais, “qual é o seu aniversário”, eu dizia, “20, 26”, e eu achei boa ideia, e dizia, “18 de outubro”. De vez em quando eu recebo um bilhete, não é bom? Uma brincadeira boa,

agradável, e ficou isso. Lá em casa já se sabe que é isso mesmo, uma semana do meu aniversário [risos].

Apresentador: Ano passado o senhor completou 80 anos, é isso?

Diógenes da Cunha Lima: Dizem essa mentira, mas acho que não é verdade. Devo ter uns 50, 60 anos! [risos]

Apresentador: Queria fazer uma pergunta estilo “revista de beleza, estética”: Qual o segredo da sua juventude?

Diógenes da Cunha Lima: Tem alguns segredos. Um deles é porque me sinto jovem mesmo. Eu trabalho muito, acordo 4h, 5h da manhã e vou até 10h da noite ativo, com coisas pra fazer, seja literatura, seja de Direito, que eu estudo todo dia, seja no meu escritório, nas causas que estou fazendo, uma das coisas foi essa. Mas também faço exercícios, faço yoga, e sou casado com uma pediatra, e não pode deixar de ser criança. [risos]

Rafael Lopes: Professor, o senhor acabou de dizer uma coisa que é muito incentivadora para nós estudantes, que o senhor estuda todos os dias. Infelizmente, a gente tem vivido um cenário onde a pesquisa no nosso país tem sofrido cortes bastante elevados. Gostaria de saber a opinião do senhor como professor, ex-reitor da nossa universidade, e como o

senhor enxerga essa situação da Educação e do incentivo à pesquisa no nosso país.

Diógenes da Cunha Lima: Com muita tristeza, o que há é muito esforço individual. A nossa universidade é um orgulho brasileiro porque há pesquisadores, gente muito séria trabalhando aqui, lutando pra fazer crescer essa universidade, mas o corte de verbas para educação é uma coisa calamitosa. Eu disse há pouco que estava chegando do Japão, e o Japão é um milagre do ressurgimento porque eles investiram pesadamente em Educação e pesquisa. Repare bem, com a Segunda Guerra Mundial, o país ficou destruído. O país é hoje líder de muitos setores graças à Educação, não há outro caminho fora a Educação, e sem verba não vai, sem dinheiro não vai. Professores mal pagos, abandonados, com a pesquisa sendo cortada para atividades menos produtivas, porque a Educação é produtiva, a Educação é um instrumento da Cultura. Ela dá um resultado, muito amor; às vezes demora a chegar, mas ela dá um resultado muito maior do que qualquer outro investimento. Se não investe na pessoa, o resto, nada funciona. Vejo com muita preocupação. Rafael, não é brincadeira o que está acontecendo no Brasil na área da Educação e da pesquisa.

Ana Carla Dantas: Voltando um pouco para sua época de aluno, professor e reitor da universidade, nesses três períodos da vida, qual fato que ficou mais marcado na sua vida?

Diógenes da Cunha Lima: É difícil de dizer, mas eu diria que foi como professor, porque como professor comecei com prática jurídica, que eu tinha experiência, mas logo depois fui ensinar Direito Comercial, que era uma disciplina muito interessante. Mas se aproveitavam de mim, porque, quando faltava um professor, me chamavam pra dar aula, então eu fui professor, imagine, sem saber, mas estudando pra dar aula e avisando aos alunos: “Olhe, não puxe muito por mim não, porque não sou essas maravilhas não, não sei, o professor é ‘fulano’”. Mas ensinei Constitucional, Civil, Processo Civil e Trabalhista; logo, toda a gama de trabalho da função do professor foi fantástica na vida. Até hoje tenho orgulho de ter descoberto alunos excepcionais, e tenho ex-alunos desembargadores, juízes, procuradores, ministros, ir ao Superior Tribunal e dizer isso: “Foi meu aluno!” Recentemente, fui ao Superior Tribunal e falar meio encabulado com um norte rio-grandense, ministro Luís Alberto, [que] me chamou de professor de braços abertos; tem nada melhor que isso. Eu estava meio encabulado de ir lá e falar com ele, quando encontro uma figura desse jeito. Então, desembargadores, procuradores do Estado,

da República, é uma maravilha, figuras extraordinárias, advogados excelentes, que foram meus alunos e às vezes estão disputando comigo no Fórum. E eu tenho que estudar todo dia porque essa turma nova está chegando, vou ficar ultrapassado, e não dar [mais] pra competir.

Apresentador: Além de tudo escrevendo, o que o motiva a escrever hoje?

Diógenes da Cunha Lima: Porque eu sou um observador da vida, e eu sei de algumas coisas. Ontem, teve uma história engracada. Mineiro que me deu tanto trabalho aqui na universidade, me disse: “Rapaz, eu fui ao interior e encontrei um cara chamado Francisco, e ele, encantado com tudo que o senhor escreve, ele tem trabalhos seus; pra ele, você é um ídolo!” Aí pediu um momentinho e ligou: “Francisco, diga com quem estou. Acertou! Tá aqui na Assembleia”, e tal, passou o telefone, e fui conversar. Ele disse que gostava do que eu escrevia, recorta toda semana o jornal, a “Tribuna”, e coloca numa pasta especial. Então uma coisa dessa me motiva, sem limites, isso me dá uma alegria sem limites; a cada minuto, há uma lembrança, um fato, uma história. Há poucos dias, eu publiquei uma sobre educação no Japão, então eu escrevo, e isso me agrada. A Tribuna me permitiu escrever sobre qualquer tema literário, geralmente com muita

abertura, pra ver aquilo que observo, vejo, observo e comento, com certa liberdade; mesma coisa faço no programa da TV.

Arlyson Aguilar: O senhor é poeta, escritor, professor, advogado. Qual dessas ocupações te dá mais prazer, e se você pensa em escrever uma autobiografia.

Diógenes da Cunha Lima: O que me dá prazer, não digo que mais, quando consigo é um poema ou uma canção. Isso é um prazer fantástico. Mas o Direito também me dá prazer, quando há o sentimento de justiça realizado. Eu tenho sino grande em casa, uma historinha pra vocês: o primeiro dinheiro que ganhei foi tocando sino na igreja matriz de Nova Cruz. O sacristão gostava de ler o jornal, o padre não permitia; ele subia na torre, me dava dinheiro, e eu tocava o sino; Daladier também tocou o sino muito lá. Enfim, o sino ficou com presença, então eu tenho um sino tenor grande em casa, e quando eu ganho uma causa importante, eu toco o sino; quando um amigo meu é promovido na vida, toco o sino; recebo uma personalidade em casa, toca-se o sino tenor. Eu digo que é pra celebrar as mais finas alegrias. Em outras palavras, tudo me dá alegria no que eu faço. Eu tenho alegria de estar aqui, porque eu tenho uma frase que é boa: não tem futuro que não cuida do seu passado. Nós criamos o passado, recriamos para o futuro se você cuida do seu passado. É isso que estamos fazendo.

Apresentador: Na sua trajetória, quando olha pra trás, você pensa no seu legado e qual gostaria de deixar para seus amigos?

Diógenes da Cunha Lima: Minha vida deu alguma coisa nesse sentido. Eu digo que há uma hierarquia das lealdades e da responsabilidade. A primeira responsabilidade é com seus parentes, ancestrais, filhos, netos; isso é lealdade absoluta. Logo depois os seus amigos, aqueles que estão ao seu redor; depois que vem a cidade, o país e o mundo. Nessa responsabilidade que você tem, eu passei a minha vida tentando fazer a ascensão coletiva, ou seja, a verticalização daquela pessoa. Se eu pude ajudar alguém, aquilo realmente me faz feliz. Então essa é a matriz do meu pensamento do legado que eu penso de ter deixado. Algumas coisas que a gente incorpora, muitos daqueles que já foram embora, aqueles biografados por mim, muitos que ainda pretendo fazer, eu incorporo como se eles fossem eu, eles entram na minha vida como sendo eu, depois eu tenho que retirá-los para eu ser eu mesmo. Então, dentro desse quadro, dentro dessa visão, dei uma contribuição ainda que pequena, mas exercendo a função que me foi tocada; isso me dá uma alegria muito grande. Eu brinco com meus alunos, quando vou a essas turmas de onde vocês vêm, e mando eles fazerem uma frase, que é a seguinte: uma frase sem verbo. A cada dia uma

alegria, construo a alegria, invente uma alegria, promova uma alegria, enfim, coloque o verbo que você quiser, mas use sempre essas palavras. Nós temos que ter alegria de cada dia. Talvez seja essa a contribuição.

CONSIDERAÇÕES

Diógenes da Cunha Lima: Eu agradeço muito por estar aqui, muito feliz, sobretudo pelo nível das perguntas que foram feitas e que me tocaram.

Capítulo 9

Entrevista com Ianne Silva

PROGRAMA 7



Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)

Alexandre Carvalho (Jornalismo)

Ana Carla Dantas (Jornalismo)

Rafael Lopes (Jornalismo)

Marcelo da Rocha (Jornalismo)

Maria Luiza Nunes (Radialismo).

Entrevistado

Ianne Silva

Jornalista, radialista pela UFRN e integrante do grupo *Octo Voci*.

Apresentação em *off*

A entrevistada do Xeque-Mate de hoje é a soprano Ianne Silva. Ianne é a integrante mais antiga do Octo Voci. O Octo Voci é um grupo vocal da UFRN criado em 2003. Criado por oito cantores, promove uma exaltação da Música Popular Brasileira em seus mais diversos gêneros. Tem como diferencial a versatilidade, e como marca, a execução de músicas eruditas e populares em novos arranjos.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos começar com a história do Octo Voci, tá completando, esse ano, 15 anos. Como começou e quem foi o idealizador?

Ianne Silva: Começou tudo em 2013, a partir de um aulão de Literatura; antigamente, existia essa cultura de fazer aulão de vestibular. Então, um professor, Josivan, de Literatura, convidou algumas pessoas integrantes do madrigal da UFRN pra fazer uma participação em uma peça chamada “Santo Inquérito”, e aí virou um quarteto de vozes ali. Só que o pessoal começou a perceber que aquilo era legal, gostoso de fazer, porque o madrigal da UFRN era um coral grande, com 40 vozes, e ali era uma coisa pequenininha, dava pra

explorar outras coisas vocais. E aí surgiu, então, a ideia de: por que não fazer um grupo pequeno? Vamos chamá-lo como? Octeto, dois em cada naipe, enfim, e aí surgiu a ideia de fazer real um grupo vocal naquele mesmo ano; outras pessoas foram convidadas. Eu ainda não fazia parte do grupo, mas assisti tudo como espectadora naquela época, e desde então, até hoje, estamos por aí.

Alexandre Carvalho: Durante esses 15 anos, o que você pode dizer pra gente? Qual a maior dificuldade que o grupo enfrentou? A gente sabe que é muito difícil levar um grupo hoje, principalmente sem apoio, sem patrocínio; então, qual foi a maior dificuldade que vocês enfrentaram nesses 15 anos?

Ianne Silva: Como somos um grupo da Escola de Música, isso dá um certo conforto pra gente, porque a gente tem onde ensaiar, a gente tem minimamente o material pra poder fazer nosso trabalho. Então, a falta de patrocínio não chega a ser um grande problema para o grupo. Para mim, na minha visão, e acho que para todos, é a falta de direção musical; quando nós estivemos sem uma direção musical, foi um período difícil, a gente não conseguiu evoluir no nosso processo. E aí o grupo meio que parou por um tempo, deu uma estagnada, sem conseguir fazer algumas apresentações, ter alguém à frente pra poder dirigir. Quando isso foi resolvido, tudo se procedeu. Então, pra gente, eu acho que

o momento mais difícil é esse limbo de ficar sem a direção musical, que hoje, ainda bem, estamos resolvidos.

Ana Carla Dantas: Como tudo na vida tem os altos e baixos, e você falou agora dos que o Octo Voci já teve, e eu queria que você dissesse qual foi e qual é o momento de auge do grupo.

Ianne Silva: Nós temos dois vieses de apresentação de trabalho; por exemplo, nós cantamos música popular e música erudita. Então assim, em termos de música erudita, posso destacar algumas coisas. A gente fez um concerto de música armorial feito por Danilo Banas que foi muito bonito; a gente cantou com coral do Senado de Brasília, no Teatro Riachuelo, fez a “missa tango”, que é uma missa belíssima, escrita por um argentino, uma missa que tem elementos do tango mesmo e a letra típica da missa, letra litúrgica, que a gente encontra nesse tipo de literatura musical. Eu acho que esses dois momentos são bem interessantes, e eu acredito também, do lado popular do nosso repertório, um grande momento foi quando nós fomos convidados pra participar do Brasil Vocal, que é na verdade um concurso, uma competição, e nós fomos convidados pra participar, então uma noite era reservada só para o Octo Voci; então, esse momento foi muito importante.

Apresentador: A natureza do Octo Voci é um projeto de extensão universitária, né? Como se dá essa relação com a UFRN, e se o público majoritário, público-alvo de vocês, é um público mais acadêmico, na comunidade da UFRN, ou não?

Ianne Silva: A gente sempre enfatiza que somos um grupo de extensão importante porque a Escola de Música da UFRN é a nossa casa, na verdade, e nesse trabalho que a gente executa, muitas coisas são realizadas dentro da comunidade acadêmica, dentro da universidade, e isso faz com que, de repente, a gente tenha uma exposição maior pra esse tipo de público, acadêmico, estudantes, docentes. No entanto, com alguns projetos, a gente consegue alcançar outros. No ano passado, nós fizemos um projeto bem interessante, que era cantando na beira da praia, e aí a gente teve um outro público, e a gente espera mesmo. Não que estar dentro da academia seja ruim, mas a gente quer alcançar, também, o grande público; uma música de qualidade, a gente acredita que tem que chegar em todos os ouvidos.

Apresentador: Até porque vocês transitam nessas categorias entre cultura erudita e popular e chegar com a cultura popular através da voz, da [voz à] capela, eu acho que existe um interesse das comunidades em conhecer. Qual o maior desafio de chegar nessas comunidades?

Ianne Silva: Acho que aí entra mesmo [a questão] do patrocínio etc. Se a gente tivesse um recurso maior, alguma coisa que pudesse viabilizar, chegar até esse público, seria mais fácil. No entanto, a gente trabalha com o que tem; a gente sempre tá tentando levar a nossa música em todos os ambientes. A gente já fez apresentações em asilos de idosos, também em hospital; a gente tenta, né, e a gente gosta muito disso, e a gente até tem um projeto pra começar a se apresentar para o público de rua, pessoal que é atendido por grupos que vão lá dar algum tipo de assistência, aquela coisa do banho, de entregar a sopa, então a gente tá querendo colocar esse projeto pra frente, esse ano. É uma vontade nossa.

Rafael Lopes: Eu gostaria de saber como alguém pode se tornar membro do Octo Voci, se vocês abrem algum tipo de edital, tem algum período específico do ano pra fazer a seleção... gostaria que você explicasse um pouco sobre esse processo.

Ianne Silva: Quando há necessidade, nós realmente recorremos a edital. A gente abriu um edital para as novas vozes ano passado. Esse ano nós fizemos uma chamada mais simples; com a saída de alguns membros, nós tivemos que retomar nosso número de vozes. Então, basicamente é isso, quando há a necessidade, porque a gente gosta de ter “duas pessoas por naipe” pra poder haver o equilíbrio,

então são oito, porque são quatro naipes só pra alto, tenor e baixo, então são dois por naipe. Então, se alguma pessoa não puder mais continuar, a gente sempre busca convidar pra fazer o teste, ou até mesmo abrir o teste, abertamente, e receber quem quiser ser escutado.

Apresentador: Você podia, pra o telespectador da TV Universitária, que não tem tanto conhecimento sobre esse assunto, inclusive eu, explicar melhor esses quatro naipes, o que caracteriza cada um, diferencia cada um?

Ianne Silva: Primeiramente, eu sou um médio soprano, mas tenho uma classificação vocal que me permite cantar do grave até o mais agudo; então, dentro do coral, dentro do Octo Voci, eu posso ser tanto um primeiro soprano como um segundo soprano. Existem os contraltos, que são as mulheres que cantam um pouco mais grave, tem uma voz mais aveludada; tem o tenor, que é o mais agudo, os homens que tem a voz mais aguda, mais brilhante no agudo; e tem os baixos e barítonos, que são os homens mais graves, que têm aquele vozeirão que a gente sempre enaltece e etc. Agora, existem outros caracteres técnicos que não dá para eu exemplificar aqui, que é questão de brilho da voz; às vezes, a pessoa alcança uma nota muito aguda, mas o brilho da voz dela mesmo é em uma região mais mediana. Então, a

gente já pode dizer que aquela pessoa é um tenor, ou um contralto ou soprano, é bem diversificado.

Marcelo Rocha: Você falou que um dos momentos de auge do grupo foi o projeto Brasil Vocal. Explica melhor como se deu a participação no projeto.

Ianne Silva: O projeto Brasil Vocal aconteceu em 2010, esse que nós fomos convidados, e é um concurso mesmo, com peças de confrontos entre os corais, que se preparam pra fazer a peça de confronto, e a partir daí uma comissão julgadora define quem são os vencedores, a menção honrosa e tudo mais. Os grupos que estavam participando desse evento eram grandes grupos; então, a gente tem o BR3 envolvido nisso, o Ordinário, então, assim, quem gosta de música vocal entende que são grandes nomes dentro da música brasileira. Nós não nos inscrevemos, nós apenas aqui em Natal, na época a gente tinha feito recentemente um *show* chamado Vestindo Beatles, que foi bastante aclamado, todo mundo gostou. Eram músicas dos Beatles cantadas a oito vozes, a quatro vozes, diversas formas; e eles convidaram o Octo a se apresentar. Pagaram tudo, então a gente apresentou o Vestindo Beatles lá no Rio de Janeiro, no CCB, Centro Cultural Banco do Brasil, que é uma casa belíssima, cheia de cultura, e, inclusive, nessa edição do Brasil Vocal, eles estavam homenageando o Nordeste e Luiz Gonzaga, e incrivelmente não tinha nenhum

grupo nordestino participando! Somente nós que fomos convidados, então a gente aproveitou e fez uma homenagem a Luiz Gonzaga colocando um trecho de “Asa Branca” no meio de uma das músicas dos Beatles, e foi sensacional, todo mundo adorou, e foi uma participação maravilhosa.

Maria Luiza Nunes: Com a Cientec se aproximando, vocês têm planos para o evento?

Ianne Silva: Sim; a gente se inscreveu para ser uma das atrações nas noites que existem de cultura na Cientec, e como nós temos ímpetos de fazer e criar um *show* especial para os nossos 15 anos de atividade, a gente tá querendo já colocar uma pitadinha do que seria esse *show* no final do ano já na Cientec, que, este ano, vai acontecer em junho. Então, a gente tá criando repertório; nós recebemos, agora, quatro novos membros no nosso corpo de cantores, e a gente tá criando repertório junto com eles, criando músicas que a gente já fazia, colocando outras, estudando o que a gente pode colocar já nesse *show* que a gente pretende apresentar na Cientec.

Apresentador: Quinze anos de trajetória, você lembra de algum acontecimento curioso ou até mesmo desagradável, tipo aquela famosa “roubada” que o grupo se meteu?

Ianne Silva: Tem coisas interessantes que acontecem assim; em trabalho em grupo, sempre tem alguma coisa

engraçada. Por exemplo, o Octo Voci já fez uma trilha sonora de um documentário muito interessante chamado “Com quantas ave-marias se faz uma santa?”, que fala da santa menina que tem em Florânia, se eu não me engano é esse o local, e na noite que foi lançado esse documentário que foi lá na cidade, nós fomos convidados a cantar nessa noite de lançamento. Cantamos na igreja, foi bem bonito e tal. Eles nos hospedaram em uma casa paroquial bem distante da cidade, no alto de um monte, lá em cima, isoladíssimos, e só tinha a gente nessa casa imensa, e a gente via a cidade lá embaixo, e depois que a gente se apresentou, no outro dia que a gente acordou, nada de ninguém aparecer, e a gente sem carro, sem nada, a gente só esperando que alguém aparecesse, até pra levar comida. Foi dando 8h, 9h, e ninguém aparecia. 10h, 11h da manhã apareceu, finalmente, uma pessoa com café da manhã pra gente, e a gente sem entender que tinha que descer essa ladeira, tem que descer o monte, e foi engraçado. Essa foi uma das muitas aventuras que acontecem em grupos.

Ana Carla Dantas: Você falou que tá no grupo há oito anos. Como integrante mais antiga da formação do grupo, como é estar à frente de um grupo há tanto tempo?

Ianne Silva: É meio angustiante, e uma aventura na verdade, porque, de repente, você ver que você antes tinha

um papel que não era protagonista, você ver que era uma pessoa apenas coralista, obedecia a um ensaio, você fazia parte um pouco menos atuante e de repente, quando o tempo foi passando, alguns integrantes foram se desviando e etc, e me vi na posição das mais antigas, me perguntei como ia ser. De repente, me vi coordenando coisas que eu nem imaginava. Então, hoje em dia, eu sou assessora de imprensa do grupo, e eu tô fazendo contato diretamente com a Academia, coisas que tenho que resolver para o grupo; eu me desloco da minha casa, vou pra Escola de Música pra poder resolver diretamente com a secretaria, com os professores e etc. Tudo isso não acontecia antes, e agora tô à frente, e se eu parar, não dá certo, e eu tô indo. Está sendo muito agradável, divertido, é uma aventura.

Rafael Lopes: Como é lidar com tantas personalidades diferentes dentro do grupo?

Ianne Silva: Eu gosto disso. É um pouco difícil, eu brinco que, quanto mais eu lido com gente, mas eu prefiro meus gatos, porque é muito difícil. Gente dá trabalho, mas eu gosto dessa coisa de ter pessoas, uma mais impulsiva que fala alguma coisa, outra que pondera mais e etc. Então, são oito pessoas, cada uma com o humor diferente e se esforçando pra que seja uma engrenagem que dê certo.

Então eu encaro como um desafio diário, mas nos fins da conta, tem dado certo.

BLOCO 2

Apresentador: Além de trabalhar com música, você tem também formação em jornalismo, radialismo. Chegou a exercer a profissão? E [em] que momento você decidiu, “não, é com música mesmo, quero abraçar aqui a minha carreira”?

Ianne Silva: Eu acho interessante que eu tenho essa formação, e isso hoje me ajuda até com o grupo, porque virei assessora de repente. Na verdade, eu trabalho com rádio, trabalho na rádio Assembleia, mas a música nunca saiu desse meio, tanto é que, mesmo enquanto estagiária aqui na rádio Universitária, eu trabalhava com jornalismo, mas eu pedi pra ir pra produção, então sempre eu mesma me empurrando pra música. Isso fez parte sempre tanto da minha formação acadêmica como também fiz curso básico na Escola de Música e não vivo da música; a música é um grande prazer pra mim, talvez seria uma grande realização viver da música, mas ainda não vivo da música. O meu trabalho com o Octo Voci é um trabalho complementar pra minha satisfação pessoal, mas não vou deixar de lado.

Alexandre Carvalho: Você falou há pouco que gostaria de viver da música. Como o grupo se sustenta? É só com verbas da universidade? Ou, se vocês recebem cachê, é possível o grupo se autossustentar, financeiramente falando?

Ianne Silva: Eu acredito que seja, sim, possível. Eu não tenho um conhecimento profundo sobre os grupos artísticos aqui da universidade que consigam ter uma vida profissional efetivada a partir das suas apresentações e etc. Tem muitos grupos exitosos aí, como dança, como no teatro, na música. Nós temos, sim, um pequeno apoio da universidade; não temos bolsa, não temos verba, no entanto, porque somos pequenos, mas o trabalho que a gente faz durante o ano é pra justamente conseguir esse tipo de benefício. Em contrapartida, nós temos total liberdade pra aceitar convites, pra receber cachê, trabalhar em eventos, fazer *show*, a gente pode cobrar nos *shows* também, são várias possibilidades.

Apresentador: Em que outras áreas, campos de atuação, os integrantes do grupo, trabalham e atuam?

Ianne Silva: É bem diversificado. Nós temos um cantor profissional, que canta no coro do RN; eu trabalho como voluntária nesse coro, mas ele é servidor público, que, inclusive, é o integrante mais antigo, Diogo Nascimento. Temos funcionária pública do TJ, temos professor aqui da

universidade, a gente tem gente que trabalha em rádio, tem jornalista também, é bem diversificado.

Apresentador: E que, pelo menos indiretamente, utilizam bastante a voz como ferramenta também, né?

Ianne Silva: Sim, sem dúvida, principalmente o jornalista que trabalha em duas emissoras, então ele utiliza muito a voz o tempo todo. Nós tivemos, também, uma integrante que era nossa preparadora vocal e nossa diretora, Thaise Matias. Ela agora é professora de canto do IFCE, de Limoeiro. Então, tipo, estão por aí distribuindo música.

Maria Luíza Nunes: Você tinha comentado a dificuldade que é conviver e tratar com as pessoas. Qual é a qualidade e o defeito em viver em um coral, de conviver com as pessoas e carregar o coral pra frente?

Ianne Silva: Ponto positivo: acho que a música resolve tudo quando você baixa o braço e todo mundo abre a boca e sai uma música muito bonita, então acho que faz a gente respirar. Eu acho que isso aí paga tudo. Ponto negativo é aquela coisa, né: de repente você quer que uma pessoa aceite fazer um ensaio extra no domingo e a pessoa não pode, quer descansar, essas coisas assim, que partem da individualidade de cada um. Mas eu acredito mesmo que a unidade da música é o gostar da música. A unidade da atividade canto e coral

é isso, de fazer música boa, de qualidade, de manter uma afinação legal, da gente parar e dizer, “olha, ficou massa essa gravação, vamos gravar, vamos fazer”, é ter ideias pra frente mesmo, e movimentar a cultura, movimentar a arte.

Rafael Lopes: Você falou que, nesses 15 anos de grupo, vocês fizeram algumas apresentações, já foram convidados a fazer a parte musical de filmes e etc. Eu queria saber se, pra este ano agora, vocês têm algum projeto mais específico que vocês vão atuar, vão representar, na capital ou fora mesmo.

Ianne Silva: Nós recebemos recentemente o convite muito interessante, muito legal, que a gente se sente muito honrado, da parte do compositor Caio Padilha, ele é quem tá responsável pela trilha, pelo texto, pela parte cênica, do Mossoró Chuva de Bala, esse grande espetáculo que acontece no Mossoró Cidade Junina. Nós somos a trilha desse espetáculo, a gente tá ensaiando com ele, a gente vai gravar, as nossas vozes vão ser a trilha sonora mesmo do espetáculo Mossoró Chuva de Bala [“Chuva de Bala no País de Mossoró”].

Apresentador: Me revele se qualquer pessoa que tenha o interesse, tenha plenas condições vocais e que tenha interesse em integrar um coral, é possível isso? Qual seria o pré-requisito básico?

Ianne Silva: Sim, com certeza. Ter ouvido bom. Não é a voz boa, é o ouvido bom. As pessoas pensam que a afinação começa aqui na garganta, mas começa mesmo no ouvido. Qualquer voz pode cantar; não importa se é fanho, se você é rouco, você cantando afinado, você ouvindo, conseguindo se enquadrar dentro de um ritmo ou dentro de uma melodia, tá ok. Isso é música. Então, eu acho que a atividade de coral, uma das coisas mais abrangentes que existe, artisticamente falando. Eu já vi corais de pessoas surdas, então elas interpretavam a música através da linguagem de sinais, e foi lindo, emocionante do mesmo jeito. Ninguém cantava com a boca, mas a gente via que tinha uma interpretação musical, então acho bem diversificado mesmo.

Ana Carla Dantas: É um longo tempo [tá] à frente de um grupo, como você falou, mas em algum momento você chegou a pensar em desistir? Aconteceu alguma coisa que fez você parar pra pensar, “é isso mesmo que eu quero da minha vida?”

Ianne Silva: O fato de a gente ter passado um tempo sem direção musical, isso desestimula um pouco, e foi muito difícil realmente; a gente ficou, assim, titubeando, mas é uma questão mesmo de paciência, de amor com o que se faz. Então quando você vê que pode ter uma perseverança maior e que aquilo pode passar, aí você vê que pode colher,

né. Então, de repente, a tempestade passou, a gente tem agora uma direção, temos propósito, temos projetos pra esse ano, queremos fazer um *show* de 15 [anos], etc. Então isso daí motiva a gente.

Alexandre Carvalho: Você disse há pouco que qualquer pessoa pode cantar. Dizem as pessoas que convivem comigo que sou extremamente desafinado, eu não acredito [risos]. O grupo faz esse tipo de trabalho, como faz parte da Escola de Música, de ensinar aquelas pessoas que não têm uma certa afinação vocal, ou não?



Ianne Silva: O nosso grupo já fica com pessoas que já estão em um certo nível porque somos oito. Quando

recebemos esses três novos integrantes, buscou pessoas que tivessem aprendizado rápido de música, a gente fez um teste que dava uma partitura na hora mesmo, começava a passar a linha vocal deles no piano; em minutos, a gente passava um trecho de uma música, juntava todo mundo com os antigos pra cantar um trecho, pra saber como se saía. A gente observa esse tipo de manejo da pessoa dentro do grupo, se ela pega rápido, se ela tem uma voz que se enquadra aos timbres, se não vai ficar muito “furando”, como a gente fala. A gente não necessariamente ensina; no entanto, quando estamos ensaiando, às vezes são coisas difíceis que temos que passar. Imagine uma música, oito vozes, né; cada pessoa tem uma linha melódica que vai cantar ao mesmo tempo que todas as outras, cada um, uma coisa diferente. Então, tem que passar bem direitinho, detalhadamente. Então tem gente que não consegue e desafina, de repente não consegue pegar aquele trecho, e [aí] entra a técnica vocal, a pessoa que vai fazer a direção musical. Então, “não é assim que se faz, faz assim, vamos pegar, trazer essa respiração pra cá, a nota é assim”, fulano vai dar o “si”, e esse se transforma em um dó. Tem todos esses mecanismos que a gente faz dentro do grupo pra os próprios componentes.

Alexandre Carvalho: E se eu quiser ser a nona voz? [brincando]

Ianne Silva: Eu acho que poderíamos fazer uma participação especial no nosso *show* de 15 anos. Seria ótimo, eu adoraria. [risos]

Marcelo da Rocha Silva: Viver da música é um dos seus sonhos. Quais são os outros que você deseja ainda viver?

Ianne Silva: A paz mundial; e o meu sonho mesmo, é uma coisa muito subjetiva. Eu queria que a gente vivesse mesmo numa sociedade mais justa e mais segura, sendo assim, pra mim, seria o ideal, direitos iguais. Acho que é o básico mesmo pra se viver, se planejar outros sonhos materiais, você precisa ter esse tipo de mundo ao redor, com pessoas mais justas, com segurança, e com uma perspectiva de futuro melhor.

Apresentador: Tem muitos sentidos que são atribuídos à arte. Um deles é você conseguir emocionar, impactar de alguma forma, algum tipo de público, né. Que tipo de emoção você percebe quando a pessoa escuta o canto de coral?

Ianne Silva: É muito bonito isso. Eu penso em mim, na verdade, quando eu de repente me vi a primeira vez, achei engracado, e pensava em nunca fazer isso, e de repente todos os meus amigos estavam lá, “vamos pro ensaio hoje de tarde”, e quando eu cheguei no ensaio,achei a coisa mais sensacional do mundo, e aí eu fui ao encontro de corais, e

vi aqueles grandes corais, cantando coisas incríveis, e eu fiquei passada, e aí hoje em dia eu canto essas coisas, e eu vejo as pessoas incríveis. Eu gosto de ver essa transformação do humor das pessoas, de elas verem aquela música e se encantarem e simplesmente melhorarem o seu dia.

Apresentador: Em relação à escolha de repertório, como vocês planejam e se preparam?

Ianne Silva: Hoje, este ano de 2018, que a gente tá fazendo 15 anos, a gente tá com um projeto de fazer um *show*, onde a gente resgate a música nordestina, não através dos estereótipos, o frevo, maracatu, a gente quer mostrar no *show* os nordestinos que estão na música brasileira. Então, a gente quer fazer um repertório voltado a Lenine, Alcione, muitos artistas nacionais que o pessoal nem lembra que é do Nordeste, por exemplo, Djavan, são várias pessoas. Então, a gente tá entrando numa escolha de repertório a partir desse viés, pra esse *show*, a gente tá procurando pessoas pra fazer arranjo vocal pra gente. A gente já tem alguns arranjos bem legais, já estamos estudando, desde o ano passado, algumas músicas para esse *show*, e, por enquanto, nossa escolha de repertório tá baseada nesse projeto, que é um *show* que a gente pretende apresentar no final do ano, comemorando os 15 anos, enaltecendo a nossa Região do Nordeste.

Maria Luíza Nunes: Você falou sobre o diretor do coral de vocês e de outros corais que tem um regente. Vocês têm um regente ou são vocês oito que decidem e “se viram” no sentido de saber ordem, entrada e essas coisas?

Ianne Silva: Pois é, essa é uma das características mais recorrentes em grupos vocais, o coral em si, você sempre vai ver aquele regente ali na frente, dando as ordens, as entradas e etc, dando o tom pra pessoa entrar. No grupo vocal, são poucas pessoas, às vezes é feito por três pessoas; não existe uma pessoa pra ficar na frente dos três e reger. Nós somos oito; sim, precisamos de uma pessoa que dê o tom, de repente alguém pode dar o tom pra gente, através de um piano, mas não temos. É uma escolha nossa. A gente organiza o nosso som, nós organizamos a dinâmica, as músicas que vamos apresentar, e na hora que a gente baixar a cabeça, não é a mão do regente, não existe isso. A gente se olha, se observa, respira junto e vai, não tem regente, é quase uma sinergia.

Apresentador: Nas suas horas vagas, o que você gosta de escutar, coro também? Ou não? Que outros gêneros você consome?

Ianne Silva: É uma pergunta extremamente difícil. Eu acho que, se eu fosse falar aqui do meu gosto musical, eu poderia passar aqui o programa inteiro. Eu não ouço só coro

musical, vocal; eu ouço de tudo, eu ouço de banda de *metal*, *black metal*, até Edson Gomes, passando por Amelinha e Chiclete com Banana. Eu adoro música, eu gosto de tudo, eu respiro música, e acho que é o que salva a minha vida.

Apresentador: Dá pra caracterizar música de qualidade, que você entende que não seria apropriada pra um contexto? Tem como a gente fazer esse tipo de classificação?

Ianne Silva: Eu acredito que existem os contextos, eu acredito que existem as ocasiões, eu acredito que existem as intenções, né. Então eu acho que existem músicas de qualidade dentro do forró, dentro do samba; eu não posso nem dizer que não é de qualidade, uma coisa que tem elementos do *funk* porque, por exemplo, se eu for pegar uma pessoa como Karol Conká, ela tem uma letra que é extremamente empoderadora. Eu não tenho condições de dizer que isso não é música; é música, sim, e eu acredito que é uma das graças da arte, ela é mutável. Ela serve de diversas formas. Ela serve como cenário, serve como objeto. A música é assim, ela serve pra ambientar, pra ditar uma cor, mandar um recado ou até mesmo espalhar ou energizar.

BLOCO 3

Alexandre Carvalho: Há pouco, a gente tava conversando aqui sobre qualidade de música e você afirmou, e eu concordo com você, que não existe música ruim, existe música diversa, e aqui no nosso país, somos conhecidos como um país de uma diversidade musical muito grande. Como é trabalhar com música de qualidade, indiscutível como a de vocês, uma música, digamos, mais erudita, quando a música de qualidade duvidosa vem se tornando tão popular? Você se vê nadando contra a maré?

Ianne Silva: Não, eu me sinto um peixe numa maré boa, na verdade, eu adoro estar nessa corrente. Quando eu digo que o grupo Octo Voci faz música de qualidade, é no sentido de nós nos esforçarmos como cantores pra ter a melhor interpretação sobre essa música, pra atingir o timbre correto, pra passar a interpretação correta. Então, a gente procura ter aulas de expressão corporal pra poder dominar mesmo o palco e etc. Tudo isso influencia a música que a gente vai fazer. Então, não é apenas a gente pensar que cantar os grandes compositores, internacionais, os nacionais, não; é uma questão de você pegar até mesmo uma música que você pense “não tem condições de ser boa” e dividir ela em quatro vozes e ela ficar sensacional. Eu vou dar um exemplo

de um grupo internacional, que eles pegam músicas pop que você pensa que não é uma coisa de qualidade, e de repente você vê ali todo mundo cantando lindamente, divisões de vozes incríveis, e a música se transforma, você percebe a letra de verdade da música. Então, assim, quando a gente fala “música de qualidade”, é isso, é o trabalho envolvido em torno dessa música para que ela vire um produto belo, um produto que vai agradar, é uma coisa assim, nesse sentido.

Rafael Lopes: A gente tem visto que alguns artistas em Natal, principalmente no ramo do teatro, têm se destacado no cenário nacional. Eu gostaria que você contasse um pouco como é a situação aqui na nossa região, na nossa cidade, para o pessoal do canto, pra pessoas que têm um trabalho sólido, que muitas vezes não têm o devido conhecimento. Como você avalia esse cenário em Natal e no Rio Grande do Norte como um todo?

Ianne Silva: Eu acho isso interessante. Às vezes, eu fico pensando que a culpa de tudo isso é da Segunda Guerra Mundial, quando de repente vieram os americanos pra cá e a população se encantou com aquela coisa de fora, a primeira cidade a experimentar a Coca-Cola, o chiclete; enfim, esse deslumbramento com o que é de fora. Enfim, acho que isso se reflete no natalense até hoje. Nós, infelizmente, não conseguimos valorizar a música, a arte daqui, da forma que

ela deveria ser feita. Eu sou apresentadora de um programa na rádio Assembleia, que é de entrevistas com artistas daqui, com bandas, cantores e etc, e eu estou totalmente em contato com a produção musical riquíssima, aí, música de todo tipo, muito bem feita, sendo feita o tempo todo, é forró de qualidade, música *indie* de qualidade. Só que nós em um todo, o natalense, o potiguar não consegue enxergar o valor dessas coisas, infelizmente. E no canto, já puxando pra parte do canto coral, é interessante que Natal tem uma cultura de canto coral muito grande, talvez as pessoas não percebam, as pessoas que não cantam em coral, mas existe aqui um evento que acontece há dezenas de anos, chamado Econate, que é o encontro de corais de Natal, ele [é] um grande evento [em] que vem corais de fora, de outros estados, corais bons, todo mundo se empenha em se apresentar nesse evento, mas é um evento feito para coralistas, quem consome são os coralistas. Então, a gente vê que a população mesmo não entende que existe uma grande produção musical no estado, tanto de coral, vocal, erudita, como de música popular de diversos estilos.

Ana Carla Dantas: Você voltou ao assunto dos corais musicais, e eu queria que você falasse um pouco o que é um madrigal; ele é um grupo musical também?

Ianne Silva: O madrigal é, tenho até medo de falar besteira porque isso já é um assunto, assim, referente a quem estuda o canto, mas assim, o madrigal originalmente é uma formação de coro com, se não me engano, com 16 a 32 pessoas, algo assim. Então, o Madrigal da UFRN, esse nome é como se dissesse o Quarteto da Funpec, algo assim; então quando você tem esse nome, você espera que tenha uma formação específica com a quantidade “x” de pessoas por naipes. O madrigal, existe aqui o da UFRN, mas pode existir em qualquer lugar, é um estilo de formação musical, e, de repente, nós do Octo Voci, se a gente agregasse mais algumas pessoas, poderíamos ter essa formação de madrigal. No entanto, a gente não usa essa denominação.

Apresentador: Fala um pouco dos palcos e espaços de apresentação pra grupos de coral. Como você está enxergando aqui os espaços, sejam eles públicos, sejam privados, a gente tem um cenário ideal de exposição para esse tipo de arte?

Ianne Silva: Incrivelmente, o que eu observo é que a música coral aqui, apesar de existirem esses eventos, de haver também tantos grupos, porque são vários aqui em Natal, quem mais consome esse tipo de arte são as pessoas que vão casar, são os casamentos. Então, nos casamentos, sempre tem música vocal, quartetos, pequenos corais ou grandes corais cantando; é interessante isso, não é o ideal. Mas, acho

que deveria, sim, existir mais espaço, mais investimento, das empresas procurarem os grupos. Veja só como se usa a criatividade. Por que não fazer um *flashmob* com um grupo vocal? Seria interessante pra divulgar sua marca, fazer uma coisa dentro de um shopping, de uma praça. Enfim, mas infelizmente isso não acontece.

Apresentador: Em relação à utilização de redes sociais. Vocês têm buscado, têm tentado disseminar o trabalho de vocês por essas redes, esses grupos?

Ianne Silva: Nós temos o Instagram, que acho que tem alguns poucos anos de existência, e temos uma página no Facebook, que está quase com mil curtidas, então quem quiser “curtir” lá, pra gente fazer uma comemoração com as mil curtidas, seria legal. Inclusive, a gente queria até fazer um vídeo de agradecimento, uma coisa diferente e divertida para esse marco na página do Facebook. A gente acredita, sim, que as redes sociais são um excelente veículo, importante para se divulgar as coisas hoje em dia e também um meio de comunicação direta com as pessoas que consomem nosso trabalho. O *site* é uma coisa um pouco distante, petrificada, então a gente investe mesmo nessas redes pra fazer uma comunicação bacana e ter todo mundo por perto.

Alexandre Carvalho: O principal instrumento de vocês é a voz. Vocês já fizeram algum trabalho incluindo instrumentos também? E uma segunda pergunta, como é feito o repertório de vocês? Ele utiliza música mais atual ou também cantam clássico, como que é feito o repertório de vocês?

Ianne Silva: Nós utilizamos, sim, algum instrumento quando necessário, o grupo vocal tem, também, essa possibilidade de usar as vozes como seu instrumento. Então, os rapazes do baixo, que são as vozes mais graves, eles podem fazer algum som que parece de uma zabumba ou de um contrabaixo mesmo, e os tenores também podem fazer algum som indicando algum tipo de guitarra, ou vibrato indicando instrumento de sopro; são várias possibilidades. São oito vozes, né, de repente você pode ter uma orquestra sendo feita, é bem legal. Então, tipo, quando a gente vai fazer algum evento em algum lugar com muita gente, de repente, é bom ter um teclado ou um violão, algum instrumento harmônico que possa fazer uma base pra que a gente ouça bem o tom, não saia do tom, e pra também fazer uma projeção legal, todo mundo vai ‘tá com um microfone e o instrumento vai ‘tá lá, também, fazendo seu papel e ajudando. O repertório é algo muito variado. A gente já cantou coisas muito eruditas, coisas referentes à missa, coisas de trabalho harmonial, e grandes autores. A gente já cantou, e também já cantamos

Beatles, já cantamos Gilberto Gil, Lulu Santos; a gente tem realmente um trabalho que, não temos condições, se limitar a uma coisa só, principalmente agora com esse *show* novo, a gente quer mesmo explorar coisas. A gente vai cantar Pitty, Raul Seixas, isso em um coro de oito vozes. Então, assim, não tem como a gente ficar se limitando, o ideal é a gente se jogar e fazer de tudo.

Apresentador: Tem alguma época do ano que é considerada alta estação pra vocês, em que aparecem mais demandas, mais oportunidades, de mostrar a arte de vocês?

Ianne Silva: A gente que canta em coral, eu pelo menos canto desde os 16 anos de idade, o mês de dezembro é um grande mês de atividade, músicas natalinas, assim, em todos os lugares são solicitadas. Quando eu cantava no madrigal da UFRN, eram 20 apresentações no mês. Era difícil, mas era gostoso também. Eu acho que ainda existe essa cultura de associar o grupo à música de igreja, e aí as solicitações de apresentações são grandes nessa época.

Apresentador: Você percebe maior exposição na rede aberta de televisão, de festivais de canto, concursos, audições, nesse sentido, em que especialistas, músicos vão lá apontar questões muito técnicas do canto, há esse tipo de exposição maior?

Ianne Silva: Eu acho que a gente tem esse tipo de contato com esse tipo de evento, enquanto aluno ou mesmo participante de algum grupo, da Escola de Música da UFRN, por exemplo, artístico. Eu sou uma pessoa que gosta muito das atividades aqui da UFRN, então eu faço questão de ver tudo o que a Escola de Música tá fazendo, o que tá vindo pra cá, os festivais de trombone, de clarineta, são vários, todos gratuitos. Eu acho que existe, sim; falta mesmo se fazer a criação do público, a criação de plateia mesmo, que é um adendo que eu queria fazer. Tá sendo feita a criação de plateia muito interessante, com a orquestra de música, que eles fazem concertos gratuitos em escolas, pra crianças, fazem sessões gratuitas na Escola de Música também, com palestras sobre a programação daquele momento, esclarecendo o público sobre seu repertório. Eu acho que isso daí é muito louvável.

Marcelo da Rocha: Além dessas ações que querem mudar essa linguagem, atrair mais o público jovem, a Escola de Música tem investido em projeto de extensão que tenha feito essa transição de linguagem mais moderna, digamos assim?

Ianne Silva: Eu acredito que a Escola de Música já teve um momento um pouco estagnada em oferecer apenas música, curso básico, curso técnico, aquela coisa bem engessada, e hoje em dia você vê eventos até de músicas pra cegos, outros tipos de cursos básicos, voltadas às outras comunidades.

Também existem ações estendidas a ONGs que atendem outro tipo de público, não acadêmico. Eu acredito que ela tá começando a se transformar de fato e tá atraindo uma outra plateia, criando um público mesmo pra outro tipo de música, diferente, né.

Apresentador: Para 2018, o que estão planejando efetivamente?

Ianne Silva: Nós recebemos, agora, três novos integrantes, e estamos de lua de mel com eles porque eles são bons, e estamos aperfeiçoando nosso repertório a partir daí. Temos a trilha sonora que vamos gravar para o Mossoró Chuva de Bala [espetáculo Chuva de Bala no País de Mossoró], que foi um convite maravilhoso; todo mundo tá muito feliz, empolgado em fazer parte disso. Em junho, temos esse *show* que pretendemos apresentar na Cientec, queremos que seja um aperitivo para o que vai vir no final do ano, e a ideia, no decorrer do ano, além de atender as demandas da própria universidade, queremos fazer, temos um projeto que estamos tentando colocar em ação, de uma vez no mês, ir aos núcleos de setores aqui da universidade, ir no setor 2, no setor 3, nos intervalos de aulas, pra fazer um *pocket show*, pra divulgar mesmo o trabalho do grupo, da Escola de Música da UFRN, dentro da academia, né, que muitas vezes não sabe, não tem conhecimento. Para o fim do ano,

nosso grande objetivo é arrecadar fundos, conseguir pessoas pra trabalhar junto com a gente, fazendo arranjo musical, pra poder fechar esse repertório e apresentar esse *show* em homenagem ao Nordeste.

CONSIDERAÇÕES

Ianne Silva: Obrigada vocês, fico feliz de ‘tá participando deste programa que tem uma existência tão grande e que seja de vida longa mesmo. Obrigada.

Capítulo 10

Entrevista com Victor Filgueira

PROGRAMA 8



Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Alexandre Carvalho (Jornalismo)
Ana Carla Dantas (Jornalismo)
Rafael Lopes (Jornalismo)
Marcelo da Rocha (Jornalismo)
Maria Luiza Nunes (Radialismo).

Entrevistado

Victor Filgueira
Cantor, participante do *The Voice Brasil* 2017.

Apresentação em off

João Victor Filgueira de Oliveira tem 20 anos e nasceu em Arez, interior do Rio Grande do Norte. Desde

criança, alimenta o sonho de ser cantor. Aos 12 anos, ganhou um violão de presente da mãe, sua maior incentivadora. Na adolescência, passou a gravar e publicar vídeos interpretando músicas de diversos artistas. Victor ficou conhecido após o cantor Lulu Santos ter divulgado e elogiado um de seus vídeos em uma rede social. Em 2017, participou do programa *The Voice*, da Rede Globo, que lhe rendeu fama nacional. Além da agenda de *shows*, Victor continua investindo na formação artística frequentando aulas de teatro.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos falar um pouco sobre sua infância em Arez. Como foi que você começou a se envolver com música? Qual foi realmente o marco inicial que fez você se interessar por música lá em Arez?

Victor Filgueira: Bom, na verdade, a minha infância não teve muito relação com música em questão de cantar e tocar. Eu sempre, desde criança, pequenininho, eu sempre desenhava, fazia esculturas de massa de modelar. Na escola, era um talento; Feira de Ciência, era eu que organizava tudo, sempre tive essa paixão por desenho. Mas música, não, mas eu venho de uma família que minha mãe lavava louça ouvindo Maria Bethânia, Caetano Veloso, então eu cresci

ouvindo muito música boa, música MPB; eu só adquiri isso acho que com 12 anos de idade. Eu pedi pra minha mãe comprar um violão, e eu não sabia que cantava. Engraçado que eu aprendi as músicas, eu aprendi violão sozinho, olhando na internet, e teve um dia que minha mãe chegou assim, e disse, “tá bom de cantar, né?” e eu disse, “mainha, eu não canto bem, tenho certeza”, e ela disse, “tá certo, vamos fazer assim: você canta, e se você cantar feio, eu digo, e você já desiste de ser cantor”. E eu cantei, me lembro como se fosse ontem, cantei uma música “Por Enquanto”, da Cássia Eller. Quando abri meus olhos, porque cantei de olhos fechados, estava morrendo de vergonha, aí minha mãe já estava super emocionada, já tava gravando, mandando pra grupo de WhatsApp, e a partir daí foi que me aprofundei na música.

Alexandre Carvalho: A gente percebe que sua família te apoiou. Como que foi a aceitação, você vem de uma cidade pequena do interior, como foi essa aceitação de você se aceitar como músico?

Victor Filgueira: Assim, como você falou, a minha família me aceitou de cara e via realmente que eu tinha talento, tenho talento, mas foi de boa, foi tranquilo. Minha mãe se preocupou a princípio porque eu desisti da faculdade pra seguir a música, mas ela me apoia até hoje.

Apresentador: Qual foi a faculdade que você fazia?

Victor Filgueira: Eu fazia Direito e Administração.

Ana Carla Dantas: Nas redes sociais, você posta muitos vídeos cantando MPB, pop; gostaria de saber em quem você se inspira, qual foi o artista que mais te inspira, quem te ajuda na parte da inspiração pra você compor suas músicas também?

Victor Filgueira: Eu vou falar de duas pessoas. A primeira é o Ed Motta, que eu me inspiro muito nele. É um artista que cantou MPB e *Soul*, né, e tem uma técnica absurda que eu tento passar pra mim, de ser um cantor *Black Music*. E questão de postar vídeo, assim, existem vários *youtubers* hoje que eu sigo e admiro, e admiro muito também o *show* do Bruno Mars, que é o estilo pop, que também casa aí com o *Black Music*, só que internacional, né, me inspiro neles. Pra compor, eu acho que o Chico Buarque, sério, eu amo ele.

Apresentador: Me diga uma coisa. É comum em festival, ou em algum tipo de concurso, você tenha que se classificar dentro de uma categoria musical, seja pra conseguir algum tipo de financiamento. Você consegue fazer essa categorização pra você enquanto músico?

Victor Filgueira: Consigo. Eu adquiri o estilo de música MPB, pop, internacional, e no meu show só canto isso, porque essa é minha característica.

Rafael Lopes: Um momento que fez um público maior, que fez contato com seu trabalho e passasse a te conhecer, foi quando Lulu[Santos] postou, nas redes sociais dele, você cantando música de autoria dele, que ele interpreta. Como você tomou conhecimento, e se você para pra pensar nesse momento aonde você conseguiu chegar, vendo você sendo repostado numa rede social de um artista que você admira muito?

Victor Filgueira: Foi incrível esse dia, que me lembro como se fosse ontem! Eu estagiava, e cheguei do estágio e minha mãe perguntou: “Você sabe quem postou seu vídeo?” Inclusive, eu postei o vídeo e pedi para meus fãs marcarem o Lulu, mas jamais pensei que ele ia ver, “curtir” ou alguma coisa parecida. Aí, quando chego em casa, minha mãe fala, “você sabe quem postou seu vídeo?” E eu perguntei, “quem?”, aí ela, “o Lulu Santos!”. Nossa, meu mundo caiu, porque eu admiro ele demais como músico, uma referência pra mim, e eu não pensava que ele ia postar, e aquilo foi um pontapé muito grande na minha carreira porque, através disso, depois de uns meses, eu fui selecionado pra o programa.

Apresentador: Qual seria o perfil do seu público, perfil majoritário do seu público que te acompanha?

Victor Filgueira: Olha, eu acho que tem todo tipo, sabe? Eu encontro uma senhora no shopping, me para e diz que me segue no Instagram, ama meus vídeos, do mesmo jeito que também para uma criança e fala, “sou seu fã”. Então, não sei responder essa pergunta pra você, tem de toda idade no meu Instagram e que me acompanha.

Apresentador: Inclusive assim, os mais engajados, que comentam, que “curtem”.

Victor Filgueira: São a galera jovem, minha idade, assim, 20 anos.

Marcelo da Rocha: Como ocorreu a sua entrada no *The Voice*?

Victor Filgueira: Em 2016, eu fui selecionado, inclusive, em 2016, Lulu Santos comentou um vídeo meu, ele só fez um comentário dizendo lá, “nossa, você poderia se inscrever no *The Voice Brasil 2016*”, e fiquei muito feliz. Em 2016, eu fui selecionado, participei da seletiva do RJ, concorri com o pessoal de lá, mas não passei. Então, eu passei um ano me preparando pra chegar na seletiva de 2017, na qual fiz minha seleção *online*, [então] meses depois que o Lulu Santos postou meu vídeo, eu passei um ano me preparando pra passar. Eu pensei [n]o que o programa quer, tanto que fui de chapeuzinho, criei uma característica, mas a minha

entrada foi... vou resumir um pouquinho. Participei de uma seletiva, depois fui para o Rio de Janeiro, onde aconteceram as audições às cegas, e eu não sei se eu tenho permissão pra falar dos bastidores, mas foi tranquilo, não foi muito complicado, não.

Apresentador: Já que você não sabe se tem permissão pra falar dos bastidores, eu acho que você pode falar mais um pouco dos bastidores.

Victor Filgueira: Os bastidores, eu vou resumir. É maravilhoso estar lá, cria uma família. Gostei muito de participar com esses ex-*The Voice*, que hoje são meus amigos, mantenho contato com eles; e foi uma experiência tão grande, eu saí do interior, fui para o RJ, conheci o Projac, conheci aquele mundo, que eu nunca pensei que iria conhecer. Foi massa.

Apresentador: A gente percebe mesmo uma relação bem afetiva com suas origens. No programa, o próprio Lulu perguntou se você era de Maceió ou Aracaju, e você realmente falou com muita ênfase o nome da sua cidade. Hoje você tá morando em Natal, em Arez, como tá a sua vida?

Victor Filgueira: Hoje eu moro em Natal, mas cresci em Arez, e tenho muito orgulho de dizer que sou de lá, porque o carinho que eu tenho na minha cidade é muito grande, sabe. Eu chego, o pessoal para pra tirar foto, ficaram todos

orgulhosos, de ver um potiguar, de Arez, na tela da Globo, pra milhões de pessoas.

Maria Luiza Nunes: A sua participação no *The Voice*, e sua escolha pelo técnico Lulu Santos, foi derivada da sua admiração por ele?

Victor Filgueira: Eu admiro muito o Lulu Santos pelo músico que ele é, e também porque ele postou um vídeo meu, e fiquei lisonjeado de fazer parte daquele time, tanto que ele postou, né, no Instagram.

Alexandre Carvalho: Eu fiquei curioso, porque você deixou no ar aí sobre os bastidores, queria que você contasse como é que funcionam os bastidores, ainda não ficou claro. É aquela maravilha, aquela amizade toda mesmo ou tem um ar de competição, como funciona?

Victor Filgueira: Olha, sinceramente, eu não senti, hora nenhuma, ar de competição. Tipo assim, eu estava aqui com meus amigos *The Voices* e a gente chorava porque nosso amigo conseguiu, a gente torcia, a gente falava “se uma virar, tá ótimo, porque a gente vai poder se ver daqui a algumas semanas de novo”. A gente não via, “ah, não quero que a cadeira vire pra fulano”, não, a gente torcia. Não senti, hora nenhuma, competição não.

Ana Carla Dantas: Infelizmente, tá sendo bem louco a gente ver atos de violência através do preconceito pela internet, e você chegou a sofrer algum tipo de preconceito, principalmente por ser nordestino?

Victor Filgueira: Sim, sofri e até hoje sofro. Não sei de onde tiraram isso. Tipo assim, eu cheguei lá no programa e um participante perguntou assim: “Nossa, você é nordestino?” e eu disse, “sim, sou lá de Arez, um interiorzinho do RN”; “mas você vai cantar o quê?” E eu disse, “eu canto pop internacional, mas não sei o que vou cantar na minha audição, porque a gente não tinha decidido ainda a música”. “Ah, canta um forrozinho”. Não desmerecendo o forró, amo o forró, mas parece que todo nordestino canta forró; e um preconceito que também sofri foi um cara que comentou na minha foto, eu acho que existe ainda no meu *feed*, que “eu só poderia entrar no programa se o programa tivesse cotas”, e eu fiquei: “sério isso?” Depois de um ano, eu entrei no programa. Então não foi com cota, não. Acho que foi esse o preconceito que eu sofri, por eu ser nordestino, por eles acharem que não sei cantar em inglês e cantar pop internacional, só sei cantar forró, que é lindo, estilo de música maravilhoso que eu também canto, que não me atingiu não, desviei.

Apresentador: Como tá sua relação com a música em termos de capacitação, você tá estudando, fazendo aulas?

Victor Filgueira: Hoje eu estudo teatro, mas tô sempre estudando música. Eu nunca tive aula de canto, nunca tive professor de violão; foi tudo na raça mesmo, pesquisando na internet, mas tô sempre pesquisando músicas novas, teorias novas, mas nunca tive uma base, não.

Apresentador: A sua performance nas “audições às cegas”, você dançou bastante e impressionou muito Ivete Sangalo, né? Você já tava fazendo sua aula de dança, ator, naquela época, ou não?

Victor Filgueira: Não, eu comecei o curso de teatro agora. Mas assim, gente, não me preparei pra cantar daquele jeito, é tanto que, é visível, uma pessoa que entende de música e de canto, é visível que tem problema de respiração, técnica vocal; eu tava muito nervoso, mas imaginei: “cara, eu tô aqui, cantando aqui, ninguém tá me obrigando a cantar aqui, vou fazer meu melhor”. Eu acho que “viraram as cadeiras” pelo fato de ter passado muita emoção, verdade naquilo que eu estava cantando, acho muito importante, isso. Não é subir no lugar e mostrar uma voz perfeita. Eu subi no palco, com minha humildade, e disse, “vou fazer meu melhor, independente de desafinar, dançar feio, não, eu tô aqui, vou fazer, me diverti”, brinquei, né, e Ivete ficou doida quando me viu, foi maravilhosa, ela.

Apresentador: Como foi sua relação com os outros técnicos no programa, dava pra chegar e conversar com eles, e aprender com eles também?

Victor Filgueira: Dá, todos são gente fina demais. O Carlinhos, Michel, Ivete, cantei com Ivete no Carnatal, ela me convidou pra cantar aqui, foi uma baita de uma oportunidade pra mim. Eles são muito gente fina, carinho enorme por eles.

Rafael Lopes: Então a gente pode dizer que o *The Voice* foi um divisor de águas na sua vida, mas, após o programa, qual a maior modificação que você sente em termos de carreira e até pessoal?

Victor Filgueira: Eu cresci muito na internet. Hoje, as pessoas me param nas ruas, isso não acontecia antes. Surgiram novas oportunidades de trabalho pra mim, hoje faço *show*, e foi só isso mesmo que mudou. Fiquei muito conhecido, o pessoal conhece muito meu trabalho.

Apresentador: O violão está ao seu lado, estamos ansiosos pra escutar aqui sua arte. Se quiser escolher uma música, autoral ou de alguém, fique à vontade.

Victor Filgueira canta

BLOCO 2

Marcelo da Rocha: Como é você por trás das câmeras e da música, o que você gosta de fazer?

Victor Filgueira: Eu desenho, vivo desenhando; gosto muito de ler. Eu corro, também sou faixa marrom no *muay thai*; desde os dez anos de idade que faço *muay thai* e também continuo, e é isso, esse é meu lado fora das câmeras. Tirando a música, eu sou um pouquinho tímido. Mas gosto muito de ler, sou viciado em séries, tava até esquecendo, passo a madrugada vendendo séries.

Apresentador: Em termos de processo criativo, já que você compõe também, onde você busca inspiração, se tem algum caminho que gosta de percorrer, algum processo específico?

Victor Filgueira: Eu me identifico assim, eu busco inspiração em tudo. Eu tô no ônibus, eu fico olhando assim, e dali eu tiro algo; quando eu saio do meu prédio, pra ir pra qualquer lugar, uma criança olha pra mim e sorri, eu tiro inspiração, dali tudo eu tiro inspiração.

Apresentador: Muitos artistas falam que a inspiração vem justamente do processo de percepção do mundo à sua volta, acho que você concorda com isso.

Victor Filgueira: É, também e tem outra coisa: quando eu leio algo, assim, e é triste, eu tento viver aquilo, me imaginar naquela situação; isso faz com que eu crie canções.

Maria Luiza Nunes: O seu processo de composição começou antes ou depois do *The Voice*, e por que você não decidiu cantar uma música autoral, já que vários tentam isso no *The Voice*?

Victor Filgueira: Antes, muito antes, nossa, muito antes. Não, não pode cantar música autoral, nem evangélica, e só.

Apresentador: Eu me recordo da cantora Khrystal cantando uma música autoral; acho que teve uma mudança.

Victor Filgueira: Mudou muita coisa, tanto que a fase que eu fui eliminado foi nova; foi o tira-teima, coisa que não tinha nas outras audições.

Apresentador: Falando em eliminação, infelizmente, foi no processo de seleção ainda do treinador, do técnico, foi super normal pra você, eu acho que você respondeu super bem.

Victor Filgueira: Foi super tranquilo, sabe por quê? Porque eu não imaginaria que eu iria “virar uma cadeira” e eu “virei as quatro”! Se eu tivesse chegado só no Projac, pra mim já tava ótimo, porque ali já foi uma baita de uma oportunidade. Bom, eu “virei as quatro cadeiras”, conheci pessoas maravilhosas, eu vivi algo que eu nunca imaginaria

viver, então aquilo ali, pra mim, foi mais importante do que continuar no jogo. Bom, o técnico Lulu, ele olhou pra minha cara, apontou o dedo pra mim, tem isso registrado, e disse: “você tá pronto”, ou seja, ele não viu com que eu permanecesse no programa, até porque ele viu que eu estava pronto para o mercado, e eu fiquei muito tranquilo de ouvir aquilo de um cara que eu admiro muito. O Michel Teló também falou isso, que eu estava pronto, que eu era um cantor completo, que eu cantava uma *cover* da música do Bruno Mars, a segunda que cantei foi do Ed Motta, e não ficou nem semelhante ao cantor. Eu achei aquilo muito importante porque, por mais que eu esteja cantando *cover*, eu fiz com que a música parecesse minha, ou seja, não ficou nada semelhante ao cantor original. Pra mim, eu ganhei muito mais elogios, que eu vou levar pra vida toda, Ivete Sangalo também fez ótimos elogios, e aquilo foi mais importante pra mim do que permanecer no jogo sabendo que a qualquer momento iria ser eliminado ou ganhar o prêmio.

Alexandre Carvalho: No início da sua carreira, aos 20 anos de idade, você participou de um programa e teve projeção nacional, coisa que muitos artistas estão buscando há anos. Como foi pra você sair do completo anonimato e, logo em seguida, ter essa projeção e ganhar notoriedade pelo país inteiro? É meio louco isso, né, você sair nas ruas

e ver as pessoas lhe apontando, lhe conhecendo. Como você lida com isso?

Victor Filgueira: Logo de cara eu ganhei, e tava com 15 mil seguidores e, do nada, foi pra 40 mil e tantos e, caramba, vinha mensagem de todo o mundo. Inclusive, quando você tem um determinado número de seguidores, você é tipo “influenciador”, ou seja, tudo que você faz na internet, o pessoal, seus fãs querem fazer a mesma coisa. Eu lembro que uma vez optei pelo estilo de raspar a cabeça, e cinco pessoas que me seguem rasparam a cabeça; eu fiz uma tatuagem, quatro pessoas fizeram essa mesma tatuagem. É uma responsabilidade grande você ter um público, ter gente que lhe segue. Aconteceu uma coisa recentemente comigo no shopping, e chegou uma moça “posso tirar uma foto com você?” e eu, distraído, mexendo no celular, e disse, “por quê?” Porque não caiu a ficha ainda, e eu disse, “ah... por conta do programa! Venha cá, minha linda, me dê um cheiro”, e tirei uma foto com ela. É muito assustador mesmo, mas é de grande responsabilidade.

Apresentador: Em relação ao assédio dos fãs e das fãs, existe alguma particularidade, algum fato curioso ou pitorresco que você possa compartilhar aqui com a gente? Alguma coisa que lhe pegou de surpresa e você não esperava?

Victor Filgueira: Não sei se posso contar aqui. Mas eu tava no shopping mesmo e chegou uma menina, tipo assim, não chegou bem fofa não, chegou bem agressiva, e me apertou e disse, “olha que coisa fofa”, e me apertou, e olhou pra minha cara, e disse, “você é um pão”, e minha mãe tava do lado, e olhou assim, e eu disse, “obrigado”, e ela lá, assim. Minha mãe ficou rindo, não podia fazer nada mesmo, minha mãe não ia chegar e brigar com a moça, ela só tava lá reagindo de uma forma de carinho dela, que ela tem. Acho que foi a coisa mais bizarra, assim.

Rafael Lopes: Você falou que tudo começou com desenhos; lá na sua infância, você já era um artista desde criança e a gente percebe que você tem algumas tatuagens. Eu queria que você contasse um pouco sobre essas tatuagens, o que quer dizer, porque elas dizem muito do seu estilo hoje, principalmente, depois do *The Voice*, né?

Victor Filgueira: Minhas tatuagens têm um significado bem bonito, são desenhos meus. Essa rosa aqui: eu fui criado com minha avó desde os três anos de idade, o nome dela era Rosa, e era dona de um jardim imenso, e faz três anos que ela faleceu, e aqui é uma homenagem a ela. Esta é a rosa, e aqui, carrego ela comigo sempre, é pra mim a pessoa mais importante, e sempre será onde eu aprendi o que significa amar; ela me ensinou tudo, então essa tatuagem tem um

grande significado pra mim. Esta daqui é meio que uma ironia, “o aquariano não tem coração”, e eu quis tatuar, mas é brincadeira; é porque eu sou muito fã de anatomia, muito fã de *Grey's Anatomy*, uma série aí, e eu gosto de coração, acho ele bonito, quis desenhar. Mas o que tem significado muito importante pra mim é esta daqui.

Apresentador: Falando da relação com sua mãe, seus familiares, sua avó, você reportou no primeiro bloco que, na primeira canção que cantou foi estimulado pela sua mãe, que foi uma canção de Cássia Eller, “Por Enquanto”. Poderia cantar um trechinho pra gente? Vamos ver se a gente concorda com sua mãe [risos]. Só pelo valor simbólico.

Victor Filgueira cantando

Apresentador: Então foi assim que você convenceu a sua mãe ou ela lhe convenceu, você era um bom cantor?

Victor Filgueira: A minha mãe canta, é dona de uma voz linda. O meu irmão canta, sério!

Apresentador: Quando vai rolar um dueto entre vocês?

Victor Filgueira: A minha mãe, sem sombra de dúvida, não quer, agora, meu irmão... tem vídeo meu comigo cantando, é a mesma coisa que eu, só que versão pequena. Ele tem 15 anos.

Ana Carla Dantas: Você foi convidado por Ivete pra cantar com ela no trio, e eu acredito que tenha sido um convite inesperado, talvez não tenha sido programado, mas você tem algum projeto em 2018, você tá trabalhando em algum projeto?

Victor Filgueira: O convite de Ivete não foi inesperado porque ela chegou no programa e disse: “olha, quando eu for lá na tua cidade, Natal, a gente vai cantar junto”. Ela falou isso, eu fiquei muito feliz, mas, gente, é Ivete Sangalo, quem sou eu no mundo pra ela lembrar? Aí, do nada eu recebi uma ligação, “Ivete convidou você pra cantar”, e eu disse: “cara, ela cumpriu!” Ivete é muito gente fina, olha só, depois de meses, ela lembrou que me prometeu isso, pra você ver! E o meu projeto, eu vou lançar meu clipe aí, tô trabalhando muito nisso, na minha música autoral, que eu não posso cantar ainda, ela, mas vai ser pra o final de 2018.

Alexandre Carvalho: E aí, o programa já tá lhe rendendo louros, você já consegue viver da música, exclusivamente?

Victor Filgueira: Consigo, tenho muito trabalho publicitário, questão de patrocínio, que eu acho muito legal isso, e também tô fazendo *show*, então consigo viver de música, sim.

Apresentador: Qual tem sido a média de eventos que você tem participado, de *shows*, da tua agenda?

Victor Filgueira: Olha, eu faço muito *show* privado, muito casamento, muito aniversário de 15 anos, nada aberto assim. Depois do programa, eu ganhei o prêmio Hangar, como artista revelação no RN, no Teatro Riachuelo, e ali foi um grande evento pra mim; mas eu faço mais evento fechado, com público pequeno, mas eu estou pra fazer um *show* grande aí para o pessoal do RN, e futuramente.

Maria Luiza Nunes: Apesar de você já ter muitos seguidores no Instagram bem antes do *The Voice*, você acha que o reconhecimento do estado, ele veio depois do *The Voice*?

Victor Filgueira: Eu acho que sim, porque eu tinha 15 mil seguidores, ou seja, 15 mil pessoas, é muita gente pra uma pessoa do interior que só grava vídeo trancado no quarto. Depois que eu apareci no *The Voice*, muita gente me conheceu, é tanto que, nas estatísticas do Instagram, o meu público do RN é maior. E, sim, por mais que eu tenho 15 mil seguidores, e aí um pouco é do RN, mas acho que você precisa ir para um programa como assim o *The Voice* pra ser reconhecido, para o pessoal daqui mesmo reconhecer você.

Apresentador: Conseguir uma projeção utilizando apenas as redes sociais e tentando divulgar o trabalho nas rádios daqui...

Victor Filgueira: É uma coisa que você constrói, você usando só a internet, o programa tem aquele *boom*, ou seja, apareci, menino de Arez, RN, todo mundo automaticamente conhece você, e eu vim pra várias entrevistas aqui no RN, na TV local daqui, e o pessoal... realmente, aumentou o público.

Apresentador: Tua relação com as redes sociais, elas são de fato pra divulgar seu trabalho, é um canal que você consegue manter uma aproximação com seu público, tem como monetizar os teus vídeos?

Victor Filgueira: Sim, eu tenho canal do YouTube, onde lá eu monetizo meus vídeos, e no meu Instagram, minha rede social mais bombada, que eu chamo assim, eu tenho uma relação, tipo, muito apegada com meu público. Todo dia tem lá bom dia, toda noite tem lá boa noite; eles falam da vida deles pra mim e eu respondo todas as minhas mensagens. Eu sei que é complicado responder, mas eu respondo todo mundo, todos os comentários, e eu gosto muito dessa aproximação que eu tenho com meu público. Eu mesmo que faço as gestões das minhas redes sociais.

Marcelo da Rocha: Com essa aproximação do seu público, dá para separar vida pessoal e vida profissional?

Victor Filgueira: Um pouquinho. O pessoal quer saber muita coisa nas redes sociais, eu tanto posto uma foto assim

normal, de sunga, né, na praia, e as pessoas começam a fazer comentários, assim, pesados, às vezes eu excluo. Mas, é muito difícil, cara. É muito difícil separar uma coisa da outra, ou você é profissional ou você é mesmo desleixado. Eu mesmo sou desleixado, tem cada coisa no meu Instagram, mas não me preocupo muito com isso não. Mas eu divulgo lá muita coisa do meu trabalho. Inclusive, publicitário.

Victor Filgueira cantando

BLOCO 3

Ana Carla Dantas: Você disse que ficou mais reconhecido aqui no Nordeste, principalmente aqui no RN, após a sua ida ao *The Voice*. Você acha que esse salto na sua carreira, após você aparecer no programa nacional, você acha que isso é bom ou isso é ruim?

Victor Filgueira: Muito bom. Eu acho que quanto mais reconhecimento você tem, independentemente do local, no Rio Grande do Norte ou fora, independente de tudo, muito bom. Ter um público “X”, um número “X” de pessoas que reconhecem seu trabalho, que sabem que você existe.

Apresentador: É uma pena, temos outros além de você, temos uma cena promissora de artistas músicos e que às vezes falta isso, falta um canal de divulgação de massa.

Victor Filgueira: Falta. O RN é cheio de talento, sério, tem todo tipo de talento aqui, cantores maravilhosos que eu tenho a honra de conhecer, que eu já cantei também e, sério, tem muita gente talentosa nesse RN que precisa de oportunidade, precisa de alguma coisa que invista nesses talentos.

Apresentador: Já pensou em lançar aí alguns talentos desses que você conhece?

Victor Filgueira: Eu tenho muita vontade, tenho muito amigo que canta assim; tem o meu irmão que é um grande talento, que, futuramente, se Deus quiser, se ele quiser também, tem isso, né, eu estou disposto a ajudar. Eu estou disposto a ajudar qualquer pessoa que tenha um sonho de cantar e crescer assim, é só ter amor pela música e me passar verdade, se eu sentir verdade, e aí eu posso fazer na medida que possa ajudar, eu ajudo.

Maria Luiza Nunes: Você falou que recebeu muitos elogios da Ivete e dos outros jurados. Como você lida com esses elogios, não só deles, mas do público também, para que não suba à sua cabeça?

Victor Filgueira: Eu acho que, pra subir à cabeça, acho que você tem que ter um caráter muito vulnerável. O meu caráter é muito forte, eu venho de uma criação muito “pé no chão”. Eu sei dos meus valores. E outra coisa, não foi só

elogios que eu recebi. Eu recebi elogios de quatro técnicos maravilhosos, mas também recebi muitas críticas. A Mara Maravilha mesmo, no programa dela, disse que eu parecia uma “galinha cantando”, tá entendendo? Mas críticas não me afetam. Teve muita gente realmente que comentou que eu não cantei bem, que eu só fiz desafinar, que eu era o pior candidato do programa; eu li todos os comentários. Mas também Giovana Ewbank postou, Bruno Gagliasso postou, Preta Gil, vários famosos postaram. Agora, recentemente, a Jojo Toddynho, ontem mesmo, postou meu vídeo interpretando a música dela no *feed* dela, com mais de quatro milhões de seguidores no Instagram, ou seja, é isso que não me faz subir nada à cabeça, tá entendendo, porque eu sei meus valores. Tem gente que fala assim, “sua voz é perfeita”, eu digo, “muito obrigado”, mas não vou acreditar que ela é perfeita porque eu sei os meus erros.

Apresentador: Tem algum artista que você realmente almeja, gostaria de estar muito no palco? Vamos pensar aqui no cenário nacional e, depois, a gente projeta o internacional.

Victor Filgueira: Com certeza. O meu sonho mesmo era de ter a honra de, pelo menos, assistir ao *show* de Chico Buarque. Aquele cara, pra mim, é um músico completo, acho que nem precisa cantar com ele, nem subir no palco

com ele, mas só o fato de tá ali, de pertinho, vendo ele, é o meu grande sonho.

Alexandre Carvalho: Voltando um pouquinho à questão das críticas, você não vai levar em consideração uma crítica de Mara Maravilha, né, ela não é bem a pessoa indicada. Pois bem, a gente percebe que seu grande sonho é fazer um *show* com Chico Buarque; nas suas redes sociais, os vídeos que você gosta, são cantores como Fagner, Tim Maia, você acabou de cantar uma música do Michael Bublé, que não são artistas populares entre pessoas da sua idade. De onde vem esse gosto musical tão apurado por artistas que não são populares na sua idade?

Victor Filgueira: Eu acho que isso vem muito dos meus pais. A minha mãe gosta muito de MPB, samba, Alcione, Maria Bethânia, Gal Costa, nesse estilo brasileiro mesmo. Eu ouvia muito chorinho quando era criança, Cartola, tudo isso. Mas também o meu pai é totalmente americano; meu pai colocava aquele CD lá de que vende na feira, e eu sentava no chão comendo pipoca, me lembro como se fosse ontem, e eu tava lá, cantando a música em inglês, tava ouvindo Mariah Carey, Beyoncé, Whitney, são cantores que me identifiquei, a minha voz se adequa a esse estilo de música. Eu lembro que essa música do Michael Bublé, que não é dele, é da Nina Simone, eu lembro que assistia Nina Simone, é muito antiga

essa música. Então, eu tenho esse equilíbrio, eu gosto tanto de música em português quanto internacionais, vem dos meus pais mesmo.

Apresentador: Em relação à música potiguar, tem algum artista, algum grupo?

Victor Filgueira: Eu sou apaixonado pela Marina Elali. Meu sonho é conhecer Marina Elali. Eu lembro, criança, estava lá assistindo os DVDs dela, cantando as músicas dela.

Marcelo da Rocha: Há boatos que você vai participar da *Malhação* e por isso tá fazendo teatro, o que você tem a dizer sobre isso?

Victor Filgueira: Jesus, vocês fazem cada pergunta! Vamos lá. Há boatos, né, dizem que é boatos, porém estou estudando teatro. Meu Deus, como vou responder essa pergunta? Vamos deixar um ponto de interrogação, futuramente você vai ter essa resposta, tá? Nada confirmado ainda.

Apresentador: O Victor ator é realmente um sonho concreto, então?

Victor Filgueira: Olha, não é um sonho, surgiu uma oportunidade, que eu não vou dizer, mas eu vou agarrar essa oportunidade. Se eu sou capaz de cantar e subir no palco do *The Voice Brasil*, eu acho que também sou capaz de estudar e me especializar naquilo, e estou gostando de fazer teatro,

acho que me identifiquei um pouquinho, e vamos ver se vai dar certo a *Malhação* aí.

Alexandre Carvalho: A *Malhação* é pra essa temporada ou do próximo ano?

Victor Filgueira: Próximo ano.

Apresentador: Qual o mais difícil realmente: aprender a arte da interpretação ou, de fato, compor, desenvolver música, processo criativo pra música?



Victor Filgueira: Não, é difícil o teatro. Difícil a arte de tá ali, alguém dizendo o que você tem que fazer. Quando eu estou cantando, ninguém chega dizendo, “você tá

errado”. Isso aí é algo que eu domino; o teatro ainda não estou dominando.

Ana Carla Dantas: Você falou que as críticas, os comentários maldosos, na maioria não te atinge, quando não são construtivos, claro; mas em algum momento da sua vida, você chegou a pensar em pelo menos desistir da carreira musical?

Victor Filgueira: Eu acho que todo músico um dia, em algum momento do dia, ele pensa em desistir de cantar, ele pensa em desistir de qualquer coisa na vida. Mas eu já acordo na certeza que a qualquer momento eu vou pensar em desistir, mas eu desisto de desistir. Eu levo isso pra mim. Mas surgiram oportunidades, não agora, “vou parar de cantar, vou fazer minha faculdade, vou me formar e não vou mais cantar, não quero cantar mais em nenhum lugar”; no outro dia eu falo, “ah, surgiu um novo *show* ali, eu vou fazer”.

Apresentador: Aquela pergunta que é até um pouco clichê, mas que é curiosa também, mas se você não tivesse imerso no mundo das artes, você se via fazendo outra atividade profissional. Você até começou a fazer a faculdade de Direito, né?

Victor Filgueira: Eu fiz Direito e Administração, gostei muito, mas não casei, né? Mas se eu não fosse músico, eu

seria um lutador. Sou faixa marrom em *muay thai*, seria um lutador, não deixa de ser uma arte, né.

Apresentador: Já precisou usar a arte marcial para se defender em alguma situação?

Victor Filgueira: Praticamente não, graças a Deus, depois que eu comecei o *muay thai*, que é a arte marcial que eu faço, graças a Deus, não precisei não.

Maria Luiza Nunes: Pegando um pouco o gancho de que você “desiste de desistir”, quais são os motivos que te impulsionam a seguir e percorrer esse sonho da música?

Victor Filgueira: Aquela pessoa que todo dia me dá bom dia, que comenta meu vídeo, que eu fiz o dia dela ficar melhor, tipo, eu posto um vídeo e automaticamente uma pessoa coloca assim: “caramba, você acaba de me deixar melhor”, “estou me sentindo em paz”, “minha dor de cabeça passou”, “eu estou sofrendo porque acabei um relacionamento e vi o vídeo e isso melhora meu dia”. Eu lembro que cantei uma música e um cara falou: “nossa, é como se estivesse vendo Deus cantar”. Isso, pra mim, é o que me motiva a seguir, ou seja, quando eu penso em desistir, eu lembro que tem cinco mil seguidores lá, esperando eu fazer um *stories*, postar um vídeo e alimentar aquilo que é o meu trabalho. Então acho que nunca vou desistir.

Apresentador: Você comentou que Lulu Santos postou, compartilhou um vídeo seu, cantando uma música. Qual foi a música, e se você poderia dar uma palhinha pra gente.

Victor Filgueira: A música “Adivinha o Quê?”. Faz muito tempo que não canto essa música, mas vamos ver.

Victor Filgueira cantando

Marcelo da Rocha: Sobre composições, já te ofereceram alguma composição pra você gravar na sua voz?

Victor Filgueira: Já, inclusive, dos meus seguidores mesmo, eu recebo muita proposta: “Ah, tenho uma música, posso te mostrar?”, “Vá, manda no meu *e-mail*”. É cada coisa linda que eu recebo, mas ainda não tive a oportunidade de gravar as músicas dessas pessoas ainda. Eu não tive tempo ainda, mas eu recebo muita coisa, não de cantores famosos, e sim dos meus próprios seguidores.

Apresentador: Falando em seguidores, você já se confrontou com o grupo dos *haters*? Existem essas pessoas que vão na sua rede social pra falar mal de você, vão te criticar de alguma forma?

Victor Filgueira: Graças a Deus, não existe. Na minha rede social só tem amor, só tem ali gente que me segue porque me ama, graças a Deus, não tem gente que vai lá me atacar não, e quando tem, eu automaticamente bloqueio.

Apresentador: Você para pra pensar no seu futuro, na fase mais adulta, na terceira idade, onde você se imagina como artista quando chegar mais [à] frente, ou você nem pensa nisso?

Victor Filgueira: Bem rico mesmo, sei lá, em um cruzeiro tomando vinho, curtindo o pôr do sol, é isso que eu quero no meu futuro, porque se eu for querer um futuro ruim, pra mim, não vale, né? [risos]

Apresentador: Quem sabe na cadeira do *The Voice*, avaliando os novos candidatos?

Victor Filgueira: Caramba, você chegou, eita! Gostei, melhor que o cruzeiro. [risos]

Alexandre Carvalho: Você acabou de revelar pra gente que vem aí um Victor ator, acho que amanhã vai tá aí nos sites de fofoca essa revelação que você trouxe aqui para o *Xequé Mate*; mas o Victor cantor vai ficar de lado, ou você pretende trabalhar com essas duas *performances*?

Victor Filgueira: Não, até porque o trabalho que vem por aí, que não posso revelar ainda, vai precisar do Victor cantor também, então não vai fugir muito da minha realidade também.

Alexandre Carvalho: Então é um *spoiler* do personagem já?

Victor Filgueira: Não sei, ele que está dizendo,
viu, gente? Oxe!

Apresentador: A gente não tem tanto tempo mais,
vamos ouvir mais uma.

Victor Filgueira cantando

CONSIDERAÇÕES

Victor Filgueira: No momento, estou me dedicando
muito a esse clipe, esse que vou lançar em todas as plata-
formas digitais, que é a minha música mais importante, o
nome da música é “Rosa”, música que fiz para minha avó,
e tem outras músicas autorais aí que vou lançar no EP. Só
isso mesmo, e o projeto do teatro, né.

Capítulo 11

Entrevista com Manoel Neto

PROGRAMA 9

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Joan Fontes (Jornalismo)
Rafael Lopes (Jornalismo)
Alexandre Beethoven (Radialismo)
Lucas Félix (Audiovisual)
Concita Alves (Jornalismo)

Entrevistado

Manoel Neto
Engenheiro e pesquisador

Apresentação em *off*

Onde o Brasil foi descoberto? Na Bahia ou no Rio Grande do Norte? Para responder a essas e outras

perguntas, nosso convidado de hoje é o engenheiro civil e pesquisador Manoel Neto. Natalense, vice-presidente do CREA-RN, Manoel Neto lançou em abril o livro *1500 – de Portugal ao Saliente Potiguar*. A obra reforça a tese de que os portugueses desembarcaram primeiro no Rio Grande do Norte.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos partir da sua motivação inicial pra começar de cabeça nessa pesquisa do litoral potiguar, mais específico na região de Touros, como marco da chegada dos portugueses em solo brasileiro.

Manoel Neto: Aconteceu o seguinte: eu já acompanhava essa tese de Lenine Pinto, que é uma tese já vem desde os anos 90; em 1998, ele escreveu o redescobrindo do Brasil [livro *A Reinvenção do Descobrimento*] e na época foi muito contestado, e agora em 2015, ele lançou *O Mando do Mar*. É a consolidação de toda a tese dele. Tem uma bibliografia fantástica; debrucei-me no livro, reli, pesquisei algumas coisas porque, sem nenhuma pretensão, eu notei que poderia fazer pesquisas um pouco mais avançadas sob o olhar do engenheiro que sou e, por isso, passei dois anos pesquisando para chegar ao lançamento do livro.

Apresentador: Esse livro, falando do livro que a gente citou aqui na apresentação, *1500 – de Portugal ao Saliente Potiguar*, então, foi lançado recentemente, em maio?

Manoel Neto: Foi lançado dia 15 de março, e o lançamento ocorreu lá no Hospital Infantil Varela Santiago.

Apresentador: Uma outra curiosidade, tá sendo vendido lá inicialmente, mas todo valor arrecadado é revertido para o Hospital Infantil?

Manoel Neto: É, toda essa edição eu doei para o Varela Santiago e 100% das vendas deles é revertido para o Hospital Infantil Varela Santiago.

Lucas Félix: Eu queria saber, assim, diante de tantas evidências que tem, quais são as principais provas que o senhor destaca sobre o descobrimento ter ocorrido em Touros, como vem dessa área da engenharia, se fosse fazer provas numéricas, teria também?

Manoel Neto: A história é sempre baseada em documentos. A história oficial do Brasil, ela se baseia em três documentos, mas eu me baseei principalmente, além da tese de Lenine, me baseei principalmente pela Carta de Pero Vaz de Caminha, que sua autenticidade é inquestionável, e de um mapa de 1502 que ficou desaparecido por 357 anos. Quando a história do Brasil, encomendada por Dom Pedro II

Imperador, foi a Francisco, ela foi publicada em 1850, e este mapa ainda estava desaparecido. Tem uma coisa interessante nesse mapa; é um mapa feito por um cartógrafo português em 1502, a pedido de Alberto Canino, que era um espião italiano que estava em Lisboa e ficou desaparecido durante muito tempo. Só um detalhe, ele foi encontrado em 1859, fazendo um tapume em uma salsicharia em Módena. Mas hoje, desde muito tempo, a sua autenticidade é inquestionável.

Concita Alves: Quando surgiu seu interesse pela história do Brasil e em especial pela RN?

Manoel Neto: Eu sempre me interessei pela história, não só do Brasil, como em um todo, mais das partes do Brasil, porque tem um negócio interessante, muito característico, que o Brasil hoje tem oito milhões de quilômetros quadrados, diferentemente dos países hispânicos que foram subdivididos, só na América do Sul, tem nove ou dez. Sempre procurei e tive curiosidade disso. Lendo autores potiguares sobre o RN, que é aqui o meu Estado – sou de Natal, sou natalense –, e depois com a tese de Lenine, que ele colocou, voltando à pergunta anterior, complementando, eu resolvi esmiuçá, me detalhar, me debruçar sobre a Carta de Caminha. Caminha dá uns dados muito importantes no que se refere às correntes e aos ventos, principalmente aos ventos, e também ele cita uma batimetria de três pontos feitos logo na chegada dele,

que determinou três profundidades: uma de 73, outra de 43, outra de 19 metros. Então, eu fui consultar a nossa plataforma do RN, como também consultei a plataforma continental lá na região de Porto Seguro. O que me surpreendeu, e o que veio reforçar a tese, é que os dados que ele fornece, o litoral norte-rio-grandense, o saliente potiguar, como é conhecido, coincide com esses dados de Caminha, e a região de Porto Seguro não coincide. Além do mais, tem outro detalhe, é que ele fundeou em um determinado ponto e navegou 10 léguas ao norte com ventos favoráveis, também os ventos favoráveis aqui, que é essa brisa que nós temos aqui em Natal, esse vento Sueste, e fui à Praia do Marco. Por que a Praia do Marco? Porque toda exposição portuguesa, excursão, qualquer coisa marítima, a partir de 1480, aproximadamente, eles levavam um padrão em pedra; levou Diogo Cão, que você talvez não conhecem, levou Bartolomeu Dias, que descobriu o Cabo da Boa Esperança, levou Vasco da Gama, e também trouxe aqui padrão de Pedro Álvares Cabral, falando dos comandantes das expedições. Na realidade, Cabral era uma armada que não se sabe ao certo, mas saíram 13 navios, de 1200 a 1500 homens, e vendo autores do século XVI, Lopes Castanheira, principalmente, ele cita uma frase: “Cabral tomou posse da nova terra com padrão”. “Tomar posse com padrão” é chantar o marco em pedra com esse material,

que é uma pedra lioz, conhecida também, esse detalhe não é tão importante, como mármore Lisboa. A seguir, outros autores citam que ele navegou acompanhando a costa da nova terra, já era Brasil, porque Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e posteriormente Brasil, a terra que era Brasil, navegou duas mil milhas, e discutiram. O marco de Touros é o monumento mais antigo das Américas, e você descendo mais duas mil milhas, você vai encontrar outro marco, o marco de Cananeia, que é um padrão também em pedra, que é diferente do marco comemorativo de Porto Seguro e Rio de Janeiro. O do RJ hoje está guardado lá no RJ, na igreja de São Sebastião, que não é mostrado ao público; nem uma réplica colocaram. O padrão oficial português tinha na sua face anterior, esculpido, detalhado, era em cima a Cruz de Cristo e, embaixo, as Armas do Rei, e ele se voltava para o mar. Esses dois marcos comemorativos tem um em uma face como na outra, então, isso é indiscutível também que são comemorativos, são posteriores a 1503. Esse foi um fato; outro fato interessante que Caminha fala é que ele diz o seguinte: no dia 21 de abril – é textualmente, é uma carta que deve ser lida com todo cuidado, é muito bonita, principalmente a maneira que ele descreve os nativos –, ele diz que viu sinal de terra. Aos 22, à distância de 6 léguas, eles avistaram um monte muito alto e redondo, tudo bem, que é

considerado a data do descobrimento, se podemos chamar assim de descobrimento. Eu questiono o termo descobrimento, como muita gente questiona. E no dia 22, fundearam nesse local, a uma profundidade de 43 metros e no outro dia, seguiram em direção a terra, e a meia léguas da terra, fundearam procurando um pouso seguro, eu estou dizendo “pouso” de propósito, porque é como está mais ou menos na carta. Embora tenha se traduzido “porto seguro” com letra minúscula, mas vamos falar em pouso seguro: fundearam lá, as caravelas, que eram navios menores, se aproximaram mais da costa, ancoraram em um ponto determinado e desceram os batéis, que são barcos a remo. Se aproximaram e não viram nenhum lugar que desse segurança a fundear navios, que eram nove naus e três caravelas. As naus acima de 200 toneladas, a de Cabral estima 300, 360, nos documentos que se perderam e as caravelas em torno de 60 toneladas. Voltaram, que é quando Caminha diz: “voltamos, e o capitão”, assim ele o trata Cabral, “navegou 10 léguas ao norte, com ventos favoráveis”, foi aquilo que eu disse antes dos ventos favoráveis; como o padrão estava na praia do Marco, que fiz eu? Desci 10 léguas, porque ele diz que, no determinado ponto, foi 10 léguas ao norte, desci 10 léguas, isso dá aproximadamente entre Pititinga e Rio do Fogo e aproximadamente em torno de Zumbi, não podemos precisar exatamente, porque essas

10 léguas podem ser 10,5 léguas, não sei. Mas, vamos lá, mas há meia légua do litoral, da praia, onde ele fundeou, no dia 23 de abril, se avista o Cabo de São Roque, hoje [assim] denominado. O que é interessante é que no dia 23 de abril é o dia de São Jorge, São Jorge é o padroeiro de Portugal, e os portugueses tinham por costume nomear os acidentes geográficos com o “santo do dia”, como nomeou Pascoal, porque era época, como Caminha diz Pascoal; a Páscoa foi no domingo anterior, e o dia 22 de abril caiu numa quarta-feira, então o período de Páscoa. Depois, mudou-se esse nome para Cabo de São Roque; São Roque é em agosto, por conveniência, que é um detalhe interessante que eu trato no livro, não vamos delongar aqui; e quando mudou-se de novo o mapa de Cantino, estava desaparecido, porque só foi feito um exemplar, ficou desaparecido durante 357 anos, então quando foi feita a história do Brasil em 1850, o Cantino era desaparecido, e hoje a sua autenticidade é inquestionável.

Alexandre Beethoven: Eu queria saber em termos de pesquisa histórica, a partir dessa nova perspectiva do descobrimento em Touros, o que que isso atualiza em fatores econômicos e históricos em relação à história convencional que a gente tinha?

Manoel Neto: Eu comecei minha pesquisa em busca da verdade, e foram dois anos de pesquisa, relativamente fácil,

porque estava partindo da tese de Lenine Pinto, a partir de uma bibliografia fantástica, e comecei a ler autores do século XV, de 1400 e, principalmente, do século XVI, após a vinda da armada aqui para o Brasil. O benefício que traria para isso é, isso só vem perceber depois, mas é claríssimo, é o turismo em si. E nós temos aqui o monumento mais antigo das Américas; simplesmente isso já seria motivo para estarmos explorando, mas não exploramos nada, não temos uma fotografia dele na escola, não temos fotografia dele no aeroporto de chegada, nos hotéis, em qualquer quanto. Os baianos foram muito competentes nisso. Então, a partir daí, tudo mais é decorrência. Hoje, a época foi, vamos dizer, coincidiu o lançamento do livro com o início de um novo movimento; inclusive, foi lançado pela Secretaria de Educação do Estado um Concurso de Redação sobre esse assunto para alunos do nível fundamental e do nível médio, então isso nos dará. O que precisamos é que todos nós abracemos isso, criticar o que tiver errado, a crítica construtiva. O que tenho muitas vezes da crítica é que as pessoas, por desconhecimento, às vezes por inveja, já levam isso para o limiar de uma agressão, de algo muito mais sério, porque entre a crítica e a acusação é uma linha muito tênue, mas não é só esse livro; existem outros livros a respeito disso, e eu acho que o de Lenine é o mais completo. Eu complemento

com fatos novos, fatos das correntes, fato da batimetria, e vamos em frente.

BLOCO 2

Rafael Lopes: Os estudos historiográficos mais atuais, eles têm abandonado aquela ideia de exatidões e têm trabalhado muito com conceito de aproximação. O meu interesse nessa pergunta é saber se os portugueses, os pesquisadores portugueses, as pessoas que você teve contato lá em Portugal, se eles aceitam essas aproximações que você propõe no seu livro.

Manoel Neto: Os portugueses são neutros acima de tudo. Eles não se envolvem sobre essa questão, e o que acontece é que hoje, com o desenvolvimento, com o avanço da tecnologia, nós temos muito mais condições de pesquisar porque temos praticamente todos os documentos que deram origem à história oficial do Brasil e mais esses elementos que eu citei, um estudo mais detalhado dos ventos, da profundidade do oceano. Então, os livros que eu vi a respeito disso, eles citam apenas, mas não há comprovação nessa profundidade, não trouxe nada de novo. Mas apenas tive o cuidado de ir por essa vertente, então mesmo depois do fechamento do livro, eu descobri um *site* interessante, *site ventusky*, ele dá em

tempo real os ventos. Se for analisar a costa aqui do litoral entre Pititinga e o Marco, você verá hoje mesmo, pode chegar a qualquer hora, com *smartphone* e tudo, você verá. Se for pesquisar na região de Porto Seguro, os ventos são diferentes; só poderiam ter chegado em Porto Seguro, eu coloco “poderiam” e reforço isso, se eles tivessem navegando na direção Noroeste. Segundo o regimento de Vasco da Gama, todo navegador português tinha obrigação de dar orientação para o navegante seguinte. Bartolomeu deu pra Vasco da Gama, Vasco da Gama para Cabral, Cabral deu novamente para Vasco da Gama, que ele fez a Terceira Armada, que foi em 1503, e a recomendação era que a partir do Cabo Verde, fizesse a volta ao mar para fugir das calmarias da costa da África em direção ao Sudoeste, se nós vimos as correntes, então logicamente o Sudoeste, então, por exemplo, em 2000, foi confeccionada uma caravela similar, apenas mais leve, e levava equipamentos modernos como GPS etc, e colocaram como precaução o motor de popa comandado por um Comandante da Marinha portuguesa, e ele diz claramente que, quando atravessou o Equador, teve que desligar os motores porque as caravelas só queriam vir para o Nordeste, coisa recente de 18 anos atrás. Até hoje, se você for fazer um estudo das regatas de veleiros, eles dão a volta ao mar e se aproximam daqui, as regatas que partem da Europa e vão em

direção à África do Sul, a maior parte delas. Então, são essas coisas e esses elementos novos que hoje nós constatamos no *smartphone*. Existe um vídeo da NASA, também pode ser pesquisado tranquilamente, que mostra as correntes; esse vídeo mostra a terra girando e acompanhando as correntes, sai lá do Norte, da Groenlândia, pela costa americana, América do Sul e passa por aqui. Esse vídeo se chama *NASA Perpetual Ocean*, na internet, no YouTube. Então, hoje, nós temos muito mais condições de fatos reais, e contestar isso é muito difícil; agora, reescrever a história também é mais difícil, porque tem uma burocracia tremenda, a existência dos conservadores em primeiro lugar, depois tem que passar pelo Instituto Histórico local, Academia local de Letras, depois da Academia, pelo Instituto Histórico Nacional, pela ABL, e a verdade, por mais pessoas liberais que tenham nessas entidades, a sua maioria é composta por conservadores.

Apresentador: Sobre essa questão que fico me perguntando até que ponto existe uma viabilidade de procedimentos para se conseguir realmente instituir como paradigma histórico válido de ser discutido pelo menos nos ambientes formais de ensino de história.

Manoel Neto: Primeiro, temos que vestir essa camisa se concordamos ou não, apontar as falhas que tem nessa tese, e depois tem que ter a vontade do Governo. Satisfação

ter sido lançado no momento certo, porque começou a ser rediscutida, essa tese, mas a própria imprensa pouco fala sobre isso. Muito pelo contrário, uma boa parte omite e prefere ficar calada, omite, a história oficial é diferente, até hoje se sabe, não é um caso só. Um exemplo, até hoje não se sabe onde Colombo chegou. A única coisa mais ou menos certa, a probabilidade altíssima é que chegou nas Bahamas, mas em qual ilha? Não se sabe ao certo, já mudaram umas dez vezes e ainda tá desse jeito. Aqui está muito fácil. Os espanhóis não tinham documentos como os portugueses tinham; aqui, nós temos dois documentos fortíssimos que não são contestados, com dados da profundidade, dos ventos, do dia de São Jorge e assim por diante.

Joan Fontes: Além dessa tese, quais são outros assuntos que você abordou no livro?

Manoel Neto: Embora eu não seja professor, apenas fui monitor na época de faculdade e de uma matéria totalmente diferente, que era Física, eu procurei dar um cunho didático. Eu falo de navegações, de cálculos de longitude, latitude, isso na época do século XV; falo de navegadores, falo dos índios, até indiretamente uma homenagem a Caminha, que ele fala tanto de índio, e ninguém fala. São 28 páginas, uma folha de 30x30cm, aproximadamente, ele dedica mais da metade da carta ao nativo e, depois, das ligações entre reis

de Portugal e Espanha. Dom Manoel era primo de Isabel, rainha da Espanha, Isabel de Castela, casado com a filha de Fernando e Isabel, casou-se com duas, casou-se com uma, depois morreu e casou-se com a cunhada, e isso. Procurei fazer o livro curto, pequeno; ele tem cerca de 120 páginas de texto, dividido em 20 capítulos, é fácil de ler, e tem mais 26 páginas de fotos. É fácil de ler, só que grande parte precisa ser relido. Por exemplo, o cálculo das latitudes, de primeira, vocês que são de outra área, na primeira vez, você não vai entender completamente, a menos que aceite como dogma, de fé, mas você relendo, você compreenderá os cálculos das longitudes, eu falo dos chineses e procuro dar pra pessoa entrar no contexto do fim do século XV. Cabral chegou aqui no último ano do século XV, 1500.

Lucas Félix: O senhor já esteve lá em Touros apresentando essa teoria para a comunidade local, como sentiu o impacto lá?

Manoel Neto: Hoje há uma disputa de onde Cabral chegou, a verdade consolidada, tem o lugar que ele aportou, que foi a Praia do Marco, que estava escrita também, parte dela, na Carta de Caminha. Há outros historiadores que dizem que o Porto Seguro de Vaz de Linhares não tem nada a ver com o Porto Seguro de Caminha, e, na realidade, tudo era Touros, mas o marco está hoje no município de Pedra

Grande pra não ser tão... está no limite de Pedra Grande e São Miguel do Gostoso; São Miguel do Gostoso era Touros, como era Maxaranguape, Rio do Fogo e outros municípios. Eu prefiro tratar tudo como litoral de Touros, no título do livro, eu procurei ser mais discreto, como “saliente potiguar”, é onde, vamos dizer, o continente avança no mar, que é aqui no RN. Touros, já existem algumas escolas que tratam sobre esse assunto, e outras cidades menores, como Pedra Grande, que é menor que Touros, eles também estão lutando por isso, mas tem que ter a vontade do Governo. Esses são municípios pequenos; tem que ser uma decisão a nível estadual, como está fazendo agora, levantando essa questão, a Secretaria de Educação do Estado fazendo um concurso que deve ter dezenas, centenas de opiniões, porque essas redações são orientadas por professores, logicamente vão ter “contra, a favor, claro, muito pelo contrário”. Existe um jornalista, Alexandre Garcia, ele defende, e eu acho que com tanta ênfase nisso, circula aí na rede, não sei se vocês já ouviram isso, algumas declarações dele, circula na rede ele defendendo isso. Se a nossa imprensa fosse dar um pouquinho da ênfase que Alexandre Garcia dá, seria diferente; mas tem as conveniências políticas, as ligações econômicas, tem uma série de fatores, que é difícil, vocês, jovens, todos vocês têm aproximadamente a idade do meu neto, é que têm que

pesquisar isso, logicamente a pesquisa, seja ela qual for, é uma frase que eu estou pegando. A pesquisa é um direito de todos, mas é um dever do Estado. Não adianta pesquisar se o Estado não der apoio a essas pesquisas, seja publicitário, seja dentista, seja engenheiro, seja médico, qualquer coisa. Então, “contra fatos não há argumentos”.

Apresentador: Os portugueses descobriram, chegaram, tomaram posse? Qual a terminologia que o senhor acha mais adequada para definir a chegada aqui dos portugueses no Brasil?

Manoel Neto: Há um capítulo do livro que eu chamo de “Descobrimento, achamento, reconhecimento ou posse oficial?” Houve um navegador português, chamado Duarte Pacheco Pereira, que escreveu um livro, em 1505, que ele narra sua vinda, porque havia um segredo aparente, uma espionagem entre Portugal e Espanha, que em 1498 ele esteve aqui com uma recomendação do rei, o rei já era Dom Manuel, de não entrar em terra de Castela, a terra era da rainha. Fernando era quem acompanhava, mas Duarte Pacheco Pereira, interessante que ele chegou, mais ou menos na divisa Pará e Maranhão, subiu até a foz do Amazonas, subiu o Amazonas até o rio Tapajós, onde hoje se encontra Santarém, segunda cidade do Pará, voltou acompanhando a costa até o paralelo a 70 graus, até o Sul do Brasil, depois

voltou pra Portugal, subiu e desceu, mas com a recomendação de não entrar nas terras de Castela, por isso permaneceu em sigilo. Assim como os espanhóis estiveram aqui no RN, em 1500 também, com a recomendação do rei da Espanha de não entrarem nas terras de Portugal, e mantinham segredo sobre isso porque já existia um tratado, que foi muito doloroso conseguir, que foi o Tratado de Tordesilhas, e tanto Espanha como Portugal sabiam que já tinha uma parcela muito grande da América. Portugal tinha tanta certeza, que em 1493, logo depois do descobrimento da América, existe um tratado anterior; o Papa expediu uma Bula que foi uma intercepta [Bula Inter Coetera], não sei se vocês se lembram, mas essa Bula dizia que o meridiano de Portugal ia até 100 léguas, mas 100 léguas passava tangenciando, pegava aqui o RN e Paraíba. O rei ameaçou brigar com o rei de Portugal e se sentaram em Tordesilhas, foi quando em 1494, chegaram a 370 léguas. Com esse novo tratado, Portugal, *entre aspas*, ganhou 4 milhões de quilômetros quadrados, que é a nova área da diferença entre as 100 e as 370 léguas. O negociador desse tratado, representando Portugal, foi Duarte Pacheco Pereira, que Camões chama de “O Aquiles lusitano”, e é esquecido por todos nós, infelizmente, e talvez seja um dos maiores capítulos do livro, porque eu acho, isso deve ser resgatado também, por isso eu trato navegadores e essas coisas.

BLOCO 3

Alexandre Beethoven: Queria saber um pouco sobre as navegações chinesas. Me chama muito atenção esse capítulo porque eu me interesso muito sobre essa história convencional, história da China, do Japão, pequenas ilhas; queria que você aprofundasse sobre esse capítulo e se há alguma coisa dessa história não convencional.

Manoel Neto: Existe um livro, 1421, [1421: O ano em que a China Descobriu o Mundo], de um escritor inglês, que vendeu dezenas de milhões de exemplares em todo o mundo. Eu li esse livro, mas não me convenci no todo, faltou muita coisa para que eu me convencesse. Muita gente é convencida a respeito que o chinês atravessou o Cabo da Boa Esperança e navegou até o Cabo Verde, depois se dividiram em duas frotas, uma voltou e outra seguiu pelo Brasil, fez uma circum-navegação. Eu não acho as evidências dele muito fortes, mas os chineses tinham uma navegação, o chinês, talvez seja o título do livro, eu não sei. A China sempre foi um país fechado, o império do meio, houve uma abertura de um imperador chinês, em torno de 1420, que deu mais ênfase nas navegações. Ficou constatado que ele navegou até a costa oriental da África, os navios eram imensos, e é muito citado na época, no fim do século XV ainda, o mapa

chinês. Os portugueses, antes ainda de chegar ao Cabo da Boa Esperança, eles foram por terra até a Índia, e talvez até a China, e uma das coisas interessantes que coloquei no livro é que eles conseguiram calcular as longitudes. Nós estamos em Natal, vamos esquecer hora de verão, três horas a menos de Greenwich, nós temos que ter um meridiano básico que hoje é o Greenwich; antigamente, variava. A França considerava Paris, Portugal, não sei, considerava Cabo Verde, Madeira, mas hoje universalmente é Greenwich; a partir daí, as horas são determinadas. Nós estamos aqui a três horas, aproximadamente, que é tudo aproximado que as faixas são de hora em hora, e eles calculavam de uma forma interessante; já no século XV, conseguiam determinar os eclipses lunares. O eclipse lunar ocorre quando ele tá atravessando o plano, que é aquele plano que a Terra gira em torno do Sol, que é chamado por isso de eclipse, algo assim, apesar de ser trajetória elipse, chamam de eclipse. E eles sabiam que em Xangai, por exemplo, no dia 8 de setembro, às 20h vai ter um eclipse lunar, e mandavam uma expedição para a costa da Índia; naquele dia eles estavam lá, construíam miradouros e verificavam a hora local, então sabiam as horas locais. Os chineses já sabiam isso no século XV. Então essa parte, as navegações deles, os barcos deles eram imensos, há questionamento se eram [do tipo] de junco, porque não

tinha problema de afundarem, e eu vejo essas coisas, tanto que, depois desse Imperador, a China se trancou de novo e as navegações não prosperaram.

Apresentador: Já pensou em pegar a narrativa do livro para inspiração de um roteiro de documentário ou para um filme? Já foi estudada essa hipótese? Já receberam algum tipo de convite, algum tipo de apoio nesse sentido?

Manoel Neto: O livro tem 45 dias de lançado, e não é só ele que seria, poderia servir de fonte para algumas coisas que, logicamente como eu disse, são inéditas. Mas há trabalhos consistentes aqui. Existe um livro muito interessante da professora Tânia Teixeira, que é *Praia dos Marcos*, porque era conhecido antes como praia dos marcos, existem os livros de Lenine, existem alguns outros, mas muito poucos. O próprio Cascudo não se aprofunda nesse assunto, ele cita porque há um posicionamento de que o marco foi colocado em 1501, mas no meu ponto de vista, foi colocado entre 22 e 23 de maio de 1500, por Cabral. Isso precisa realmente ser estudado bem, com afinco. Por exemplo, dizem que a expedição de Gaspar de Lemos, sem fundamento nenhum, partiu de Porto Seguro, subiu a costa, quando chegou no litoral potiguar, voltou para Portugal. Mas João de Barros, que foi o donatário da Capitania do RN, que era um escritor, um homem de letras, culto, historiador, ele tem nos

seus livros, ele diz: “os índios que chegaram em Portugal não tinham nada a ver com os tupiniquins”. Então, é um questionamento. E os índios daqui? Eu trato também disso. Os potiguaras, que fim levaram? Os portugueses eram, sobretudo, escravocratas, eram fornecedores de escravos para toda a Europa desde o século XIV. Quando chegaram aqui, pegaram o índio, e ele não admitia isso, porque o negro era diferente do indígena daqui. Tinham as nações, uma nação vencia de outra, e aquela vencida se submetia integralmente ao vencedor, cultura deles. Chegavam em um determinado lugar, de uma nação vencedora, queriam comprar tantos negros, era fácil porque eles tinham prometido que fariam a vontade dos vencedores. Com os negros, era mais forte, tanto que, às vezes por desconhecimento, a gente diz: o escravo negro era dócil. Mas, era cultura dele. Eles vieram a se revoltar no Brasil, muitos anos depois; talvez o primeiro caso tenha sido Zumbi de Palmares. Eles estavam convivendo com outro povo, já eram descendentes, então, por exemplo, os potiguaras habitavam desde a Baía da Traição, hoje Rio Tinto da Paraíba, até o Maranhão, e foram sumariamente exterminados, e vieram para o litoral, os tapuias. Quando terminou os tupis-guaranis, que eram os potiguaras, eles ocuparam os tabajaras da Paraíba, que é onde tem o resquício, era os jês, e vieram para o litoral, onde se era muito mais

fácil viver, e até hoje isso acontece, a pesca, o fruto, as águas permanentes. Até hoje, a gente questiona a indolência das pessoas do litoral porque realmente é mais fácil.

Concita Alves: Sobre os primeiros habitantes do Brasil, não seria realmente esperado essa reação de quando uma pessoa chega na nossa casa e toma pra si? Você não esperava essa reação dos indígenas de combater?

Manoel Neto: Segundo Caminha, vamos ao documento, nossa “certidão de nascimento”, os portugueses foram muito bem recebidos, e logo a seguir, depois deles fundaram as naus, foram bem recebidos, e logo no primeiro dia, já, dois nativos já dormiram na nau de Cabral. Não houve nenhuma reação deles; pergunto eu, será que já conheciam os portugueses? Então, essa reação começou a surgir quando o português começou a querer escravizar os indígenas; como eles eram muito dóceis, para que comprar? Por que não só regimentar, colocar no navio? E deve ter levado alguns, quase certeza. O que não aconteceu, Cascudo afirma isso, anos depois, em 1530, já tinham franceses aqui na foz do Rio Ceará-Mirim, e tinham casas de barro, casa de taipa. Então os franceses vinham, não tinham esse interesse, só tinha interesse no pau-brasil, que era muito valorizado na Europa, e traziam quinquilharias, e sempre conviveu e foi o primeiro contato também, e isso perdurou, exceto algumas exceções, quando

os holandeses chegaram aqui, cento e quarenta anos depois, e conseguiram apoio de indígena. Houve as exceções, que foi a de Felipe Camarão e alguns outros, mas em geral, porque tinham ligações com portugueses na época. Então, o que leva a crer é justamente esse aspecto, o tratamento e pensamento escravocrata do português, isso vem desde do século XIV.

Apresentador: O senhor é vice-presidente do CREA; como engenheiro, de que forma a engenharia ajuda no seu trabalho como pesquisador da nossa história e como a história te ajuda como engenheiro? Uma área das Exatas complementa a outra da área das Humanidades?

Manoel Neto: Eu sou engenheiro civil. O engenheiro civil tem uma formação muito ampla. Nós estudamos sobre muita coisa, e justamente fui procurar, quando procurei os ventos, procurei a batimetria, tem outros pontos na Carta de Caminha que possivelmente serão redescobertos. Eu sempre viso a Carta de Caminha, tem outras cartas. Existe uma carta do mestre João, eu trato no livro a respeito disso, pouco falam dela, porque ele dá uma latitude de 17 graus, mas existia uma política de secretismo em Portugal. O cartógrafo que fez o mapa para Catino recebeu uma boa grana, digamos assim, foi descoberto, e a pena era cruel, não era só condenado à morte, era toda a família. A lei era para inibir, porque é diferente de você ser condenado e preservar a família; ia

toda a família, e notícia dele não tem. Então existe um outro documento, supõe-se que tenha sido feito pelo piloto Pero Escobar, que foi traduzida do espanhol para o português posteriormente, e o título é até sugestivo: *Relato do Piloto Anônimo*. Então, por isso que ainda esses dois documentos em autores contemporâneos ao descobrimento.

Rafael Lopes: Todo processo de pesquisa, na maioria das vezes, é muito revelador e traz para nós momentos de inquietações. Eu queria saber se, quando você estava diante dos documentos lá em Portugal, se houve alguma revelação, alguma característica que você não tinha conhecimento antes, que você acabou descobrindo e que gerou algum tipo de inquietação, coisas desse tipo?

Manoel Neto: Embora tenha passado poucos dias em Portugal, essa viagem foram 10, 12 dias que passei lá, e tirei umas duas, três noites pelo menos para conhecer melhor Lisboa, teve sim. Eu descobri algumas coisas que até hoje tenho anotado, e isso me levou a alguns livros, me levou a me aprofundar mais. Percorri os sebos de lá, adquiri, também, alguns livros, dentro do que eu podia adquirir, porque não são baratos, e a ida a Portugal, além dos pontos que me orientaram, serviram também principalmente como eu iria direcionar a pesquisa. Essa foi a grande contribuição daqui, porque hoje, na internet, nós temos muita coisa, apenas

como em toda pesquisa na internet, temos que ter muito cuidado. Há um autor, só pra você ver, muito citado, Assis Cintra; ele cita muitas verdades, mas eu disse, “quem é Assis Cintra?” e fui pesquisar quem ele era. Era um jornalista, com todo respeito, que escreveu muito sobre o Império, desde Dom Pedro I até o fim do Império e início da República, mas ele gostava muito do sensacionalismo. Então, eu tive o cuidado de avaliar aquilo de Assis Cintra, nada contra, então sempre tive o contato; na internet, você sabe que tem coisas absurdas, se você for de primeira, você tá cometendo gafes terríveis. Então a pesquisa hoje, por exemplo, eu pesquiso muita coisa ainda na própria Torre do Tombo, que é o arquivo nacional português, nunca consegui penetrar, acessar, na biblioteca de Salamanca, porque em 1580, houve uma unificação entre Portugal e Espanha, sob domínio espanhol, Felipe II, e os portugueses afirmam que muitos documentos foram levados para Salamanca. Para você ter uma ideia da Carta de Caminha, chegaram aqui 12 navios, um voltou, então ficaram 11, todos os comandantes e todos os pilotos mandaram cartas ao rei, e nenhuma delas escapou, então é difícil. O que tem é, desse jeito, a Carta de Caminha, que eu citei aqui.

CONSIDERAÇÕES

Manoel Neto: Com todo prazer, eu estou muito satisfeito, principalmente aqui, que estou diante de cinco jovens. Isso me dá uma felicidade grande. Obrigado a todos.

Capítulo 12

Entrevista com Gilliard de Medeiros



PROGRAMA 10

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian(Apresentador)
Joan Fontes (Jornalismo)
Rafael Lopes (Jornalismo)
Alexandre Beethoven (Radialismo)
Lucas Félix (Audiovisual)
Concita Alves (Jornalismo)

Entrevistado

Gilliard de Medeiros
Professor e psicólogo.

Apresentação em off

Nosso convidado de hoje é o psicólogo Gilliard Medeiros Laurentino, do Cedeca – Casa Renascer. Gilliard é especialista em Teoria Cognitiva Comportamental, professor de Direitos Humanos na Academia de Polícia. Faz parte da Comissão Nacional da Lei sobre o Depoimento Especial de Crianças e Adolescentes. Participa do Observatório da População Infanto-juvenil em Contextos de Violência da UFRN e do Comitê contra a Violência Sexual do Conselho Regional de Psicologia. Atua há dez anos na defesa dos direitos da criança e do adolescente.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos começar falando um pouco sobre o nosso Estatuto da Criança e da Adolescente, que é tido como um mecanismo legal extremamente eficiente no que diz respeito à regulamentação do direito da criança e do adolescente. Em contrapartida, no Brasil, a gente tem números alarmantes em relação aos abusos, à violência infanto-juvenil. A que se dá esse cenário de contrassenso se a gente tem um marco legal bem conceituado e, em contrapartida, a gente tem esses números?

Gilliard de Medeiros: Pois é, a gente sempre discute aqui no Brasil que as leis precisam “pegar”; acho que é um dos únicos países no mundo que a lei precisa “pegar”, e o Estatuto, infelizmente, a gente acaba não cumprindo ele como deveria ser cumprido. E é o maior avanço na legislação mundial, é o Estatuto; ele foi criado em 1990, pelo presidente Collor, então presidente do Brasil na época, então foi uma convenção nacional, e o Brasil foi um dos primeiros países que criou o Estatuto, e ele foi modelo para outros países. Mas, infelizmente, aqui no Brasil, até hoje, ele é pouco conhecido quando a gente vai para o Judiciário. O Judiciário não entende criança e adolescente como criança e adolescente; você pega os processos, e é o menor, é o menor em conflito com a lei, é o menor que cometeu o crime. Isso foi abolido desde 1990, não se usa mais a terminologia “menor”, é criança e adolescente em conflito com a lei. Mas nem o nosso Judiciário pega o Estatuto para funcionar como ele deveria funcionar, e isso reflete no que a gente tem hoje.

Apresentador: Essa classificação de criança e adolescente tem uma especificação de faixa etária, né? Para cada caso, há uma questão de regulamentação?

Gilliard de Medeiros: Até 12 anos completos é considerado criança e de 12 até 18 anos completos é considerado adolescente. E, sim, exatamente, o Estatuto vai até 21

anos de idade. Em alguns casos específicos, ele pode valer de 18 a 21 anos.

Lucas Félix: Nessa ideia dos números alarmantes, eu estava vendo um dado do Observatório Latino-Americano que, entre crianças e adolescentes, são 29 assassinados todo dia aqui no Brasil. Qual é a principal deficiência que permite esse número tão assustador?

Gilliard de Medeiros: Varia de muitas coisas. Se você pegar a prevenção no Brasil, ela não acontece como a gente gostaria que acontecesse, então a gente vai de má educação, má qualidade na saúde, não [há] qualidade na assistência social, o índice de vulnerabilidade é gigantesco. O nosso país é um país extremamente machista e patriarcal, o que faz com que nossa violência aumente em relação a outros países. São várias situações que fazem com que isso aconteça, esse de 29 é o que chega; mas muitos casos, quando é violência letal, a gente consegue mapear direitinho, mas quando é violência não letal, a gente não consegue nem chegar a 10% da real violência que acontece.

Apresentador: São 28 anos de Estatuto da Criança e do Adolescente. Que tipo de ganhos, em termos de atualização, a gente pode citar aqui, de 1990 pra agora?

Gilliard de Medeiros: Sim, completa agora, em julho, 28 anos. O maior ganho que a gente teve com o Estatuto é que criança e adolescente passaram a ser sujeitos de direito que, até 1990, não era visto dessa forma. Como era visto [o problema com] a criança e o adolescente? Era que o adulto que mandava, e a gente via a criança como adulto em miniatura, ou o pai, a mãe e o juiz [é que] determinava o que seria feito com aquela criança. A partir do Estatuto, a criança passou a ter direitos reconhecidos; a gente passou a ver a criança como sujeito de direitos que precisa ser trabalhado e não um sujeito que a gente impõe o que deve ser feito.

Alexandre Beethoven: Dentro desses dados alarmantes que já foram apresentados com relação ao abuso sexual dentro do convívio familiar, quais são os primeiros sinais que a criança começa a apresentar quando se começa a ter essa prática por meio de um pai, de um tio, ou mesmo de um profissional que está cuidando de uma criança com deficiência? Eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre isso.

Gilliard de Medeiros: Quando acontece em crianças que não têm deficiência, os sinais são mais claros porque a criança muda bruscamente de comportamento. Quando a criança é muito extrovertida, ela passa a ser introvertida, ou quando ela é muito quieta, ela passa a ser rebelde, passa a provocar algumas situações que chamam atenção dos

próprios familiares, dos professores. Ela apresenta esses sinais. Mas há casos que a criança não vai apresentar sinal nenhum, nem físico, nem questão de comportamento; ela pode mudar as notas na escola, das notas caírem; [se] ela tinha comportamento de falar na escola, depois fica mais retraída. São comportamentos que chamam mais atenção em casos de violência sexual intrafamiliar.

Apresentador: Até que ponto a sociedade deve, em que situações ela deve buscar algum canal de denúncia? Quais são os canais que ela deve buscar, algum disque-denúncia, algum Ministério Público? Tem aquela cultura de não se meter no que é dele.

Gilliard de Medeiros: Quando a gente vem para o Estatuto da Criança e do Adolescente, que é outro avanço, ele diz que é dever de todos, é dever do Estado, da família zelar pelos direitos da criança. Exato, tem casos de “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”, e vale muito pra família também, ninguém quer se meter. Mas o que nossa legislação diz é que é nossa obrigação denunciar, e para isso, existem diversos setores em que se podem denunciar. Se a pessoa não quiser aparecer e falar para o Conselho Tutelar o que está acontecendo, que é o primeiro órgão que a gente tem que buscar pra quando acontece isso, a gente pode usar o disque-100, que é o disque-direitos humanos,

e quando você liga para o disque-100, você não vai se identificar, mas precisa ter os dados de quem é a pessoa, onde encontra, qual endereço e automaticamente essa denúncia vai para o Ministério Público e o Conselho Tutelar; eles recebem instantaneamente essa denúncia. A Central de Direitos Humanos vai avaliar, vai saber se o Ministério Público correu atrás pra saber o que está acontecendo, e o Conselho Tutelar também. A outra forma que o Estatuto traz, forma fantástica para gente, é que, por exemplo, se a escola soube de alguma violência, ela é obrigada a denunciar ao Conselho Tutelar. Se na saúde, no posto de saúde, o agente de saúde descobriu alguma coisa, ele também tem que dizer ao Conselho Tutelar. No Estatuto, ele diz que você tem até vinte e quatro horas para levar ao Conselho Tutelar ou ao Ministério Público, só que quando a gente vai para prática, infelizmente demora muito mais para acontecer isso. O pessoal da saúde tem medo de acabar denunciando e sofrer represálias; na educação, da mesma forma.

Concita Alves: Qual a principal diferença entre abuso, assédio, exploração e violência sexual?

Gilliard de Medeiros: Uma pergunta muito interessante. Quando a gente vai trabalhar a violência sexual como um todo, a violência é dividida entre abuso e exploração sexual. O abuso é subdividido entre outras partes, tem o contato por

abuso físico e sem contato físico. O assédio pode aparecer na parte sem contato físico, que quando vai para criança e o adolescente tem várias vertentes do que seriam os sem contato físico. Por exemplo, expor a criança a uma foto de pornografia, que era muito comum, na infância, os pais mostrarem aos filhos homens para que o filho aprendesse a ser homem, o que é uma mulher nua, o que é uma relação sexual. Isso hoje é considerado um ato de violência sexual. Outro ato que acontece muito é os pais levarem os meninos para “perder a virgindade” nos prostíbulos, esses meninos menores de idade; isso também é considerado um ato de violência sexual. Quando a gente vai pra exploração sexual, a exploração sexual requer algum lucro, mas não quer dizer que seja um lucro financeiro, tá usando uma menina para um ganho financeiro, ela vai muito além. Por exemplo: “eu quero seduzir uma menina, começo a dar presentes para menina, dou celular, dou dinheiro, dou roupa, para que a menina tenha relação sexual comigo e aquilo de alguma forma me satisfaça”. Isso é considerado exploração sexual. O assédio é mais para o não contato físico quando, por exemplo, “eu vejo uma menina bonita no meio da rua e começo a chamá-la, puxar algum assunto”. A gente vê muito isso aqui em época de Carnaval e Carnatal. Carnatal é onde

acontece mais a violência como um todo de exploração e de um abuso sexual.

Rafael Lopes: De acordo com o ECA, a responsabilidade das crianças é da família como também da comunidade, da sociedade. Como você trabalha com esse público aqui em Natal? Eu queria que você exemplificasse um pouco como está a nossa situação, pontos que podem ser melhorados ou pontos que você enxerga ainda que existe muita dificuldade para que o trabalho de vocês seja realizado.

Gilliard de Medeiros: As dificuldades são imensas quando você busca qualquer autor da rede para falar sobre como funciona a violência sexual, como a gente atende, a gente vai passar por todas as dificuldades. Passa por uma delegacia que não consegue atender da forma que deveria. Natal é uma exceção porque a DCA ainda consegue cumprir, apesar de não conseguir cumprir o que a lei diz de que seja de uma forma rápida, porque o Estatuto diz que os casos devem ser investigados da forma mais rápida possível. A gente demora anos para chegar na solução de um caso, quando consegue chegar. Então essa é uma dificuldade. Uma outra dificuldade é o fluxo. O fluxo seria de como essa criança estaria na rede; quando a criança sofre algum tipo de violência sexual, ela tem que seguir alguns caminhos. O primeiro é ir para o hospital; se a criança, por

exemplo, for estuprada, ela precisa ir ao hospital para saber se vai tomar o coquetel ou não. Aí, depois do hospital, ela vai para a delegacia, depois vai para o ITEP, depois ela vai para os atendimentos, volta para a delegacia, volta para o Ministério Público e vai para o Tribunal de Justiça. Então, você imagina, para uma criança que sofreu uma violência sexual, já passa por uma situação que é extremamente difícil de passar, [o que] um adulto não consegue passar muitas vezes, uma criança está passando, e ela tem que seguir todo esse caminho. Hoje, é nossa maior dificuldade, é que a gente consiga compreender que não precisa ser feito dessa forma. Mas, infelizmente, a gente não mudou ainda.



Apresentador: A gente tem uma questão recorrente no nosso ambiente urbano, que são crianças pedindo alguma ajuda no sinal ou trabalhando catando latinhas. Até que ponto o Estado pode dar um tipo de amparo para esse tipo de família que acaba colocando a sua família, como um todo, inclusive as crianças, para fazer alguma renda ali?

Gilliard de Medeiros: Mais uma vez, a gente tem que voltar para o Estatuto da Criança e do Adolescente; tanto o Estatuto quanto a Constituição dizem que, se a família não tiver condições de se suprir, o Estado tem que suprir. Para isso, foram criados o Bolsa Família e outros programas. Só que, infelizmente, a gente não consegue atingir a todas as famílias, e a gente acaba contabilizando essas famílias nessa situação que a gente chama de “situação de vulnerabilidade”. Uma criança no farol pedindo dinheiro, ela pode passar por diversas coisas, desde um sequestro, um atropelamento, um rapto para fins comerciais, e no Brasil ainda acontece de crianças serem raptadas para fins comerciais. Então, tudo isso acontece em segundos, e é dever do Estado acabar com isso; só que, infelizmente, a gente não consegue ter uma política pública efetiva que consiga alcançar todas essas famílias. Acho que todo mundo acompanhou o que aconteceu em São Paulo agora, na ocupação do prédio, e o prédio caiu, e mais uma vez a gente está culpando as famílias que ocuparam,

sendo que era dever do Estado que elas tivessem uma casa. O que é mais fácil a gente culpabilizar é que essas famílias invadiram, quando a gente vê as famílias em vulnerabilidade, é exatamente isso que acontece. É mais fácil eu culpar a família do que, “eu?! ah, não, o Estado precisa ter políticas públicas para mudar essa situação”.

Joan Fontes: Há cerca de um ano atrás, foi sancionada a lei da escuta protegida. Foram feitas algumas modificações na lei. Eu gostaria de saber o que é essa lei e o que foi modificado.

Gilliard de Medeiros: Essa lei, a gente está em uma disputa muito grande, porque grande parte dos profissionais não acolheu essa lei muito bem. A lei trouxe alguns avanços; essa leifoi instituída em 04 de abril do ano passado, e ela entrou em vigor em 04 de abril este ano. Essa lei diz que a criança, ela precisa passar por um depoimento diferente, um depoimento humanizado, que eles chamam de “humanização do depoimento”, que a criança vai estar em uma sala, com uma pessoa acolhedora, e essa pessoa vai estar com um ponto eletrônico e vai escutar essa criança para o fim judicial, para a criança não ser escutada pelo juiz. Quais são os problemas que a gente vê nessa lei? Porque o profissional de referência, o psicólogo ou assistente social, seja quem for, vai estar lá para perguntar à criança o que o juiz quer saber, e quando a gente estuda psicologia, principalmente, nem tudo que é

falado em um setor terapêutico deve ser passado para um juiz. A gente só repassa ao juiz o que é necessário para o caso, e a partir do momento em que o juiz vai estar assistindo, vai estar escutando todo o atendimento, ele vai ter acesso a informações que ele não precisaria ter, e não só ele, o advogado de defesa e o possível violentador também, então, a gente está colocando a criança em uma situação de risco.

Alexandre Beethoven: Eu queria saber sobre um tema um pouco polêmico porque sistemas sexuais na nossa sociedade são poucos discutidos e a gente sabe que a pedofilia é um tema histórico, muito antigo, e que passou por diversas perspectivas. Eu queria que você esclarecesse, nesse programa, o que é a pedofilia. Ela é uma doença mental, ela é um traço de maldade? O que o Estado opera para ajudar essas pessoas, as crianças e a sociedade num todo?

Gilliard de Medeiros: Quando a gente vai para o livro americano de psiquiatria, ele coloca a pedofilia como uma doença, e nessa doença, o adulto, desde novo, já tem esse sentimento; ele só tem desejo sexual por crianças que não entraram ainda na puberdade, é o desejo sexual, ele só consegue sentir desejo sexual por isso. Isso é considerado uma doença, então ela precisa ser tratada. A gente não tem tantos avanços no tratamento desse transtorno, e a gente não consegue ter tantos casos, atingir tantos casos de pedófilos

no Brasil. Quando a gente vai estudar a violência sexual no Brasil, em média, 6% dos casos são traços de pedofilia. A gente tenta trazer a ideia, no caso, o geral traz a ideia de todos os casos em que houve violência sexual são casos de pedofilia, e não são; 6% são considerados pedofilia. É muito perigoso a gente falar que todos os casos são, porque se a gente considerar uma pessoa pedófila, ela não vai cumprir o rito judicial que um adulto que não tem o transtorno vai cumprir; ela vai para um hospital de custódia. No hospital de custódia, ela não vai estar cumprindo a pena, ela vai estar fazendo um tratamento. Então, nessa sede de vingança, a gente acha que colocar como pedofilia é melhor, muitas vezes não é, porque a gente está colocando que uma pessoa tem a doença, e essa doença precisa ser tratada. Muitas vezes, nos casos de violência sexual, a pessoa cometeu um crime mesmo, e ela precisa pagar por esse crime, e quando a gente trabalha com a pedofilia, não, com a pedofilia, a gente quer o tratamento da pessoa.

Apresentador: Quais seriam as principais diferenças de um psicólogo que trabalha atendendo adultos para um psicólogo que precisa lidar com questões psicológicas, com crianças e adolescentes?

Gilliard de Medeiros: Muda muito, na verdade, muda muito. A gente é preparado na academia para adultos. Se

você pegar 90% dos cursos de Psicologia, eles são preparados para atender adultos, preparados para você atender clinicamente, e quando a gente vai para a linha da violência, muda completamente. A gente vai aprender a lidar com isso. Para trabalhar com criança e com adolescente, requer um pouquinho de cuidado, porque a criança tem a questão da fantasia, o adolescente tem a questão que ele está em uma mudança corporal e hormonal também. Então a gente tende a não acreditar muito no que eles falam. A gente tem que ter uma postura diferenciada para compreender essas situações que eles estão passando e fazer esse atendimento. Quando é com criança, a gente envolve o lúdico; para atender a uma criança, não tenho como sentar e discutir uma violência com ela. Já é sofrido para ela passar por isso e estar em uma presença com adulto que ela não conhece para falar sobre a violência, então a gente atende através do lúdico, da brincadeira, dos jogos, de pintar. Com o adolescente, a gente já interage mais na conversa, mas também não é igual a um adulto.

BLOCO 2

Apresentador: Vamos falar um pouco sobre a sua atuação aqui em Natal. Você está vinculado ao Cedeca, Casa Renascer? Qual a natureza da instituição, conta para gente.

Gilliard de Medeiros: O Cedeca é uma organização não governamental; ela iniciou mais ou menos 25 anos atrás, como Casa Renascer. Era uma ONG em Natal, e ela atendia meninas em situação de rua e meninas que sofreram algum tipo de violência sexual. Há alguns anos, foi convidado a ser Cedeca, que é o Centro de Direitos Humanos da Criança e do Adolescente, que tem em todas as capitais do Brasil, e em algumas outras cidades, e cada Cedeca tem sua forma de atuação. O Cedeca de Natal atende crianças e adolescentes que sofreram violência sexual, é o nosso foco de atendimento. Mas existem outros Cedecas que atendem [em relação a] outros tipos de violência na defesa dos direitos humanos. O Cedeca aqui, ele acompanha, em média, 20 casos por ano, o que a gente chama de casos emblemáticos; e o que seriam esses casos emblemáticos? São os casos que a política pública não conseguiu solucionar. Em que a pessoa procurou a política pública diversas vezes e essa política não chegou até ela, então ela vem ao Cedeca, e no Cedeca ela tem o acompanhamento tanto psicológico quanto jurídico quanto social; a gente acompanha desde quando o caso chegou até a condenação do possível agressor.

Apresentador: E como professor de Direitos Humanos, como tem sido a sua atuação? Que tipo de oportunidade você consegue levar esse tipo de conhecimento para a população?

Gilliard de Medeiros: Eu atuo como professor de Direitos Humanos em uma instituição chamada Educare, que é também uma ONG que dá aula para polícia. Então dar aula de direitos humanos para polícia militar e civil, aqui no RN, a gente já deu aula para 2.500 policiais.

Apresentador: Qual a importância dos direitos humanos para população em geral, inclusive para polícia, tendo em vista uma parcela expressiva da população que defende o argumento de que “direitos humanos só serve para proteger bandido”? Como a gente consegue desmistificar um pouco isso?

Gilliard de Medeiros: Esse é o problema de quando a gente vai trabalhar com direitos humanos; isso acontece muito por causa desses programas policiais que a gente tem tanto aqui no Estado como no Brasil inteiro. Essa ideia de que direitos humanos é para bandido surgiu nesses programas, porque para eles, quando um cara era preso, estava lá os ditos direitos humanos para resguardar ele, para que ele não apanhasse ou sofresse alguma sanção. E as pessoas esquecem que os direitos humanos é um direito nato; é difícil a gente discutir direitos humanos. Quando eu estou dando aula, eu falo que não me sinto bem tendo que discutir algo que a gente não precisaria discutir. Se eu sou ser humano que lida com seres humanos, eu não precisaria discutir que

você não pode apanhar, eu não precisaria discutir que você não pode matar uma pessoa ou que um polícia não tem que espancar um cidadão ou um bandido, seja lá como eles chamem. O direitos humanos é o direito de todos; é eu ter direito à moradia, é ter direito à alimentação, é eu ter acesso às políticas públicas, que é alegado o tempo inteiro. Só o que acontece, quando a pessoa chega em um limite que é entrar no crime, é o limite de tudo; aí a gente vai olhar essa pessoa, o acesso à política pública dessa pessoa é a presença do juiz ou da polícia. Ela não tem acesso a outras políticas públicas como a gente deveria ter; o acesso que ela tem é o juiz ou então o policial.

Joan Fontes: Continuando nesse assunto de direitos humanos, a questão da redução da maioridade penal, como você vê isso?

Gilliard de Medeiros: A gente tem uma luta enquanto observatório da população infanto-juvenil em contexto de violência contra a redução. Se você estudar um pouquinho sobre o que é o crime no Brasil, você vê que nosso sistema penitenciário não funciona. O nosso Estado acho que está há dois anos em calamidade no sistema penitenciário, e nada se resolve e a gente quer que nossos jovens vão para dentro dos presídios, para quê? Para ele saírem piores ou morrerem lá dentro? E a gente já tem um sistema que funciona, não

é como deveria, se você pegar a redução da maioria penal, como eles querem, você tirar eles do centros educacionais e colocar nos presídios. Nos centros educacionais, a gente minimamente consegue atingir o objetivo de direito à alimentação, direito à educação, direito à saúde. Dentro do presídio, a gente não consegue. Se a gente pegar o Rio Grande do Norte, por exemplo, todos os presídios estão superlotados; presídios que cabem 100 pessoas têm 400. Como eu quero que o cidadão saia melhor ali de dentro? Como eu quero mudar uma questão, se ele está ali dentro de forma desumana, comendo, muitas vezes, comida estragada, briga o tempo inteiro, odor que nem precisa falar. Não sei se vocês já tiveram a oportunidade de entrar dentro de um presídio, acho que é uma das piores experiências que eu já tive; apesar de ter atuado durante um ano dentro de um presídio, a gente conseguiu desenvolver um trabalho. Mas, infelizmente, é muito difícil, e você está querendo colocar nossos adolescentes lá dentro. Como vocês acham que vai ser um adolescente entrando dentro de um presídio onde as facções reinam? Você acham que a gente vai conseguir regenerar alguém dessa forma? O que nosso observatório coloca é que não, a gente tem outras formas de se fazer. Antes da gente pensar na redução da maioria penal, por que a gente não pensa na melhoria da política pública? Porque

a gente tem que discutir, a gente tem que ter 20 anos de descongelamento dos investimentos. Como eu posso pensar, se já ruim, eu estou congelando hoje, a partir de 20 anos, vou estar investindo a mesma coisa. Como eu quero mudar? A gente não pensa, mas é melhor. O jovem é pobre, preto, quem vai preso. Então esses podem estar presos, podem morrer, pode acontecer o que quiser. Tá aí quando a gente vai para o mapa da violência, o extermínio da juventude negra é um dos índices mais altos que a gente tem no Brasil.

Apresentador: Você falou há pouco do Observatório; ele é daqui da UFRN? Fala o que vocês estão desenvolvendo lá.

Gilliard de Medeiros: Isso, ele é daqui; o Observatório da População Infanto-juvenil contra Violência, ele é um programa aqui da UFRN, vinculado ao Departamento de Psicologia, mas que tem pessoas do Direito e do Serviço Social também. Lá, a gente tem projetos de pós-graduação e extensão, a gente desenvolve diversas temáticas. Ele funciona toda terça-feira; em uma terça-feira, uma reunião geral e em outra terça, a reunião dos núcleos. Ele é dividido em alguns núcleos; por exemplo, o núcleo que eu faço parte é o PACA, Política de Atendimento à Criança e do Adolescente. Lá, a gente discute todo tipo de atendimento à criança e do adolescente, desde a violência até o acolhimento institucional. O Observatório também faz parte de entrar na comunidade,

a gente faz um trabalho dentro das comunidades discutindo os direitos humanos, as políticas públicas, fazendo a inserção social.

Lucas Félix: A gente tem um problema muito sério de, mesmo quando os casos são descobertos e investigados, tanto o preso sofre nos presídios com abusos também quanto a criança [que] não tem o atendimento psicológico devido. Esse, depois do abuso, esse acompanhamento de ambas as partes ao longo dos anos, como acontece?

Gilliard de Medeiros: Pois é, está iniciando no Brasil, a discussão desse acompanhamento à pessoa que fez o ato. A gente aqui no RN, por exemplo, não tem nenhuma instituição que acompanhe o agressor no caso. A gente tem a ideia de, no Brasil, quase no mundo todo, a ideia da vingança. Eu não trabalho a situação com a ideia de que não aconteça mais. Eu trabalho com a ideia de vingança, ele cometeu, então ele tem que sofrer também, e ele é colocado no presídio; dentro desse presídio, ele é colocado em uma ala separada, mas ele vai sofrer todos os tipos de abusos que vocês possam imaginar. Tem os que eles chamam, os presos, da “lei do ladrão”, que se você cometeu um ato desse tipo, você vai ter que sofrer lá dentro, e o Estado vê que acontece isso, mas não faz nada. Então, acontece realmente esse tipo de violência dentro dos presídios, e o acompanhamento para essa pessoa

não existe. Hoje, eu desconheço locais que atuem nisso. A gente está tentando uma discussão, de como começar a atender o agressor também, pensando que ele não cometa mais o crime. A partir do momento, lá na frente, em que ele não cometa mais, eu não estou só salvando ele, como estou salvando outras crianças também. No atendimento à criança, é mais ou menos como você falou mesmo; a gente, enquanto Cedeca, consegue atingir 20 casos. Hoje, acho que estamos com um pouquinho mais, acho que estamos com 30, porque a gente não tem financiamento para atingir mais do que isso. A gente não consegue trabalhar mais do que isso. Só que, todos os outros, que acontece? Isso não é nada perto do montante que acontece no Brasil, ou até mesmo em Natal. Eles não conseguem acessar a Política Pública. O que acontece? A criança vai crescer traumatizada, vai acontecer o que a gente chama muitas vezes de “reprodução da violência”: a criança aprendeu o que é violência, vai fazer novamente. Muitos casos que a gente acompanha, que chega pra gente, é quando a criança já está tentando violentar outras crianças na escola. Então essa criança está reproduzindo, e aí, ela é agressora ou é vítima? Se você for para a sociedade, a partir do que ela cometeu, ela é agressora, mas e o que aconteceu antes? Porque ela não teve acesso à Política Pública, para ser acompanhada e para ela entender que o que ela passou, foi

uma violência, e aquilo que ela precisa ser trabalhada para que ela não passe e nem ela faça com outras crianças. Por isso a gente tem essa discussão de atendimento ao agressor também, só que, com essa ideia de que a gente quer vingança e não mudança, fica difícil a gente atingir esse público.

Apresentador: Falando sobre vingança e a repercussão social que esses casos geram, a gente teve uma situação há pouco tempo, que foi o assassinato brutal de uma menina de 12 anos, caso da menina Yasmin, que repercutiu, virou notícia em todos os veículos de comunicação de massa e, inclusive, você faz parte de uma comissão que acompanhou de perto um atendimento da mãe da vítima, né?

Gilliard de Medeiros: Quando a violência aconteceu e começou a repercutir, a gente se reuniu enquanto Objuvi, para ver o que poderia ser feito para ajudar essa família, e daí se criou uma comissão entre Objuvi, que é observatório, o Cedeca, que é também a instituição que eu trabalho, o mandato da vereadora Natália Bonavides, através da Comissão de Direitos Humanos, e o CRP, que é o Conselho Regional de Psicologia. A partir dessa comissão, foram feitas algumas visitas a essa mãe, de suporte mesmo, para fazer o diálogo entre a delegacia e essa mãe, porque a mãe não entendia por que a delegacia não trazia elementos para ela de como estavam as investigações, então ela achava que nada estava

acontecendo. E foram acontecendo os protestos, acho que todo mundo acompanhou, na Ponte Nova, e infelizmente o violentador estava ao lado dela, inclusive nos protestos, e repercutiu de forma gigantesca pela forma que foi feito; e isso nos lembra também o mês que a gente está discutindo a violência sexual, que é o 18 de maio, completando 18 anos agora, que foi o assassinato brutal de Araceli. O 18 de maio aconteceu por um estupro e assassinato brutal de uma criança de oito anos, e quando a gente volta 18 anos, o de Araceli foi na década de 70; a gente criou a lei 18 anos atrás, passou todo esse tempo, e a gente continua tendo assassinatos brutais por violência sexual. Na entrevista do violentador, que violentou a menina porque a menina não quis ter relação sexual com ele, então ele decidiu, “já que ela não quer”, estrangulou a menina com um fio. Aí você trouxe essa questão de como repercutiu. Acho que todo mundo acompanhou o que aconteceu na casa dele, e quando ele foi preso, deu depoimento, disse que a mãe da menina tinha tido participação, e isso a gente está discutindo muito, porque um rapaz aqui de Natal, não gosto de dizer o nome, mas vou dizer, Papinha, Papinha colocou um áudio confirmando que a mãe estava. Foram 600 pessoas para frente da casa dessa mãe para matar essa mãe e acabar com a casa dela. Foi um áudio de WhatsApp, ele falando em algum grupo

sobre esse caso, e trouxe a notícia de que a mãe tava sendo presa porque também fazia parte, que o rapaz denunciou, e até hoje nada aconteceu com ele. A mãe foi prestar um depoimento quando o cara falou que a mãe estava envolvida, ela foi prestar um depoimento e vazou essa informação de que essa mãe estava prestando depoimento, e repercutiu, o que a gente chama de *fake news*, e toda a população foi para frente da casa dessa mãe para tentar matar a mãe. Sendo que a mãe não tinha feito nada, precisou a polícia acompanhar essa mãe e falar para população que a mãe não tinha nada a ver com essa história. Mas a gente poderia ter perdido uma outra pessoa; a mãe já estava sofrendo pela perda da filha, do violentador ter sido seu vizinho, e aí ela poderia sofrer todas as sanções também.

Concita Alves: Falar sobre sexo e sexualidade ainda é um tabu em nossa sociedade, mesmo com esses números alarmantes que todos os dias a gente tem contato. Diante dessa situação, em que o projeto Escola sem Partido esbarra na questão da autoproteção e autodefesa das crianças?

Gilliard de Medeiros: Esbarra totalmente. Tem uma metodologia que a gente criou no Cedeca, que é metodologia da autoproteção, que é um trabalho na escola para trabalhar sexualidade e violência, e o projeto Escola sem Partido, se não me engano, em Natal, já passou, e 27 de março foi

discutido na Assembleia. O projeto Escola sem Partido proíbe que se discuta sexualidade nas escolas, é um dos quesitos dele, porque eles colocam que a gente discutir sexualidade com criança e adolescente, eu vou estar colocando a criança e o adolescente para ter relações sexuais, heterossexuais ou homossexuais, e é muito além. Quando a gente está discutindo autoproteção na infância, eu estou dando ferramentas para a criança perceber o que é uma violência; a partir do momento que eu discuto o que é sexualidade e o que é violência sexual, que um toque não necessariamente é carinho, que um toque pode ser um abuso, eu estou mostrando para aquela criança que ela tem que se defender. O projeto Escola sem Partido elimina isso; ele não deixa que a gente faça, por exemplo, esse projeto da autoproteção, porque a partir do momento em que não posso discutir na escola, eu não posso discutir autoproteção na escola, e autoproteção na infância é você discutir sexualidade. É você discutir sexualidade como direito humano, não quer dizer que estou colocando que a criança tem que fazer sexo, que a criança vai fazer sexo, até porque a sexualidade da criança é diferente da sexualidade do adulto. A forma como eu vejo o sexo é diferente de como a criança vê, a sexualidade é muito além. Tem uma autora que diz que tudo causa um prazer; até uma conversa amigável causa um prazer sexual. Mas para

criança é diferente, a criança sente prazer, mas não como a gente adulto coloca, tanto que existe uma campanha nacional Criança não Namora. O projeto Criança não Namora é para eliminar o que muitos pais, professores, fazem quando veem dois amiguinhos juntos e falam que são namorados, e não estão apenas brincando. O projeto Escola sem Partido elimina totalmente isso; ele proíbe que a gente discuta, ele traz que estamos querendo colocar uma ideologia dentro das escolas, eles sempre vinculam com ideologia de esquerda, que “pessoas de esquerda querem colocar uma ideologia de que crianças vão ser homossexuais, a partir do momento em que estou discutindo sexualidade e respeito, estou fazendo com que essa criança seja homossexual, lésbica ou o que for”. É isso que esse projeto traz, ele elimina totalmente o projeto que a gente faz de autoproteção na infância.

Apresentador: Então, de certa forma também de ensinar uma consciência um pouco mais crítica em relação às práticas sexuais para criança, isso poderia até ajudar para a criança comunicar aos pais, professores?

Gilliard de Medeiros: A ideia do nosso projeto é justamente esse, que a criança saiba o que é um toque, que a criança saiba qual situação de risco que ela esteja passando, que ela tem uma pessoa de confiança. A gente sempre coloca que toda criança tem uma pessoa de referência, geralmente,

é o pai ou a mãe, mas pode ser um desses dois o violentador, então ela tem que ter alguém que ela fala, alguém que ela possa buscar, e ela ou vai buscar o professor, o pai, a mãe, seja quem for, ela vai buscar alguém; e a partir do momento em que isso é discutido, a gente consegue mudar e, principalmente, a gente discute respeito. A partir do momento em que eu consigo discutir respeito com as crianças, a gente elimina muita coisa que acontece hoje. Criança não nasce homofóbica, criança não nasce racista, ela é criada assim, e partir do momento em que eu discuto, e eu faça que a criança tenha um senso crítico, isso muda, mas para o projeto Escola sem Partido, a gente está colocando ideologia dentro das escolas.

BLOCO 3

Apresentador: A gente já falou bastante sobre algumas questões envolvendo os menores infratores e que tipo de assistência pode ser dada a esse tipo de público. Vocês conseguem, ou já conseguiram, mapear uma série de critérios que acabam impulsionando menores de idade no mundo do crime? Seria questão de ordem familiar, do ambiente em que estão vivendo, como vocês conseguem fazer o mapeamento desses fatores que impulsionam crianças e adolescentes a entrarem nesse contexto?

Gilliard de Medeiros: Eu posso falar, enquanto Observatório, diversos fatores chamam isso. Quando a gente vai para as comunidades, por exemplo, a Política Pública não chega; quem chega é o tráfico. É muito fácil o tráfico, ele é muito manipulador. Se a família está precisando de alimentação, o tráfico vai dar pra ela, só que o tráfico vai querer algo em troca. Aí começa o que a gente chama de “fogueteiros”, os que ficam na entrada da comunidade avisando se está chegando polícia, está chegando droga, chegando alguma coisa. Depois vão para os “aviõezinhos”, o reflexo disso é a não chegada da Política Pública. A Política Pública não chega na comunidade. Você vai para qualquer comunidade, a gente não tem acesso, então isso impulsiona para o que acontece hoje de que crianças já estão entrando na rota do tráfico. Chegou uma denúncia para gente que os traficantes estão ficando mais sofisticados ainda; eles estão chegando para a mãe adolescente que está gestante, e vai ajudar aquela adolescente em todo seu período gestacional. Mas aquela criança vai ter que trabalhar para o tráfico. Então vai avançando, e a gente não vai conseguindo atingir.

Rafael Lopes: A gente tem os popularmente conhecidos Centros de Detenção, que recebem adolescentes, como você falou, entre 12 a 18 anos; mas, infelizmente, a gente tem notícia de que esses mesmos adolescentes, quando chegam,

sofrem algum tipo de abuso, ou mesmo por adolescentes mais velhos ou, até mesmo, da equipe daquele lugar. Eu queria que você comentasse um pouco como tem se levantado política de combate a essa situação e se existe alguma atuação do Estado do Rio Grande do Norte para o melhoramento desses locais.

Gilliard de Medeiros: A Procuradoria de Justiça é o grande parceiro em fiscalizar como estão esses locais; infelizmente, realmente acontece a violência dentro da instituição, é o Estado mais uma vez violando. A gente já tá discutindo aqui desde o início que a Política Pública não atinge nenhum estágio, e aí, quando a gente vai para um local que deveria acolher e socializar, a criança sofre outra violência, e não só essa violência: a violência de não alimentação, é o castigo físico, é o castigo moral, o castigo psicológico, ele sofre todo tipo de violência lá dentro. O que se tem hoje? Os disque-denúncias. Você denuncia o que está acontecendo e o Ministério Público pode atuar nessa situação. Pra gente enquanto ONG, Casa Renascer, a gente atua quando é caso de violência sexual. Por exemplo, aconteceu um caso de violência dentro da instituição, a gente é acionado para acompanhar e a gente vai acompanhar em todos os aspectos jurídicos, psicológicos e do serviço social. A gente vai responsabilizar, se foi o Estado responsável por isso, o Estado vai ser responsabilizado por isso. Só que, infelizmente, a gente entra nessa

questão judicial, o Estado do Rio Grande do Norte todos os dias é condenado pela questão da saúde, e não cumpre. Então, fica no mais do mesmo. A gente denuncia, faz tudo, e não há a efetiva responsabilização.

Apresentador: Você poderia passar para gente casos dos processos de ressocialização desses jovens que, muitas vezes, dizem que os centros não têm como ressocializar, mas tem casos em que você conseguiu?

Gilliard de Medeiros: Sim. Por exemplo, se você pegar o Enem do ano retrasado, salvo engano, dez dos primeiros colocados foram da Fundação Casa de São Paulo, só que isso não passa. Mas, se você pesquisa, tem dez primeiros colocados da Fundação Casa de São Paulo. Tem muito processo bom que acontece lá dentro, só que a nossa mídia, desculpe, estou em uma emissora de TV, mas a nossa mídia não cumpre o papel dela. A grande mídia. É muito mais fácil eu ter Papinhas, Datenas e outros que falam que “nada funciona”, que “tem que matar mesmo”, que é a ideia que esses programas passam, do que mostrar um cidadão que mudou de vida, que a gente conseguiu atingir, e ele conseguiu sair daquela situação, e hoje tem professores universitários, tem educadores físicos, tem pedagogos que hoje trabalham na Fundação Casa, que eram da Fundação Casa. Então, hoje, a gente tem situações em que houve a ressocialização.

Hoje, o adolescente em conflito com a lei é muito mais fácil [de] ser ressocializado do que o apenado quando já é adulto.

Alexandre Beethoven: Como você vê a responsabilidade da mídia? Você tava falando que a mídia não cumpre o papel dela, na questão dos direitos humanos, na questão da criança e do adolescente. A gente tem acesso aos casos hoje de violência ou mesmo de abuso sexual, que foram muito comentados aqui, a gente vê muito a ponta do *iceberg* e a gente não discute muito esses assuntos. Eu queria que você falasse um pouquinho pra gente sobre isso.

Gilliard de Medeiros: Eu queria ir um pouco além disso. Se você pegar os nossos programas e novelas, o que eles mostram? Teve uma emissora de TV que, mais ou menos há três anos atrás, teve uma chance fantástica de trabalhar o que é um estupro, e o que ela fez? Romantizou. Pegou um ator famoso que se apaixonou, “em mil aspas”, por uma modelo adolescente, e teve relações sexuais no famoso “*book rosa*”, e como que a mídia trabalhou isso? Totalmente romantizado. Que os dois se apaixonaram, tiveram a relação, e fez toda a trama em cima disso. É papel da mídia trabalhar direitos humanos, mas de forma correta, e a mídia tinha aí um papel fantástico de trabalhar o que é estupro de adolescente, o que é violência sexual em crianças e adolescentes, mas parece que, infelizmente, isso não vende. Eles vendem o que

a população gosta de assistir, e elas [as pessoas] gostam de assistir isso. Se você pegar todas as nossas novelas, em algum momento ela vai tratar a questão do preconceito racial, vai tratar o homossexual como aquele caricato, vai trabalhar a mulher de maneira vulgar e não vai trabalhar o que deveria ser trabalhado. Então, a mídia tem muito papel, mas muito além disso; não só a mídia, as redes sociais têm hoje uma influência muito grande na população, e a gente tem mania de compartilhar algo sem saber se aquilo é verdadeiro ou não, e provoca tudo que já aconteceu. Quando a gente vem para a violência sexual, a gente entra no WhatsApp também. Todos já receberam algum tipo de pornografia no WhatsApp, e é crime você compartilhar pornografia infantil ou de adolescente. Mas, é muito mais fácil a gente mandar para outra pessoa e não ter a responsabilidade de apagar. Então, não é só a mídia; acho que a população, como um todo, precisa começar a refletir, o que é direitos humanos realmente e “o que eu estou fazendo para mudar essa sociedade”. Tem que começar por nós.

Lucas Félix: Continuando nessa questão do papel da mídia, que muitas vezes a criança não consegue identificar que está sendo abusada, a gente viu muitos relatos do tipo agora no escândalo da ginástica, que essa percepção vem

anos depois, só. Como que faz essa educação nas escolas para a criança saber identificar?

Gilliard de Medeiros: Era o que eu estava falando anteriormente. A gente tem um projeto enquanto Casa Renascer que é o de autoproteção na infância. Hoje, a gente só atua em Natal, em cinco escolas, e a gente discute todos esses temas com as crianças e adolescentes, do que é violência, quais são as formas de todos os tipos de violência, incluindo a violência sexual. Você trouxe a questão dos atletas da ginástica, eu não sei se eles sabiam que estavam sendo violentados, mas é uma pressão muito maior em outras coisas. Ali, o atleta, a vida dele é o esporte, e não foi só o da ginástica, agora repercutiu o do time de futebol Santos, em que o treinador aliciava os adolescentes. E ali, o que ele pensava? O sonho da vida dele era ser jogador de futebol; se ele falasse, se ele colocasse o que estava acontecendo com ele, ele estaria minando a carreira dele. É muito o que se passa desses técnicos. Então, ele não falava. Muitas vezes, ele sabia que estava sofrendo a violência, porque quando adolescente, [é] mais fácil de você saber que está sofrendo a violência, mas eles param para pensar: “E aí? É o meu sonho de ser atleta, é só o que sei fazer, então, se eu ficar calado, eu vou conseguir seguir minha carreira, até chegar no ponto de alguém denunciar”. Esse *boom* de denúncias começou antes, se não me engano, nas Olimpíadas

nos Estados Unidos, que um médico da seleção americana estava molestando as adolescentes, ginastas, e começaram, e passou para Hollywood, aí começou o *boom* de todos os locais começarem a falar. O que foi bom, a gente tem que expor, a gente tem que falar o que está acontecendo para ver se isso muda, só que eu não sei se é o suficiente. Você expôs, “tá, a gente está com um problema”, mas o que a gente vai fazer para esse problema acabar? Essa é a grande dúvida de hoje, o que a gente está fazendo, e se a gente não investir em Política Pública, se a gente não investir em Educação de base, a gente não vai conseguir mudar essa realidade.

Apresentador: É curioso como, após uma denúncia, começam a aparecer as outras. É algum tipo de identificação, as pessoas se veem identificadas com o problema e ver: “não, se outra pessoa sofreu isso também, então eu preciso legitimar e corroborar essa denúncia”?

Gilliard de Medeiros: É mais ou menos por isso, você se sente fortalecido. Alguém teve coragem, o outro lado também é verdadeiro. Não sei se vocês já prestaram atenção: em uma multidão, quando acontece alguma coisa, se o primeiro tomou a atitude, todo mundo vai atrás. E quando há um caso de violência que há exposição, existe essa questão de todo mundo começar a expor também, o que é interessante, você expor é interessante. Agora, será que a gente vai conseguir

acolher todos esses casos, “será que vou conseguir atender todos esses casos para que não aconteça mais e, o principal, o que vou fazer na mudança do esporte para isso?” Porque foi na ginástica, foi no futebol, e nos outros esportes, será que não acontece? Será que a gente está vendo aqui professores fazendo esse tipo de situação? Se você pegar, acho que, principalmente as mulheres, na adolescência, qual foi a mulher que o professor não “deu em cima”? E de forma vulgar, daquela forma bem chata mesmo. Será que isso não é uma violência? É uma violência clara. E o que a gente está fazendo? A única coisa que acontece hoje, quando acontece isso com o professor, é a demissão, o rapaz é demitido e ponto. Mas ele não vai responder por mais nada. E aquela mulher que sofreu a violência sofre violência todos os dias. Se a gente pegar o que é o Brasil hoje, totalmente machista e patriarcal, me dá o direito, enquanto homem, [de] falar que ela é bonita e querer agarrá-la, e os outros homens acham legal. O que está sendo feito para essa mudança? E aí eu volto para a TV, o que a TV está fazendo em relação a isso? Se você pegar essas novelas, sempre vai ter uma mulher assediada e o rapaz sempre vai ser inocentado. Então, eu não sei onde a gente vai chegar com esses pontos, infelizmente, eu não tenho uma perspectiva boa quanto a isso. Se a gente não tiver uma mudança de base efetiva, acho difícil mudar.

Apresentador: Tendo uma visão pessimista quanto ao cenário futuro, o que te motiva a continuar trabalhando com a recuperação de jovens, adolescentes que sofrem abuso?

Gilliard de Medeiros: Saber que, pelo menos, algumas pessoas, eu vou conseguir atingir. Se eu conseguir atingir duas, três, cinco pessoas, serão duas, três, cinco pessoas que não vão mais passar por isso, e é aquele “trabalho de formiguinha” mesmo; infelizmente, você trabalhar com violência é você fazer trabalho de formiguinha. É você escutar das pessoas que isso não dá certo, que está metendo a cara onde não deve, é ser ameaçado de morte, como já fui várias vezes, mas é uma questão minha. Eu sempre sonhei em trabalhar com isso, essa foi a escolha de vida que eu fiz para mim. Não é fácil, mas eu espero, quero lutar e espero um dia não teressa visão pessimista que eu tenho hoje, de que não vou ter uma mudança gigante na humanidade.

Concita Alves: Essa questão da denúncia, é bem comum a gente ver, na imprensa, mulheres que denunciavam abusos, de abuso e exploração sexual. Esse fenômeno dos meninos que veio também com o futebol é bem recente, mas a gente sabe que, na história do Brasil, isso acontece desde antes. O que precisa ser feito para mudar esse quadro realmente?

Gilliard de Medeiros: A gente conversava sobre isso. Infelizmente, você discutir sexo e sexualidade com criança e adolescente é tabu, e se eu não converso, eu não estimulo eles a falarem. Se eu não passo a educação de base mesmo – é eu conversar com meu filho, conversar abertamente na escola –, se eu não tiver essa conversa, como eu quero que a criança fale o que está acontecendo? E aí a gente fala numa posição de briga; quando eu converso com uma criança e a criança tenta mostrar, a primeira reação do adulto é falar, “você está mentindo, seu pai não faria isso, seu tio não faria isso, o vizinho não faria isso”. Que foi o que aconteceu no caso de Yasmin; a mãe defendeu esse vizinho no primeiro momento, a mãe falou que não acreditava que nenhum vizinho pudesse ter feito isso. A gente não olha por esse lado, infelizmente. A gente, quando vai conversar sobre qualquer situação, tabu, que a gente não tenha tanto tato para conversar, a gente se torna agressivo. Qualquer pessoa, quando vai conversar sobre algo que ele não tenha tanto tato, tanta afinidade com o assunto, ela acaba sendo agressiva; parece que impor é mais fácil, então acontece o que está acontecendo. Você trouxe a pergunta de que mulheres denunciam, realmente acontece mais com mulheres. Hoje, a última estatística que saiu é que a cada seis casos, um é com menino, mas é muito alarmante. São muitos casos de

violência acontecendo e a gente não conseguindo atingir. Se você pegar todos os casos que acontecem, você vai para efetivação realmente, “será que foi punido”, é baixíssima; a punição no Brasil é muito baixa. A questão da condenação do acusado, ela é muito baixa ainda no Brasil, em todos os aspectos. Não é só no caso de violência, não; são raros os casos que o caso proceda rápido. Por exemplo, um caso que eu acompanho, depois de três anos, teve a primeira audiência. A criança sofreu violência há três anos atrás, e este ano houve a audiência, e você imagina para essa criança, que já estava em um processo de ressignificação, já estava em processo de conviver, aí volta para frente de um país para ter que escutar, ser inquirida pelo juiz, pelo promotor, pelo advogado de defesa e advogado de acusação. Então, se a gente não mudar esse aspecto, vai ser difícil.

Joan Fontes: Você já mencionou que maio é um mês de combate à violência infantil e contra adolescentes. Existe algum evento de conscientização em palestras em escolas, participação do Poder Público, que é feito neste mês?

Gilliard de Medeiros: Sim, todo mês de maio; é bom você ter feito essa pergunta, que há uma coisa que a gente gosta sempre de falar. Quando a gente vai, principalmente, para outras localidades, eles acham que é um dia de comemoração, [que] estamos comemorando o 18 de maio, e não é. Assim

como o Dia da Mulher não é dia de comemoração, o dia 18 de maio também não, é o dia de enfrentamento. No dia 18 de maio, a gente está enfrentando toda violência contra criança e o adolescente, e todo país, ele se comove nisso. No RN, tem um comitê estadual de enfrentamento da violência sexual, que, no caso, o Cedeca faz parte, e também fazer parte do comitê nacional. Em todas as cidades do país, o 18 de maio, o mês de maio tem ações. Eu, por exemplo, vou rodar o Estado todo agora, vou para Brasília na semana que vem, para Parelhas, Brasília, e vou rodar dando palestras sobre o 18 de maio, explicando o que é violência sexual e como a gente pode trabalhar a violência sexual. Mas nunca no sentido de comemoração, e sim de enfrentamento. Não é uma data a se comemorar; a gente está colocando uma menina que foi violentada aos oito anos de idade, foi brutalmente assassinada por três pessoas, e essas pessoas nunca cumpriram pena, elas nunca foram responsabilizadas. A Araceli morreu de forma cruel, ela foi estuprada e foi jogada dentro do ácido, arrancaram os seios de Araceli com os dentes..., descobriram quem eram essas pessoas, e essas pessoas não cumpriram pena, não foram nem condenadas, eram pessoas de classe média alta e não cumpriram. Então o 18 de maio é a luta por Araceli, é luta por Yasmin, a gente tá aqui, o caso do Rio

Grande do Norte de Yasmin, a gente tem que lutar para que esses casos não aconteçam mais, e é isso que é o 18 de maio.

CONSIDERAÇÕES

Gilliard de Medeiros: Eu agradeço a oportunidade de discutir sobre isso. Desculpa minha visão pessimista da coisa, mas a gente precisa lutar mais.

Capítulo 13

Entrevista com Fernando Amaral

PROGRAMA 11



clique
e assista
no Youtube

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)

Rafael Lopes (Jornalismo)

Eudes de Araújo (Jornalismo)

Jailson França (Audiovisual)

Leonardo Julierme (Jornalismo)

Michele Ariane (Jornalismo)

Entrevistado

Fernando Amaral, radialista.

Apresentação em off

O entrevistado do *Xeque Mate* de hoje é Fernando Luiz Amaral Ferreira de Souza, ou, simplesmente, Fernando Amaral. Nascido no Rio de Janeiro, construiu sua

carreira de comunicador em Natal. No rádio, criou, em 1988, o *Programa sem Nome*, da Rádio Cidade FM. É idealizador do *Universidade do Esporte*, na Universitária FM. Na televisão, foi o primeiro apresentador do programa *Aqui Agora* da TV Ponta Negra. E criou o primeiro programa de esportes da TV Universitária, o *TVU Esportes*.

BLOCO 1

Apresentador: Você é natural do Rio de Janeiro, como Natal entrou na sua vida?

Fernando Amaral: Sou. Rapaz, como quase tudo da minha vida, eu não planejo nada; tem gente que planeja tudo, o que vai ser, onde vai morar, com quem vai casar, e eu nunca planejei nada. Natal surgiu como um acaso. Eu conheci Natal em 74, quando ainda era comissário de voo, me apaixonei pela cidade. Em 1980 eu casei; 1985, eu me separei e saí de Brasília, e a cidade que estava na minha cabeça era Natal, e aí vim para cá. Cheguei aqui em 87, não conhecia nada, não conhecia ninguém; sabia o nome da rua que eu iria trabalhar, que era a Nascimento de Castro, onde ficava a Fundação de Assistência ao Estudante. Fui morar em uma pousada, que hoje não existe mais, chamada, peraí, deixa eu lembrar, daqui a pouco eu lembro; era em Areia Preta,

uma pousadinha de uma alemã chamada Helga. Eu passei de táxi ali e contei três pousadinhas; na terceira pousada, eu disse, “vou ficar aqui”, e morei lá um ano e pouco, e aí fui me adaptando à cidade e, enfim, abrindo meus espaços, conhecendo pessoas, e hoje, confesso a você, me considero muito natalense, muito mesmo, sou apaixonado pela cidade.

Rafael Lopes: Com você já instalado aqui, eu gostaria de saber como se deu o seu início na área da Comunicação, se foi o início no rádio, tevê ou em até áreas afins como a Publicidade, por exemplo.

Fernando Amaral: Foi o seguinte; mais uma vez, veio o acaso. Eu tinha uma amiga que estava montando uma empresa de assessoria, e ela precisou de alguém para fazer uma locução de um comercial. Como ela estava montando essa empresa, muito no início, ela estava sem grana, e aí perguntou se eu poderia gravar esse comercial para ela, e eu disse, “claro, posso, não tem problema nenhum”. Fui lá e gravei na rádio Cidade. Quando terminei a gravação, Terceiro Dantas, que era dono da rádio, ia passando e disse: “você é locutor?”, e eu disse não, e ele, “rapaz, você podia fazer um teste aqui, e estou precisando de locutor para fazer locução”, e eu disse, “tá bom, vou tentar”; nunca tinha feito rádio, e fiz. Quem começou comigo no rádio foi Rô Medeiros; eu e Rô Medeiros fizemos teste no mesmo dia, na mesma rádio e

passamos os dois. E aí era interessante, porque a gente tinha que ensaiar antes de pôr a gente no ar, então eles colocavam a gente de meia-noite até 2h da manhã para fazer locução, só que eles cortavam a potência da rádio, então ia para menos de um quilowatt. Quer dizer, a gente fazia locução para casa vizinha e para mais ninguém. Só que a gente fez e tal, acabou dando certo, a gente foi ficando na rádio, foi ficando na rádio. Televisão também foi um acaso; eu trabalhava com Alexandre Macedo na agência dele e nós fazíamos a publicidade da Seridó Veículos, e um dia eles tinham contratado um ator de Recife para vir fazer o comercial, e esse rapaz sofreu um acidente e não pode vir. Só que o comercial tinha que tá no ar no outro dia, e aí Alexandre Macedo olhou para mim e disse, “você vai fazer”, e eu disse, “cara, eu nunca fiz isso na minha vida”, e ele disse, “não, mas você vai fazer!” Eu fui em casa, troquei de roupa e acabei fazendo o comercial, e aí fiz um monte de comerciais, e acho que devo ter, em uma conta bem modesta, acho que uns 50 comerciais feitos. Agora, não tenho cópia de nada, eu não guardo nada. Tem gente que coleciona essas coisas, eu não tenho absolutamente nada. E aí, resultado: do comercial para televisão foi um outro passo, bem interessante. Eu namorava uma menina chamada Zenaide de Castro, jornalista também, e ela fazia faculdade aqui, estava terminando, e era muito

amiga de Micarla de Sousa, e eu conheci Carlos Alberto. Carlos Alberto me convidou para trabalhar com ele na TV Ponta Negra, e eu fui o primeiro apresentador do *Aqui Agora*, quando eles resolveram montar o jornal. Era interessante, porque era aquele jornal policial pesado, então você tinha que dizer, “maconheiro preso na rua tal e tal, está na delegacia tal”; eu não gostava muito daquilo. O que estava escrito no *teleprompter* era uma coisa, e eu dizia, “suspeito de roubo e de uso de entorpecentes”. Quando terminava o programa, era sempre uma esculhambação que eu ouvia do diretor, e dele, porque eu tinha que dizer exatamente o contrário. Eu acho que foi isso que me fez durar um ano e pouco lá, só; mas veja, eu tenho as melhores lembranças da [TV] Ponta Negra. Fui muito bem tratado, experiência bem legal, foi uma escola bem legal, sim.

Jailson França: Quero saber sua opinião sobre o que está sendo produzido no jornalismo esportivo no Rio Grande do Norte.

Fernando Amaral: Bom, vamos lá, eu gosto de perguntar assim. Eu acho que o jornalismo esportivo do Rio Grande do Norte poderia ter um conteúdo muito melhor. No rádio, as pessoas fazem mais do mesmo, o que você tem aqui, ABC e América, América e ABC; é como se todo o universo se concentrasse nessas duas equipes, aí você vai dizer para

mim, “mas, Fernando, elas são as equipes mais importantes do Estado”. Sim, mas e o trabalho dos outros? Quando você pega um comentarista de rádio em um jogo, ele tratando de uma partida, que o América joga, por exemplo, contra o Santa Cruz, parece que só existe o América. Você não vê ele comentar nada do Santa Cruz. Aí tem uma frase de um jornalista esportivo, que eu acho horrorosa, que é: “o América perdeu para ele mesmo”, “o ABC perdeu para ele mesmo”. Isso é de um menosprezo do adversário absurdo, é como se não tivesse ninguém, entendeu? Na televisão, infelizmente, as pessoas estão muito mais para “aparecer do que para saber”, então poderia ter um conteúdo melhor; mas acho que às vezes fica muito no superficial, a culpa às vezes é um pouco da televisão, que a televisão tem os horários curtinhas, você tem que fazer tudo muito fechadinho, mas eu acho que estudar mais, conhecer mais. É fundamental, já que você está passando informação para alguém.

Apresentador: Tem um certo conceito aqui, o radiojornalismo ou radiojornalismo esportivo, ele tem de essência tomar partido mesmo pelo clube da casa. Às vezes, você olha para as narrações dos times do Rio por locutores cariocas, a mesma coisa em outros estados. Eles tomam mesmo partido e demonstram esse eufemismo. Até que ponto, do ponto de

vista do jornalismo em essência, isso é interessante, ou não, para a transmissão?

Fernando Amaral: Veja bem, vamos dividir isso por partes. O narrador, eu acho que ele tem o direito de tudo, porque o narrador, ele é um sujeito que está narrando uma festa; então a função dele é trazer audiência para aquela festa que ele tá narrando. Então aquela bola que passou a 2 km da trave, que diz que raspou a trave, ou aquela coisa dele muito para o time da casa, eu acho naturalíssimo no narrador. Não concordo no comentarista; o comentarista tem que ter uma posição mais isenta porque ele é obrigado a fazer uma análise mais profunda do que está acontecendo e passar para as pessoas uma informação correta do fato. O repórter também; eu não acho que o repórter tem que fazer oba-oba, o repórter está dentro do campo para reportar o que está acontecendo dentro do campo e não tomar partido, como você vê comumente. O cara faz gol, o repórter sai vibrando, abraça jogador, grita “meu Deus”, aquelas coisas meio loucas. Isso eu não concordo, mas é, infelizmente, é uma praxe, que eu não acho legal, mas é uma praxe.

Leonardo Julierme: Já que você está falando do jornalismo esportivo, você é uma das referências no estado do jornalismo esportivo. Eu queria que você contasse um pouquinho da sua trajetória no esporte.

Fernando Amaral: Primeiro, que referência acho que não sou não, tem gente muito melhor, gente bem mais capacitada. Eu faço esporte porque gosto; é só amor mesmo. A minha trajetória começa basicamente aqui na TVU; eu estava na FAI, a FAI foi extinta e aí me trouxeram para cá. Eu vim até requisitado pelo professor Castro, que era o superintendente daqui na época. Logo depois que o professor Castro saiu e assume o professor Márcio Capricione, a quem eu tenho muito respeito, muita admiração, e sou muito grato porque foi ele quem me chamou e me perguntou se eu queria ser o produtor de um programa chamado *TVU Esportes*, que ele estava trazendo, já que a TV Universitária tinha sido pioneira em esportes e tinha parado há muito tempo, e aí eu topei. Os apresentadores na época eram Lupércio Luiz e Marcos Lopes. Por que os dois? Porque Marcos Lopes era o narrador, Lupércio, comentarista da rádio de maior audiência da cidade. Então o professor Márcio foi muito feliz nessa escolha, porque o que ele estava fazendo era trazendo a audiência do rádio para TVU, e eu era o produtor desse programa. Como funcionava esse *TVU Esportes*? Era eu e um menino chamado Alexandre Oton, só. Então eu produzia, dirigia, rezava para dar certo, arrumava carro, se precisasse, ajudava o motorista a trocar pneu, e Alexandre também. Cansamos de fazer matéria; eu ia para frente da

câmera, Alexandre fazia o foco, a gente marcava no chão, ele ligava a câmera, eu saía, ele vinha correndo para ele fazer a passagem. Então, isso era feito desse jeito, tá? Em Mossoró, a gente chegou a fazer um jogo em cima da laje do campo, e aí resolveu chover. A gente não sabia se protegia as câmeras, as anotações ou se fazia o jogo – acabou dando certo. A *TVU Esportes* foi crescendo, porque teve uma conversa que eu tive com o professor Capricione, eu consegui, convenci o professor, que seria interessante a gente abrir mais espaço para os estudantes. E aí nós começamos a trazer, e aí eu acho que consigo uma coisa, e nesse ponto eu sei que sou muito chato mesmo, eu vou valorizar isso, pode parecer arrogância mas não é, eu consegui uma coisa que mexeu muito com as pessoas. Eu era o cara que mais tinha voluntários nos programas que a gente fazia, e isso acontece até hoje; no programa lá da *Universidade Esportes*, eu tenho pessoas que trabalham lá, dos quais só um tem bolsa. Aí o programa foi crescendo, crescendo, crescendo, até que Marcos Lopes saiu e eu passei para a bancada. A partir daí, gostem ou não gostem, foram 12 ou 13 anos do programa de maior audiência dessa TV, e o pai de todos os programas de esportes subsequentes, porque não havia um programa de esportes em televisão aqui. Então fui eu e Lupércio, Lupércio e eu que conseguimos fazer isso. Eu me orgulho muito isso,

é uma coisa que ninguém me tira; e aí fui ficando, até que, na administração da professora Josimei, eu fui afastado. Nunca perguntei a razão, também nunca me interessou. Posteriormente eu voltei com o professor Zilmar, depois eu saí, voltei novamente, e aí, agora em setembro, eu deixei a TVU Esportes e estou agora só com o *Universidade Esportes*.



Eudes Araújo: Voltando agora mais um pouco para a mídia nacional e a relação dela com o esporte, a Seleção Brasileira de Futebol Feminino foi campeã da Copa América agora dia 22 no Chile, e aí se inflama novamente o debate sobre a relação da mídia e o esporte feminino, a menor relevância que a mídia dá para esse tipo de esporte. Eu

queria saber o que você acha que o esporte nacional, mesmo como atividade social e indústria também e como indústria midiática, pode fazer para tentar equiparar essa situação e mudar o panorama.

Fernando Amaral: A primeira coisa que tem que acontecer é que esse esporte precisa ser mais transmitido, mais visto. A segunda coisa que tem que acontecer é que as pessoas que gostam de futebol precisam deixar de lado o preconceito e assistir os jogos de futebol feminino. Para quem vê futebol, é uma diferença brutal. Então, deixa eu tentar te explicar. Eu gosto muito de futebol feminino da época das Copas do Mundo, vou te explicar por que: porque me lembra muito o futebol dos anos 60, futebol mais tocado, mais cadenciado, mais lento, onde você tem uma visão maior do jogo. Menos violento, as meninas procuram fazer jogadas mais bonitas, mais passes, mais tudo. Agora, o maior problema de se igualar as coisas é que nós não vamos conseguir fazer isso pelo nosso desejo; você comercialmente vai ter que fazer isso funcionar, não tem outro jeito. Agora mesmo saiu uma notícia muito interessante que a seleção da Nova Zelândia igualou os salários dos jogadores da seleção de futebol da Nova Zelândia com as jogadoras; isso também foi feito pela Noruega. Acho fantástico, e acho que é um princípio para que você consiga isso, ampliar mais para frente, para todo mundo. Mas no

momento, por exemplo, você não conseguiria fazer com a Seleção alemã ou com a Seleção brasileira pela questão de investimento comercial, só, única e exclusivamente isso. Há um debate muito grande que diz assim, “não, mas, a Seleção de Futebol Feminino dos Estados Unidos tem mais sucesso que a Seleção de Futebol Masculino dos Estados Unidos”; isso é uma verdade absoluta, não tem o que discutir. Acontece que os jogos da Liga de Futebol Masculino trazem muito mais retorno financeiro que os jogos da Liga de Futebol Feminino, que tem muita torcida nos Estados Unidos, diga-se de passagem, mas não tem muito patrocínio, e isso é um problema, porque esses caras que sustentam a Seleção. Quem sustenta as Seleções são os patrocínios das Ligas, as Seleções existem por causa dessas ligas. Outro, só para concluir, quem está começando a organizar perfeitamente o Campeonato de Futebol Feminino é a Inglaterra. Como sempre, os ingleses, que são muito poucos notados por todo mundo, a gente tem uma preocupação muito grande com Estados Unidos e outras coisas, os ingleses dão, mais uma vez, uma lição de como organizar isso. Então, hoje você tem Chelsea, Manchester United, Manchester City, Arsenal, ótimos times de futebol feminino e, detalhe, muito público. Agora, isso é um processo lento, não adianta gritar, espernear; você vai conseguir, mas vai conseguir em um processo lento,

gradativo e seguro para que isso não seja só uma modinha.
O importante é que não seja só uma modinha.

BLOCO 2

Apresentador: No bloco passado, você mencionou que, na década de 80, 90, ainda trabalhou com o jornalismo policial apresentando o programa *Aqui Agora*, né, isso? De 91 para cá, como você analisa essa evolução desse formato jornalístico, de polícia; ele é realmente uma prestação de serviço para sociedade ou está mais no campo da espetacularização da tragédia?

Fernando Amaral: Eu acho interessante vocês, mais jovens, vocês usam uma frase que eu gosto muito e que nem sempre ela é verdadeira, que diz assim: “Fernando, isso, daquela época para cá, evoluiu muito?” Na verdade, evoluiu muito porque já era uma coisa muito ruim, esse sensacionalismo, esse uso da miséria dos outros, essa coisa de estar atrás do pior. E o que é pior, para piorar, de lá para cá, isso foi só ficando mais terrível ainda. Apesar de, naquela época, a gente ter reportagens horríveis de repórteres invadindo cela para conversar com preso e colocando palavras na boca do sujeito. Hoje você tem julgamento, mesmo; o cara faz o julgamento e o sujeito sai dali absolutamente condenado.

Agora veja bem, isso é um traço que, infelizmente, é explorado pela imprensa porque é um traço humano. Se eu chamar todo mundo aqui e dizer: “Olha, gente, ali naquela casa, vamos lá ver o rapaz que chegou agora com umas flores e está pedindo a moça em casamento na frente da porta da casa dela”, vão sair umas 20 pessoas para olhar. Se eu disser assim: “Vamos lá rápido que o rapaz lá tirou uma faca e está tentando esfaquear a moça”, corre a nossa rua e mais umas 30 ruas para ver a cena.

Apresentador: É a lógica do engarrafamento do acidente, né? Todo mundo para pra olhar.

Fernando Amaral: Isso. Eu acho que evoluiu, sim; se explora muito as misérias dos outros, se explora muito esse desrespeito às pessoas, entendeu? As pessoas confundem quando você é contra isso dizer que você está defendendo A ou B. Não, ninguém está defendendo A ou B, é só você se colocar na posição do outro. Veja bem, eu posso muito bem, em uma infelicidade, atropelar alguém, como eu vou me sentir com um repórter enfiando um microfone na minha cara e dizendo, “você matou a pessoa!” “Não, cara, eu não queria matar ninguém, eu não posso recuperar isso, mas eu não queria matar ninguém”. Então eu acho que evoluiu muito e não é muito legal. Eu não gosto, não, sinceramente eu não gosto, não. Fiz porque eu achei que podia mudar

alguma coisa; eu sempre faço as coisas achando que eu posso mudar alguma coisa, e aí, de repente, eu aprendo que eu não posso mudar nada. Que, quando você tenta mudar alguma coisa, sempre tem um grupo, grupinhos que são capazes de qualquer coisa, até de chantagem para te retirar, e aí você sai. E eu prefiro sair porque acho que brigas não valem a pena. No caso do programa lá, foi uma questão meio de incompatibilidade, era para dizer uma coisa e eu dizia outra; mas foi só isso, basicamente, foi só isso. Agora, eu não gosto de jornalismo policial, não acho legal, não.

Michele Ariany: No *TVU Esportes*, até a sua saída, você trabalhou de forma intensiva na idealização junto com o Bala nesse novo formato, apresentado e produzido só por meninas, que é um paradigma que foi quebrado, inclusive, no jornalismo esportivo aqui no estado. Como que você se sentiu trabalhando com tantas jovens, e até fora do *TVU Esportes*, você trabalha com muitos jovens? Como é essa relação, é mais aprendizado ou mais ensinamento?

Fernando Amaral: Eu aprendo mais, eu aprendo bem mais. Primeiro, porque são meninos que me trazem notícias de uma geração diferente da minha, então eu estou aprendendo o que está acontecendo ali. Em relação ao *TVU Esportes*, vamos fazer aqui uma justiça. A ideia do *TVU Esportes* feito por mulheres é de Alison Bala. Eu faço questão

de dizer isso em todos os lugares; nunca na minha vida eu comprei nada que não fosse meu, eu não uso o que não é meu. O que eu fiz [foi]: ouvir a ideia, comprar a ideia e vender a ideia aqui dentro da TVU, porque a ideia de Bala era fazer no Decom. Só que o que me veio na minha cabeça é: se você quer fazer algo novo desse jeito, se você fizer no Decom, que não tem o canal, vai continuar sem ser visto. Então, o que a gente fez? A gente veio, a TV comprou a ideia e nós fizemos, e por que nós fizemos? Se não tivesse sido feito daquela forma, naquele momento, não teria dado certo, o que eu quero te dizer? Eu precisava de gente que conhecesse muito. Eu não podia pegar, só porque eram mulheres, colocar quatro mulheres em uma bancada e deixar que o estereótipo de que elas não sabem nada crescer. Eu precisava de gente que soubesse e que impactasse. Convidei Leila de Melo, que já estava formada e estava fazendo história; trouxe de volta Ana Clara Dantas, que é uma figura fantástica; trouxe Vanessa Pessoa, que frequenta estádio de futebol desde que era pequenininha, conhece tudo; Leila, todo mundo sabe quem é, conhece muito, e peguei, você tem até uma relação que é sua irmã, que era apresentadora, era repórter no *TVU Notícias*, e que era uma menina fantástica, não conhecia muito de esportes, mas não fingia que conhecia. Ela chegava aqui e fazia o papel dela, apresentava; às vezes

dava umas derrapadas, mas conseguia se sair muito bem e queria muito aprender. Ela fez uma coisa que fez Camila Dantas, que trabalhou aqui também; eu sou considerado muito chato, tem gente muito sensível e fica muito ofendidinha, mas o que eu quero é o melhor. Não para mim, eu já tenho o que eu preciso, vocês estão começando. Um dia eu tive uma briga muito forte com Camila, e Camila, ao invés de fazer “mimimi”, ela me chamou no outro dia e disse: “Fernando, você foi muito duro comigo, mas faça assim, brigue, grite, faça o que você quiser, mas me ensine”. Camila Dantas é, hoje, uma das grandes apresentadoras de televisão, e foi mais ou menos o que sua irmã fez, “eu não entendo nada, me ensine”. Eu cansei de parar ela aqui no estúdio e dizer “pelo amor de Deus”, mas ela queria aprender. Então, resultado: aquele programa funcionou muito bem. Lamentavelmente elas estavam saindo; entraram pessoas novas, gente jovem, que não tem obrigação de saber tudo, mas tem obrigação de estudar muito e de aprender, não é o que você quer fazer. Então, você tem que vir para o lugar sabendo, você passa a informação; quem está em casa, quando liga o canal, quem vai nos ver não quer saber se você está triste, se eu estou bem, se o Dal Pian está ou não com fome. Ele quer saber de um programa legal, bem feito, com conteúdo. E aí a gente foi treinando, buscando, melhorando, até que

em um determinado momento, porque também não me interessa, houve um desarranjo, e eu saí, e acho que cumpri meu papel. A partir de agora, que as coisas sigam, estou na “Universidade dos Esportes”, que esse é um programa que sou apaixonado por ele, porque você fez a pergunta e acabei não respondendo, vou responder agora. Eu adoro trabalhar com gente jovem. Principalmente quando eu vejo meninos que querem aprender e que tenham a coragem de dizer “eu não sei”, porque não tem nada pior – e estou dizendo porque fui jovem, não pensa que eu nasci feio desse jeito, porque eu já fui bonitinho [risos] – do que a arrogância da juventude. “Eu sei tudo; não, você não sabe nada”. Então, quando você pega esses garotos que chegam, que começam a aprender... Eu vou te dar um exemplo daqui de dentro, só para encerrar. Aqui vocês têm um menino chamado Gustavo, conhecido como Gustavo, o Binho, que chegou lá para trabalhar com a gente, cru, no primeiro semestre, e Binho acabou sendo produtor do programa. Você quer saber como ele era no início? Um horror! Hoje eu tenho o maior orgulho de trabalhar com Binho. Pense em um cara dedicado, um cara que vai atrás, busca, soluciona; ele não cria problema, ele soluciona problema. Agora, depois um dia vocês perguntarem a ele como era, se eu chegava lá e falava “Binho, fofo, querido, você errou.” Não! “Binho,

sua anta, você fez tudo errado!” Ele não chorava, não fazia textão, não fazia nada, aprendeu, e outros, que foram só chegando e aprendendo. Dal Pian até fez um elogio, que eu vou fazer aqui só para os meninos saberem, Dal Pian disse aqui uma coisa que eu fiquei muito feliz, disse: “Fernando, os meninos que trabalham lá com você, eles sentam com aquele microfone, abrem com aquele microfone, e eles sabem muito, sabem tanto ou mais do que eu, Dal Pian, quando estava fazendo jornalismo esportivo”. Cara, isso foi o maior elogio que eu poderia receber. Eu não preciso fazer mais nada hoje aqui, eu vou embora feliz da vida, porque Dal Pian é um grande jornalista, e foi um grande jornalista na área de esporte. Quer presente melhor que isso? No dia que eu recebo a minha aposentadoria, não precisava ser melhor.

Apresentador: Nada, eu só falei uma verdade, que de fato, a *Universidade do Esporte*, os meninos têm muito conhecimento, têm muito acesso ao conhecimento. Eles buscam muito, e para mim é uma excelente fonte de informação esportiva.

Fernando Amaral: Obrigado, eu fico feliz por eles.

Jailson França: Como é sua relação com outros profissionais do meio esportivo do estado?

Fernando Amaral: Alguns eu gosto muito, alguns não gostam de mim. Não tem ninguém que eu não goste; tem gente que não gosta de mim, eu acho legal isso, acho interessante. Mas, no geral, muito bem. Eu não tenho problema com ninguém, eu respeito, respeito você, posso até discordar, mas respeito, não tenho, assim, no geral, não. Nunca tive briga com ninguém, discussão não, uma relação cordial, mesmo com aqueles que não gostam de mim.

Apresentador: Você entende que existe alguma motivação específica para esse tipo de situação que as pessoas não gostam da sua pessoa?

Fernando Amaral: As pessoas precisam de uma motivação para não gostar das outras pessoas? Elas olham para você e dizem: “Não gosto de você, não gosto da sua voz, não gosto da sua cara, não gosto do seu olhar, não gosto do que você diz”. Mas, paciência, vou fazer o quê? Mas a minha briga fundamental é pelo seguinte: é que eu não gosto de jornalismo de afago, e o jornalismo esportivo daqui é só de afago. Toda vida que um dirigente chega para ser entrevistado: “O senhor é lindo, o senhor é fantástico, o senhor é maravilhoso, o senhor realmente é um santo, o senhor deveria estar no Vaticano!” Você traz o cara para a TV, “mas o senhor é muito simpático, mas conte como é a vida no clube”. Ninguém chega para o cara e diz: “Querido, porque

você diz que dá tanto trabalho dirigir um clube, que você gasta tanto? Por que você gosta tanto de dirigir esse clube, explica para mim, como você pode gostar disso?" Então, eu não gosto desse tipo de jornalismo, e eu brigo muito, e às vezes, quando eu estive em rádio, eu disse coisas que talvez não eram para serem ditas, aí tem esse problema. Mas eu não me preocupo com isso não.

Eudes Araújo: As civilizações, historicamente, têm histórias de conquistas e de avanços significativos quando relacionados ao incentivo ao esporte e à educação física. Eu queria saber se você já falou sobre isso durante o seu trabalho, alguma vez, e como você enxerga essa necessidade, essa relação entre esporte, educação física e educação na juventude.

Fernando Amaral: O esporte tem duas vertentes. A primeira: ele pode ser usado para o bem ou para o mal, sempre. Você tem situações em que a sociedade tem, como você disse, que se utiliza do esporte para melhorar, para crescer e para dar à sua juventude uma perspectiva de vida mais saudável, mais interessante. Mas você tem, no esporte, situações que ele degrada o atleta. Vou lhe dar exemplos claros; Alemanha Nacional Socialista, Alemanha Oriental, União Soviética, a China, que pegaram atletas e transformaram esses atletas em coisas. Encheram os caras de drogas, encheram os caras de *doping*, encheram os caras de tudo o que podiam fazer

de errado, e esses seres humanos foram transformados em máquina de vitória para os regimes. Isso é péssimo. Por que eu citei a China? Porque, na China, existem, até hoje, escolas que [é] o Governo que decide o esporte que aquela criança vai fazer. Eles olham lá para o garotinho, algum gênio – porque sempre tem esses gênios, em política sempre tem esse gênio –, o cara olha e diz, “esse garoto vai ser um excelente atleta em levantamento de peso”, pronto, aquilo que o garotinho vai ser a vida toda. A Alemanha Oriental chegou a injetar tanta droga em atleta, que existe uma atleta alemã oriental, que eu não me lembro o nome dela, é uma tragédia a idade com isso, que essa criatura foi tão contaminada por essas drogas, que hoje ela é um homem. Mas não foi uma decisão dela, não foi uma situação que veio dela, foi uma coisa forçada. Tiveram [eles] atletas russas que se mataram, tiveram [elas] atletas alemãs que se mataram, em função de serem levadas a uma pressão absurda. A última delas, eu posso te dar um exemplo da Alemanha Nacional Socialista, que é o Matthias [Matthias Sindelar, morto em 1939], que era um jogador austríaco, um gênio do futebol austríaco, que, quando a Alemanha anexou a Áustria, a seleção austríaca foi levada para jogar na seleção alemã, e esse cidadão se negou a ir, direito dele, estava corretíssimo; e a partir dali ele foi colocado numa situação de pressão tão grande, que

amanheceu morto em um quarto de hotel. A versão oficial foi que ele se suicidou, acredita quem quiser, claro que não, né? Foi uma pena; agora, por outro lado, tem sim tem coisas muito legais feitas no esporte e que dão à juventude uma perspectiva de vida muito melhor.

BLOCO 3

Rafael Lopes: Fernando, infelizmente eu não tenho tanto conhecimento quanto os seus bolsistas voluntários lá do Universidade dos Esportes, mas, fazendo uma análise do que eu vejo na TV brasileira hoje, principalmente na área do esporte, que é uma das mais fortes no jornalismo nacional, eu percebo que a gente, enquanto mídia, valoriza muito o futebol, e as outras modalidades a gente só meio que visualiza em épocas de olimpíadas. Nós tivemos agora, recentemente, as Olimpíadas de Inverno, e a gente vê pouca coisa; alguns esportes só ganham notas ou, enfim, coisas desse tipo. Eu queria saber como você vê isso, e também trazendo um pouco para o cenário potiguar.

Fernando Amaral: Bom, essa é uma das grandes brigas que a gente tem. “Fernando, você não acha que coloca muito futebol no seu programa e bota muito pouco peteca ou pingue-pongue?” Você tem razão. O problema é que o público

do futebol, ele é muito grande, e não adianta eu vir com esse sonho juvenil de que não, não me importa a audiência. Eu tenho que fazer o máximo que puder de diversidade esportiva; se eu fizer um programa de peteca, vai ser muito legal, talvez eu possa ensinar muita coisa, mas eu vou ter dez pessoas vendo o programa ou ouvindo o programa. Agora acho, sim, que tem que entrar outras coisas, e aí deixa eu defender nosso lado aqui. No *TVU Esportes*, a gente falava de outros esportes, como continua sendo falado hoje, é claro que com maior espaço para o futebol; no *Universidade do Esporte*, a mesma coisa. Agora, você tem razão, a mídia cobre muito pouco os outros esportes; entretanto, as pessoas também vão muito pouco a outros esportes. Você pega aqui, pessoal, vai ter um campeonato sei lá, de lacrosse, é um esporte que quase ninguém conhece, não vai ninguém. Aí você não vai deslocar uma equipe para ir ver um esporte que não vai ninguém, mas você diz, se você levar a equipe que vai lá e começar a mostrar, as pessoas vão ver. Não sei se cobriu tanto tênis no Brasil na época dos nossos grandes tenistas; aqui a gente tem torneio direto, e não vai ninguém. Agora, você coloque qualquer “peladinha” sem vergonha, que vai um monte de gente assistir.

Apresentador: Você ainda acompanha a Seleção brasileira, ainda torce para a Seleção brasileira ou você faz

parte daquele grupo que perdeu o encantamento com essa Seleção mais contemporânea da CBF? Qual a tua visão sobre a Seleção?

Fernando Amaral: Não, eu não politizo isso assim, tipo, é da CBF, não. Aliás, ela nunca foi de outra coisa que não fosse, primeiro foi da CBD, depois da CBF; as seleções são das Federações, das Confederações. Assim como a Seleção alemã é da ADBU, a Seleção inglesa da FA, então eles são deles. Eu tenho um distanciamento porque acho que se utiliza da Seleção muito politicamente. Eu vou contar uma coisa que vocês vão achar interessante. Na década de 70, quando nenhum de vocês era nascido, naquela época quem assistia a Seleção brasileira era um entreguista pró-Estados Unidos. “Como assim, cara pálida?” Jô conta isso, que ele assistia os jogos da Seleção brasileira escondido, para não ser criticado pelos seus companheiros de universidade, porque era “o ópio do povo”. Aí a Seleção brasileira ganha, o que faz o regime militar? Assume a Seleção brasileira como se fosse dele, e passa a fazer uma propaganda imensa com a Seleção, e isso é em quase todos os lugares do planeta. Então, eu tenho distanciamento da Seleção brasileira, até porque a maioria é patriota de bandeirinha, camisinha, gritinhos histéricos, bombinhas, sair pulando no meio da rua, dançando que nem um louquinho de quatro em quatro anos. Se você pegasse

toda essa sua emotividade patriótica, e se você cobrasse de quem tem que ser cobrado com o mesmo afã que você cobra numa Copa do Mundo, eu garanto a você que nós não teríamos tido “Mensalão”, “Lava Jato”, e que as pessoas teriam mais vergonha de serem sem-vergonhas. Só que, infelizmente, a Seleção brasileira, ela é realmente usada; eu não tenho essas empolgações, não, eu assisto muito friamente, e aí quando vai, e de repente a Dinamarca ganha, eu acho até legal sabe, que os caras ficam, “perdemos pra Dinamarca, ai, que triste”. Perderam, e aí, qual o problema? Então, não tenho não; eu tenho muita ligação com clube, clube eu tenho.

Apresentador: Vasco da Gama?

Fernando Amaral: Roxo, doente e absolutamente débil mental. Tanto é que me recuso a assistir jogo do Vasco com quem quer que seja.

Apresentador: Passa mal mesmo?

Fernando Amaral: Não, porque dou vexame, e aí prefiro ver sozinho, “eu não sou uma pessoa normal”; aí prefiro ver sozinho, para não passar vergonha, [para] as pessoas não ficarem com vergonha.

Eudes Araújo: Como a gente estava falando, boa parte da sua história na comunicação foi no jornalismo esportivo, e eu queria que você contasse para a gente um

pouco mais sobre sua experiência com o *TVU Esportes* e o *Universidade do Esporte*.

Fernando Amaral: A experiência foi a melhor possível, a experiência foi muito legal. Sempre ficam coisas muito boas, sempre, entendeu? É muito legal, deixa eu tentar lembrar aqui um fato que foi muito bacana. Uma vez, antes de um programa, logo com o programa com as meninas, Camila Martins, que hoje está em Santa Catarina, tava sentadinha ali na sala de maquiagem, e ela estava muito insegura, ela tinha sido pega de surpresa, assim, “faça porque fulano não vem”, e aí ela estava muito insegura, e aí eu sentei do lado dela e disse, “qual o problema?” e ela disse, e eu disse: “Camila, você não vai ser a primeira pessoa no planeta a sentar na frente de uma câmera, insegura. Faça o seguinte: fale somente aquilo que você souber e aquilo que você achar que não vai ser bobagem. O resto, não tem nenhum problema de você ficar quieta, e aí, se alguém achar que você está quieta demais, sorria, você tem o sorriso lindo. Está resolvido o problema!” E foi exatamente o que ela fez. Agora, o que eu disse a ela foi; quando terminou o programa, aí sim, fui lá para fora com ela e disse: “Você tá toda errada, você tem que estudar, vá ou não vá participar do programa. É a profissão que você escolheu, caramba! Como você, em um fim de semana que na segunda-feira você tem jogo, você tem programa, você,

no fim de semana, tá na praia, no churrascão, você tá com o namorado, com a namorada, está rolando um monte de jogo que você vai comentar no outro dia e você não viu, cara pálida?” Aí é complicado, mas você aprende, o que é mais gostoso, você ver a emoção da gurizada, sabe, eu acho isso muito legal. Eles chegam muito medrosos, muito tímidos, assustados e, de repente, você vê umas meninas orgulhosas fazendo uma coisa bacana, bem feita. Eu, hoje, por exemplo – isso mexe um pouquinho comigo –, quando vejo vídeos da Micarla, eu morro de alegria, Micarla tá no SBT de Santa Catarina; ela não conhacia ninguém, ela chegou lá na cara de pau, distribuindo currículo. E eu tenho muita participação nisso, porque eu disse para ela, “vá embora, você é muito boa para ficar aqui”, e hoje eu vejo matéria dela. Sabe qual o meu sonho? Bem babaca isso, vou dizer com todas as letras, bem babaquinha. Eu quero, um dia, ter 70 anos, se eu conseguir chegar lá, e ver qualquer um de vocês em uma grande emissora, principalmente aqueles que passaram por mim, e eu dizer assim: “Essa moça, esse rapaz, eu trabalhei com eles, foram meus estagiários”, e alguém do lado dizer assim: “Deixa de ser mentiroso, velho mentiroso”. Cara, isso vai ser o máximo, porque eu sei que fiz, então isso, eu sinto muito orgulho do que fiz. Hoje, estou me aposentando. Minha aposentadoria saiu hoje e eu saio muito feliz, porque a

maioria absoluta dos estudantes que passaram pelas minhas mãos são meus amigos. Gente que hoje está trabalhando, está bem, está longe e que se comunica comigo todos os dias, praticamente, e isso é muito legal. Então, a *TVU Esportes*, a *Universidade do Esporte*, a própria estrutura da Comunica foi muito importante na minha vida, não posso menosprezar isso. A universidade foi um berço muito bom, onde eu tive momentos que eu fui muito bem embalado e momentos em que “mamãe saiu e deixou com fome”, mas é normal, é natural, “mamãe precisava sair em algum momento”.

Apresentador: Fernando, infelizmente, me corrija se eu estiver errado, em 2017 perdemos a figura de Lupércio Luiz, um cronista esportivo, atuou em outras áreas também, mas se destacou muito pelo trabalho no jornalismo esportivo, teu amigo pessoal. Queria que você falasse um pouco o que representou Lupércio para você como companheiro e como profissional também.

Fernando Amaral: O Lupércio era uma figura fantástica, assim. Aliás, todo mundo que morre é legal, né, todas as pessoas que morrem são ótimas. Eu estou imaginando o dia que eu morrer, como todo mundo vai dizer que eu era legal. [risos] Mas não era verdade. Lupércio foi uma figura fantástica com um monte de defeitos geniais, ele era o mossoroense mais chato que eu já vi na minha vida; falasse

de Mossoró e você arrumava briga para uma semana. Mas aquilo era uma paixão muito forte por Mossoró, e eu achava interessante isso dele. Como companheiro de esporte, eu aprendi muito com ele. Lupércio foi jogador de futebol, Lupércio trabalhou muitos anos na imprensa esportiva de Mossoró, Lupércio era escritor; Lupércio, como pai de família, era fantástico, era apaixonado pela família dele, era negócio, assim, impressionante, Deus no céu para ele e a família em volta dele. Foi um companheiro muito legal. O que eu guardo das pessoas? Eu venho de uma família de militares; meu avô era militar, meu pai era militar, e duas coisas são fundamentais nesse meio: honra e lealdade. Traição, coisa feita por trás, isso é tão terrível, tão baixo que, ai, e Lupércio era de uma lealdade enorme. Me lembro que uma vez teve um probleminha, ele me chamou e disse: “Tem um probleminha que vai acabar sobrando para você, mas não vai sobrar para você, vai sobrar para nós dois”, e ele, que não tinha nada a ver com a história, porque quem tinha feito era eu, e até explico. Nós fomos fazer um trabalho e um câmera cometeu um erro, ligou errado e queimou a câmera, e aí eu fui lá e disse que a culpa era minha, porque eu era quem estava responsável pela equipe e não o câmera, e isso ia dar um problema danado, e Lupércio foi e ficou do meu lado. Isso, para mim, representou muito. Eu senti muito a

perda dele; até hoje eu sinto falta dele, e mantengo contato ainda, mesmo que não muito, com o filho dele, que é uma figura também muito bacana, muito parecida com ele.

Leonardo Julierme: Você falou tanto da sua trajetória no jornalismo esportivo como no jornalismo policial, mas também você foi locutor de programa, fazendo várias vozes, era o quê? Programa de humor, como era?

Apresentador: Eram personagens, temos personagens aqui? Fique à vontade para fazer algum se quiser.

Fernando Amaral: Isso é muito legal, eu faço, sim, tem problema nenhum, não. Isso acontece na rádio Cidade. Havia um programa na rádio Cidade que chamava *Giração Cidade*, que era feito por um menino chamado Ricardo Mota e por uma moça que agora não me lembro o nome dela, é uma falha muito ruim minha. Um dia eu fazia, na rádio Cidade, um programa à noite que era de 22h até 2h da manhã, aqueles programas para quem levou “um pé na ‘bunda”, que está tristinho, que o namorado deixou, que a namorada deixou, e aí você ficava conversando arisia. E aí eu fui à tarde na rádio Cidade, e Ricardo me chamou e disse: “Fernando, eu estou querendo dar uma sacudida no programa, queria colocar uns personagens. Tu conhece alguém que, por acaso, fizesse capaz de fazer um

gay?”, “Cara, não conheço ninguém”. E fui para casa, cheguei em casa e comecei a pensar naquilo, pensar naquilo, e disse: “Rapaz, eu vou fazer!” Voltei no outro dia e disse, “Ricardo, eu faço”, “você tem coragem?”, eu disse, “qual o problema?”, “você faz mesmo?”, eu disse, “faço”. Ano de 88. Aí nós fizemos o primeiro personagem numa FM, rádio AM já tinha tido, primeiro personagem *gay* na FM fui eu que fiz, e se chamava Maurício Alberto, e eu, inspirado em Clodovil, que era um cara que eu admirava muito, aquela arrogância do Clodovil, e achava aquilo dele fantástico, e em um cara chamado Dener, que vocês não conhecem, que foi um dos grandes estilistas do Brasil, e que era concorrente direto do Clodovil nessa coisa da criação de moda. E a gente fez o Maurício Alberto. Cara, foi um sucesso, ia gente na rádio para me conhecer, e na época, eu só usava bigode, e um cara chegou com aquela delicadeza, “rapaz, você, desse tamanho, com esse bigode!” e eu disse, “qual o problema? Precisa ter tamanho? Agora vem embalagem, tamanho “X” e “Y”, com bigode, sem bigode” e isso começou a crescer. O Maurício Alberto tinha uma coisa interessante, ele era um *gay* muito fino, e naquela época, a gente podia tudo e agora a gente não pode nada, então a gente brincava muito, e o cara dizia assim: “Maurício Alberto, mas você frequenta o quê?” E aí, com a voz, vou fazer aqui, ele parava e dizia assim,

até os trejeitos que eu fazia dele: “Olha, querido Ricardo, na verdade, eu frequento lugares ótimos, tipo assim, adoro Tirol, acho maravilhoso ali, a parte de Petrópolis quando vou ao Rio, então, nossa, você não sabe como é maravilhoso ir para Ipanema, Leblon. Agora essas coisas mais pobres, desculpe, não vou porque me dá coceira”. Então a gente fazia isso, e as pessoas adoravam, e aí precisou de segundo personagem, e a gente pensou em um personagem que era um personagem maluco, que era o Pato. O Pato tinha uma voz assim, entrava e escutava com os programas todos, era uma porcaria. E os locutores morriam de raiva da gente, porque a gente contava quanto ganhava um locutor de rádio, a gente contava como eles colocavam a música no ponto, que era no dedo, e os caras ficavam loucos de ódio da gente. O Pato entrava às vezes e dizia assim: “Esses dias eu encontrei um locutor da 96 FM, nossa concorrente, e o cara estava todo bonito em um carro, mal sabe ele que eu sei que era do pai dele, a grana que ele está usando é do pai dele, porque ele ganha uma mixaria, o dono paga muito mal”. E isso *boom*. A gente acabou na 96, tinha o Zé Prancha, que era surfista, não falava nada com nada, o cara perguntou: “Zé Prancha, como é surfar?” Aí ele dizia assim: “Pô, cara, é meio assim, estranho, porque dá ânsia de vômito, entende, aí eu vomito na prancha, é um horror, sabe, mas é legal, acho assim,

bacana”. “E a sua namorada?”, “ah, ela é legal, fica lá, pega queimadura de terceiro grau, quarto grau, depois tem que levar no hospital, é muito bacana”. Só falava bobagem, era um besteirol direto, mas era muito divertido. A gente fez um personagem chamado Mosca, quem virava Mosca era o Ricardo, e aí entrava o personagem que fazia o lance com ele e as pessoas achavam engraçado.

CONSIDERAÇÕES

Fernando Amaral: Bom, mais uma vez a você, as professoras que são, aliás, diga-se de passagem, a Valquíria sempre assiste a gente lá no *Universidade do Esporte*, agradecer a Emily também, a vocês todos, muito obrigado, vocês foram super legais, e dizer a vocês o seguinte. É meio clichê, mas acho que vale a pena. Lutem pelos seus sonhos, só não fiquem “dando murro em ponta de faca”, tenham sempre o plano “A”, o plano “B” e o plano “C”. Quanto ao resto, só agradecer mesmo, dizer que estou muito feliz. Eu acho que foi marcante para mim fazer esse programa porque exatamente no dia que encerra, estou encerrando, depois de 40 anos de semiaberto, vou poder ir para casa agora, estou liberado da justiça. Mas foi muito bom, muito gostoso, e espero que vocês sejam muito felizes, que todos vocês consigam. E quanto a você [dirigindo-se a Rafael Lopes], se quiser, vá lá conversar

com a gente, até porque o Leo já está lá com a gente, Leo chegou assim com uma carinha, “aí, queria tanto participar do *Universidade do Esporte*”, você pode participar, não tem problema. Gente, obrigado.

Capítulo 14

Entrevista com Manoel de Medeiros Brito



PROGRAMA 12

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Concita Alves (Jornalismo)
Caio Rodrigues (Radialismo)
Aracely Xavier (Jornalismo)
Alexandre Beethoven (Radialismo)
Aldo Henrique (Radialismo)

Entrevistado

Manoel de Medeiros Brito
Ex-deputado estadual, Secretário de Segurança, conselheiro do TCE e presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

Apresentação em *off*

Manoel de Medeiros Brito é potiguar. Nasceu em Jardim do Seridó. Ingressou no curso de Direito pela Faculdade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em 1950. É ex-deputado estadual por dois mandatos, ex-conselheiro do Tribunal de Contas (TCE) e ex-secretário de governos do Rio Grande do Norte. Foi presidente do Hospital Infantil Varela Santiago no período de 2012 a 2016. Este ano, Manoel de Medeiros Brito completou 60 anos de vida pública.

BLOCO 1

Apresentador: Manoel, vamos falar um pouco da sua infância. Existem memórias que o senhor relata sobre o Jardim Hotel, em Jardim do Seridó, sua terra natal. Que tipo de memórias, experiências, o senhor teve ainda na infância, com a presença de políticos muito lembrados aqui na história do Rio Grande do Norte?

Manoel de Medeiros Brito: Olhe, eu nasci em 1928, 6 de julho de 28, no solar que depois foi transformado no hotel da cidade, e da minha primeira infância eu tenho algumas lembranças, porque os meus pais me procuraram proporcionar condição para estudar, para me relacionar com as

pessoas, e isso me valeu muito. Para que os senhores tenham uma ideia, quanto fui favorecido por Deus e por meus pais, eu convivi com toda classe política do Rio Grande do Norte, a partir de 1934, Doutor José Augusto, que foi governador deste estado de 24 a 28. Eu tive o privilégio de conviver com Doutor José Augusto, Dr. Lamartine, que o sucedeu, e depois os interventores que vieram depois dele; com exceção de dois, que era o paraibano Irineu Jofre, que eu não conheci, e o comandante Bertino Dutra, que eu também não conheci, os outros todos eu tive a oportunidade de conhecer, não nesse tempo, que eu tinha quatro ou cinco anos de idade, mas no decorrer da minha atividade como estudante, depois como bacharel em Direito, como professor que fui e como político, que ingressei na política e tive a oportunidade de conviver com esse povo todo. Então, me lembro de Herculino Cascato que eu conheci do Rio de Janeiro, ele foi interventor em 32, depois eu conheci Dr. Mário Câmara, foi interventor também aqui; eu o conheci quando ele foi ministro da Fazenda, de Café Filho, no efêmero governo de Café. Depois conheci Dr. Rafael Fernandes Gurgel, que foi governador do estado; depois dele, conheci o General Antônio Fernandes Dantas, que era caicoense e foi primeiro interventor na Bahia em 37, quando houve o Estado Novo, ele comandava a guarnição na Bahia e foi nomeado interventor lá. Em 43, Dr. Rafael, que

era o interventor, mas estava acometido de uma doença que não tinha cura, que era um princípio de esclerose, ele mesmo pediu para sair, e o General Dantas foi indicado por Getúlio para governar o estado. Assumiu aqui em 43, e cercado por todo o povo que tinha fundado o Partido Público Popular, dirigido por Zé Augusto, ele prestigiou todos os 42 prefeitos que eram ligados a Zé Augusto, a Dinarte e Lamartine. Então, ele foi um conterrâneo nosso que prestigiou a sua terra, General Dantas, eu faço justiça a ele. Quando veio o fim da Guerra, se aproximou 45 e veio a redemocratização, e ele foi compelido a deixar o governo por uma razão de ordem pessoal, foi substituído por Georgino Avelino, que era de Angicos, José Georgino Alves de Avelino. Eu tive o prazer de conviver com ele também, eu gostava muito dele e ele me tratava com muito apreço. Por aí foi, então eu convivi com toda essa classe política, todos eles já estão no céu, pelo bem que fizeram aqui ao nosso estado e ao nosso povo, e de lá para cá, também convivo com os sucessores dos que tiveram a honra e o privilégio de administrar o nosso Rio Grande do Norte.

Concita Alves: Convivendo com toda essa classe que estruturou a classe atual política do estado, que é também uma classe que representa as famílias e as oligarquias, quem influenciou o senhor a seguir por esse caminho da política?

Manoel de Medeiros Brito: Olhe, eu tive o privilégio de ser criado em um hotel na cidade do Jardim do Seridó. Em 1934, meus pais transformaram o solar em que nós morávamos em um hotel para atender a clientela que não tinha onde se hospedar quando chegava para exercer suas profissões, lá em Jardim. Então, meus pais adaptaram o solar, que ainda hoje está lá do mesmo jeito, e passaram a conviver conosco todas as autoridades, o juiz, o promotor, o médico, o dentista, o delegado de polícia, o padre e por aí afora. Foram morar, eu tinha seis anos de idade, me lembro perfeitamente, fora morar lá em casa, em 1934, uma figura extraordinária da política nacional, que era o paraibano João Agripino Filho, irmão de Tarcísio Maia. João Agripino era jovem, estudante de Direito e foi nomeado adjunto promotor de Jardim do Seridó, e depois promotor, formou-se e foi nomeado promotor em Jardim do Seridó. Morava lá em casa no solar; o solar era uma casa antiga com mais de 150 anos e que tem, como se chamava antigamente, sótão, era um primeiro andar pequeno, então era um quarto privilegiado para os hóspedes, e João Agripino foi morar nesse sótão. Morou lá em Jardim do Seridó quatro anos, saiu de lá para voltar à cidade dele – ele era de Catolé do Rocha. Depois, ele foi deputado federal constituinte em 1945; depois, foi ministro de Minas e Energia de Jânio Quadros, quando Jânio Quadros assumiu

o governo, ele foi ministro de Minas e Energia, depois foi governador da Paraíba e depois foi senador da República; terminou sendo ministro do Tribunal de Contas da União. Eu nunca imaginei que tinha o privilégio de, na minha vida, chegar a ser colega dele, porque ele foi nomeado ministro do Tribunal de Contas da União, e fui nomeado no Tribunal de Contas da União do Rio Grande do Norte, no governo de Aluízio Alves. Então foi uma coincidência muito feliz, e ele fazia muita questão, nós nunca perdemos o contato, de registrar essa particularidade; então eu, por conta disso, tive uma influência muito benéfica na minha vida através de João Agripino. Outras grandes figuras, que eu tive o prazer de conviver e que me ajudaram muito com suas experiências, com seus conselhos, e vou dizer todos eles: Dr. José Augusto, ex-governador do estado, ex-senador, ex-deputado federal; Dr. Juvenal Lamartine, cuja casa eu frequentava, ele morreu em 1956, mas eu, enquanto estudante, frequentava a casa dele; depois, Dinarte Mariz, que era empresário em Caicó e passava toda semana no hotel de meus pais, onde morava Rui Mariz, irmão dele, que era médico, clinicava em Jardim, então era hóspede do nosso hotel também. Mon. Sinval Walfredo Gurgel, que foi diretor do ginásio, onde eu fiz, aquele tempo fazia o exame de admissão, era como se fosse fazer um vestibular, só entrava no ginásio quem passasse no

exame de admissão. Eu fui fazer em Caicó, e fui aprovado em sexto lugar, em uma turma de 40. Naquela época, em 1943 eu tinha 15 anos de idade, nesse tempo. Então, essas figuras influíram muito na minha inclinação para política, na minha tendência para política, e quando chegou 45, eu estudava em Caicó e vim de férias a Natal. Me lembro muito que passei na redação do “Diário”, nesse tempo não era “Diário de Natal”, era “O Diário”, que funcionava na Frei Miguelinho, na Ribeira, no começo da Frei Miguelinho. Eu vi a manchete do jornal com a entrevista de Zé Américo de Almeida pregando a redemocratização do Brasil, e eu fiquei assim, nunca tinha ouvido falar em reeleição, porque Getúlio, durante o Estado Novo, durante os 15 anos que ele passou no primeiro período, só houve eleição para ele ser eleito indiretamente em 34. Então isso me valeu muito porque passei a conviver com todo esse povo, e, isso daí, a minha tendência para o exercício da minha atividade política.

Aracely Xavier: O senhor tem uma longa trajetória na política. Teria algum fato, algo que o senhor gostaria de compartilhar, algo que o senhor poderia falar com a gente, algo que marcou enquanto o senhor era político?

Manoel de Medeiros Brito: Olhe, eu acompanhei, embora em 1945 eu não pudesse votar porque tinha 17 anos, não podia ser eleitor, mas acompanhei o desempenho

de todos esses governos, né. Me lembro que, devo ressaltar, o esforço que se fazia, que esses governantes faziam naquela época para levar o progresso aos municípios e a capital do Rio Grande do Norte; para vocês terem uma ideia, vou dar só um exemplo aqui. Em 1943, quando o general Dantas assumiu o governo do estado, e ele era caicoense, ele foi a Caicó visitar a sua terra, que não ia lá há muitos anos. Quando chegou lá, foi muito bem acolhido, muitas homenagens, banquetes e uma confraternização na Praça da Liberdade, que hoje tem o nome de Dinarte, que era onde Dinarte morava. Eu me lembro que Caicó naquela época, em 1943, não tinha um palmo de paralelepípedo na cidade, só aquela areia alta; Caicó fica entre dois rios, o Barra Nova à esquerda e o Seridó à direita. Então era aquela areia terrível comprometendo as viaturas, o povo e tal, e o General Dantas, a primeira providência que ele tomou em Caicó foi mandar calçar a cidade. Nomeou Aldo Medeiros prefeito da cidade, que era primo legítimo de Dinarte e de Zé Augusto e futuro genro de Dinarte, então foi uma demonstração de sensibilidade dele, que era de Caicó, e por aí foram. Os outros todos tiveram as suas marcas que ainda hoje permanecem na história do Rio Grande do Norte, Dr. Silvio Pedroza, Dr. Zé Varela, que foi um grande governador, eu o acompanhei, era estudante daqui de Natal, mas eu acompanhava. Coincidemente, eu fui

preparar o filho dele, Marcelo, para o exame de admissão, eu ia dar aula na residência oficial para preparar Marcelo, então eu acompanhei também, mesmo eu sendo da UDN, mas ele me recebia, me tratava como sempre, com muita delicadeza. Pois bem, Dr. Zé Varela foi quem começou a construção do quartel da polícia, tá aí hoje, a construção do novo Atheneu, que tem 70 anos quase, e do hospital, que hoje tem o nome de João Machado. Foram três obras grandes dele que marcaram a passagem dele no governo do estado, além de obras que ele fez, de estrada, interior, pontes etc. Já Sílvio Pedroza não sucedeu Dr. Zé Varela, pois o sucessor de Dr. Zé Varela foi Dicé, mas Dicé foi vítima de um acidente de aviação e morreu antes de completar seis meses de governo, quase que nada marcou a passagem dele pelo governo por essa circunstância. Mas Silvio assumiu em 12 de julho de 1951, e tratou de apaziguar o Estado, compondo-se com toda a classe política a quem ele dava um tratamento cordial e de amigo, mesmo sendo adversário, como era o caso da UDN. Bom, e Silvio marcou também a passagem dele, não só aqui em Natal, que ele concluiu o quartel da polícia, foi concluído por ele; ele concluiu o Atheneu, concluiu o “João Machado”, o hospital. Além disso, para vocês terem uma ideia, para você ir daqui para Mossoró, você tinha que ir pelo Seridó, porque não tinha estrada daqui para Angicos,

você tinha que ir para o Seridó, subir para Cerro-Corá e descer para Angicos, a estrada ir por Cerro-Corá para descer para Angicos, e de lá a estrada para Mossoró; mas de barro, variante, não tinha ponte do rio Açu, não tinha nada. Silvio, que tinha ligação com Angicos, pois o pai dele era da região, chamava-se Fernando Pedroza, tem hoje uma cidade com nome dele, do pai de Sílvio Pedroza, e Silvio fez a ligação de Natal a Angicos, construiu – essa estrada que hoje nós atravessamos foi construída por Dr. Silvio Pedroza. Além de outras iniciativas que ele teve no interior do Estado, em Mossoró, em Caicó, marcou muito bem a passagem dele pela administração pública. Quando veio Dinarte, foi quem sucedeu a Sílvio, mesmo contrariado, ele não queria ser governador, mas foi compelido a aceitar, e Dinarte encontrou o estado no começo de democracia ainda, mas com uma certa dificuldade, e como ele não era do PSD e o presidente era Juscelino, ele não tinha o prestígio do Governo Federal para ajudá-lo. Mas, mesmo assim, ele teve um grande mérito, que foi a universidade do Rio Grande do Norte em 1958, e teve a iluminação divina para convidar um homem chamado Onofre Lopes da Silva, meu amigo fraternal, eu fui professor de Onofre Júnior preparando para admissão em casa dele; de casa em casa, eu saía dando aula naquele tempo. E Dr. Onofre, todo mundo conhece o seu desempenho à frente

desta universidade, eu tive o prazer de ajudá-lo, porque eu adquiri uma experiência muito grande no Rio de Janeiro convivendo com toda a classe política, tanto no Senado, quanto na Câmara, indistintamente dos partidos a que pertenciam, mas todos eles recorriam a mim, porque Dr. Aluízio Alves, eu tenho que contar essa história a vocês.

Apresentador: Eu tenho uma proposta, vamos conversar sobre essa relação com Aluízio Alves no próximo bloco?

BLOCO 2

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador): O senhor estava falando aqui no bloco passado da relação com Dinarte Mariz e também da sua relação com Aluízio Alves. Como se deu? Eles eram muito unidos, em alguma vez houve alguma incidência ou não?

Manoel de Medeiros Brito: Muito, veja bem. A ligação de Dr. Aluízio e Dr. Zé Augusto com Dinarte vinha desde 1933, quando Dr. Zé Augusto fundou o Partido Popular, que passou a ser integrado por todos os amigos de Lamartine, Dr. Zé Augusto e Dinarte, que eram as três figuras mais expressivas da política estadual naquela época. Aluízio tinha 13 anos, era menino, está numa fotografia com o chapéu na perna, calça curta e chapéu, e já começou a participar do

evento. Bem, quando veio o governo de Rafael, em 1942, que houve uma grande seca no Nordeste, 41 e 42, eu me lembro que eu já me entendia de gente, em 41 e 42 houve uma grande seca no Nordeste, e Dr. Rafael recrutou o jovem Aluízio Alves, que tinha na época 19 anos, para criar o Serviço Estadual de Reeducação e Assistência Social, o SERAS, e nomeou Aluízio para esse lugar. Quando veio 42, que foi seco novamente, aí foi que piorou o quadro, aí Getúlio criou a Legião Brasileira de Assistência para atender aos estados nordestinos que estavam passando por essa grave crise. No Rio Grande do Norte, o indicado foi o Dr. Aluízio Alves, que nesse tempo não era nem formado, era estudante ainda. Aluízio foi, então, quem comandou todas as atividades de socorro à população faminta do Rio Grande do Norte em 1942. Bem, passou-se que, quando o General Dantas assumiu, manteve Aluízio como auxiliar dele, que vinha do governo de Rafael, e ele se ligou muito ao General, que prestigiava não só Aluízio como a Dinarte, Zé Augusto, a toda turma do Partido Popular, ele prestigiava. Como eu já disse, o General era de Caicó e tinha sido comandante da polícia no governo de Dr. Lamartine de 28 até 30. Então o General prestigiou muito Aluízio, e ele se credenciou muito a opinião pública do Rio Grande do Norte, quando veio a redemocratização, que houve a fundação dos partidos, que até então já tinha

extinto todos, não havia mais partido no Brasil em 45, mas aí ele foi compelido a convocar eleições através de Zé Mérito de Almeida, e criar os partidos. Foram criados, então, os quatro principais partidos; foram o PSD, com a participação de todos os interventores federais, que concordaram com o Estado Novo, que ficaram: no Rio Grande do Norte, era o General Dantas; a UDN foi organizada pelos que eram oposicionistas ao Estado Novo...



Apresentador: E o senhor foi um dos precursores ...

Manoel de Medeiros Brito: Não, eu era menino nesse tempo, não participava ainda, mas aqui foram da UDN, Zé Augusto, Dr. Lamartine e Dinarte Mariz. Os outros que eram

do Partido Popular, e que tinham expressão, Dr. Zé Varela, João Câmara, Monsenhor Walfredo, os Motas de Mossoró; enfim, o pessoal de Currais Novos, Dr. Tomaz Salustino, esse povo todo foi para o PSD. João Câmara não concordou em deixar o General falando sozinho, que tinham sido todos do Partido Popular, que se dividiu em dois: PSD e a UDN. Só que o PSD conquistou alguns que tinham sido adeptos do partido de Mário Câmara, em 35, que foram Ubaldo Bezerra e Paulo Câmara, que era irmão dele, de Ceará-Mirim. Bem, nós fomos para UDN, a minha família lá em Jardim, que seguia a UDN e tal, por influência de Dinarte, Dinarte e Aluízio, amicíssimos. Veio a eleição, Dinarte foi candidato ao senado em 45 junto com Zé Ferreira de Souza. Foram eleitos Georgino, que era o interventor, tinha sido interventor, e Zé Ferreira de Souza. Dinarte perdeu a eleição para senador, a UDN só elegeu dois deputados constituintes, Zé de Augusto e Aluízio Alves, os dois únicos. Aluízio, então, foi para o Rio de Janeiro e Dinarte, empresário bem-sucedido, ficou atuando politicamente, gastando muito dinheiro porque ele sempre gastou muito com política, empobreceu gastando na política. Bem, Aluízio Alves casou-se, foi morar no Rio e a mulher teve o primeiro filho, que era Aluízio Alves Filho, e em 48, teve gêmeos, Henrique Eduardo e Ana Catarina. Quem Aluízio convidou para padrinho? Dinarte Mariz de

um deles, de Henrique, e Antônio Martins Fernandes, que era um médico de grande tradição na região oeste do estado, de Ana Catarina. Daí vocês percebam a ligação e afinidade que eles mantinham, e frequentemente se encontravam, almoçavam juntos, Aluízio fazia o que Dinarte queria na política e, enfim, havia uma afinidade fraterna entre eles dois e José Augusto. Bom, em 1950, houve a eleição para a sucessão do estado, e quem ganhou foi Dix-Sept Rosado; Dinarte foi novamente candidato a senador, e perdeu para Kerginaldo Cavalcanti, e ficou sem mandato, e Aluízio foi o candidato mais votado para deputado federal. Aí a UDN fez três, ele, André Fernandes e Dr. Djalma Marinho, que se elegeu a primeira vez federal e não Zé Augusto, Aluízio Alves e André; Djalma ficou como primeiro suplente, não se elegeu desta vez. Bem, foram para o Rio de Janeiro, a capital era no Rio, mas Dinarte, que tinha uma empresa próspera, exportando algodão da melhor qualidade, e tinha outras atividades econômicas também, ele tinha um escritório no Rio de Janeiro, era a exportadora Dinarte Mariz, e passou a residir no Rio. Em 1950, eu estava terminando aqui o Atheneu, fazendo o segundo grau, e Dinarte, coincide que ele me conhecia porque ele passava lá no hotel de meus pais daqui para Caicó, de Caicó para lá, e aí eu estava preparando o sobrinho dele para o exame de admissão na casa de um

cunhado dele, da irmã dele, e aí ele chegou lá para visitar os parentes e disse: “Você, o que está fazendo?” Eu disse: “Dando aula em domicílio” e tal. “Quando termina o Atheneu?” Eu disse: “O ano que entra.” “Quando terminar o Atheneu, você quer fazer o quê?” Eu disse: “Quero fazer o Direito.” “Você me escreva, se você quiser ir para o Rio de Janeiro, eu lhe arranjo um emprego.” Fiquei muito feliz, e quando chegou o tempo, no final de 49, fiz minha carta pra ele, e ele me respondeu no telegrama que ainda hoje tenho guardado: “De Mariz para professor Manoel Brito, pode vir, e abraços, Dinarte”. Bem, aí me preparei para ir ao Rio de Janeiro. Dr. Zé Varela que me distinguiu com sua amizade, me deu a passagem de avião, porque eu não tinha como comprar, e fui embora para o Rio de Janeiro. Cheguei lá, procurei por Dinarte logo, levei o endereço dele, tudo direitinho, endereço do escritório no Rio. Cheguei lá, fui bater lá, quando ele chegou no escritório, me abraçou, muito feliz, “coisa boa, você chegou, seu emprego já está arranjado. Você conhece o deputado Aluízio Alves?”, eu disse, “conheço, sim, senhor.” “Pois você vai trabalhar com ele. Se apresente a ele hoje, que ele está esperando por você, vá na Câmara dos Deputados, às 14h, que ele recebe você lá e acerta com você.” Fiquei fazendo hora por ali, fui almoçar. Perto das 14h, fui para o Palácio de Tiradentes, perto da Praça XV, no Rio, porque

a capital era o Rio, aí cheguei lá, me apresentei, o vigilante disse, “olha, ele só chega às 15h, mas o senhor fica aí; quando ele chegar, o senhor entra.” Ele chegou, me levou lá para o gabinete de Dr. José Augusto, que era o vice-presidente da Câmara na época, e disse: “Olha, você vai trabalhar comigo. Você vai ser meu secretário particular, você fica aqui que vou participar da sessão. Mais tarde, quando terminar a sessão, nós vamos lá para casa que vou lhe passar as tarefas que vou lhe entregar.” Aí, quando foi de noite, saímos para casa dele, que ele morava ao lado do Palácio do Catete, no bairro do Catete no Rio; fui para lá, jantei com ele, e aí ele me explicou e disse: “Vou pagar a você o salário mínimo”, era 1.200 cruzeiros naquele tempo, em 1950, e ele passou a me dizer as tarefas. Me entregou um calhamaço de cartas que ele recebia daqui com os problemas para ele resolver no Rio de Janeiro, “onde precisar da minha interferência, você me avisa, que eu vou para resolver com você.” Assim foi, e eu fazia ponto no escritório de Dinarte, eu fiz vestibular, fui aprovado na faculdade de Direito no Rio de Janeiro, nesse tempo era a UFRJ, e eu comecei meu curso de Direito, e ia todo dia pela manhã, e à tarde, almoçava, e ia cuidar das minhas obrigações conforme o que eu recebia dele, de Aluízio, cartas e telegramas; e lá saía eu descobrindo

carreira, descobrindo caminhos. Assim foi que eu comecei minha vida no Rio de Janeiro.

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador): Vamos a mais uma pergunta, com Caio Rodrigues.

Caio Rodrigues: O senhor citou o Rio de Janeiro, e antes até da gente te entrevistar aqui no programa, o senhor estava contando uma história que teve por lá, história até um pouco curiosa. Como é que era a sua vida política no Rio de Janeiro?

Manoel de Medeiros Brito: No Rio de Janeiro? Olhe, eu me dava com toda bancada federal do Rio Grande do Norte; eu só não convivi com Café porque ele foi eleito vice-presidente na época, e deixou de ser deputado, mas não cheguei a conviver com ele. Mas com toda bancada federal da UDN e do PSD, eu convivia; era Zé Augusto, Aluízio, André Fernandes, Zé Arnauld, genro de João Câmara, Mota Neto, Deoclécio Duarte, e eu convivia com esse povo todo, e Teodorico Bezerra. Em 50, Teodorico Bezerra se elegeu deputado federal, que depois veio a ser meu concunhado: eu casei em 54 com uma cunhada de Teodorico, só que ela era a mais nova da família, e a mulher dele, a mais velha. Então eu tinha acesso a toda bancada da câmara e do senado, do senado era Georgino, Kerginaldo e Zé Ferreira de Souza; em 50, eram esses três senadores, e eu me dava com todos

eles, e o que eles me pediam, eu procurava resolver também, sem custo para eles. Isso me valeu muito, porque eles me prestigiavam, eu passei a ter influência em arranjar recurso aqui para as instituições, foi quando pude ajudar também Dr. Onofre e assim foi, isso me ajudou demais. Graças ao convívio com toda a classe política, sem discriminação, eu sendo da UDN, mas todos eles confiavam em mim, porque a minha preferência política era uma coisa e a minha responsabilidade profissional era outra.

Apresentador: O senhor ainda se considera uma pessoa com valores udenistas, daquela época?

Manoel de Medeiros Brito: Eu não me considero pelo seguinte, e eu posso dizer isso a vocês porque, quando veio a redemocratização, a minha tendência era para o PSD. Eu nem votava, mas torcia para o PSD, influência de Monsenhor Walfredo, com quem eu estudava lá no ginásio, e ele foi para o PSD achando, segundo ele me disse, que era uma deslealdade Zé Augusto e Dinarte deixarem o General Dantas falando sozinho, a mesma coisa que João Câmara disse. Então eu tinha essa tendência para o PSD, mas como minha família em Jardim era toda ligada à UDN, e Dinarte sempre passava lá em casa, no hotel de meus pais, Dr. Rui, irmão dele, fazia refeições lá também, enfim, eu fui compelido a ficar na UDN – constrangido, mas fiquei. Agora, vocês vejam o

rumo dos acontecimentos. O mundo gira, gira e não para nunca. Quando veio, nos anos 1965, precisamente em 1965, a eleição para o governo do estado do Rio Grande do Norte, foi disputado por quem? Monsenhor Walfredo Gurgel e Dinarte Mariz, todo meu pessoal de Jardim do Seridó que me levou para a UDN, todo esse povo apoiou Monsenhor Walfredo Gurgel. Os que se opuseram ao Monsenhor lá em Jardim foram para UDN. Veja como eu estava certo. O tempo se encarregou de mostrar a procedência do meu sentimento.

Alexandre Beethoven: No ano passado, o senhor foi nomeado “cidadão natalense”. Eu queria saber um pouco sobre essa nomeação.

Manoel de Medeiros Brito: Eu fui honrado com essa distinção por parte da Câmara Municipal, iniciativa de um vereador amigo, e quero explicar que sempre tive uma ligação estreita com Natal porque eu exerci jornalismo aqui em Natal, na década de 40. Eu fui redator da imprensa oficial e do jornal “A República”, eu mantinha uma coluna chamada “Educação e Cultura”; eu era professor também, e me liguei muito a Natal. Depois eu ajudei a muitas instituições aqui sediadas, em Natal, a própria universidade do tempo de Dr. Onofre, a Maternidade Januário Cicco, o Instituto de Proteção à Infância. Enfim, muitas organizações sociais a quem eu pude prestar minha colaboração, inclusive a uma

figura que marcou a presença do Rio Grande do Norte no clero brasileiro, Dom Eugênio Sales. Eu fui um grande colaborador de Dom Eugênio Sales, ele tinha muito apreço, não dizia, mas votava comigo quando fui candidato. O voto é um só, mas eu tive duas figuras importantíssimas nesse Estado que me ajudaram na minha eleição, tanto no primeiro mandato quanto no segundo: Dr. Varela Santiago e Dom Eugênio Sales. Então isso me credenciou a receber a estima do povo de Natal, e hoje eu presido duas instituições ligadas a capital, nascidas nesta capital. Uma, que é o Instituto de Proteção à Infância, fundada por Dr. Varela Santiago, meu dileto e fraterno amigo, e o outro, a Liga, de que Dr. Varela Santiago também foi presidente e que mantém hoje a Escola Doméstica, Henrique Castriciano e o ONI, o Centro Universitário do Rio Grande do Norte.

BLOCO 3

Aldo Henrique: O senhor falou de muitas histórias, e o senhor estava lançando um livro agora, *Tempos Marcantes*. Quando esse livro vai ser lançado e o que esse livro vai trazer para a história do Rio Grande do Norte?

Manoel de Medeiros Brito: Eu pretendia lançar no dia 6 de julho quando eu completarei, se Deus permitir, 90 anos,

mas houve um acidente de percurso, porque o meu assessor, que estava colaborando comigo na revisão, teve um problema de saúde e se ausentou, e atrapalhou um pouco, e aí não vai dar para lançar no meu aniversário. Mas espero lançar até o fim do ano; se Deus quiser, eu terei o prazer de lançar este livro que eu acredito que ajude a quem pretender conhecer a história do Rio Grande do Norte de 24 para cá.

Concita Alves: O senhor sempre foi envolvido com a política. Como o senhor avalia o atual quadro da política nacional no período em que estamos vivendo?

Manoel de Medeiros Brito: Com preocupação. Eu nunca vi, apesar de muito moço quando eu comecei a entender as coisas, porque eu comecei a participar e a ter percepção das coisas a partir de 45, que até então não havia eleição, não havia o que se comentar. Mas a partir de 45, quando eu passei a acompanhar os acontecimentos políticos do estado e do país, eu sempre apreciei, sempre gostei e sempre procurei atualizar-me do que acontecia, não só do nosso Estado como do país. Confesso aos senhores que me ouvem com sua atenção: eu nunca vi uma situação tão difícil como a que nós estamos atravessando, muito difícil. Nós não temos, por exemplo, nenhum nome que esteja impressionando ou cativando o eleitorado nacional, ninguém sabe qual o melhor candidato, os candidatos que estão aparecendo até agora

não sensibilizaram a opinião pública, o que me consta, é o que estou sentindo. Agora, deve ter jeito, Deus é grande e há de iluminar a mente do povo brasileiro, que faça uma escolha feliz e que interrompa esse período de turbulência que estamos vivendo há mais de dez anos.

Apresentador: A gente também vivencia um momento até de ruptura com relação à investigação de políticos envolvidos com casos de corrupção. Como o senhor tem avaliado esse cenário recente da Lava Jato?

Manoel de Medeiros Brito: Como eu disse a vocês, aos que me ouvem, me acompanham, eu sempre acompanhei a política nacional desde que me entendi de gente. Eu nunca ouvi falar em propina, nem favorecimento ilícito de nenhum governo que eu acompanhei, nenhum até agora, até esses escândalos que estão sendo registrados, de dez anos para cá. Até então, nada, nem Juscelino, Juscelino construiu Brasília, Juscelino fez acontecer o 55 [“50 anos em 5”], nada, os que o sucederem também nunca ouvi falar em nenhuma negociação deles. Lamentavelmente houve essa degringolada do comportamento dos gestores nacionais, e não sei se chegaram até aqui o estado.

Aracely Xavier: O senhor já foi Secretário de Segurança Pública aqui do estado, e como o senhor avalia a nossa situação hoje?

Manoel de Medeiros Brito: Muita preocupação. O tempo em que fui secretário, já são decorridos 22 anos, era outro, evidentemente. Mas havia o respeito à autoridade que garantia a segurança, nós tínhamos; lamento até dizer isso agora porque, infelizmente, o quadro dele é muito preocupante, mas nós tínhamos, eu, como Secretário de Segurança, tive um grande auxiliar, que se chamava Maurílio Pinto de Medeiros. Maurílio tinha um contingente de 60 delegados concursados como ele, também, e que se dedicavam diuturnamente ao exercício da missão que lhes eram confiada. Todos eles, e nós atravessamos um período de muita tranquilidade, porque havia a identidade entre a polícia civil e a polícia militar; todos dois se emaranhavam com um só objetivo, que era garantir a segurança do cidadão do Rio Grande do Norte. Felizmente, as tentativas para tentar acometer essa trajetória foram todas fracassadas, nós todos demos boa conta. Ainda hoje quando encontro na rua: “Quando é que você volta para secretaria?” “Minha gente, meu tempo passou, eu tinha 60 nesse tempo, hoje eu tenho 90 anos, não posso mais pensar nisso”. Mais uma prova de que havia respeito com a autoridade, e outra coisa: os governadores prestigiavam

com recursos o desempenho da autoridade policial. O policial, ele tinha autoridade, tinha respeito e tinha energia. Vou só contar um episódio aqui para vocês. Na época do segundo governo de Zé Agripino, eu era Secretário Interior de Justiça e Segurança, então, além da segurança, eu tinha responsabilidade de administrar o sistema penitenciário, que era, nem sei se existe hoje, parece que botaram abaixo, a penitenciária João Chaves, a gente tinha lá cerca de 300 internos a quem eu chamava de hóspedes, nunca chamava “preso”. “Vocês são hóspedes do Governo do estado” e eles todos tinham suas profissões, eu prestigiava o trabalho deles, dava-lhes um tratamento digno, comida boa, não faltava nada para eles, médico, dentista, enfim, havia um tratamento privilegiado para esse povo. Eles próprios faziam a comida deles, tudo isso favorecia a convivência, e esse povo nunca saiu de lá para fazer mal a ninguém. Quer dizer, foi uma prática que eu adotei, e que deu certo, porque eu contei com o respaldo do governador do estado, e de quem me servia. E eu quero aproveitar para render a minha homenagem a Maurílio, que foi um dos grandes auxiliares que eu tive durante a minha gestão.

Caio Rodrigues: O senhor hoje é presidente da Liga de Ensino aqui do estado; como se deu a chegada para esse cargo?

Manoel de Medeiros Brito: Olhe, eu já disse aqui anteriormente que fui muito ligado a Dr. Varela Santiago; morreu, já faz mais de anos que ele faleceu, mas eu tinha muita ligação com ele. Então, por coincidência, eu o sucedo hoje na presidência do Instituto de Proteção à Infância na presença da Liga de Ensino. Eu fui para a Liga de Ensino, em 1985, como membro do seu Conselho Diretor da Liga de Ensino, que, nessa época, só mantinha a Escola Doméstica, e estava programando o Henrique Castriciano; não existia a FARN, a faculdade inicial que veio em 98. Em 99, eu já era membro do Conselho de Diretor da Liga de Ensino, e fui eleito presidente dela, sucedendo o Dr. Ozorio Bezerra Dantas, que foi acometido de uma enfermidade e renunciou, e eu assumi. De lá para cá, fui reeleito; todas as vezes que acabava o meu mandato, eu era reeleito pelos membros do Conselho Diretor, e foi assim que eu cheguei lá. Nunca procurei, fui procurado, sempre procurei fazer o esforço que devo para retribuir a confiança em que fui distinguido pela instituição.

Apresentador: A sua relação com o Hospital Infantil Varela Santiago, como se deu, e como está a situação hoje?

Manoel de Medeiros Brito: Como eu disse, fui muito ligado a Dr. Varela e o ajudei muito, porque fui deputado, votado por ele, arranjei recurso para o Instituto de Proteção

à Infância – tenho que fazer o registro aqui, importante, que muita gente não sabe. Aquilo ali era um ambulatório, só tinha aquela torre, e Dr. Varela, desde 1925, ele criou aquilo ali e atendia ambulatorialmente problemas de saúde, de dente, essas coisas era lá. Quando veio em 65, o governador era Aluízio Alves, que tinha muita ligação com ele também, chamou e disse: “Dr Varela, vamos transformar isso aqui em um hospital infantil.” Seu Aluízio, “não tem condição para isso.” “Por que, Dr. Varela?” “Porque isso aqui é só um espaço, não cabe.” “Dr. Varela, a gente compra as casas vizinhas.” “Mas eu não tenho dinheiro.” “Eu dou o dinheiro, o estado dá o dinheiro para comprar essa casas e para botar abaixo e construir, eu dou dinheiro também, o estado contribui, e, para equipar, eu arranjo com os empresários paulistas, e para manter, eu faço o convênio de quem vier depois de mim fica obrigado a cumprir.” Assim foi que Aluízio inaugurou o hospital infantil, a que deu o nome dele em 1965. Eu participei de tudo isso porque era auxiliar de Aluízio na época, era secretário sem pasta, desatador de nós.

Alexandre Beethoven: O senhor é presidente da Liga de Ensino aqui do estado, e eu queria saber sua perspectiva com relação à educação nos dias atuais, com esses cortes que estão ocorrendo.

Manoel de Medeiros Brito: Atendendo a sua indagação, meu caro amigo, eu quero explicar que a Liga de Ensino é uma instituição privada fundada em 1911 por Henrique Castriciano, mas que não tem finalidade educativa. Qual é a finalidade dessa instituição? Oferecer um ensino de qualidade, não só no ensino infantil, médico, como no ensino superior; para isso foi criada a antiga FARN, hoje Centro Universitário, e o objetivo principal é o primor do ensino, é a qualidade do ensino, porque, sem isso, a instituição não se credencia, não se desenvolve, não progride e não atinge seu objetivo. O lucro não é o objetivo principal, porque aquilo ali não tem dono, é uma instituição edificada sob os auspícios do governo do estado, desde sua fundação em 1911. O governador da época foi quem propiciou isso. Tudo aquilo ali foi dado pelo Governo do estado e, se um dia, vier a ser extinta, o patrimônio vai todo para o governo do estado. Agora, não pode ter prejuízo, mas ajuda as pessoas que não podem pagar e estimula, e até hoje, graças a Deus, tem tido um resultado satisfatório, e a sua qualificação no Ministério da Educação é sempre a melhor possível.

Aldo Henrique: O senhor falou que foi secretário sem pasta, desatador de nós no governo de Aluísio. Qual foi o maior nó que o senhor desatou naquela época?

Manoel de Medeiros Brito: Foram alguns, mas outros deram mais trabalho, fica difícil assim, embora eu tenha uma boa memória, mas eu acho que o nó mais difícil de desatar foi a candidatura de Raimundo Soares para o governo do estado. Quando se aproximou o fim do governo de Aluízio, a sucessão dele, tratou-se de arranjar um candidato e não se tinha, aí lembraram do nome de Raimundo Soares, e eu me entusiasmei porque Raimundo, da mocidade dele, tinha sido promotor em Jardim do Seridó, na minha terra, e ele, na época, era prefeito de Mossoró. Raimundo foi hóspede lá de casa, convivia lá em casa, sempre gostei muito dele, e me entusiasmei em favor da campanha de Raimundo; só que Raimundo achou de ouvir os que o elegeram para a Prefeitura de Mossoró, e eles não concordaram. Vilson e Ivan foram totalmente contrários à candidatura dele, ele condicionou à aceitação desse povo, e Dinarte, a quem ele ouviu, Dinarte disse a ele: “Olhe, o homem público precisa ter discernimento para escolher a melhor solução.” Não disse nem sim, nem não. Então, Raimundo, diante da manifestação radicalmente contrária de quem o tinha elegido prefeito de Mossoró, chamou Aluízio e disse que não podia aceitar. Foi o nó mais difícil de se desatar foi esse, e não se desatou, satisfeito?

Apresentador: Manoel, eu fiz uma questão aqui inclusive para Diógenes da Cunha Lima, que completou 80 anos, sobre qual seria o segredo da sua juventude. No seu caso, qual foi o segredo da sua juventude?

Manoel de Medeiros Brito: Eu sou muito disciplinado, já tenho quase 90 anos e sigo à risca o que meus médicos prescrevem. Sempre gostei muito de beber cachaça, fumei charuto muito tempo, sempre gostei muito de fumar charuto, sempre gostei muito de dançar, de passear, de me divertir, nunca fui [tive] soberba. Mas o meu segredo é o seguinte: eu sou muito disciplinado, obedeço ao meu médico, sigo à risca. O que eu gosto hoje mesmo é: gosto muito de beber cachaça, todo dia tomo, bebo um aperitivo para o almoço; se o médico proibir, não tem problema nenhum. Eu sou muito disciplinado e submisso. Em primeiro lugar está minha saúde, e Deus tem me concedido essa graça de viver com longevidade; e eu tenho que procurar corresponder ao que meu médico recomenda.

CONSIDERAÇÕES

Manoel de Medeiros Brito: Eu agradeço a acolhida generosa que fui distinguido por vocês e por todos os participantes aqui, que me deram a honra de fazer as indagações, e aos funcionários também.

Capítulo 15

Entrevista com César Ferrario

PROGRAMA 13



Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Alexandre Carvalho (Jornalismo)
Ana Carla Dantas (Jornalismo)
Endy Mahara (Jornalismo)
Felipe Matheus (Jornalismo)
Letícia França (Jornalismo).

Entrevistado

César Ferrario
Jornalista, publicitário, professor e ator

Apresentação em off

César Ferrario Leite Neto é natural de Mossoró.
Mudou-se para Natal ainda na adolescência e formou-se

em Jornalismo e Publicidade pela Universidade Potiguar, onde também foi professor. Foi sócio da agência digital Max Meio, mas deixou para se dedicar à carreira de ator. Iniciou nos palcos com o grupo de teatro Clowns de Shakespeare. Na TV, estreou na novela *Cheias de Charme* e participou da minissérie *O Rebu*, ambas da Rede Globo, mas teve maior destaque com o personagem Rato da novela *O Outro Lado do Paraíso*, também da Rede Globo. Atualmente, dirige o espetáculo *Meu Seridó*, da Companhia Casa de Zoé.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos falar um pouco do início da sua trajetória enquanto ator. De onde surgiu uma motivação especial, em que você teve uma iluminação, “é com isso que eu quero trabalhar, com isso que quero atuar para o resto da minha vida”?

César Ferrario: Tudo começou há muito tempo, assim, e dentro de uma relação muito descontraída. A gente fazia o segundo grau junto com outros colegas daqui de Natal, e, provocados pelo professor de Literatura, a gente resolveu montar um espetáculo que falava das escolas literárias. Já no ano seguinte, ele fez um desafio maior, que a gente encenasse o *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare, e daí essa

brincadeira foi encorpando, e eu e os colegas fomos criando gosto, e em um determinado instante, foi fundado o Clowns de Shakespeare, acho que tinha ali 18, 19 anos, para nunca mais parar. No entanto, essa relação de ofício, de “fazer com a arte”, isso só foi se organizando depois de muitos acidentes e percalços. Eu diria que se passou uns dez anos até que essa brincadeira, que se deu de forma ininterrupta, se deu até os dias de hoje, mas demorou uns dez anos para que eu viesse adquirir a consciência de ofício e efetivar essa escolha de vida.

Endy Mahara: Como se deu a sua mudança aqui para a capital? E é verdade que você saiu de Mossoró por causa do calor?

César Ferrario: Não, não é verdade. É fato que eu prefero um friozinho e que o calor me incomoda muito, mas não chegou a ser esse o motivo. Como todo interiorano de classe média, ou quando o pai tem alguma possibilidade de chutar o filho para capital – hoje isso está mudado, né, as universidades foram interiorizadas, enfim, existem os IFs aí Brasil afora. Mas, no meu tempo, já digo assim no meu tempo, se você quisesse ter um pouco mais de chance ou de oportunidade na vida, você tinha que migrar para a capital, e quando eu fiz ali 15, 14 anos, meu pai já começou a dizer, “vamos, vamos juntar as coisas, vamos lutar pela vida”, e

eu, até com uma certa felicidade, cumpri o desafio e vim embora para cá. Tinha uma tia, que é ainda professora aqui da universidade, está se aposentando, ela me acolheu; vim morar no apartamento dela, e aí, enfim, começou todo o processo de residência aqui em Natal.

Felipe Matheus: Você é formado em Publicidade, inclusive você foi sócio de uma agência digital. Como surgiu esse interesse? Você sempre quis ser ator?

César Ferrario: Eu acho que são coisas distintas: eu querer ser ator e meu caminho lá na publicidade. Como eu falei, a relação com a atuação veio antes de eu ingressar em um curso superior, desde o colégio, daí chegou a hora de escolher uma profissão, eu tinha um verdadeiro encantamento pela criação publicitária. Na época, tinha uma universidade particular, que era a única que oferecia o curso, consegui ingressar, concluí, depois de concluir, dei aula sete anos nessa mesma universidade. Em paralelo, abri uma agência de comunicação digital. Durante o curso, eu participei de um evento de comunicação em Fortaleza, e tinha uma editora do Caderno de Informática do “O Globo”, se ela não tá aí hoje até pouco tempo, ela é editora ainda deste caderno, e chegando lá em Fortaleza, ela começou a discorrer sobre a internet, o que era, e o processo de abertura que aconteceria dentro de dois meses. Até então, era restrito ao meio acadêmico,

ela falava justamente que todo aquele conjunto de recursos que ela explanava, seria disponibilizada a comercialização de uma maneira geral, seria aberto ao mundo civil. Aquilo me encantou muito, eu tava na metade do curso; desde então passei a me interessar pela internet. Dois meses depois, saiu em várias capas de revistas, saiu um conjunto de matérias, e a internet pôde ser adquirida através de você podia assinar pacotes através de acessos discados. Com isso, veio o desenvolvimento de *home page* e outras coisas mais, e eu peguei todo esse processo desde a sua fundação, assim; pode dizer que cheguei a desenhar *sites* das principais empresas aqui da cidade e do estado nesse período. Mas, assim, passou um certo tempo, começou a vir um desencanto com a profissão, principalmente, com todo respeito aos meus colegas que até hoje permanecem lutando de uma forma muito digna pelo seu ofício, vocês são de Comunicação e sabem que o mercado é uma guerra, que exige muito dos profissionais. Mas sobretudo pelo interesse de uma relação estritamente comercial que havia na profissão, e em paralelo, o teatro, enquanto um ofício artístico, me abriu uma série de outras perspectivas, enquanto meu papel social, volto a dizer, são escolhas. Mas no período, o caminho teatral me pareceu bem mais interessante do ponto de vista existencial até, ainda que bem mais desfavorável do ponto de vista remunerativo,

financeiro. Eu estou contando assim, apesar de estar falando muito, muito tempo de vida se passou durante esse processo inteiro; me formei, fundei essa agência, Max Meio está aí até hoje, meu colega Flávio Sales Leandro ainda continua a tocar a agência, até hoje, com seus funcionários. Então, me formei, abri a agência, passei a dar aula, e, nesse meio-tempo, o desencantamento e o encantamento pelo teatro, e a gente montou o espetáculo *Sonho de uma Noite de Verão*. Esse espetáculo teve uma grande circulação Brasil afora, foi selecionado para o palco giratório do Sesc, isso nos ocuparia durante um ano inteiro, e o gargalo se fez. Uma escolha necessitou ser feita; falei com meu coordenador, falei com meu sócio, ambos achavam que eu estava completamente louco, assim como a minha família também [achou], mas isso não era bem verdade – existia todo um planejamento, uma projeção por trás de tudo junto com o meu grupo de teatro. Uma projeção e um planejamento, inclusive financeiro, de autossustento, e eu, juntamente com meus colegas, olhamos um para a cara dos outros e entendemos que ali era uma hora de decisão, e, para felicidade minha, todos optaram por dar prosseguimento ao projeto do grupo e optar por esse caminho. Então saímos das nossas atividades paralelas e, desde então, isso foi por volta de 2006, eu tenho conseguido sobreviver me dedicando apenas ao meu trabalho de ator.

Apresentador: Você é natural de Mossoró, e ela é conhecida como a “capital cultural do Rio Grande do Norte”, justamente porque ela tem uma cena cultural muito forte, especialmente nas artes cênicas, no teatro. Pelo seu entendimento, você que veio de lá, a que se deve essa identidade que é atribuída a Mossoró, que é conhecida realmente como “onde respira cultura”?



César Ferrario: Eu acho que, eu não tenho dados, vamos dizer assim, aferidos para poder afirmar; acho que qualquer coisa que eu falasse aqui seria muito no campo da opinião. Mas eu sou mossoroense e tenho muito orgulho disso, mas reconheço que o mossoroense é um ser muito ufanista, ele

tem um orgulho muito grande, tanto é que chama “o país de Mossoró”; e suas produções teatrais e culturais, pelo menos no âmbito oficial, é dos autos que se produz, elas sempre se voltam para uma autovalorização. Eu acho que isso tem um aspecto não tão interessante, mas, por outro lado, esse transbordamento nessa relação espetacular, eu acho que é uma dessas consequências favoráveis e, talvez, não sei, causa desinteresse pelas artes. Mas é só um “achismo”, não saberia dizer. Mas constantemente vou lá, tenho uma relação com alguns grupos de lá, Companhia Pão Doce, Grupo Máscara, João Marcelino, daqui, que sempre dirigiu o Chuva de Bala, o Marcos Leonardo está dirigindo este ano, são amigos, parceiros. Então, por um motivo ou por outro, eu sempre tenho regressado e acompanhado a produção artística cultural da cidade.

Ana Carlos Dantas: Além das suas aulas de Literatura que você teve na adolescência, teve alguma outra inspiração para você seguir na carreira de ator?

César Ferrario: Eu acho, assim, que sem apontar o ponto objetivo, eu acho que sempre fui muito brincalhão, eu sempre fui muito dado ao jogo, às brincadeiras, sobretudo essas que nos impelem à condição de jogo. Não que isso seja o suficiente; acho que o teatro, ele às vezes tem isso, as pessoas dizem, “ah, meu filho é dado ao teatro, porque ele é muito

descontraído, é muito inteligente”. Tudo bem, acho que isso é um bom pré-requisito, mas daí até você passar para um processo de formação para atuação, existe uma série de outros aspectos para a gente dar conta. Mas eu não tenho dúvida, acho que esse interesse pela brincadeira e pelo jogo desde sempre, desde a minha rua de infância, eu acho que está a causa maior da minha escolha pelo teatro.

Apresentador: O grupo Clowns de Shakespeare tem uma importância muito grande na sua carreira, na sua trajetória. Os nossos alunos produziram um VT, vamos dar uma olhada e depois a gente comenta. (roda VT)

Apresentador: Vamos falar um pouco sobre sua trajetória daí e o que representa para você, o grupo.

César Ferrario: O Clowns representou, para mim, todo espaço informativo, pelo menos o que aconteceu de mais substancial nesse sentido. Clowns, inicialmente como uma brincadeira, como eu falei, mas não só, acabou sendo a maior escola que eu tive, tanto pela relação prática com a coisa em si, com o objeto, mas principalmente pela quantidade magnífica de grandes profissionais que o grupo possibilitou que eu me deparasse, diretores, como é o caso desse espetáculo que vocês viram aí. *Sua Excelência Ricardo Terceiro*, que é dirigido por Gabriel Vilela – Gabriel Vilela hoje é, de forma

inconteste, um dos maiores diretores de teatro da atualidade, não só no Brasil, mas de outros países, assim, sendo responsável por produções absolutamente contundentes do teatro brasileiro como também na música; Maria Bethânia, Elba Ramalho, Milton Nascimento, muitos dos grandes *shows* desses cantores foram dirigidos por Gabriel Vilela. Essas relações, ainda que práticas, elas acabam sendo absurdamente informativas; essas pessoas concluem o trabalho, vão embora, o espetáculo fica, e junto com o espetáculo, todo conhecimento adquirido nesse processo. Então o Clowns está fazendo 25 anos agora em novembro, estou desde a sua fundação, é a minha casa, a minha escola, e durante muito tempo representou meu trabalho.

Alexandre Carvalho: Eu sou um pouquinho mais velho; a primeira vez que eu tive contato com o seu trabalho foi com *A Megera DoNada*, uma adaptação da peça de Shakespeare *A Megera Domada*, que você fez muito bem o papel de Petrúquio. Logo em seguida foi a novela *O Cravo e a Rosa*, foi também baseado na mesma obra. O trabalho do Clowns é meio mambembe; eu queria que você contasse para gente como é, para as pessoas que não conhecem, se é que existe alguém que não conheça os Clowns de Shakespeare, mas como se dá o trabalho de vocês?

César Ferrario: Eu acho que o trabalho do Clowns, não que exista nenhum problema a gente identificar uma linguagem mais específica para o Clowns, mas eu acho que isso rapidamente nos levaria a algumas dificuldades se a gente for observar toda a sua história, dada a diversidade de linguagens e resultados estéticos que ele teve ao longo de suas montagens. Acho que a melhor forma de resolver essa questão, a partir da necessidade de nominar, é dizer que o Clowns mantém um teatro de pesquisa, ele é muito assíduo nessa relação da pesquisa que envolve cada produção. Cada trabalho acaba sendo de forma livre, um resultado desse processo de pesquisa; nesse sentido, eu posso dizer que, durante, talvez, começa com *A Megera* que você cita e viu, mas principalmente por *Muito Barulho por Quase Nada* até esse espetáculo que a gente acabou de assistir, o *Ricardo Terceiro*. O grupo adotou uma linguagem muito popular dentro de uma estética que invocava até mesmo o “barraco”, e é uma linguagem que, por natureza, ela tem muita aceitação e livre trânsito nas ruas, nas praças, e uma linguagem que, particularmente, ela me agrada muito. Eu sou um grande entusiasta dessa relação mambembe, da busca pela praça, pelo público que é livre transeunte; acho que a gente tem uma relação absolutamente democrática nessa condição de apreciação. Quem quiser, fica, quem quiser, vai, quem quiser,

aplaude, quem quiser, vaia, e a obrigação e a necessidade do artista de, a cada palavra, a cada fala, conquistar o êxito da obra que ele apresenta. Mas eu acho que isso não encerra o projeto Clowns de Shakespeare; depois disso, o próprio *Abraço*, que foi um espetáculo infantil, sem articulação do verbo oral, que falava dos regimes de exceção voltado ao público infantil. Então a coisa já adquire uma personalidade bem distinta, e já vai em busca de uma estética própria, sem obrigatoriamente se prender ao passado do grupo. Depois disso, a gente monta também *Nuestra Senhora de Las Nuvens*, *Dois amores e um bicho*, que é uma linguagem, que é um texto de um venezuelano chamado Gustavo Ott, e o resultado foi uma linguagem absurdamente contemporânea, negando também tudo que se fez até então. Então eu acho que o grupo não se prende muito a um rótulo estético, assim, ele é muito aberto aos processos de pesquisa e deixa flutuar o resultado de cada trabalho a partir do que o próprio processo nos revela ou tem a nos oferecer.

Alexandre Carvalho: Pegando o gancho de Clowns de Shakespeare, o grupo tem uma importância, para mim, muito importante para a cidade Natal, porque eu fui testemunha da luta de vocês pela Casa da Ribeira; vocês deram literalmente suor por aquilo ali e hoje ficou o legado da Casa para a cidade. Eu queria saber, se você voltasse um pouquinho

no tempo, e contasse para esse pessoal mais jovem como foi a luta de vocês para construir a Casa da Ribeira.

César Ferrario: É justo eu dizer que não fiz parte de todo o processo da Casa da Ribeira, a não ser do seu inicio, da escolha da casa, de começar a levantar as paredes; depois disso, eu acabei me afastando, e eu explico de uma forma até mais completa do que diz respeito ao processo histórico da Casa. A Casa da Ribeira, ela foi, como você disse, e a meu ver também, um grande feito do grupo, ou de grande parte dos integrantes do grupo. Tudo começa por uma necessidade da gente fazer temporadas dos espetáculos. Entendendo que uma temporada de um espetáculo é onde a gente encontra o espaço de aprimoramento e de apuramento também da obra em si, você poder ficar em temporada de quinta a domingo, durante dois, três, quatro meses, é onde o espetáculo vem a adquirir seu tônus e a conquistar, assim, todos os seus espaços possíveis, enquanto qualidade. Natal não tinha espaços para temporadas; nem o Alberto Maranhão nem o Sandoval Vanderlei permitia esse beneficio às produções, porque, você conseguir um ou dois dias de pauta devido a uma cidade inteira que precisava daqueles espaços, no final de semana seguinte ou no dia seguinte, outro espetáculo já deveria ocupar a ferramenta teatral. Daí a gente começou a buscar alternativas e descobrimos, não

sei se foi lá que você viu *A Megera*, o B52, que era ao lado do Blackout, na Ribeira, e a gente viu que, embora aquele espaço fosse absurdamente rústico e desprovido de recursos técnicos, ele permitiria que a gente pudesse executar essas temporadas. A gente abriria mão do conforto, dos recursos de iluminação, do ar-condicionado e tal, em detrimento da possibilidade da temporada, e a gente fez uma temporada da *Megera*, lá no B52, era época que eles tinham restaurado a Ribeira, ou pelo menos pintado as fachadas. Existia uma certa efusividade lá no bairro e deu muito certo aquilo ali. Foi quando o grupo se tornou conhecido na cidade, teve uma penetração muito grande entre o público mais jovem que ia para a Ribeira, assistia o Clowns e já ficava lá para a balada depois. Aquilo se incorporou, aquela boêmia que existia no período 97, 98, e da temporada no B52, era certeza que a gente precisaria, e que seria possível a gente fundar um espaço próprio. Foi quando veio a ideia da Casa da Ribeira, na rua de trás, na Frei Miguelinho, começou a erguer o espaço. Logo depois de concluído e estreado, acho importante dizer, a Casa da Ribeira, dada sua importância para cidade e a grande procura, ela nos roubou muito da produção artística, o grupo, ele para durante quase cinco anos a sua produção porque todo o seu corpo humano foi completamente absorvido pela necessidade produtiva da casa

e pelos custos que ela demandava, necessidade de manter ela em pé, funcionando, de forma ativa. Isso, já explicando o que apontei no início, não participei do processo de forma total, o grupo começou naturalmente a se organizar. Aqueles que tinham mais interesse pela produção cultural e pela gestão do espaço foram migrando para a Casa da Ribeira; aqueles que tinham uma necessidade maior do ofício, do trabalho artístico e da produção teatral foram caminhando para o Clowns de Shakespeare. Os integrantes foram gradualmente, pontualmente se separando; lembro até que Renata Cais ficou muito tempo conseguindo equilibrar as duas coisas até que, em determinado período, a escolha precisou ser feita e ela acabou vindo para o Clowns de Shakespeare. Dentro de um determinado período, o Clown caminhou com suas próprias pernas, e a Casa também caminhou com suas próprias pernas, dentro de uma relação afetiva, uma relação socialmente a partir do processo histórico, mas, por uma necessidade prática, o grupo seguiu fazendo teatro, e a Casa que hoje está lá, muito bem gerida por Henrique Fontes, Edson, enfim, Ana Cláudia continua firme e belamente na sua luta.

BLOCO 2

Letícia França: Ao contrário do que se pensa, a vida artística não é nada fácil, o ingresso, o reconhecimento e

até a remuneração são aspectos difíceis. Então, para você, ao longo dessa sua caminhada, quais foram os momentos mais difíceis a partir do momento em que você decidiu ser ator?

César Ferrario: Eu acho que todos, porque eu acho que escolha pelo ofício, ela é uma decisão que precisa ser revalidada todos os dias. Não existe uma classe produtiva, principalmente na nossa cidade, no nosso Estado, relacionado ao teatro ou às artes cênicas que você pode se enquadrar ou ser contratado por ela. Não é assim como se eu fosse um advogado que existe um mercado que me absorverá, ou um médico, engenheiro, assistente social ou qualquer outra profissão recorrente. Então, o trabalho do ator aqui, na nossa cidade, ele precisa ser inventado; a gente precisa inventar as condições para que a gente possa trabalhar, a gente precisa ir atrás de editais, precisa ir atrás de leis de incentivo, precisa de ir atrás de construir as próprias estruturas produtivas para que, a partir delas, a gente tenha condição de realizar o nosso ofício. Então, dizer que eu sou exclusivamente ator, que eu acordo de manhã, atuo e volto pra casa, esse é um luxo que, para a gente, ainda não é possível, e a gente sabe que você levantar recursos para subsidiar uma produção cultural e, ainda assim, no caso teatral, e ainda assim viabilizar sua subsistência, dar conta de suas necessidades mínimas de sobrevivência – é uma tarefa que precisa ser reafirmada com

bastante vigor a cada dia. Mais do que isso, você tem que estar na profissão atual já antecipando ou já armando a produção seguinte para que a gente não venha a ter interrupções e, com isso, gerar espaços de trabalho, entre uma produção e outra, que seja desfavorável pra gente. Então, não sei se eu respondo, mas é isso, acho que a gente precisa reafirmar todos os dias a escolha.

Apresentador: Você chegou, a partir de 2012, para gravar a primeira telenovela na Rede Globo de Televisão. Como é que se deu esse convite e quais foram os desafios para chegar até uma grande mídia, de grande alcance como a Rede Globo?

César Ferrario: Eu diria que elas foram, pelo menos da minha parte, que bastante casuais. Esse espetáculo que a gente viu algumas imagens que é o *Ricardo Terceiro*, ele foi um espetáculo que teve muita projeção nacional e internacional na sua época, e o *Ricardo Terceiro* acaba com... a genialidade de Gabriel Vilela acaba sendo muito responsável por esse processo. Primeiro que a gente foi convidado para fazer a abertura do Festival Internacional de Curitiba que, acho que hoje em proporções financeiras, é o maior festival de teatro que existe no Brasil. A abertura desse festival é um grande local de exposição e a gente fez essa apresentação lá. Logo em seguida, eu recebi um contato de um colega, que até hoje eu converso sempre que tenho a oportunidade, chamado

Lauro Macedo, ele se apresentou por *e-mail* falando que era um responsável pelo setor na Rede Globo, de levantamento de elenco e tal, de realização de cadastro. Tinha assistido o espetáculo e perguntado quando é que eu poderia ir lá fazer um cadastro; esse cadastro não se vinculava a nenhuma produção obrigatoriamente, era um cadastro que fica lá para que os produtores de elenco possam observar. Eu disse que não morava no Rio e não tinha como pagar uma passagem pra fazer um cadastro na emissora. Ele disse, “tá bom, mas fique atento, quando estiver por aqui, me avise” e eu disse, “tá bom”. Eu acho que Lauro deve ter algum programa lá, lembrando ele, mas era de uma regularidade incrível, assim, mais ou menos de três em três meses ele lembrava, e a coisa de um ano depois, no Rio Cena Contemporânea, festival de teatro muito importante também que havia no Rio de Janeiro, na época, nos convidou. Ele disse, “ótimo”, me mandou um texto, fui gravar; na ocasião também ele perguntou por Titina, Marco e Renata, se eles estariam, e fomos os quatro fazer esse cadastro, e quando a gente terminou de fazer, ele disse: “Olha, existe um produtora chamada Bruna Bueno, que viu você em Curitiba, ela está justamente armando o elenco de uma novela agora”, que no caso era *Cheias de Charme*; “vamos lá na sala dela.” Levou a gente para conhecer a emissora, na sala de Bruna Bueno, que disse nos ter assistido,

ficou encantada com o espetáculo. Viemos embora, passado alguns dias, ela contactou pedindo para que Titina fizesse um papel da “Socorro” e que eu fizesse uma participação de um caminhoneiro chamado “Monvar”. A partir daí, foi uma sequência do trabalho inicial, um produtor de elenco foi vendido, passando para outro, e de lá para cá eu já tive a oportunidade de fazer alguns trabalhos lá.

(roda VT)

Alexandre Carvalho: Como aqui demora para fazer o rodízio, vou aproveitar e fazer logo duas perguntas porque não sei quando vai voltar. Primeira, eu queria saber se houve, por parte da sua família, ou por parte dos seus amigos, algum tipo de preconceito quando você decidiu, de fato, seguir carreira artística. Segundo, há pouco tempo você estava falando com relação às dificuldades financeiras, de se manter no teatro etc. Depois de ter ido para a Globo, acho que o cachê aumentou um pouquinho, já dá para viver?

César Ferrario: Vou começar de trás para frente, eu acho que já dava antes, até porque a escolha pelo ofício é muito incondicional. A gente primeiro decide que vai ser ator, depois que a gente vê como resolve a questão em si. Eu lembro que, quando eu decidi, o grupo tinha uma sede alugada ali em cima de uma loja na Ribeira, acho que na

praça Augusto Severo, um muquifo. Eu disse, “gente, eu tenho o fogão e geladeira, na pior das hipóteses, eu venho morar aqui na sede, e não é possível que eu não consiga comprar um feijão e um gás durante o mês”. Então, assim, não chegou a ser necessário; na época eu vendi meu carro, comprei uma bicicleta, uma bicicleta até legal, e pronto, “aqui eu me viro”, então eu estava pronto para qualquer circunstância. Não havia desvio da decisão, e isso foi muito importante para que eu não precisasse chegar a tanto assim, não precisei morar na sede e tal. Mas se precisasse, isso aconteceria, então eu já vivia desde antes assim, agora, é claro que a emissora tem uma condição de trabalho bastante favorável. Ela arca com todos os custos de deslocamento, de moradia, enfim, é uma condição muito privilegiada que uma estrutura dessa lhe oferece enquanto ofício do ator. Minha família nunca ofereceu nenhum tipo de empecilho, nenhum tipo de resistência; ela sempre me apoiou no que foi necessário, isso, para mim, ficou muito claro. Agora, quando a gente fala de preconceito, é importante de dizer isso porque existem vários tipos de preconceitos. O preconceito não se traduz obrigatoriamente naquele que diz: “você não vai fazer isso, você não deve fazer isso”. Mas assim, do tipo, eu tenho outros irmãos que seguiram profissões mais tradicionais, vamos dizer assim, e eu notava que entre todo afeto e todo

amor que minha família sempre me deu, e de todo apoio, eu percebia que eles olhavam para mim e olhava: “esse daí não deu muito futuro na vida, escolheu um caminho meio rebelde o bichinho, é isso mesmo, a gente gosta dele”. Então não vou negar que isso aconteceu, e da minha lucidez, eu soube lidar tranquilamente com isso e reconhecer dentro do pensamento deles. Vou dar um exemplo aqui para vocês. Quando a gente ia fazer um crediário, um tecido a prazo, um celular dividido, tinha o canto de você colocar lá, “profissão”, aí quando eu colocava “ator”, e sempre era um instante de um certo constrangimento, e eles olhavam lá e quase que diziam: “Mas como você vai fazer para pagar isso aqui?” Você se hospedar lá no hotel, tem lá “profissão”, você notava que rolava, embora isso não se traduzisse em palavras, mas através de microgestualidades, você entendia que havia um certo descrédito diante do ofício. Com a família não era diferente; no entanto, eu percebia que isso se dava dentro de uma quantidade de amor e afeto muito grande, sempre soube tratar isso muito bem, até eu botar a cara na televisão. Aí, isso também é preciso ser dito, digo isso com uma certa tristeza até, até eu botar a cara na televisão, a coisa se inverteu completamente, e aquilo que era descrédito passou a ser um motivo até de apropriação e valorização particular de todos os participantes da família e vizinhança

e adjacências. Havia uma certa felicidade, então a tristeza se dá no sentido de, infelizmente, o nosso teatro, mesmo sendo um ofício de beleza improcedente, e coloca pessoas muito aguerridas, verdadeiros batalhadores para manter a história de pé, ainda é uma profissão que não tem tanto crédito. Então, isso é o que me entristece pelo teatro, não pelos familiares, vizinhança e amigos, eu confesso que ver a felicidade deles mediante a gente colocar a cara na televisão, isso também se traduz em muita felicidade para mim, porque quer queira, quer não, é a forma que eles processam o êxito, e eu tenho uma felicidade incrível em poder dar felicidades aos familiares e amigos; enfim, acho que é mais ou menos assim que o processo se dá.

BLOCO 3

Endy Mahara: Como ator, você acaba vivendo várias vidas, digamos assim, várias personalidades, e acredito que um lado seu, um lado pessoal, não fique tão aparente para o público, que é quem te vê. Então conta para gente um lado pessoal, um lado irmão, marido, pai também. Conta para gente como é o César por trás das câmeras.

César Ferrario: É difícil você se autodescrever sem mentir, mas o problema seja justamente o contrário, porque eu

creio, depois vocês tiram as dúvidas aí com terceiros que me conheçam, mas eu acho que sou uma pessoa absolutamente tímida. Sou muito reservado, eu acho que a exposição que o ofício já me dá me supre, até de sobra, do que diz respeito, assim, a todos os espaços de socialização. Então, sou muito caseiro, acho que sou muito tranquilo, sou muito calmo. Enfim, acho que é isso.

Apresentador: Pegando o gancho rapidinho da Endy, essa coisa do ator, de vivenciar várias vidas, né, no seu currículo, pelo menos na televisão, temos vilões, antagonistas marcantes, você tem alguma ideia da motivação? Você realmente gosta do papel e acaba rendendo bons frutos?

César Ferrario: Não, assim, eu tenho desconfianças; eu acho que não tenho o mínimo talento para fazer um “mocinho”, se pelo menos talento, mas o físico de rosto... eu acho que tenho o traço muito grosseiro, e isso favorece o trabalho da vilania. O que particularmente eu adoro, eu acho que, assim, a vilania desde o que o Clowns de Shakespeare me deu, da literatura shakespeariana, a vilania, eu acho que ela é muito mais farta e saborosa do que o bom-mocismo. O bom-mocismo é mais engavetado; ele é uma linha única, correto, você tem que seguir lá a cartilha da boa existência, né, e o vilão é um coringa, é um elemento desorganizador, ele pode se dar o luxo de todos os vícios que a vida nos priva.

A gente pode ter inveja, a gente pode roubar, a gente pode matar, não que eu seja a favor disso na vida real, mas a função da arte, da literatura, ao meu ver, é justamente esta: que a gente possa transcender, possa acessar um conjunto amplo de experiência, justamente para que a gente possa ser uma pessoa melhor dentro da vida. Mas eu acho que o papel da vilania, ele é de um sabor sem precedentes, assim; nunca pedi para ser vilão, mas já que me deram, eu agradeço muito.

Ana Carla Dantas: Na atuação existem limites? Conta pra gente um papel no teatro, na televisão mais inusitado que você já fez e algo que você não faria.

César Ferrario: Eu acho que todos os papéis são inusitados porque é obrigação do ator tornar aquela narrativa, uma narrativa inusitada, se ela é previsível, se ela é corriqueira, cotidiana, eu questiono até a sua necessidade de existir fabulamente, cenicamente. Eu acho que a função do teatro é justamente nos alçar às condições extracotidianas, então eu acho que todos os papéis que eu fiz, se ele não tinha um caráter inusitado, eu tratei de oferecer o máximo possível. Um papel que eu não faria... não consigo conceber, eu acho que precisaria se manifestar para que eu enxergasse algo que eu não faria, porque acho que seria capaz de fazer tudo. Lembrei que você falou da questão de medida, eu acho que essa é uma pergunta muito interessante, porque o quadrilátero

técnico, o palco, o tablado, ele é um hiato na realidade, ele é um espaço de jogo que se abre. Ele é uma licença a todas as condições éticas, morais, até mesmo físicas, gravitacionais; dentro da narrativa, você pode subverter todas as ordens, ainda que dentro da fábula, você pode subverter todas as ordens instauradas. É importante que seja assim, ali é um espaço de subversão, e acho que é um espaço que não admite mediocridade, meios-termos; se é, há de ser, que seja, que você se verticalize e cumpra o seu papel dentro daquela circunstância desmedidamente, claro, dentro das observações narrativas que aquele projeto está pretendendo. Então, nesse quesito, eu acho que não só me privaria de nenhum tipo de papel, claro, a não ser que machucasse alguém, mas isso, a própria arte, o próprio teatro toma os cuidados de resguardar essas condições.

Letícia França: Você acabou de participar de uma novela, *O Outro Lado do Paraíso*, mais um outro sucesso no horário nobre da Globo, e a gente quer saber agora, quais são os planos para agora, tem algum projeto em andamento já?

César Ferrario: A gente só contabiliza um novo projeto, eu sempre tratei assim, após o contrato estar assinado, porque antes disso, as coisas são muito mutáveis e incertas; existem projetos em negociação dentro da produção videográfica, mas nada concretizado ainda. Agora, de imediato, eu estou

aproveitando esse espaço de tempo aí, contando com a boa vontade do meu orientador para concluir um Mestrado aqui em Artes Cênicas, falo a minha qualificação na terça-feira e espero, até o final de junho, defender o meu mestrado. Eu voltei no final de fevereiro, e desde meados de março, comecei a escrever *incessavelmente* para poder dar conta desse desafio. Fora isso, tem o São João, que está se anunciando, e eu estou com um trio Pé de Guerra, eu e mais dois colegas. Então tudo está assim, tudo em um campo paralelo, não posso dizer que isso se diz de um ofício ainda, eu quero em breve me tornar sanfoneiro também. E o “Meu Seridó”, que está circulando por aí, e acho que vai circular muito mais, que eu dirigi, e isso também [dá] proveitos do alimento artístico.

Apresentador: A gente percebe a inserção na telenovela, na teledramaturgia, de nordestinos com sotaques nordestinos, representando o Nordeste. Como você vê hoje a representação do Nordeste nessa grande mídia, na telenovela? Porque, a lembrança que eu tenho da minha infância, das telenovelas, era um nordestino muito caricato, às vezes o sotaque muito forçado, e hoje?

César Ferrario: Eu acho que essa é uma questão totalmente pertinente e eu acho necessário que a gente discuta. Eu acho que o processo tem caminhado para circunstâncias mais favoráveis, agora, ainda acho que há uma grande distorção

aí. Eu ainda acho que há uma licença de que quem é do Sudeste faça nordestino, não tanto licença para nordestino fazer alguém do Sudeste. Eu acho que essa é uma discussão muito interessante da gente levantar, perguntar se há uma necessidade da gente segmentar por sotaques, e se a gente segmenta por sotaques, por que isso não é um caminho de duas vias? Essa é uma pergunta que se faz. Agora o Nordeste vem ganhando muito espaço, principalmente, pela sua produção cinematográfica; o cinema do Nordeste, a gente sabe que hoje é bastante significativo no cenário nacional. Aí é uma opinião, mas eu diria que o cinema produzido no Nordeste, hoje, é inigualável, nenhuma outra região consegue um cinema autoral dentro de uma qualidade artística, estética, tão contundente quanto a produção nordestina. Talvez, justamente pela escassez de subsídios, a gente acabou conseguindo se desconectar de um campo mais comercial enquanto empreendimento de filmes, e isso talvez dê uma certa liberdade artística. A televisão respeita muito o cinema, ela observa muito o que passa no cinema, e naturalmente ela vai pegando, aproveitando essas pessoas ou esses talentos, esses trabalhos, enquanto material humano, que o cinema vai fazendo. Então, nesse sentido, sobretudo nas emissoras do Rio e de São Paulo, os espaços para nordestinos têm crescido muito, espero que não só para nordestinos, mas

para pessoas do Norte, pessoas do Centro-Oeste, que a gente tenha uma condição representativa mais equiparada.

Felipe Matheus: Como foi a experiência de você contracenar com grandes atores e atrizes do cenário nacional, como Marieta Severo, Lima Duarte, Fernanda Montenegro? Você se sentiu acolhido, e também outra pergunta: há algum preconceito enquanto iniciante e por ser do Nordeste?

César Ferrario: Olhe, essas pessoas que você falou, ainda falaria também de Cássia Kiss, que é uma pessoa incrível; todos esses que você disse são atores que vêm do teatro, são pessoas que, sobretudo Fernanda Montenegro, são pessoas que têm uma trajetória e de luta no teatro e são grandes atores. Justamente por isso, elas têm uma natureza generosa, eu creio, e de acolhimento com aquelas pessoas que, não vou nem dizer que são bons atores porque pode até parecer arrogante da minha parte, pessoas que chegam no *set* de filmagem dispostas e abertas ao jogo, a estabelecer, ali, uma troca narrativa para que a cena possa ser erguida, para que a gente possa mutuamente se potencializar e oferecer o que a gente tem de melhor para a câmera e para o espectador. Todas essas pessoas, eu acho que elas não têm problema nenhum com quem é iniciante, não têm problema nenhum em quem é nordestino. Eu acho que elas têm problema em quem chega na cena e não oferece condição de trabalho,

não oferece a abertura para trocar para que a cena possa se estabelecer. Aí eu acho que não só elas como muitas outras têm uma certa impaciência para quem não é bom ator, e aí não importa se é nordestino, se é iniciante ou se não é. Mas posso garantir que eu tive a felicidade de todos esses e outros mais que há, quando a gente chega, começa a ler o texto, dá uma ação propositiva, outro já rebate, o outro vai, acho que todos os adjetivos são esquecidos e rapidamente todos esses são cooptados para aquela relação de brincadeira, do *player*, que ofício exige. Tudo se apaga e rapidamente a gente se joga na cena e tudo dá certo.

Alexandre Carvalho: A gente tomou conhecimento, você está com uma produtora que está com o espetáculo *Meu Seridó*, inclusive foi lançado ano passado durante a época de final de ano. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre o espetáculo em si, *Meu Seridó*, e sobre a produtora, como está esse novo ofício, você como produtor.

César Ferrario: Na verdade, eu tenho me beneficiado bastante com a Casa de Zoé, mas quem está verdadeiramente é Titina, minha companheira; ela que tem despertado esse lado mais administrativo e de gestora. Mas eu sempre fui uma pessoa que disse muito a ela dessa necessidade e, para minha felicidade, ela topou o desafio, porque, como eu já tinha dito aqui, se a gente quiser dar vazão e fruição à criação

artística, a gente precisa ter uma estrutura de produção. Isso rapidamente me ficou claro, e hoje a Casa de Zoé é o que dá para gente esperança de poder produzir aquilo que a gente vem a imaginar, não só o *Meu Seridó*, que eu já falo sobre, depois da produção do espetáculo, a Casa de Zoé tá viabilizando – e acho que vai dar certo – a veiculação espetáculo pelas 24 cidades do Seridó potiguar. Levar esse espetáculo para a praça pública, para as pessoas que ele fala, existe a perspectiva da realização do Festival de Cinema de Currais Novos, a gente já conseguiu aprovar esse projeto, e acho que muito rapidamente, a gente vai tentar capitalizar. Tem em vista, também, um novo espetáculo de rua, que a gente está tentando levantar já para dar continuidade àquilo que foi construído pelo *Meu Seridó*. Então, a Casa de Zoé é isso: o que torna possível a realização do que a gente imagina artisticamente. O *Meu Seridó*, ele surge de um desejo de Titina de montar um solo onde ela pudesse falar da terra dela, mas esse solo logo migrou para um duo, depois virou pra três, pra quatro e acabou sendo pra cinco, e com cinco pessoas a gente conta a história do Seridó, que é uma região bem emblemática do nosso estado. O texto é de Filipe Miguez, é importante dizer que é o mesmo autor de *Cheias de Charme*; Filipe, antes de se efetivar na televisão, foi e ainda é um grande dramaturgo, escreveu muito para

o teatro, para a Companhia de Atores lá do Rio de Janeiro. Então, pela amizade que ficou desde a novela, a gente propôs que ele escrevesse esse texto pra gente; ele veio, mergulhou de cabeça no Seridó, passou um bom tempo por lá, conheceu toda a natureza da região e deixou pra gente esse texto maravilhoso aí, que eu vim a dirigir, e em cena tem: Titina, Igor Fortunato, que é de Mossoró, Marcílio Amorim, que estreia como ator, Caio Padilha, que eu acho que vai estar no Xeque Mate em breve – pelo menos foi o que ele me disse –, grande músico aqui da nossa cidade, e Nara Kelly, grande amiga de longas datas.

CONSIDERAÇÕES

César Ferrario: Eu que agradeço a todos vocês, falo muito, acho que deixei pouco tempo para pergunta do tanto que eu falo, mas ressaltar a importância do *Xeque Mate*, como disse, acompanho desde sempre; assim, acho que poucos programas dão tanto espaço para as pessoas nossas, para o povo meu, vamos dizer assim, com tanto de diálogo, de fluência. Então, sempre que eu sei, sempre que posso, eu paro lá e acompanho as entrevistas. Obrigado vocês, só tenho a parabenizar.

Capítulo 16

Entrevista com Francisco Barbosa Albuquerque



clique
e assista
no Youtube

PROGRAMA 14

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Michelle Ariany (Jornalismo)
Ana Carla Dantas (Jornalismo)
Endy Mahara (Jornalismo)
Felipe Matheus (Jornalismo)
Letícia França (Jornalismo)

Entrevistado

Francisco Barbosa Albuquerque
Empresário.

Apresentação em *off*

Francisco Barbosa Albuquerque nasceu na Paraíba, mas é potiguar de coração. Antes de atuar no turismo, era executivo numa multinacional, em São Paulo. Trocou o agito da capital paulista pela tranquilidade da capital do Rio Grande do Norte, Natal. Deixou sua carreira sólida para empreender no turismo potiguar. Abriu o restaurante Maré Nossa no Centro de Turismo de Natal e há 30 anos promove o mais tradicional evento turístico, o Forró com Turista.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos lá, falando do início da sua história, o senhor é natural da Paraíba e se mudou para São Paulo muito cedo.

Francisco Barbosa Albuquerque: Nasci em uma cidade que, diria, hoje está um pouco mais divulgada graças à Eduarda Brasil, vencedora do *The Voice Kids*, São José de Piranhas, alto sertão da Paraíba. É, na verdade eu tive a oportunidade de ter um pai que era, sempre foi na época, preocupado com a família; apesar de eu ser o décimo primeiro em uma família de 12 filhos, foi aquele que, quando eu nasci, ele já sabia que o estudo é importante. Antigamente, quando

a gente queria ser melhor na vida, a gente dizia que era filho de fazendeiro, fazendeiro porque dava ar de nobreza, mas eu digo, não, era de agricultor de subsistência mesmo. Mas ele entendeu que aos 10 anos eu deveria estudar, e os outros começaram a estudar mais tarde, e assim me levou ao colégio, saí de casa do sítio aos 10 anos de idade na garupa do cavalo de meu pai, aonde ele pediu empréstimos a uma família amiga na cidade, e lá eu convivi durante três anos fazendo, na época, o famoso Primário. Conseguí consolidar em três anos porque cheguei, no segundo ano, a estudar pela manhã e à tarde, porque não tinha o que fazer, aí, eu passei a ajudar a missa, o famoso coroinha. Aí, o Padre, “venha estudar na minha escola também”, e eu disse, “já estudo de manhã”, e ele disse, “quem disse que estudar demais faz mal? Venha estudar à tarde aqui”. Então, nessa brincadeira, eu consegui consolidar os estudos, o Primário na época, em três anos; foram três primeiros lugares nas duas escolas, então, isso meu pai ficou muito orgulhoso, muito vaidoso. Como nós somos de uma família muito católica apostólica romana e praticante, aí com 12 anos, eu me crismava, meu pai me crismou, e quem foi meu padrinho de Crisma. O bispo da arquidiocese, que terminou de crismar, e falou: “Vicente, vamos levar o menino para o seminário.” Meu pai disse: “Não, vai não, ele é muito jovem, não sabe o que quer

ainda, quando ele sair do seminário, vai ficar chateado com ele e comigo; então prefiro que a gente permaneça amigos, deixa ele escolher uma vocação.” Aí ele disse: “Não, você está enganado, compadre, ele vai escolher no seminário, e está matriculado.” Meu pai sabia que o seminário era um educandário que tinha um princípio educativo maravilhoso, só rezava e estudava; para o meu pai, era excelente; pra mim, com 13 anos... não sabia se pra mim era muito bom. De qualquer forma, foi uma grande oportunidade, fiquei quatro anos, fiz meu Ginásio na época no seminário, mas foi excelente, posso dizer a você; matérias que não existem mais, língua morta, latim, fui obrigado a estudar, obviamente, pelo próprio educandário. Mas estudei inglês, francês, era normal, mas, assim, o que mais me chamou atenção, estudei grego, estudei hebraico, isso entre 13 e 16 anos, isso me deu base. A minha maior base foi dentro do seminário. Dizia que ia ser padre, não, no quarto ano, falei para o meu pai que não era isso a minha vocação, ele disse, “tudo bem, termine o primário”, mas não deu tempo de terminar, não. O bispo começou a chamar os melhores colocados dentro do ano como premiação de fazer visitas pastorais; entre elas, eu fui um dos premiados, fui eu e mais dois seminaristas, meu amigo gostaria que fosse como eu pra gente aproveitar melhor essas saídas extraordinárias.

Mas, infelizmente, ele era muito beato, usava batina e eu não, mas enfim, durante essas viagens todas, e eu sempre fui muito comunicativo. Eu lembro muito direitinho na saída da primeira cidade que saímos, o bispo tinha uma Kombi, e aí a gente entrou na Kombi, rodearam assim uns oito, dez jovens da comunidade, na época, vou dizer exatamente o termo, “não leva esse ‘pãozinho’ não”, seria o “boyzinho”, “deixa ele aqui com a gente”, e o bispo olhou pra mim e disse: “Você anda namorando, é?” Eu disse: “não, tivesse namorando, tinha uma só, mas tem dez”, só fazia amizade mesmo, e era isso mesmo, relacionamento aresco. Ele me abriu os olhos, na segunda, a mesma coisa, eram três ou quatro cidades que a gente faria em três ou quatro dias de visita pastoral; na quarta cidade, vou ser expulso sem ter dado um beijo na menina, fala sério, tá tudo errado! Aí, na quarta, eu disse [pra mim], “serei expulso mesmo”. A cena se repetia durante os quatro dias, as quatro cidades, e me chamou atenção, já sabia que não queria, já tinha falado para meu pai que queria sair direitinho, [não] precisava sair pelas portas dos fundos, mas não deu certo, não. Na última cidade aconteceu o que eu queria fazer, que era dar um beijo na menina, e aconteceu isso, aí fui realmente convidado a sair de uma maneira muito honrosa; mas ele não permitiu que eu terminasse o ginásio no seminário, saí no meio do

ano. Aí ele arrumou, foi o castigo que eu tive, o colégio de Arquidiocesano que era da arquidiocese, regido por outro padre, obviamente e o padre aceitou que eu ficasse lá, fisicamente, mas os estudos, não, não aceitou a transferência no meio do ano. O que aconteceu? Tinha que atravessar toda a cidade a pé, isso dava uns dois quilômetros, e concedeu para que eu terminasse o ginásio lá no seminário. Essa é minha história que aconteceu até os meus 17 anos. Mas passou, foi muito bacana, foi diferente; na sequência, meu pai tinha um primo que os filhos já estudavam em Recife, tinha melhor grau de aproveitamento, e assim convenceu meu pai que eu deveria ir pra Recife. E assim foi, isso fez alguns investimentos fazendo algumas vaquinhas a mais.

Apresentador: Foi estudar o que em Recife?

Francisco Barbosa Albuquerque: Fui para fazer o colégio, na época, fui para o Americano Paulista, colégio ainda muito referenciado até hoje; depois estudei no Ezuda, colégio extremamente caro, mas meu pai tinha aquela de: tinha que formar o filho antes dele começar a trabalhar pra ele dar o melhor que ele pudesse. Sempre foi uma coisa, sou muito grato a ele por esse esforço que ele fazia, e eu digo a você que cada mensalidade era uma vaquinha que ele vendia lá da fazenda, do sítio, mas, enfim, valeu muito a pena. Aí, no terceiro ano, aconteceu uma coisa engraçada; na verdade,

eu passei a procurar um colégio mais barato, né, de uma mensalidade menor, mas cheguei já de férias, em casa, em outubro e ele desconfiou, “por que eu chegava de férias tão cedo?” Ele era safo, o colégio era a base daquilo que eu vinha tendo como método, ele disse: “Não, você volta para Recife, para se matricular no melhor colégio que tiver”, e assim fiz.

Apresentador: E até a chegada em Natal, o que levou?

Francisco Barbosa Albuquerque: Em Recife eu fui procurar ajudar, contra ele, porque ele queria que eu terminasse, me formasse, virasse o doutor, “meu filho tem que ser doutor”; aí eu procurei trabalhar para amenizar a situação financeira dele, pai de vários filhos. Mas um bom emprego em Recife, na época, era ser bancário, né; com muito respeito ao bancário, mas ganha um salário, no máximo um salário e meio, depois três, quatro salários, se é para trabalhar, vamos levar a sério. Aí eu vou para um mercado que me ofereça condições, e aí foi que eu tive a ideia. A família grande tem isso de bom, cada um casa, vai para um lugar diferente; eu tive uma irmã, que ela ia casar e ia para São Paulo, e [eu] disse, “vou pegar carona dela”. Assim eu fiz, cheguei para ele e disse que gostaria de ir para São Paulo, tinha concluído o colégio, e ir para a casa da minha irmã, e aí ele falou que, como eu tinha tido excelentes resultados também no meu colégio, ele disse, “tá bom, vou fazer a

experiência”, eu disse, “não, porque eu preciso trabalhar”. Ele disse, “você não vai trabalhar”, eu disse, “vou, deixe eu lhe convencer que eu vá, porque você me convence”, ele era muito assim. Eu disse, “não, porque enquanto eu tiver trabalhando e estudando, quando eu me formar, já tenho um pouco da experiência do trabalho”, aí ele falou, “me convenceu, pode ir”. Aí fui, cheguei em São Paulo; depois de dois, três meses, eu ingressei em uma multinacional, que é a minha grande história, que foi na Ford Brasil. Na época, tinha 25 mil funcionários, mas entrei assim bem peão de fábrica mesmo, na base regulamentar, bem por baixo mesmo. Até porque, por melhor instrução que eu tivesse, mas eu não tinha instrução nenhuma, eu estava com 19, 20 anos, como eu disse no início, comecei um pouco tarde, mas isso não foi empecilho, só perguntei se alguém que já havia entrado naquela posição tinha conseguido galgar algum resultado, logo me apontaram, “fulano, que começou gerente, hoje é assim, fulano também”, eu disse, “tudo bem, era o que queria saber.” Foi uma experiência maravilhosa, eram 72 funcionários no meu primeiro departamento e apenas eu fazia faculdade, e a partir daí, eu comecei a ralar; chegava em casa, meia-noite, 1h da manhã, acordava 4h, 4h30. Hoje a gente vive no prazer, esquece um pouco do passado de ralação, né. Mas valeu muito a pena, e eu sabia

que, além da faculdade, que era necessário, elementar, era um diferencial na época, era uma empresa americana e eu precisava falar inglês, e paralelo, antes mesmo de terminar a faculdade, eu comecei a fazer Cultura Inglesa, curso muito bom na época, ainda é referência até hoje, e eu já fazia isso, e realmente isso impulsionou as minhas promoções que me apareceram. Eu coloquei meta, máximo que eu tinha de tempo na empresa, o máximo que eu poderia passar seria um ano e meio sem promoção, o maior que eu tive de barreiras foi isso aí, de horista para mensalista, são duas bases bem diferenciadas. Horista é a classe trabalhadora efetivamente chamada “peão de fábrica”, e a mensalista eu chamava de “peão de gravata”, chegava uma hora depois, mas de gravata, direitinho, já estudava, fazia faculdade, etc. A partir daí, planos de elevação, a empresa tinha suas facilidades, então isso aí foram 14 anos excelentes. Houve meu primeiro casamento; primeiro eu casei, tive dois filhos, mas um casamento que durou pouco, quatro anos, houve uma separação em comum acordo e, na sequência, eu já estava em uma posição referenciada na companhia. Lá conheci outra garota, que era noiva, eu cheguei a ser convidado para ser padrinho do casamento dela, muita pouca gente de Natal sabe disso. Ficamos amigos, ela ia casar quando eu já estava desquitado, e na sequência ela acabou o casamento, eu era

o ombro amigo dela e vice-versa, né, aí comecei a dar uns conselhos a ela. O noivo dela me chamara vinte e quatro horas depois de acabar o casamento, que eu ia ser padrinho dele, “o que eu faço?”, “reconquiste ela, vá à luta”, e ele não conseguiu por razões que não vêm ao caso, e eu sei que, depois de três ou quatro meses, eu estava gostando dela, mas ela não gostava de mim ainda como tal. Levei um fora, mas depois desse fora, acho que se arrependeu, e veio realmente me perguntar se o pedido de namoro estava de pé, e a partir daí começou o segundo relacionamento, e eu já estava com planos de empreender no Nordeste. Primeiro, porque eu sempre fui muito família, queria estar mais próximo dos meus pais para continuar ajudando de uma maneira mais efetiva, mais próxima; nunca deixei de vir pelo menos uma vez por ano para estar no Natal, Ano Novo etc, sempre, em 14 anos, estive presente uma vez no ano. Na sequência, um dia almoçando com meu diretor, eu queria estar no lugar dele, tinha uma diferença de idade entre eu e ele muito pequena, quatro anos, na época era jovem, no ponto em que qualquer funcionário gostaria de estar. Com salário hoje que, não sei dizer, mas algo em torno de 30, 40 mil reais, e outro salário indireto; é aqui que eu quero estar, quatro ou cinco viagens para os Estados Unidos no ano – e tudo isso foi me colocando desafios. Um belo dia, eu, almoçando com

ele, chamado Caetano Fertin Neto, ele chegou para mim e falou muito sério e disse: “Barbosa, sabe o que queria ter hoje?” Eu disse, “você tá com febre, tá tudo bem com você, tá tudo em ordem? Porque uma posição dessa que eu queria ter, sei lá, de repente um iate a mais”; ele disse, “não, eu queria ser dono de um posto de gasolina.” Eu não entendi nada, “será que ganha tanto assim para poder ter um desafio desse?”, ele, “não, você sabe, não, a cada promoção que eu tive, representou sempre entre duas e cinco horas afastado da minha família”, e ele disse, “eu sou muito família, eu só vejo meus filhos hoje, no domingo, porque eu saio de casa, eles estão dormindo, eu chego, estão dormindo”. Naquele dia ele me colocou [pra] fora da companhia, e foi daí que nasceu toda a minha vontade de empreender, para poder ter a oportunidade de estar com minha família. Um cara jovem de 34 anos, não estava feliz, ganhava super bem, falava vários idiomas, e de repente, meus filhos estão crescendo sem o pai, e eu me perguntei: é isso que eu quero para mim? *No way*, não quero mesmo. Já pensou, paraibano não conhecer os filhos, que história é essa? Enfim, isso me levou ao desafio de empreender, “quero sair daqui”, tinha uma posição invejável, invejável eu digo olhando lá para trás, começando como horista, em uma posição daquela, morando no Morumbi, morando bem, uma vida já definida,

no segundo relacionamento, com 28 anos de idade. Foi aí que começou, eu namorava há quatro meses a Silvia, muito bem resolvida, e começou a minha ansiedade.

Endy Mahara: Como se deu essa transição, foi um impacto muito grande na sua vida de sair de uma grande metrópole, que é São Paulo, de uma multinacional, volta para Natal, que é uma capital, mas uma cidade pequena, e migrar para um ramo totalmente diferente?



Francisco Barbosa Albuquerque: Desafiador, acho que é a palavra que uso de primeiro momento. Diferença entre grande metrópole, não, porque conhecia bem a vida de cidades pequenas, visto a minha na época, que tinha cinco

mil habitantes, hoje talvez tenha 20, então já conhecia esse meio ambiente. Mas considerando a metrópole, megalópole São Paulo, que já era na época, e considerando Natal, que tinha na época entre 400 e 450 mil habitantes, realmente o impacto foi grande. Mas eu vinha preparado para isso, até por já conhecer esse grande impacto. Agora, eu me preocupava com adaptação, *vai dar certo ou não vai dar certo*; mas uma coisa me motivou muito, sabe o que foi? Se eu tinha um plano de carreira, traçado pela empresa e definido por mim, que se eu fizesse, eu ia conseguir, isso para mim foi maravilhoso em uma multinacional; você vai pela meritocracia, não pelo “QI” de “Quem Indica”. A minha última promoção tinha que falar inglês, e ele falou, “Barbosa, não vou te indicar para aquela vaga”, porque tinha que falar inglês, e eu disse, “cara, é só fazer a entrevista, não tem importância” e ele, “cara, você vai queimar”. Só que ele não sabia que eu estava fazendo quatro, cinco horas de Cultura Inglesa, “por que você, como meu gerente, quer salvar minha pele, não testa meu nível de inglês?” Aí ele falou, “*right now*”!, começou a falar comigo... “vai fazer a entrevista” e pediu desculpa por não me conhecer. Aí eu uso a frase de Lair Ribeiro, que eu adoro: “Sorte não existe, sorte é quando a ocasião encontra a preparação”. Então, nós temos que estar preparados pra vida, e eu tentei vir para cá dentro do universo da multinacional,

e daquilo tudo que desenvolvemos, vocês não têm ideia disso. Mas uma multinacional preparar na mão, sem um computador, é inimaginável hoje, então, isso tudo foi um aprendizado ao cubo, e foi bacana. Aqui em Natal não foi diferente, foi muito desafiador, mas eu acho que tudo depende de você, coloque você acima de qualquer ponto.

Michelle Ariany: Em 87, você foi sócio fundador da Abrasel. Queria que você explicasse um pouquinho o que significa Abrasel, e se, nesse período, houve alguma resistência por parte do pessoal do ramo de alimentos e bebidas, que era o segmento que você estava sendo inserido naquele momento?

Francisco Barbosa Albuquerque: Verdade, lembrou bem. Eu cheguei em 86, em 87, foi o ano do lançamento do Forró com Turista; na primeira chegada minha aqui, enquanto férias, eu e a Silvia almoçamos em um restaurante e nós começamos a sair pelo preâmbulo, com especulações, desde o motorista de táxi, aquele que fazia parte do roteiro turístico. Eu queria trabalhar com turismo, algo me levava a empreender no setor do turismo. Até que me falaram da Emprotur, empresa potiguar de promoção turística que estava dentro do Centro de Turismo, eles falaram para um taxista, eu fui lá perguntar, sabia que a empresa tinha um pouco dessa finalidade de empreender. Fui muito bem recebido, me deram uma opção que não aceitei no primeiro

momento, porque era fora do contexto turístico, que era um restaurante no Bosque dos Namorados. Eu havia almoçado no restaurante Brisa do Mar, algo desse gênero pequeno, até porque o impacto seria menor, fosse positivo ou negativo, né, e ele disse, lembrou bem, “esse restaurante acabou de passar a concessão para outro lojista na questão de acerto de dívida, que era um português antes”. Naquele momento, ele chamou o dono do restaurante, que era lojista, e nos colocou como casal empreendedor de São Paulo, mal sabia ele que [eu] nunca tinha entrado em uma cozinha. Enfim, deu certo, comprei a concessão dele através da própria empresa que regia o Centro; no ano seguinte foi que veio a Abrasel. Eu sempre tive o espírito social ativista, ficava sempre perto de entidades do setor para agregar valores, acho que a gente juntos somos mais fortes, e junto com Paulo Galindo e tantos outros, a gente fundou a Abrasel; sou sócio-fundador da Abrasel, empresa brasileira na época de entretenimento e lazer, depois mudou-se a configuração da entidade empresa brasileira de bares e restaurantes. Foi muito bem na época, porque a gente criou a associação, nós somos um pouco pioneiros nisso no Brasil, a abertura inicial pertencia ao Rio Grande do Sul, extremos opostos, e aqui Natal foi a segunda ou terceira unidade do Brasil a ser, e começamos a empreender. Dificuldades eu não tive; a minha grande

surpresa foi exatamente o contrário, que, sendo forasteiro, estando na Abrasel, tinha dificuldade de fazer meu cardápio e queria alguém que pudesse me dar uma mão. Você acredita que eu tinha amigos restauranteiros que emprestavam pra mim? Isso não acontece no Brasil, não, acontece em Natal, não pela Abrasel, dizia assim, “seja bem-vindo, você está em casa”. Isso não tem preço, todo nordestino recebe muito bem, e eu respeito todos os estados do Nordeste e do Brasil, mas Natal, Rio Grande do Norte, para mim é o melhor.

BLOCO 2

Apresentador: Então, Francisco Barbosa, mais chamado de Barbosa, ou de Barbosinha para os amigos íntimos, completou 30 anos, dia 17, do Forró com Turista, e é emblemático, né isso? Vamos falar um pouco do projeto.

Francisco Barbosa Albuquerque: Nós passamos alguns bons dias na Comunicação desenvolvendo o tema, que nome se dava primeiro, forró pela cultura nordestina, e a gente queria oferecer e agregar mais opção ao turista, aí chegou lá “com” – muita gente fala “do”, não é “do” é “com”, porque pra gente é muito significativo; é a junção do turista com o natalense, essa integração acho que é supernecessária, porque

só “do”, o turista ia dizer se é “do” eu não vou, é meu, não é do natalense. Então só para poder fazer.

Apresentador: E hoje o público majoritário que frequenta o Forró com Turista acho que hoje se consolidou mesmo com os turistas, né?

Francisco Barbosa Albuquerque: Está sendo até sendo considerado “do”, mas eu tinha o argumento de ser “do” natalense, foi no início, pouca gente sabe que por indicação de um dos diretores da época da Emprotur, que, faço questão de citar aqui, que muito bem me recebeu, Fernando Bezerril, que esteve Secretário de Turismo da cidade também, por mais de uma gestão depois. Ele me fez a opção de, “olhe, está nascendo uma empresa em Natal, que um dos rapazes fazia parte da Emprotur, acho que era chefe de gabinete dele algum assistente dele da Emprotur, e ele está abrindo uma empresa de eventos na cidade. Você que está vindo de fora, por que não fazer um relacionamento de abrirem isso junto?”, eu digo, “cara, eu sou de somar”, ele disse, “você vem com seu *know-how* empreendedor”, que não tinha, apenas trabalhava numa multinacional, “e eles são daqui, tem um bom relacionamento na cidade” e deu casamento. Essa empresa chama-se hoje Destaque Promoções. Os meninos da Destaque, que tenho eterna gratidão e são meus grandes amigos, Ricardo, Roberto, Paulinho, Deputado Gustavo hoje,

enfim, todos somos embrionários de nascer naquela época que, vocês sabem, estamos em 2018, ano passado, a Destaque fez 30 anos e foi muito bem divulgado. O forró fez 30 anos, nós nascemos no mesmo ano, então essa história foi muito bonita; mas, na sequência, nós tivemos um ano de lançamento de muita dificuldade. Imagine um produto que Natal e ninguém conhecia, mas a partir do segundo ano, a gente teve dificuldade da casa ser pequena. Esse foi o momento do natalense, até porque como isso aconteceu, dentro de um conhecimento da própria Destaque, através dos meninos, tinha os diretores de bloco, e algo foi muito interessante, é que a gente atingisse esse ápice, desse quantitativo, a gente sofria atrás do turista, e ainda muito embrionário. Não tinha esse relacionamento, estava chegando, e a gente dava para os diretores de bloco, era algo em torno de, vou chutar um número bem aproximado, 40, 50 diretores de bloco; todos eles tinham o interesse e a gente dava cinco senhas de cortesia para ele convidasse quem quisesse, mas cinco ele era obrigado a vender. Então cada diretor com 10 senhas na mão e tinha uma meta a cumprir, vezes 50, dá 500, a propagação na segunda semana não tinha mais lugar, então ficamos quatro anos com 1.500 pessoas, fechando portaria. Você imagine sem computador, eu me lembro, não tinha computador para fechar as contas, estoque etc, mas foi um *case* de sucesso,

muito; depois ficou pequeno para eles, e eu assumi a parte e continuei. Lá, quando entramos efetivamente no turismo, que é outra história que tem no meio do caminho, não é que tenha passado “do” turista, mas aquela mesma participação que era 90, 10, sempre dou essa matemática, 90% de natalense na época e 10% turista, continua, mas do lado inverso, 90% de turista e 10% natalense. Natalense vai geralmente quando vem alguém de fora, inclusive fica o convite, né, não é “do” é “com”, e os natalenses são todos convidados para estarem lá, curtindo um forró. Eu digo, não é o forró pelo forró, é forró pela cultura, tenho exemplos maravilhosos da casa. Eu sou muito grato pela oportunidade que Natal me deu.

Letícia França: Então, quantos empregos, diretos e indiretos, são gerados graças ao projeto Forró com Turista?

Francisco Barbosa Albuquerque: É interessante, o turismo é uma cadeia produtiva que tem uma elasticidade muito forte. Nós temos o restaurante, imagine o nome da empresa, Barbosa e Silvia Ltda – casal que cresce junto tem que permanecer junto – é o nome da empresa. Chamada de Marenosso Restaurante, nome fantasia, que é um restaurante que lá temos, e como a outra empresa, do Forró com Turista, a gente sempre teve ela agregada a esta empresa, a gente preferiu, até por recomendação de contadores, a gente tem só ISS a outra é só NSS, a gente achou melhor abrir a

outra empresa como Forró com Turista Eventos Culturais Ltda; tenho duas empresas. Mas ambas trabalham juntas, uma depende da outra; eu não teria o Forró se não tivesse o Restaurante, porque o Restaurante é a base física para que o Forró aconteça e vice-versa. Então, se eu for contabilizar, efetivo no restaurante, hoje, eu tenho algo de em torno, restaurante que presta serviço de bar ao Forró, deve ter registrado hoje, devo ter algo em torno de 18 funcionários de carteira assinada. Aí eu tenho os indiretos, aí eu considero 12 jovens da sua idade, até menos e um pouco mais, de academia que são nossos profissionais de academia que muito bem recebe; por isso eu falei antes, sabe, Luiz, não é só o forró pelo forró, é o forró pela cultura. Isso me envaidece sempre e me encanta. A cada quinta-feira, eu tenho um repentista, cordelista maravilhoso, nós temos as bandas, né, que na verdade não são as bandas mais. Porque uma coisa é muito inteligente, o lado de Natal, quando Natal era a predominância no espaço, tinha que ficar buscando alternativas musicais, até porque você não vai em uma casa duas vezes na semana, ao longo do mês quatro vezes, no mínimo, na quinta-feira, para ouvir a mesma banda. Natural que se exija as coisas novas. Isso era nossa grande dificuldade; imagine uma casa que cabe mil pessoas, eu vou trazer Safadão, *no way*, sem chance. Mas ainda fomos audaciosos. Trouxemos

alguns nomes nacionais ainda embrionários, o rei do brega, Reginaldo Rossi; trouxemos algumas pessoas da Paraíba, Tomas Moreira, mas isso pela Destaque, porque já tinham essa visão macro, mas pelo espaço do forró, não teria como. Então, qual foi a grande jogada para quando passamos para o turismo? Porque, na verdade, quem mandava era meu cliente, cliente de uma semana em Natal, o forró passou a ser muito mais divulgado através de um trabalho permanente que sempre fizemos. Então, aquele 10% de natalense que vai não reclama, porque está sempre com turistas novos, né, e para ver novas pessoas, e isso acontece até hoje. Então, hoje, eu tenho uma banda Forró com Turista, eu toco vocal, até por mim mesmo, né; mas enfim, a minha base, ela é sempre a mesma, o sanfoneiro é o mesmo, o diretor musical é o mesmo, o zabumbeiro, que hoje é um percussionista maravilhoso, Jéssica, que hoje é minha cantora, e outros cantores que gente sempre muda, pelo menos três a quatro cantores por mês dentro das quatro quintas-feiras. Mas isso agrada, isso é bom, porque eles passam a conhecer a dinâmica do turismo, de como é que funciona, isso é maravilhoso. Então, se eu contar lá da minha portaria, da recepção, das meninas que recebem, perguntando o estado que vem, porque tem um propósito, para Moacir saber qual a demanda dos estados que estão presentes para poder fazer suas rimas e seus cordéis

cantando o estado que está presente, enaltecendo a cultura do local. Por isso que eu comecei a falar do Forró pela Cultura, isso é muito bacana, então todo mundo tem sua real função, desde o taxista abrir a porta, “seja bem-vinda”, até saber o nome do estado, internamente para as equipes de apoio, garçons, etc., isso gira mais entre 50 e 70 funcionários ou colaboradores, dependendo da época.

Ana Carla Dantas: Nós sabemos que a segurança, a falta dela, no caso, o desemprego, passagens aéreas altas, com valores altos, geram um afastamento do turista. Qual a sua análise diante disso?

Francisco Barbosa Albuquerque: Pergunta muito boa a sua. É sempre preocupante; nós, que estamos no *front* do turismo, trabalhamos diuturnamente com o turismo, a segurança é um item básico; sem segurança, ninguém quer viajar, e a gente teve momentos muito ruins. Janeiro de 2017, salvo engano, nós tivemos um momento divulgado na grande imprensa nacional, problema da rebelião de Alcaçuz, que prejudicou muito nosso destino, não foi pouco, não. Conversei antes com Michele, estava conversando um pouco nos bastidores com ela, felizmente, a gente tem uma desculpa no meio daquilo que eram brigas de rebelião, mesmo assim, reputando mal para o destino, mas não era com os nossos habitantes, muito embora sobravam rescaldos pra

gente. Isso demorou muito tempo, não bastasse, com essas reuniões aí, janeiro desse ano, problemas da greve branca dos policiais, que eu não considero greve; acho que sem eles receberem, fica difícil trabalhar. Isso também repercutiu muito negativamente, então considero que a segurança deve ser prioridade, sim, não apenas para a cidade, turista, tem que ter segurança para o nativo, e a partir daí, expandir essa segurança para quem nos visita. Falava isso um grande reconhecedor, que Natal é alto ponto para o turista. Essa semana eu tive um *case* diferenciado, porque a missão quase, acho que única do Natal Convention, é fazer a prospecção e captação de eventos para o destino. Eu tive diretores, CEOs para decidir, “Barbosa, como você quer que eu vá para Natal, e a segurança, como está?”, eu digo “vem, porque Natal é igual qualquer cidade do Brasil, nada que ultrapassa as barreiras do que a gente não tem controle”. Mas é péssimo pra gente porque, de repente, uma notícia dessa pode deixar de trazer um evento para cá de quatro, seis mil pessoas. Então não é bom, confesso que não é bom. Mas a gente sabe que a mídia geralmente explora um pouco. Passagem aérea é outro complicador, mas eu digo que Natal é tão forte, que ela tem superado; não é justo Natal ter uma passagem aérea mais cara que João Pessoa, mais cara que Fortaleza. Fortaleza ganha no *hub*, natural que ganhe esse *hub* para o mercado

internacional, que a gente não vai findar ganhando, melhor que fôssemos nós. Mas é a lei da oferta e da procura; se eu tenho poucos aviões, passagem tem que ser cheia, porque vai tá sempre lotado, e eles não querem aumentar porque não querem voar com a metade, o custo de aviação é muito caro. Eu digo sempre, vamos continuar divulgando Natal para que tenha mais ofertas de voos, eles vão ser obrigados a aumentar os voos e, automaticamente, a passagem tem que baixar. Eu quero acreditar que, com o passar do tempo, isso vai estar meio nivelado em nível de Nordeste.

Apresentador: Em relação à estrutura para o turismo de eventos ou de negócios, como o senhor tem visto a evolução da estruturação de Natal para esse nicho?

Francisco Barbosa Albuquerque: Tem melhorado; já tivemos pior, mas tem melhorado. Eu acho à vista, aí, a ampliação do Centro de Convenções. Muita gente fala de reforma, mas ele teve uma ampliação. O Governo está dobrando a capacidade; nós tínhamos um Centro de Convenções com capacidade de até seis mil pessoas no mesmo evento, eventos simultâneos, e está se dobrando para 12 mil. Para um Centro de Convenções cuja vocação é congresso, pela sua modalidade, pela característica que nós temos, diria que nós aumentamos bem. Hotéis, visões empresariais nascendo para o mercado corporativo, e isso

é muito interessante; eu sou um vibrador [entusiasta] desse mercado, eu estive participando de um dos hotéis que foi pioneiro nessa demanda, que foi o Pirâmide. Ainda digo que o Centro de Convenções, o Pirâmide de hoje, estive em plena atividade [dele], seria um dos maiores e talvez melhores do Nordeste, porque essa foi a visão. Chegou a dar 40% de ocupação de um hotel de 300 apartamentos, dado essa necessidade, porque, na verdade, o mercado quer, mas precisamos estar preparados para isso. O turista de eventos é muito mais exigente que o turista de lazer, precisamos estar preparados não apenas com os espaços, mas com a capacitação, com o treinamento, isso é fundamental. Haja vista que o turista de lazer gasta 100 e o de eventos gasta 350, então, por aí, ele já vai dizendo que vai exigir um pouco mais, que tem outra capacidade de consumo também. Mas eu acho que estamos bem, não estamos ruins, não, haja vista que tem a consolidação desses hotéis, como já falei, com essa vocação específica, e a tendência é que isso aumente e melhore.

Michelle Ariany: Você conhece o lado como turista quando chegou a Natal, como empreendedor turístico quando começou o seu negócio e também pela visão como empreendedor governamental. Isso mais ajuda ou atrapalha essa dupla função do empreendedor turístico paralelo

ao governamental, porque às vezes essa relação fica um pouco complicada, né?

Francisco Barbosa Albuquerque: Eu, na verdade, quando fui convidado para ocupar cargos no Governo, e eu falei, primeiro do municipal, que foi um dos meus orgulhos, eu lhe falo muito franco. Pelo meu tempo em Natal, estava há cinco, seis anos e fui convidado para ocupar uma vaga de Secretário de Turismo da cidade. Isso me honrou muito, porque foi uma confiança dada pela *trade*, estava recém-chegado, quantas pessoas já estavam no sistema há muito tempo? Outra foi: eu estive na superintendência do Centro de Convenções, por um ano, um ano e meio e, por último, estive como presidente da Emprotur no governo de Rosalba. Mas, infelizmente, no governo dela, o turismo não foi prioridade, então tanto eu quanto o Secretário, ele jogou sua carta de demissão e exoneração fora, eu joguei no outro, porque, em parte respondendo aqui sua pergunta, eu acho que não se mistura. Eu acho que é bom, sim, é bacana quando o governante tem essa visão empreendedora de convidar o técnico para exercer a função, eu acho que esse é o caminho. Político é político, político tem que fazer a gestão da política e o técnico, ele deve fazer a gestão do técnico, do empreendedorismo, o que é bom de destino vai para aquele segmento. Eu acho que o empreendedor não

pode se misturar dentro da política, política que deveria se misturar dentro do empreendedorismo para melhorar seu processo de gestão. Eu vejo com bons olhos, porque eu, enquanto técnico, nunca me misturei com política, ninguém sabe em quem eu voto; eu não tenho partido, eu tenho um candidato que melhor possa fazer pelo destino.

BLOCO 3

Endy Mahara: Aproveitando que estamos no meio da Comunicação aqui, alunos, o programa em si, você pode nos contar quais são as ferramentas de comunicação usadas hoje pelo Forró com Turista e se você enxerga algum meio de inovação nesse segmento?

Francisco Barbosa Albuquerque: Muito bom. Na verdade, a gente tem que estar fazendo a nossa parte diuturnamente para poder estar em nível nacional. O forró, apesar de ser uma atração local, tento buscar despertar a curiosidade daquele que está viajando hoje mundialmente, né, muito pouco tempo era Brasil. Então, hoje, a gente ainda muito se atinha por falta de, talvez, de um melhor estudo a respeito, muito em redes sociais; eu cheguei aqui à conclusão, diante de alguns poucos conhecimentos a mais com a minha turma, que tivemos que buscar o *marketing* digital,

o Inunda Marketing, *marketing* de conteúdo. São grandes ferramentas que têm me dado resultados muito bons, não sei lhe precisar, eu sei que estava dentro da mídia local apenas com o bonequinho que sai do Instagram, do Face ou algo parecido, com muito respeito. Eu acho que ela é boa, necessária, tem que ter o foco certo, e esse foco certo, Luiz, é que a gente descobriu aí dentro de algumas entrevistas com pessoas da área, e o técnico me fez a seguinte pergunta: “Barbosa, quando você foi a um restaurante, levado pelo bonequinho do Instagram?” Eu parei e pensei, quer dizer, você fica naquela mídia ali muito superficial, mas ele não é o elemento que te motiva a ir lá, mesmo pela foto do prato ou algo parecido. *Marketing* de conteúdo é a resposta, e é o investimento que a gente tem feito, e a mudança é impressionante. Digo para você, ainda na entrevista, “você tem *site*? quanto tempo?”, “tenho, há 15, 20 anos, sei lá”. “Como é que o Google te enxerga”? Digo, “tenho nem ideia”. “Posso colocar”? Eu disse, “pode”. Antes de ele colocar, ele disse, “começa a te enxergar a partir de 80%”, eu digo [pra mim], “coitado de mim, vou passar vergonha”, e era mesmo. Quando ele colocou lá, foi 20, não, 2%, ou seja, naquele dia e horário, joguei tudo no cesto de lixo e comecei a construir uma nova ferramenta, um novo *site* direcionado para esta mídia, e aí contratamos uma empresa aonde ela é responsável de fazer

os conteúdos sobre nossa aprovação, o que eu quero que seja explorado, e em menos de três meses, a gente chegava à casa dos 80% de visão através do Google, que é você que estar lá em São Paulo, ou seja onde for, “o que fazer em Natal”. Mas não é apenas essa frase; nós temos palavras valoradas, chegam a perto de duzentos dólares, criadas através do nosso impulsionamento. Então isso é muito bacana, eu acho que isso é uma realidade, é fato, e você tem que estar dentro do *marketing* de conteúdo, e dentro disso, exploramos só isso, não; esses seis conteúdos que a empresa desenvolve e nós aprovamos, ela fala de várias outras coisas que não forró, que não de restaurante, “o que fazer em Natal”, quais são os cinco melhores passeios, só que, lógico, a empresa é especialista nisso, e ela vai convergir para o meu interesse de ordem empresarial. Então, pra mim, isso é bem bacana, pra mim, essa é a resposta que tenho a você no momento, até não surgir outra mais eficaz, tá sempre aí se inovando, mas eu estou bem satisfeito com essa.

Felipe Matheus: Você, como grande anfitrião do forró e também com muita alegria você recebe esse título, já aconteceu alguma coisa que te deixou desmotivado, algum fato, assim, que lhe fez repensar, algo do tipo?

Francisco Barbosa Albuquerque: Já. O dia que eu estive doente e não pude ir. Eu tenho algumas faltas, às vezes

por questão de viagens, questão de já estar fora, e aí não posso estar, mas... é a quinta-feira, ela me reabastece com as minhas energias. Eu digo, acho que o primeiro grande cliente do forró sou eu; eu tinha locutores, contratados da grande mídia de Natal maravilhosos, com aquela voz empastada, e eu comecei a observar isso, e eu sou muito irrequieto, já perceberam, eu falo pouco. [risos] Aí, depois de três meses que eles estavam comigo, eu disse, “cara, me dá esse microfone”, eu não aguentei; hoje, eu me viro como animador de palco, eu que abro a casa, tenho meia hora de participação direta, eu acompanho o repentista, faço a apresentação da academia. Mas isso tem um propósito no meu empreendedorismo, que eu estou de olho no meu cliente, *full time*, sabendo se os garçons estão atendendo, se tem alguma falha na mesa, quando o cliente levantou a mão, eu estou chamando na orelha do garçom para ele ir lá. Existe uma preocupação no todo, e tem outra coisa que é muito legal nesta tua pergunta, é porque eu desço do palco depois de meia hora e vou para o público, vou para as mesas lá de trás, o cara já me recebe com um sorriso. Isso me abre a porta para os meus questionamentos: “tá bem atendido, tá tudo bem, tá legal, tá bom para você assim?” E eu tenho uma frase, cara, que você me abriu a pergunta que queria falar e [eu] tinha esquecido. Alguém já me perguntou, “qual

o motivo desse teu sucesso, de você estar 30 anos fazendo a mesma coisa, chega uma hora que não enche o saco?”, “não, porque os melhores momentos da minha vida [é] em estar no lugar do cliente lá em algum lugar”, fosse no Pirata, lá em Fortaleza, que é uma casa meio contemporânea nossa, ou seja, em qualquer filme, em qualquer lugar do entretenimento, eu digo, “eu tento oferecer para você o que gostaria de receber como cliente”. Pra mim, essa é a grande frase, eu não quero ser triste, “está acontecendo alguma coisa?”, eu vou tentar subir a tua energia, seu astral, você estar lá para brincar, se divertir. Eu acho que a grande alegria, surpresa da vida, é você estar feliz, eu não acredito se você estiver de luto com você, você vai ao forró, e pode até ir, mas se você for, é para se alegrar. Não é para ficar pior, é para ficar melhor. Então, tipo assim, eu acho que essa energia... eu tive ontem uma turma, a propósito, que eu faço questão de citar, eu sei que estou roubando um pouco das perguntas de vocês, mas acho essa parte interessante. Tivemos, ontem, 40 pessoas do Rio de Janeiro – são veteranos da Marinha, todos aposentados, uma galera maravilhosa –, chegaram no forró, através das mídias, de indicações, e vieram. Todos, do presidente, vice-presidente, todos me chamaram à mesa, disseram, “cara, isso não existe, a gente não quer sair daqui, porque vai terminar”. Não tem presente melhor, e estou

falando de uma coisa muito familiar, que uma das minhas surpresas; outro dia o meu promotor de vendas chegou pra mim e disse: “Barbosa, venha aqui ver uma coisa”. Eu fui lá perto da nossa tenda de caipifrutás e tinha quatro carrinhos de bebê estacionados, “sabe o que é isso? O cara que foi com o bebê, deixou ele dormindo e foi dançar”. Acho que isso é contagiente, sabe o que [é] repentista ser aplaudido de pé por 300 pessoas? Não tem coisa melhor na vida. Enfim, parei.

Apresentador: Tem aquela frase de que “quem faz o que gosta não vai precisar trabalhar”.

Francisco Barbosa Albuquerque: É por aí. Eu não trabalho, eu me divirto. Acho que a minha energia, a minha vontade, eu agradeço a Deus, faço minha oração, minha súplica, porque não é pra mim, eu quero que todo mundo saia satisfeito. Eu acho que aí eu penso macro, quando eu penso macro, lá há 30 anos atrás, sempre participei, Michele escolhia o presente lá, trabalhamos juntos no mesmo empreendimento, e eu sempre fui de participar dos grandes eventos nacionais que vendessem em Natal. Eu nunca fui com o panfleto do forró ou do Marenosso Restaurante pra vender São Paulo ou qualquer outro lugar, eu queria vender Natal. Chegando aqui, e aí é responsabilidade minha, tenho que vender Natal, porque é minha cidade, é aqui que eu sobrevivo. O turismo, eu acho que é muito democrático, quantos dizem,

através de pesquisas feitas muito tempo atrás, que o turismo atende 52% da economia. Vocês, como da Comunicação, já devem ter escutado isso, e eu faço a seguinte pergunta: uma cidade como Natal só se tiver apenas 52 segmentos em Natal, porque se tiver 53, ele atinge também. Ou seja, ele não tem aonde ele não passe, me diga qualquer uma, a construção, o cara pode comprar uma casa, pra mim, até digo brincando, se ainda tivesse a profissão de engraxate, teria a possibilidade de. Então o turismo é muito democrático, é muito maravilhoso.

Letícia França: Além do que já foi relatado aqui do restaurante, do próprio projeto Forró com Turista, existe algum outro projeto que o senhor já fez ou pretende fazer dentro do empreendedorismo turístico aqui no nosso estado?

Francisco Barbosa Albuquerque: Eu acho que, quando a gente está dentro do sistema, a gente, eu estou mais na idade de aposentar, não quero, não; enquanto eu tiver energia eu quero que essa energia se multiplique dentro das coisas boas que a gente pode oferecer. Confesso que, o ano passado, a gente começou um projeto novo chamado Aquarela Potiguar no próprio Centro de Turismo. Isso foi meio que uma demanda interna do mercado, ter mais atrativo voltado para a cultura, o projeto lindo, maravilhoso. Mas é um projeto caro, e eu precisaria que o segmento do turismo

tivesse participado de uma maneira mais efetiva. Eu sei que isso depende de tempo; a gente está falando de um sucesso de 30 anos atrás, que não são 30 dias, é uma vida. Talvez eu precisasse de mais tempo para que ele fosse consolidado com a resposta do público, meu ponto de equilíbrio seria, sei lá, 150 pessoas, então mantive por dois meses e meio com grau de aprovação próximo de 100%. Mas, infelizmente, dentro da cidade que você ganha na alta para gastar na baixa, a gente não pode estar jogando fora dinheiro bom. O projeto [é] lindo, maravilhoso, aprovado, espetacular, mas parei, dei uma parada; isso pode ser momentâneo, eu precisaria ter um pouco mais de parceria com o turismo, com a Natal, para que houvesse o prestígio. Mas você me faz lembrar algo muito interessante. Eu estou em um ponto muito... em um local físico onde eu questiono, eu tenho um restaurante que o turista normalmente não almoça na cidade porque almoça nas praias porque vai fazer seus passeios e o nativo, não só de Natal como de qualquer cidade turística, geralmente não vai a lugar turístico, e como é que eu vou viver? É muito emblemático isso, né? Se você não for muito criativo para fazer isso ser efetivamente rentável ou, pelo menos, para se manter, é complicado, porque eu gostaria de saber por que o pessoal não vem ao local; eu estou super bem localizado, do lado um Centro de Artesanato maravilhoso.

O melhor descobrimento do artesanato do estado está no Centro de Turismo, é um prédio neoclássico do século XIX que o prédio é lindíssimo, tem uma história lindíssima, foi um orfanato, um abrigo de militantes, ponto estratégico na guerra, presídio; eu estava falando que ia trocar meu *slogan* “venha passar horas agradáveis na cadeia”, enfim, tem tudo isso e nós não vamos porque não é para o turismo, não. A minha esposa foi outro dia comprar um presente para um bebezinho de dois anos, e ela foi em uma loja de grife aí, R\$ 50,00 o vestido, não, tudo bem, beleza, o mesmo vestido lá por R\$ 30,00, não tinha grife, mas não importa grife; coisas assim que a gente precisa conhecer, temos coisas maravilhosas que precisam ser melhores [mais bem] divulgadas. Aí também a gente não tem muita verba para estar divulgando, por isso aproveito a oportunidade para dizer que vale a pena conhecer, de estar lá.

Ana Carla Dantas: Qual o legado que você deseja deixar aos seus filhos através da sua experiência do Forró com Turista?

Francisco Barbosa Albuquerque: Essas perguntas são de pessoas profissionais, pergunta boa. O legado é a vontade de fazer, fazer por amor, o resultado é consequência. Eu acho que, quando você faz bem feito, você vai receber, e isso me faz entrar dentro de uma perimetria não religiosa, mas de vida.

Minha mãe dizia, e eu não entendia porque não alcançava ainda, ela dizia: “Meu filho, na história da humanidade, você nunca ouviu dizer que quem plantasse milho colhesse feijão”. É fato, mas trazendo isso para o conceito de vida que temos hoje, é, tipo assim, o plantio é opcional, mas a colheita é mandatória, ela é implacável, não tem como não ser. Quer dizer, se isso acontece no mundo físico, por que não vou plantar bem, por que não vou fazer o meu melhor, com a minha melhor energia para você ser atingido da melhor forma? O primeiro legado é ser humano enquanto ser humano, respeitando, convivendo bem, fazendo a sua parte da melhor forma possível, e se a gente faz um trabalho bacana, socializando, trazendo as pessoas para um espaço decente onde um dos meus maiores orgulhos, do Forró com Turista, é a família. Eu vi isso ontem ainda, cara, que legal, só tem família aqui, não que... enfim, todo mundo é família, família dentro do bom sentido, do pai levar um filho de carrinho. Há um mês eu tinha três gerações, a “vovó” veio me chamar, com 78 anos, dançando forró, quando ela tinha um bisneto de 13, 14 anos junto com ela. Isso, pra mim, chega a ser emocionante. Eu acho que isso é bacana, quando você consegue atingir esse todo, quer dizer assim, faça, doe seu melhor, para que a gente possa plantar esse bem, que tanto falta no coração de tantas pessoas, e a gente querer ser um

pouco mais humanizado. Acho que esse é o grande legado, não é o material; material é consequência.

CONSIDERAÇÕES

Francisco Barbosa Albuquerque: Eu que agradeço, fico super feliz. Agradecer a você, a Michele inicialmente, que nos fez esse convite, estar diante de tantas cabeças capacitadas, para responder as perguntas. Na verdade, a minha tradução é fazer, antigamente eu dizia que fazia o que gosto; hoje em dia, evoluí um pouquinho e digo que faço o que eu amo. Dessa forma, agradeço a vocês, e quero deixar aqui o convite formalizado: que vocês, junto com a professora, que está ali com os professores também, toda a equipe, vão lá dar o prazer de uma quinta-feira, quero lá reservar um espaço pra vocês fazerem parte dessa grande família do Forró com Turista, todas as quintas-feiras, às 22h.

Capítulo 17

Entrevista com Janduhi Medeiros

PROGRAMA 15



Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)

Eudes Freitas (Audiovisual)

Maria Luiza Nunes (Rádio e TV)

Luiz Beethoven (Rádio e TV)

Felipe Oliveira (Rádio e TV)

João Mário (Jornalismo).

Entrevistado

Janduhi Medeiros

Poeta e escritor.

Apresentação em *off*

Janduhi Medeiros é potiguar. Nasceu no município de Ouro Branco. Na juventude, foi operário de fábrica e

serviu no Exército. Ingressou no curso de Direito, na Paraíba, onde também iniciou sua carreira no Banco do Brasil. Ainda em Recife, começou a se interessar pelo cenário cultural regional, principalmente pelo Seridó. Pós-graduado em História, estudou a fundo a ocupação judaica no Seridó.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos começar falando um pouco, o senhor é natural de Ouro Branco do nosso Seridó e muito cedo veio a Parnamirim. Como foi sua infância, quais foram suas influências lá para formação poética, literária?

Janduhi Medeiros: O menino do Seridó não tem Papai Noel. O menino do Seridó, se for de origem pobre, ele mesmo faz seus brinquedos, e todos os meus brinquedos de infância eu fiz. Peão, carrinho, bola de meia, papagaio, joguei castanha na parede; às vezes, eu tinha a sensação que isso era ruim, depois eu cresci e percebi que isso foi muito importante para a minha formação, de equilíbrio, disciplina, convivência, e o menino do sertão tem uma coisa quiçá só tem quem tem o privilégio de ingressar na universidade, porque o menino do sertão, ele tem acesso ao teatro de feira, tem acesso ao cordelista, ele tem acesso ao repentista, ele tem acesso aos contadores de história. Isso vai dando uma bagagem que,

quando ele entra na universidade, ele não tem dificuldade em ler um romance, um livro, um livro que o professor passa, porque quando ele vai levar o livro, ele se sente personagem do livro. Isso é *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego; Carlinho, de José Lins do Rego, não me faz inveja, não, a minha infância foi muito mais rica que a dele. Tomei banho de rio, aprendi a nadar em rio, furtei manga de sítio alheio; esse furto, ele é sagrado, Deus permite porque aquilo fazia parte da minha formação. Eu não roubava para destruir o pé de manga, eu furtava para degustar uma manga, era diferente, e isso no sertão, o proprietário da terra, ele sabe quando esse furto é sadio e quando ele é perverso. Quando ele é sadio, o próprio proprietário faz de conta que não está vendendo porque aí não se torna crime. A minha infância no Seridó foi isso. Nessa formação, o Seridó, na época que nasci, passava uma crise existencial terrível. Hoje, temos programas sociais, merenda nas escolas, estão querendo tirar de novo, mas ainda tem, né? Mas, no meu tempo, nada disso tinha.

Apresentador: A que se deveu a sua ida a Parnamirim?

Janduhi Medeiros: Meu pai era ex-combatente, meu pai foi à Segunda Guerra Mundial, meu pai cantou o Hino Nacional, hasteou a Bandeira na tomada de Monte Castelo; na segunda batalha, é quando a guerra termina, e ele, por ser ex-combatente, ele tinha benefício e veio trabalhar aqui na

base aérea em meados dos anos 70, aí trouxe toda a família. Parnamirim era, na época, uma cidade muito pequena, tinha alguma característica de cidade do interior, né, a gente brincava, né; hoje já não tem mais isso. Parnamirim cresceu, passou a ser uma cidade grande para as estruturas urbanas do Rio Grande do Norte, é uma cidade grande. Mas é uma grandeza urbana, não é uma grandeza humana. A cidade que eu nasci tinha quatro mil habitantes; do ponto de vista urbano, era pequena, mas do ponto de vista humano, era gigante, maior que São Paulo, porque a criança de São de Paulo não tem o que eu tinha. Tomar banho de piscina, piscina não dá calor humano; eu tomava banho de rio, o rio enchia, o inverno chegava, eu pulava de oiticica, lá em Ouro Branco, tinha o pé de oiticica que era na beira do rio, a gente ficava torcendo que o rio ficasse barreira, porque nos permitia subir na oiticica e pular lá de cima. Quando eu vejo esses atletas olímpicos pulando de piscina, eu me sinto representado, porque eu fazia aquilo naturalmente, pulei da ponte no rio Seridó nas enchentes. Tinha uma mulher que passava lá, caminhão carregado de algodão, cinco, seis metros de altura; o caminhoneiro, naquele tempo, não fazia greve, parava o caminhão para os moleques subirem em cima da carga para pular, e a cidade inteira parava para ver essa cena. Também não tinha televisão; televisão era isso,

a gente fazia a televisão, as novelas, os circos... no final do espetáculo circense, tinha um drama que era um teatro. O povo do Seridó, até meados dos anos 70 convivia com o teatro. A televisão acabou com tudo isso, não a TVU, porque a TVU tem uma proposta humana, mas a televisão comercial, ela furtou toda essa integração social muito bonita, né. Hoje as pessoas vivem mais dentro de casa, talvez isso explique um pouco da violência; na medida em que o povo se recolhe, os marginais tomam conta das calçadas. Parnamirim, quando eu cheguei, tinha essa natureza de cidade do interior. Hoje não tem mais, né, de 7h da noite, você não vê mais ninguém na cidade.

Eudes Freitas: A gente quer saber agora como foi sua inserção no cenário cultural chegando no Pernambuco.

Janduhi Medeiros: Eu tinha um irmão que foi morar em Pernambuco. Eu era adolescente ainda, entrando na fase de adulto. Ele me levou para estudar, e eu morei em Recife seis anos, que também foi muito importante porque, em Recife, eu passei a ter acesso a Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Francisco Brennand. A França elegeu agora Francisco Brennand o maior artista plástico vivo [em 2018] do planeta, talvez as pessoas não saibam disso. As pessoas daqui de Natal vão para Paris para ir no Louvre e não sabem que em Recife mora o maior artista plástico do

planeta, que alguns críticos da arte o consideram da altura de Michelangelo e Leonardo da Vinci. Ainda tá vivo [em 2018], tem 90 anos, mora em Recife e tem um museu lá a céu aberto, no centro de Recife, é um sítio lá do pai dele, do tamanho dessa universidade, e ele está transformando isso tudo em um parque de arte, a céu aberto. Coisa de primeiríssimo mundo, e eu tive acesso ainda adolescente. Naquela época, ele estava começando, tinha ido estudar em Paris, fez arte, conheceu Picasso, e isso eu sei porque, nas biografias, ele conta isso, né. Teve acesso a Picasso, a essa estrutura da Europa, né, e essas influências ele trouxe na arte dele, que são cerâmicas, produzidas; ele tem lá um estímulo. Recomendo que vocês, na internet, insiram Francisco Brennand, que é uma coisa hebraica, que tem muito a ver com a estética da cultura do sertão.

Apresentador: De alguma forma, a esfera pernambucana mudou o Janduhi escritor?

Janduhi Medeiros: Eu me identifiquei demais, porque se fala no Nordeste ibérico, né, e, ultimamente, os pesquisadores estão admitindo um Nordeste hebraico, e Recife é a cidade mais judaica do Brasil. É importante registrar que as primeiras sinagogas nas Américas – não é da América do Sul, é das Américas –, é considerada uma das sinagogas mais importantes das Américas, ela fica em Recife Antigo,

na Rua Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus. Essa rua, em 1630, ela tinha a importância política e econômica que a Avenida Paulista tem hoje. Era lá onde a economia passava, porque a questão da produção de açúcar, né, e toda a produção econômica do Brasil estava ali. Recife tinha essa importância econômica, e Salvador tinha essa importância pelo comércio de negros, que eu não gosto de falar sobre essas coisas. Eu fui no Pelourinho, aquilo me deu uma sensação tão desagradável, que eu preferi nunca mais ir lá; agora você vai no Recife Antigo, em que pese a história também registrar a opressão contra o povo, mas você tem uma aura diferente, porque ali houve trabalho, houve uma relação maior com a Europa, houve uma relação com a arte, com a cultura, e Recife é um centro cultural importante. Em 87, eu assumi no Banco do Brasil, no interior da Bahia, eu adquiri lá um jornal de domingo, me parece que o “Jornal da Tarde”, uma coluna de Jorge Amado, que disse: “os baianos que me perdoem, mas a cidade cultural do Nordeste é Recife”. Se o que eu digo não vale, vamos pelo menos respeitar Jorge Amado.

Maria Luiza Nunes: Eu queria saber quais os principais motivos que te levaram a se mudar para Recife.

Janduhi Medeiros: Não, aí, minha santa, o nordestino do sertão é um retirante, as oportunidades vão acontecendo, e ele vai se agarrando. Não foi uma coisa planejada, surgiu a

oportunidade, e eu fui. Porque o sertanejo está lá em Euclides da Cunha, né; aquilo não vale só para os personagens de Euclides da Cunha, não, vale para todo sertanejo. Ele precisa ser forte, senão, ele não sobrevive. A gente tá aqui pra contar, esse forte aí, e a gente tem que ampliar esse sentido, né, não é o forte físico, até porque o sertanejo, fisicamente, ele é frágil, é o forte mental, de pensar. Por isso, explique por que que o Nordeste tem tantos intelectuais, né, na música, na literatura, os cabeças pensantes, né, agora Jessé de Souza formulando esse novo pensamento sociológico brasileiro, me pareceu que é daqui de Natal, estudou fora. A pior perversidade que acontece no Nordeste, sobretudo no sertão, é que as melhores cabeças precisam sair, que essa talvez seja a maior injustiça que a estrutura República Nacional faz com o Nordeste. O Nordeste é oprimido sempre, o nordestino sofre essa pressão, seja nas oportunidades de estudo, seja nas oportunidades de emprego, mas ele consegue vencer. Por isso que Euclides da Cunha foi feliz quando disse que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

Alexandre Beethoven: Eu gostaria de saber como é que começa e quando o seu interesse pela ocupação dos judeus aqui no Seridó no Rio Grande do Norte.

Janduhi Medeiros: Rapaz, eu era menino e, no Seridó, a gente tem que ir para as missas. Domingo, a mãe dá banho

na gente, sabe, veste a melhor roupa; acho que por isso a originalidade da domingueira, né? Aí passava um talco, às vezes, ela ia com a gente, mas quando não podia, a gente ia para a missa, mas a gente não entrava, ficava rodando. Mas aquele sino, aquelas conversas, vai ficando, né, e os padres lá do sertão já falavam disso, mas a gente, menino, aquilo entra em um ouvido, sai pelo outro e a gente pensa que não tem valor. Mas a gente tem uma coisa, um *chip* memorial que a natureza coloca na gente e, de certa forma, vai ficando, ficando, e tem uma hora que você tem que parar para refletir sobre isso. Quando eu vim morar em Natal, não era raro nos jornais, “Tribuna do Norte”, “Diário de Natal”, da época, sair reportagens sobre esses temas da influência cultural dos judeus no Seridó, seja na gastronomia, nos hábitos. A gente vai lendo; eu li muito revistas nacionais mandando o repórter para o Seridó para fazer essas matérias, né, e pra gente era um orgulho o Seridó sair em uma revista nacional ou em programas de televisão. Aí teve uma hora que eu disse, “rapaz, então é verdade”; aí fui pesquisar, estudei de cinco a seis anos esse tema, no caráter mais de *hobby*, né. Ao invés de eu estar lendo revista de esporte ou vendo revista de mulher nua, eu ia ler livros, matérias relacionadas a esse tema, né – agora com o advento da internet, se você usar pela internet, ela oferece muito conteúdo –, e eu cheguei à

conclusão de que o Seridó é uma nação judaica. E o livro *A Pedra da Cruz* é uma espécie de uma prova disso, uma prova cabal; os hábitos, os costumes, todos esses hábitos do Seridó são hábitos praticados, inicialmente, pelos hebreus, que os judeus adotaram esses hábitos, né, e que hoje as pessoas preservam e não sabem o motivo. É importante dizer que há quatro mil anos, antes de Cristo, a religião no planeta era politeísta, e foram os hebreus, essa é a raiz da fundamentação, e foram os hebreus que criaram a religião monoteísta. Quando você vai para a *Bíblia*, é Abraão; a ciência tem outra abordagem, mas a gente falar do ponto de vista da *Bíblia*, fica mais didático, né. Abraão sai lá da Mesopotâmia, vai para a Terra Prometida, Mesopotâmia é onde fica exatamente hoje o Iraque e o Irã; ele vai para Israel, não consegue chegar em Israel exatamente, mas fica no entorno, que não era uma família, era uma espécie de uma tribo. Ali eles foram crescendo, foram escravizados pelo Império, pelos egípcios, Moisés foi lá e os libertou, e Moisés, quando trouxe os hebreus para Israel novamente, educou; isso tem gente que diz que isso é lenda, tá, a *Bíblia* adota como processo histórico. Mas se isso é lenda ou se isso é um personagem, certamente houve essa movimentação e o povo hebreu, por ter uma origem na Mesopotâmia, porque foi o povo que criou a escrita, criou a matemática,

a filosofia. Pirâmide não é uma coisa do Egito, pirâmide é dos criadores da matemática, o Egito usou melhor esteticamente a pirâmide, e isso vai se processando, processando. Do monoteísta, surgiram três religiões importantes: a primeira foi o Judaísmo; a segunda foi o Cristianismo; a terceira, o Islamismo. São as três religiões mais importantes do mundo, só que, na afirmação cristã, os judeus foram atacados; a professora lá, Anita, que eu já citei, ela fala de um “holocausto cultural”. O holocausto que Hitler fez, na Segunda Guerra Mundial, é célula diante do que o cristianismo fez com a cultura judaica no mundo ocidental, e, de certa forma, o Seridó é fruto disso também.

BLOCO 2

Apresentador: Queria mostrar aqui para o público da TVU, [o livro] editado pela Caravela Selo Cultural. Me fala um pouco sobre o gênero híbrido da prosa poética. O senhor já escreveu alguns livros de poesia também, e esse aqui classifica como prosa poética com conteúdo histórico. Vamos falar um pouco sobre esse formato.

Janduhi Medeiros: A literatura tem estética, né, a poesia tem estética. Uma coisa é um livro acadêmico, outra coisa é um livro de literatura, e é possível ter mais conteúdo no livro

de literatura do que no livro acadêmico. Às vezes, existe a junção dos dois, por exemplo, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, ele preenche os dois elementos; talvez o livro mais importante da sociologia brasileira, que deu o pontapé a esse debate desse povo brasileiro, que eu gosto mais do livro de Darcy Ribeiro que tem o nome *O Povo Brasileiro*, mas a origem é importante, e *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro, tem o cuidado de não ser só um livro acadêmico. É um livro que é aberto ao leigo porque tem uma leitura poética também, e eu quero, com essa coisa do judeu no sertão, eu fui verificar se havia fundamento para isso, estudei de cinco a seis anos, como falei anteriormente. Eu tenho pós-graduação em História, sou formado em Direito, vivo da advocacia, do ponto de vista substancial; do ponto de vista de devaneio, eu vivo da literatura. Eu prefiro mil vezes ler uma banda de um livro do que passar um domingo no shopping, eu não vejo sentido, eu posso estar maluco; isso acontece, né, com as pessoas, ter um bocado de parafuso mal colocado aí. Eu, deixar de estar em uma rede deitado, lendo um bom livro, para passar uma tarde feito uma carrapeta tonta em um shopping, aqui pra nós, né? Aliás, como foi dito no programa anterior, eu vivi e nasci nas esquinas, ouvindo as pessoas conversarem, cantador de amoladores, cantando no desafio poético. No shopping é um desfile de vaidade, quem tem o

relógio mais bonito, quem tem a camisa de grife... acho isso uma maluquice, as pessoas não percebem que a humanidade está se destruindo, né. E como eu não estou nessa maluquice, fui buscar o juízo de valor dessa origem seridoense e cheguei à conclusão de que o Seridó é realmente de origem judaica. Onde é que está essa fundamentação? 1500, a Europa vai passar uma grande crise, uma crise religiosa, política, econômica. Qual [o] elemento da crise religiosa? A indulgência, a fonte de renda da Igreja Católica era a indulgência – “eu pagar pelos meus pecados”. Eu matava, roubava, enganava, dava um tanto lá ao Vaticano e eu ia para o céu; dentro também da Igreja Católica, que é bom fazer esse registro, um segmento começou a achar que isso não estava certo. Martinho Lutero é o símbolo disso, e a Igreja Católica não conseguiu mais sustentar a indulgência, a receita cai, a Igreja Católica precisa de dinheiro. Os espanhóis, antenados nesse interesse da Igreja, quero imaginar porque era a onda política do momento, expulsa[m] todos os judeus do território espanhol, vai exigir que Portugal faça o mesmo. Portugal tinha uma relação melhor, se tolerava mais os judeus, até porque 15 a 20% da população portuguesa era de origem judaica, e esses 15 a 20% eram os maiores comerciantes, todos os professores das universidades. Em 1500, já que estou aqui em um altar universitário, Portugal já tinha universidade há

250 anos, então tinham muitos professores universitários, todos eles de origem judaica. Todos os médicos, em 1500, tinham origem judaica, todos os comerciantes, ou seja, o topo da pirâmide em Portugal econômica era de origem judaica. O rei, muito inteligente, sabia que, se expulsasse os judeus, ia ter um problema econômico no país, e Portugal ficou ali, como quem está cozinhando, e, querendo enganar a Espanha, foi segurando. A Igreja entra no processo, e tem uma hora que Portugal não consegue mais segurar, e o rei tira da cartola uma carta, que o português, ao contrário do que se imagina, o rei cria a figura do Cristão-novo, ou seja, o judeu convertido, e com isso o judeu era judeu por dentro, espiritualmente, mas para não sofrer uma perseguição, ele se declara Cristão-novo; aqueles que não se declararam era o Tribunal do Santo Ofício, a Inquisição. Em que consistia a Inquisição? Alguém era processado por uma denúncia sem nenhuma prova, um processo viciado, um processo fraudado sob o crime de heresia, o judeu era herege, era diferente. Qual era a primeira providência? Confiscar todos os bens; uma parte ia para a Igreja, outra parte, para a Coroa e uma comissão gorda para o denunciante. Imagina se tu tem muito dinheiro, a minha situação não está lá essas coisas, eu digo que você é herege, o Tribunal do Santo Ofício lhe pega, e eu ainda ganho uma comissão. Eu vou sair denunciando

aí quem é e quem não é. Aquele judeu mais autêntico não aceitava esse tipo de coisa; quem tinha muito dinheiro fugia para Amsterdã. Amsterdã, na Holanda, já era um país republicano com tolerância religiosa. Quem não era, se refugiava clandestinamente para as colônias; qual era a colônia que atraía mais, embora, naquela época, ninguém quisesse vir para as colônias? Já se tinha notícias em Lisboa, em toda Portugal, na Europa, que a colônia do Brasil era a melhor. Esses judeus mais medianos economicamente vinham, clandestinamente, morar, sobretudo, em Recife, que onde tinha uma atividade econômica, que era a cana de açúcar. O rei de Portugal percebeu que isso poderia ser interessante para Portugal, porque Portugal tinha interesse de povoar as colônias. O que o rei de Portugal faz? O povo português, não brinque, não, ele cria a pena de degredo. Essa coisa que o degredado era marginal, bandido, ladrão, matador é mal contada. A maioria dos degredados era de origem judaica, o processo era de heresia. Muitos deles começam a vir oficialmente, vão sobretudo para Recife; de 1500 a 1600, existe um desenvolvimento, Recife cresce, Recife passa a ser a cidade mais importante do Atlântico Sul, mais importante que Nova York, mais importante que o Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador. O maior fluxo de exportação dessa época de todo o oceano nessa época eram em Recife:

Recife passa a ser a cidade mais econômica do país. Muito[s] desses judeus enricam e enricam, ficam mais ricos do que muitos deles em Portugal, o Tribunal do Santo Ofício chega em Recife em 1598. Pra quê? Pegar o patrimônio desse povo, e tome acusações.



Apresentador: Isso acabou levando muitos aqui para o nosso Seridó.

Janduhi Medeiros: Exatamente isso, já tinha uns e começa um fluxo maior ainda de pequenos comerciantes, de pequenos produtores, que eles já tinham notícia de uma terra que os escondia. Já se comentava em Recife, em 1550, 1570, que tinha uma região que protegia os judeus, e essa

região eles denominaram [de] “a terra do refúgio, a terra do repouso, a terra do acolhimento”. Eles usavam a palavra hebraica que tinha esse significado, que era a palavra *Serid* que deu origem à palavra Seridó, então, vocês aqui na universidade digam que Seridó é de origem indígena, Seridó é uma palavra de origem hebraica. Seridó, bodó, forró, forrobodó, tudo de origem hebraica.

João Mário: Eu gostaria que você contasse um pouco das curiosidades das relações que você encontrou entre o povo seridoense e a cultura judaica.

Apresentador: Inclusive a respeito das nomenclaturas, da simbologia das palavras.

Janduhi Medeiros: Vamos imaginar que, como não tem registros, os registros são escassos, é bom falar que 150, 130 anos atrás, para se publicar um livro no Brasil, tinha que ter autorização da Igreja. Qualquer livro que remetesse ao judaísmo não passava; nesses últimos 150 anos é que essa história está sendo desvendada, muito nos altares das universidades, né, nos bancos das universidades, publicações, livros importantes. Então, essa comunidade judaica, fugindo da perseguição da Inquisição, vai se esconder no sertão brasileiro, e o Seridó, que antes de existir essa geografia Rio Grande do Norte-Paraíba, essa colônia já existia, que seria

hoje o semiárido do Rio Grande do Norte e o semiárido da Paraíba. Quem sai de Campina Grande, antes de chegar em Santa Luzia, tem uma palavra chamada “juncos”, não sei se alguém aqui já rodou nesta rodagem. Por que juncos? Porque o judeu fugitivo, quando chegava lá, geralmente trazido por outro, chegava lá e dizia, “chegamos no juncos”; o juncos era a porta de entrada da “terra de repouso, da terra de segurança”. A comunidade ficou, ali é a porta de entrada do Seridó, quem vem de Recife, e hoje esse Seridó é representado por 58 cidades, mais ou menos metade na Paraíba, metade no Rio Grande do Norte. O Rio Grande do Norte adotou o nome Seridó na microrregião; a Paraíba botou o nome de Sabugi, que também é uma palavra hebraica, e os antigos da Paraíba se diz, “eu sou do Seridó paraibano”. Quando você vai nas cidadezinhas, lá nas feiras, “você é da onde?”, “eu sou do Seridó paraibano”. Quer dizer, eles ainda guardam na memória esse sentimento e o hábito da boa gastronomia. Aqui em Natal, quem conhece o Seridó, conhece pela boa carne de sol, o bom arroz de leite, o melhor queijo, melhor picolé, melhor sequilho. Aqui se toma café, no shopping, com chocolate, né, que é bom; se o chocolate for bom, é bom, não tem jeito, mas café se toma com sequilho e alfenim. Posso fazer um *merchandising* aqui? Quem serve um bom café aqui tipo o Seridó é o Camarões. Você faz a

refeição lá, sai um cafezinho com um e alfenim, me disseram que aquele alfenim vem do Seridó. Aquilo é um doce que se faz com açúcar e, acho que, a clara do ovo, aquilo, uma senhora fica horas e horas fazendo aquele puxe, aquilo dá uma consistência bacana, saudável, chega a alimentar a mente. Então, essa boa culinária de origem, porque do índio não é, uma coisa interessante: você sabia que a tapioca é de origem indígena, mas na tapioca, tem uma coisa judaica, a estética. Na origem indígena, um beiju grande, inclusive, o índio tem uma coisa bonita que é a celebração da partilha do beiju, faz um beiju muito grande e, depois, cada índio vai lá tirar um pedacinho, que é uma coisa muito bonita, que é de se fazer inveja em muitas partilhas religiosas. O judeu, quando chega no Seridó, ele não tem o trigo para fazer o pão ázimo, que é o pão sagrado deles, mas ele aprendeu com o índio que, com a farinha da mandioca, poderia ser feito, e eles passam a fazer o pão sagrado deles com a matéria-prima da tapioca, e eles chamavam, fora de casa, de tapioca, mas nas celebrações de orações deles, eles o tratavam como o pão sagrado deles. Por isso, da estética.

BLOCO 3

Apresentador: O senhor estava falando das curiosidades gastronômicas, inclusive da influência judaica, tem uma iguaria específica? Por favor, compartilhe.

Janduhi Medeiros: Os costumes do povo do Seridó, de andar, de se vestir, de vestir uma boa roupa para ir para a feira, têm origem judaica. A iguaria que eu queria dizer, que essa é única, né, a carne de sol, o queijo, tudo isso é influência judaica, que poderia ser de outro povo, mas foram os judeus. Eles trouxeram uma iguaria eminentemente judaica, que vem dos hebreus, que é o filhós com mel, você só encontra o filhós com mel no Brasil; no Seridó, que é um bolinho de trigo, ele é cozido e servido com mel, na origem, com mel de abelha, com o advento da cana de açúcar, com o mel de cana de açúcar. O seridoense aprendeu a fazer o mel a partir da rapadura, que é um mel especial, porque eles dissolvem a rapadura na água, deixam a água evaporar... Vocês já viram casca de laranja pendurada nas telhas do Seridó, no sertão? A pessoa descasca a laranja e joga nos caibros, aí, uma hora lá, ela se segura, e com o tempo ela fica bem sequinha. Ali tem uma função extraordinária, serve para fazer chá, e esse mel, ele fica meio travado, se bota alguns pedaços daquela casca seca e ele fica destravado, gostoso, que isso é de quem

domina a cozinha, e é com esse mel que se serve o filhós com mel. Em Caicó, tem um restaurante que serve muito bem, porque o filhós com mel é uma iguaria sagrada, porque não pode ser servida a qualquer dia, a qualquer hora, em copo plástico. Ele tem que ser servido em dias sagrados, 50 anos de casamento; no primeiro ano de casamento não se serve o filhós com mel, não, é pecado, tem que ser um negócio de valor. A Páscoa, no domingo de carnaval, essa data aí tem uma relação religiosa, eu não sei dizer aqui, não me lembro, se serve o filhós com mel nessas datas religiosas, porque é uma iguaria para celebrar, e tem que ser servido no pirex da cristaleira. Vocês sabem o que é cristaleira? Sabem? Pronto, é uma coisa nobre, sagrada. Tem um restaurante em Caicó que faz isso, serve no pirex bacana. Essa iguaria no Seridó ficou presente, comida bem elaborada, bem feita, limpa, são hábitos que ficaram, a forma de deixar a sandália, a forma de entrar em casa, essa é boa. Toda entrada de casa tem um tapetinho, né, para os hebreus, e os judeus adotaram, a casa de oração importante é a do lar. Então, para você entrar dentro de casa, você tem que se purificar – claro que é simbólico, você vai se purificar espiritualmente –, aí você bate os pés antes de entrar em casa. Tem um gesto bonito do camponês do sítio do Seridó que, quando ele vem do sítio, tava lá no curral, cuidando do gado, quando ele chega em

casa, ele não entra pela porta da frente; ele vai lá no quintal, tem um bacia com água. Ele lava as pernas, não é os pés, não; arregaça as calças, lava as pernas, arregaça as mangas, lava os braços. Quando ele faz isso, pode entrar dentro de casa. O camponês, quando faz isso, não sabe nem por que está fazendo, mas ali ele está se purificando, tirando as impurezas do labo para poder entrar em casa, porque a casa é sagrada. Isso ainda está presente no Seridó, tem gente no sítio que faz esses gestos.

Felipe Oliveira: Eu queria que você comentasse só sobre a poesia com cunho social, e já citando alguns autores, Castro Alves, Patativa do Assaré, essa possibilidade da poesia não ficar como algo de entretenimento, mas ficar com essa pegada de se preocupar com o aspecto social.

Janduhi Medeiros: Será que o povo do Seridó gosta mais de poesia do que o povo aqui do litoral? É possível dizer que a atmosfera, sobretudo da poesia popular, no sertão, ela é mais forte? Você sabe quem inventou a poesia no mundo? Alguém inventou, ela não caiu na chuva. Quem inventou a poesia no mundo foram os hebreus; os hebreus criaram a poesia porque eles perceberam que o processo de educação, que o processo de disciplina, era melhor alcançado com a poesia. Por isso que o sertão tem uma atmosfera poética, em Caicó, Ana Luiza, o sertanejo chega no bar, seu Manoel

coloca uma cachacinha, aí antes dele ingerir aquela bebida, ele levanta o copo, “assim no tempo da mocidade, que com saudade bebia, hoje bebo com saudade da saudade que eu sentia”, aí toma a cachaça, aí saí feliz da vida. Isso é um hábito dos nossos colonizadores ou é hábito dos indígenas? O cordel, ele foi trazido pelos colonos mais pobres; eles não podiam adquirir livros caros, aí eles faziam os livros de poesia deles, e o sertanejo aprendeu isso. Só que o sertanejo, como não tinha a prateleira, botava uma corda de um canto para outro e pendurava o livrozinho. Como era pendurado em uma corda, passou a ser chamado de cordel. Até nisso o sertanejo, porque o sertanejo, ele tem identidade, tudo dele você identifica que é dele, então respondendo a sua pergunta, a poesia tem força de transformação. Castro Alves morreu com 23, 24 anos e abalou as estruturas da República, abalou as estruturas da Igreja; Castro Alves foi o maior subversivo da época dele. Chamando atenção da Igreja e do Estado, “ei, escravo não tem alma? Escravo não é filho de Deus, o negro não é filho de Deus?”, e a Igreja ficou calada. O remédio que a Igreja encontrou foi neutralizar ele, ele, ao exemplo de lideranças até hoje no mundo, ele foi neutralizado, foi tirado do seio social; depois da morte, já não era mais ele, ele era uma ideia e não tinha mais como segurar.

Eudes Freitas: A gente gostaria de saber em quais projetos você está envolvido no momento, o que você anda fazendo, o que está acontecendo na sua vida agora que você gostaria de compartilhar com a gente.

Janduhi Medeiros: Rapaz, eu estou buscando essa tal felicidade, e estou descobrindo que a gente pode ser feliz com coisas simples. Por exemplo, estou aqui com vocês, isso me dá um prazer tão grande, um bate-papo, né. Conversar sobre coisas simples, que é possível, através das coisas simples, a gente resolver os nossos problemas. Eu vejo tanta coisa, eu vejo assim um economista debatendo com um político, eu fico procurando o que eles estão debatendo e, sinceramente, não consigo entender. Por isso que o povo do interior, eles são objetivos, né, eles procuram debater e discutir na simplicidade; e a universidade, eu tenho percebido hoje que tem essa preocupação, né? Quando entrei na universidade, nos anos 80, as universidades eram consideradas, de certa forma, um “depósito de sabedoria”; isso era ruim para as universidades. Ela precisou se renovar, conversar com o povo, porque tem a elite econômica, elite cultural, elite intelectual, ela precisa se comunicar com o povo, porque o povo pode não ter a inteligência acadêmica, mas tem a sabedoria, e quem tem sabedoria... saia de baixo, viu, porque, eu vou dizer uma coisa aqui. Drummond não é maior que Patativa do Assaré,

Pelé não é maior que Garrincha. Garrincha não só jogava futebol, Garrincha ia para o campo para levar alegria para o povo. Hoje é diferente. As melhores biografias que você tem são sobre Garrincha, porque Garrincha se comunicou com o povão. Assim na música, Luiz Gonzaga se comunicou com o povão, e político que se comunicou com o povão era perigoso – Castro Alves correu esse risco.

Apresentador: Eu fiquei com uma curiosidade a respeito do livro, o título *A Pedra da Cruz*, que pedra é essa?

Janduhi Medeiros: A Pedra da Cruz dos hábitos judaicos, esse é o mais importante que ficou. No velório judaico, não se colocam flores, se coloca pedra, é feito o enterro; o morto não vai em caixão, vai em padiola. Quem é do Seridó antigo deve ter visto enterros de padiola, de redes. Ou tira do caixão e a pessoa se enterra sem nada, que isso é um hábito judaico, e quando faz lá a cobertura, se coloca a cruz entre as pedras. Eu quero imaginar que a região lá da Palestina, de Israel, ela é uma região muito semelhante ao sertão nordestino e deve ter muita pedra. Cerca de pedra é uma cultura judaica trazida, o Seridó tem cercas de pedras há mais de 300 anos; atenção, universidade: no sertão do Seridó, tem cercas de pedras com mais de 300 anos que as construtoras estão desmanchando, tirando para fazer alicerce de prédio. Isso era da cultura judaica; no Seridó, eles trouxeram esse hábito, e uma pessoa,

quando morre, sobretudo na beira da estrada, aí você passa lá e vê uma cruz, um pedestal cheio de pedras. Teve gente que achou que aquelas pedras era para segurar a cruz; não, ali é porque várias pessoas já passaram, vão passando e vão colocando as pedras. Do ponto de vista filosófico, os hebreus entendiam que a alma, ela é eterna como as pedras, né bacana e bonito isso? Isso está presente no Seridó até hoje, isso com os colonos, depois com os retirantes que morriam na beira da estrada. Hoje é acidente de carro, né; a pessoa morre, o hábito ficou, coloca uma cruz lá, umas pedras, e quem vai passando a pé. Outra coisa que fiz muito quando menino: a gente andando pelas estradas, dos sítios, das rodagens, sempre que tinha uma cruz, a gente, moleque, a gente roubava manga, mas também botava pedra na cruz. Quem assistiu aqui “A Lista de Schindler” lembra-se do final? Os vivos, que Schindler conseguiu salvar na guerra da perseguição de Hitler, vão visitar o túmulo dele, todo mundo leva uma pedra e vai colocando lá. Isso é um hábito judaico trazido para o sertão brasileiro, sobretudo para o Seridó. Essa simbologia é importante porque o alívio mental que vocês têm, botar uma pedra na cruz com o sentimento verdadeiro, você tem a sensação de que está se comunicando com Deus, e essa sensação eu tive demais, porque quem mora no sertão tem essa vantagem, né; você tem uma aproximação espiritual

com a coisa divina, isso de calça-curta e pé no chão, porque diz que Deus não olha as roupas que você veste, né, não sou muito ligado a esses negócios.

CONSIDERAÇÕES

Janduhi Medeiros: Eu tenho a impressão que os agentes de turismo do Rio Grande do Norte não conhecem a nossa história. Tem mais de 50 milhões de pessoas interessadas na história dos judeus no mundo. O Seridó é o maior museu da história no Brasil, e eu vejo aqui dizer hoje que, no Rio Grande do Norte, a maior indústria é o turismo, e eu nunca vi um agente público dizer que, se fizer um museu para resgatar isso, pode ser um atrativo econômico para o Seridó, uma região tão frágil. É muita incompetência governamental, mas espero que, a partir desse debate, uma luz no fim do túnel surja como a Pedra da Cruz.

Capítulo 18

Entrevista com Erick Pereira

PROGRAMA 16

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Alyrson Aguilar (Jornalismo)
Aracely Xavier (Jornalismo)
Concita Alves (Jornalismo)
Jenifer Costa (Audiovisual)
Caio Rodrigues (Radialismo).

Entrevistado

Erick Pereira
Advogado, professor da UFRN.

Apresentação em *off*

Erick Wilson Pereira é professor adjunto da UFRN, especialista em Direito e Cidadania, Criminologia e

Direito do Trabalho, leciona para cursos de Graduação e Pós-graduação. É mestre em Direito Constitucional e Doutor em Direito do Estado pela PUC-SP. Possui inúmeras publicações jurídicas, entre elas, destaca-se a obra *Reforma Política: Brasil República*. É integrante da Comissão Nacional de Direito Eleitoral do Conselho Federal da OAB. É sócio-diretor da Erick Pereira Advogados, escritório de advocacia com sede em Natal e filiais em Brasília e São Paulo.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos começar falando do seu contato com o mundo jurídico. O senhor vem de uma família de juristas, advogados; o seu pai é advogado, ministro do TST. De que forma o senhor foi influenciado, motivado pelo seu seio familiar a entrar no mundo jurídico?

Erick Pereira: Eu acho até que é muito pela questão da osmose, de tanto contato que se tinha. Eu comecei como estagiário, pagando boleto em banco; com 15 anos de idade, eu já tentava produzir, digamos assim, algo financeiro para mim. Então eu ia para banco, fazia o papel de *office-boy*, ia lá, pagava as contas, voltava, e aí esse contato com o escritório em si, não que com 15 anos você tenha o pensamento de que ali você vai para a carreira jurídica. Pelo contrário,

eu achava que ia ser dentista. Tinha na cabeça que eu iria fazer Odontologia, de tanto contar que eu passava, e no dia de fazer a inscrição no vestibular, porque naquela época era diferente do ENEM, na minha época, você tinha que ir lá, fazer aquela fila na Comperve, e aquela expectativa da universidade federal. Não tinha hoje essa quantidade de cursos que nós temos, então, naquele dia, foi que eu decidi, “não vou fazer Odontologia, vou fazer Direito”, e aí eu me inscrevi para fazer Direito. E eu passei por todas as etapas que eu acho que qualquer profissional, para ser magistrado, para ser procurador da República, ou promotor, precisa entender, [ele precisa] compreender o outro lado do balcão. Então, eu comecei como *office-boy*, depois eu passei a ser estagiário; nós tínhamos um contato muito direto com as secretarias dos tribunais, com as secretarias das varas, o próprio Poder Judiciário em si. E eu vejo muito hoje, eu digo em sala de aula, aquele aluno que consegue estagiar logo que entra na universidade, ele tem um grande diferencial no final do curso; e foi isso que eu tive, eu tive um contato muito grande. Todos os escrivães hoje, tem escrivães aposentados, que a gente se encontra e relembraria que, naquela época, o processo era físico, você não tinha processos virtuais, como é hoje. Hoje, nós estamos caminhando para tudo ficar virtualizado no Direito, mas, naquela época, o processo era

físico; você tinha que ir lá, pegar processo, deixar processo, o protocolo era um carimbo, que o escrivão dava aquele carimbo lá na hora. Tudo isso eu passei; eu limpava os livros da biblioteca do escritório do meu pai, então eu sei mexer com livro, encontrar livro, eu não precisei fazer nenhum curso de [pesquisa] bibliográfica para poder entender por que, como eles eram catalogados; eu tinha responsabilidade de tirar todos, limpar todos e guardar todos exatamente na mesma ordem em que estavam. Isso foi muito importante, quer dizer, o contato com o processo muito antes de você pagar qualquer disciplina que envolvesse processo faz um grande diferencial. Então eu costumo dizer assim, que, para ser advogado, eu consegui ser *office-boy*, consegui ser o estagiário, até conseguir concluir o curso, e quando concluo, sim, aí fiz o exame de Ordem, em uma banca que tinha até prova oral. Hoje já não tem mais prova oral. Imagina você, hoje, se já é um grande mistério você fazer um exame da OAB, que a grande perspectiva que se tem de reprovação é muito grande. Mas naquela época, além de tudo isso, tinha a prova oral, e aí você tinha que fazer aquela sustentação etc, aí eu concluí o curso em quatro anos. Hoje você não pode mais, você tem que concluir em cinco anos. Mas, naquela época, eu concluí o curso em quatro anos porque pegava de manhã e pegava à noite aqui na federal. Isso foi, assim,

uma força de influência muito forte, que eu nunca imaginei de fazer concurso para magistratura ou Ministério Público. Minha esposa, ela é magistrada, e eu costumo dizer que eu sou muito parcial para ser magistrado, eu sou muito apaixonado pelas demandas que surgem, à medida que eu me apaixono por aquilo ali, só a advocacia, essa produção científica que [é] construir teses, de defender algo que está compromissado com a parte. O magistrado não pode ter compromisso com a parte, senão com a própria consciência dele, unicamente com a consciência dele, e aí ele não tem como produzir tanta ciência como o advogado produz. O advogado, ele é um defensor de liberdade, e quando você pega os valores e esses valores são discutidos, você começa a entender como é importante esse senso de produção a partir de uma criação, de um pensamento criativo para que você possa alcançar um bem maior. Enquanto o Ministério Público tem a função de acusar, e eu acho que a acusação, ela é muito pesada, você acusar é uma responsabilidade muito grande, você tem que ter o amadurecimento muito forte. Por isso nós estamos vendo muitos abusos que às vezes acontecem por falta de amadurecimento, porque todo promotor, todo Ministério Público, eles são muito preparados, os integrantes são muito preparados. O que diferencia é o pragmatismo, é a experiência de vida que eles têm de enxergar o problema

dos outros, a honra dos outros, a liberdade dos outros. E aí, às vezes, a juventude daqueles que muitos novos passam, eles não respeitam determinados valores, e aí começa a criar o grande conflito entre advocacia como liberdade e o Ministério Público como órgão de acusação.

Alyrson Aguilar: O senhor, como especialista em direito eleitoral, e já que estamos em um ano eleitoral, eu gostaria de já começar tocando nesse assunto. Nós passamos questões que movimentaram muito as redes sociais, que foi a legalização do aborto na Irlanda e, recentemente, o nosso vizinho aqui, a Argentina, só falta ir para o Senado, já está no primeiro passo para legalização do aborto. Na sua visão, o senhor acredita que, de alguma forma, vai impactar as questões políticas desse debate? Como o senhor acredita que essas pautas mais polêmicas serão discutidas pelos candidatos?

Erick Pereira: Alyrson, sempre é bom a gente estar junto com os estudantes porque é uma grande renovação que a gente vive. Na verdade, a gente consegue entender junto dos estudantes uma problemática que muitas vezes não está pronta. Mas o aborto é um tema que se discute há muito tempo, o aborto é um tema muito polêmico; você pode buscar uma resposta pelo conteúdo ideológico, você pode buscar uma resposta pelo conteúdo histórico, assim como pode buscar também sociológico ou político. Quando você me traz

dois exemplos de conteúdo pragmático, são dois exemplos de acontecimentos de conteúdo totalmente diferente que pesam para um final igual, que foi a possibilidade. Mas eu imagino e eu penso que a questão do aborto passa por uma grande discussão, sobretudo, da mulher; às vezes, o homem discute, opina algo que não passa por ele. Porque, se formos discutir o que é a vida, a vida na biologia é a partir de um embrião, é uma fruta, uma folha, isso é vida na biologia. Na medicina, ele já vai trazer outro marco temporal do que é a vida, e aí ele vai dizer que a vida é a partir de três meses, quando existirem movimentos cerebrais, aí você começa a ter vida na medicina. Aí você vai para a coisa religiosa, na religião, o que é o aborto, o que é a vida e como esse aborto vai contemplar essa vida a partir da construção de um sentimento. E aquele julgamento que o Direito veio a analisar umas questões tão profundas e pouco debatidas no Brasil, porque nem todo político tem coragem de dizer qual a posição dele, porque você tem um país muito conservador como o nosso, onde qualquer opinião pode influenciar o resultado de uma eleição. Mas é um tema que ele tem que partir, porque o Supremo, a nossa Corte última de constitucionalidade, ela já discutiu a questão dos anencéfalos, aqueles que não têm cérebro, aqueles bebês que estão sem formação, sem cérebro, e se há ou não a possibilidade de se praticar, digamos assim, esse aborto.

Então, se a gente for pelo ângulo que se escolher, a gente costuma dizer, olha, “eu estou aqui para discutir ciência”, e muitas vezes faço todo o fundamento religioso do que seja a vida. Então, o tema aborto, ele está intrinsecamente ligado ao que a mulher acha que pode ser. Se você tem um pensamento que o Estado tem pode intervir na vida das pessoas, porque ninguém pode tirar vida nenhuma, você entra para esse conceito de vida biológico, medicina, do Direito, religião, você escolhe; mas se você for para um lado minimalista, que você dê possibilidade para que as mulheres debatam e amadurecem entre elas. Afinal de contas, são elas que vão parir, vão sofrer a dor ou não, vão ter, digamos, as frustrações ou não; aquele feto é produto de quê? Eu só acho que não devemos ter a irresponsabilidade, gerando o aborto, eu sou irresponsável, e a partir da minha irresponsabilidade, minha solução é praticar aborto; eu não concordo com isso. Eu concordo que, se você tem um amadurecimento, um grau de responsabilidade para dispor do seu corpo de forma responsável, e no debate de amadurecimento, você pode, sim, decidir se pratica ou não. Aí você se afasta desse campo ideológico, desse campo cultural, conservador, seja o que for, é o campo que, eu imagino, que a ação afirmativa do Estado, ela deve proteger, mas antes de tudo há uma vontade, que é a vontade da mulher. Ela que vai sofrer o problema, e

aí você tem aspectos inúmeros sociológicos, de que você vai ter as clínicas clandestinas, isso é um problema de Estado. Aí você vai dizer, “não existe aborto”; existe, sim. Você vai para o Rio de Janeiro e você vai ver a quantidade de clínicas clandestinas onde o Estado não chega, aí você precisa ter uma Política Pública; mas essa Política Pública, ela não pode simplesmente na resposta de dizer “sou a favor, sou contra”. Passa a você amadurecer essa sociedade para compreender, e você veja que, na Argentina, que você citou o exemplo, a grande maioria que foi favorável ao aborto, pelo menos o que a gente leu, a grande maioria que a imprensa divulgou foram as mulheres, dizendo que elas eram favoráveis ao aborto. Então você tem abstraindo dessa ideia conservadora ou a ideia mais progressista, você tem um pensamento que passa por elas, elas precisam se pronunciar, e aí você só vê homem discutindo algo que eles não sabem algo minimamente o que se passa, biologicamente ou psicologicamente, na cabeça da mulher.

Aracely Xavier: Professor, falando um pouco dessa questão da participação política, pegando um gancho agora com essa sua fala sobre a necessidade da participação das mulheres nesse debate. O que o senhor pensa ou atribui, por quê que poucas mulheres se candidatam, ou, elas têm esse espaço na política?

Erick Pereira: Eu imagino que você tem que partir por um grau de amadurecimento. A cidadania é, o que a gente diz, é o primeiro dos direitos; direito a ter direitos é discutir cidadania. Há um debate se a cidadania estaria acima do direito de vida, porque eu só tenho direito de vida se eu tiver cidadania, então o primeiro a ter direitos, o primeiro aspecto de participação que você tem que existir é compreender que nós estamos ultrapassando uma democracia que era meramente representativa, passamos agora por uma democracia participativa, e essa participação, ela exige uma credibilidade na classe política. O que eu acho que o país vive é uma forma de negativar, de criminalizar. Hoje, nós estamos em um momento de intolerância, estamos em um momento de ódio, em que é muito fácil você digitar 150, 200 caracteres em um Twitter opinando, achando que é só você e seu quarto onde você está opinando. Aí você não faz a crítica construtiva, o debate de amadurecimento desse tema, então no instante que o jovem não compreender que ele precisa participar porque, se ele não participar da política, ele vai estar fadado a ser governado pelo mau político. Ele precisa compreender [que], se ele não participar da política, alguém vai votar, e esse político, bom ou ruim do qual ele quis se manter distante, vai se eleger. Então, a efetividade dessa participação é o que faz essa depuração dessa vontade genuína do eleitor, a soberania

popular como se chama, sufrágio no qual você tem o direito em pensar em quem vai votar, é o processo de escolha. Você tem todo esse processo de elucidação que você está dando de compreensão e pré-compreensão no seu pensamento, e você materializa através do voto, então você sufraga na sua cabeça, mas na hora de votar, você pode até mudar, porque o único instrumento no mundo em que se audita um voto é o sistema brasileiro, a urna eletrônica. Você digita o número que você quer e ele te pergunta: “você confirma isso aí que está fazendo?” Nos EUA, você digitou, acabou; você furou o cartão, acabou. No Brasil, não; você tem uma urna eletrônica que faz a auditagem, então o que me preocupa e o que eu vejo é o descrédito e o discurso de construção. Hoje, você está construindo um discurso contra a política; eu acho que não é por aí o caminho. Você tem péssimos políticos, nós estamos vendo a todo momento as operações que surgem neste país e a investigação das instituições muito republicanas, tanto o Ministério Público quanto a Polícia Federal, costumo dizer, são as duas instituições mais republicanas que nós temos, diante dessa mobilização e desse poder que a Constituição deu de investigação. Mas nós temos bons políticos, não são só os maus; os maus, eles precisam depurar, agora nós temos bons políticos. O que nos diferencia? Na Alemanha, quando o *Regensburg* [partido político alemão]

foi encontrado com um milhão de dólares, ele [o partido] foi encontrado lá com um milhão de dólares – vamos usar a metáfora “da cueca”, ele estava lá com “caixa 2” de um milhão de dólares –, ele não se elegeu mais. Veio Angela Merkel, e hoje está aí, sendo exemplo de liderança no mundo. Inclusive com relação a problemas muito próximos de nós como estamos vivendo, os refugiados, nós estamos com a Venezuela, eles estão com vários países querendo refúgio, e ela tem dado uma demonstração absoluta de liderança. No Brasil, você vê as pessoas sendo flagradas com dólar, com dinheiro na cueca e, muitas vezes, ele se reelege; então essa é a falta de amadurecimento, essa falta de credibilidade. Essa falta de participação do cidadão brasileiro nesse conjunto que precisa amadurecer e que precisa depurar, para que os jovens acreditem que o futuro será um futuro melhor. Nós temos que construir um discurso positivo e não construir algo que seja negativo. Ou seja, de desconstrução de uma democracia, porque nós não vivemos sem a democracia, nós já amadurecemos ainda de forma, digamos, um pouco, com muitas dificuldades, mas sabemos o que é um período antes de 88; se não soubemos, mas já lemos sobre o período antes de 88. Então, é importante manter essa ordem para que você possa alcançar algo que você depure e que a sua vontade seja representada por bons políticos.

Apresentador: Erick, isso passa também por um processo de alfabetização política [do] brasileiro, e se o senhor acha, acredita que isso já está ocorrendo, que o brasileiro está mais politizado nesse sentido para entender melhor os mecanismos dos procedimentos?

Erick Pereira: Quando você vai discutir a teoria do poder, você, quando entra em um debate sobre teoria do poder, você tem, de um lado, o que Maquiavel chamou dos vícios do ser humano, onde tem a corrupção, inveja, cobiça, e ele fala dos cinco vícios que você tem. Quando você traz esses vícios filosóficos aqui tão debatidos para uma realidade, você tem uma ausência absoluta de Estado; quando você tem uma ausência absoluta de Estado, você cria a ambição de que quem está no poder quer manter, ou quem está fora quer alcançar esse poder, e aquele cidadão que não tem comida, não tem casa, não tem educação, não tem absolutamente nada. Você começa a gerar o quê? Um conflito ético. Você imagina um conflito moral, alguém que não tem, os filhos estão com fome, ele está ali vendo o dia a dia sem ter o que comer, chega um determinado político com um sacolão para trocar pelo voto dele. Imagina ele dizer assim: “não, isso é uma questão ética, não vou aceitar seu sacolão porque minha moral não!” Ele está morrendo de fome, não tem um Estado ali, ele está no assentamento que sequer tem água

e luz, minimamente água e luz, e aí o político, por uma ambição, ele se aproveita dessa necessidade humana. Com esse conflito, se você não tem uma sindicabilidade do Estado, de ir lá, investigar, caçar aquele político, produzir sanções que depurem esse processo, você nunca vai conseguir chegar a um grau de amadurecimento que Bertolt Brecht falou lá no alfabeto político. Ele traz, nessa filosofia, pensamento do que é, o analfabeto político é o quê? É aquele que você vai ler, vai entender, que vai pesquisar; você imagine alguém que não tem o que comer, imagina que ele tenha acesso a uma internet, impossível que ele leia um jornal. As notícias às vezes chegam para ele com semanas de atraso, ele está preocupado em ter o que comer e o que ele irá fazer amanhã. Se o crime organizado, aí vem o Estado paralelo, muitas vezes faz a captura de pessoas de índole maravilhosamente boa, mas que não tem outra alternativa senão ir em busca de algo de sobrevivência. Porque aí é o instinto natural, então eu acredito que se nós não tivermos um programa como esse, uma sociedade pensante; e a turma de Comunicação, eu estava ali vendo vocês conversarem etc, é uma diferença muito grande da turma de Direito, muito mais descontraído, vocês são mais alegres. Então, a comunicação fica mais fácil, na teoria e na linguagem; se você trabalhar essa forma de inter-relacionamento, você começa a produzir resultados,

porque você tem essa forma de que, qual o pensamento e qual o juízo crítico, qual precisa amadurecer sem que haja essas vaidades, que, muitas vezes, na minha área tem, é muito “tapa nas costas”, muito “cortejo”, e em compensação, você não tem essa forma amiga de se relacionar, de sorrir, e com isso construir ideias, porque o que falta no Brasil são as cabeças pensantes de construção de ideais. As ideias boas muitas vezes vão para fora, e aí eu vi que tem uma colega de vocês que foi para Alemanha, outra não sei aonde, na Itália, porque as boas cabeças, o Brasil não se preocupa em [incentivar a] ficar, mas as grandes potências puxam, e essas cabeças vão produzir. Quando a gente sabe que nós somos um celeiro até culturalmente, a nossa formação genética nos dá possibilidade de não sermos hermeticamente fechados como os germânicos, e nós temos a possibilidade de construir na criatividade. Essa é a academia que devemos ter.

BLOCO 2

Apresentador: Erick, além de professor, advogado, o senhor tem livros publicados. Fala um pouco das obras, do que tratam e de como se deu esse processo do interesse de produzir livros na área do Direito.

Erick Pereira: Eu sempre gostei muito de ler, sempre tive essa perspectiva de leitura por influência da minha mãe; duas coisas que eu fiz, eu agradeço demais a ela, foi aprender inglês, que eu tinha horror de ir para a tal aula de inglês, e eu só tinha direito a algum benefício se eu lesse determinados livros. Aí eu tinha o “Tesouro da Juventude”, que ela fez eu ler todos os 18 volumes, e aí eu fui criando essa ideia, e aí eu sempre tive, assim, aquele velho ditado, “o homem tinha que ter um livro, tinha que ter uma árvore e um filho”, na hora que você tiver esses três; eu sempre ficava com isso na cabeça. Então entrei na faculdade sempre lendo muito, mas eu fiz especialização aqui na federal, tanto fiz especialização, primeiro em Direito e Cidadania, depois eu fiz especialização em Criminologia, depois eu fui fazer especialização em Direito do Trabalho. Feitas essas três especializações, eu não podia ir para o Mestrado de imediato porque eu ajudava muito meu pai no escritório. Então, meu início foi essa produção no escritório, então eu passei cinco anos fazendo especialização aqui no Rio Grande do Norte. Quando eu fui fazer meu Mestrado, e aí eu saio para fazer meu Mestrado, eu já tinha casado, e aí eu tive uma paciência da minha esposa – porque eu vivia mais dentro do avião do que propriamente em Natal ou São Paulo –, mas terminei o mestrado, eu produzi uma obra que foi publicada pela

editora Saraiva, uma das boas editoras, digamos assim, da área jurídica, porque você tem grandes editoras, Companhia das Letras, coisa e tal. Mas, na área jurídica, você tinha essa Saraiva, porque todo mundo queria ter um livro publicado pela Saraiva, então eu já começo por essa publicação da Saraiva. Acho que isso aí, essa qualidade dessa produção ainda no Mestrado, isso permitiu que depois a RTL editasse outro livro, depois a José Olympio, a Record, que todos nós conhecemos, começasse a editar. Este ano, por exemplo, eu estou editando meu novo livro, eu fiz um livro mais de obra coletiva, em homenagem ao ministro Celso de Melo, e a gente lançou em São Paulo na Conferência Nacional dos Advogados, que é o maior evento. A cada três anos, esse evento acontece; no lançamento, essa homenagem ao decano, ao mais antigo de uma Corte de 11 ministros do Supremo, a gente prestou essa homenagem. Aí você tem quase que oito ministros, são oito ministros do Supremo escrevendo nessa obra, e ela foi lançada, uma obra coletiva; este ano eu estou terminando, vai sair pela José Olympio novamente. Nós estamos fazendo mais um lançamento, vai ser o novo livro que eu vou escrever, mas o que eu acho importante, eu costumo dizer que o conhecimento dogmático, ele é fundamental sobretudo para quem pretende dar aula. Tem que ter um preparo, mas eu acho que o pragmatismo é o

mais importante. Pela minha experiência de vida, não sei se pela minha formação ter sido muito no campo empírico do acontecimento, não era o campo empírico da construção da ideia. Então, eu acho, o pragmatismo faz uma grande diferença em qualquer profissional. Você vê um médico, que é clínico geral, ele vai bater o olho, vai descobrir, diagnosticar, porque ele tem o pragmático, ele tem que resolver naquela hora. Se não resolver naquela hora, ele não vai ter o maior bem, não vai ser possível recuperar; na área do Direito, vai ter a liberdade, patrimônio, então você tem que ter essa experiência, você tem que ter com compreensão disso aí. Então escrevo livro, leio muito, eu digo muito aos alunos daqui da federal: “Olhe, tem que ler tudo, tem que ler poesia, tem que ler jornal, você hoje tem uma velocidade imensa de informação”. Hoje, você dá uma aula assim, se em 11 minutos você não conseguir prender atenção, tem um estudo francês que fala, 11 minutos depois, o aluno já está preocupado. Porque a informação, ela chega rápido, então você vai dispersar esse pensamento, essa construção que você tem que dar de aprofundamento, não fica na superfície. Debater algo que você tenha conteúdo científico, a certificação que a gente chama na Academia, a validação do seu pensamento, ele precisa ser verdadeiro. Então, no instante que você tem a construção desse amadurecimento e cria dentro desse

pragmatismo, a diferenciar o que seja uma *fake news*, o que seja uma notícia verdadeira, o que é uma notícia falsa ou o que é notícia verdadeira. No instante que você pega aquilo ali, e olhe que a *fake news* mexe com seu sentimento, né, de imediato você quer compartilhar; mas quando você tem um certo preparo, você descobre, já na redação, que aquilo está se tratando de algo diferente. Então essa produção, eu vejo muito assim, a parte acadêmica, ela é fundamental, ela é importante, você tem que ter, mas você tem que ter experiência de vida, você tem que viver. Eu digo muito aos meus filhos: vida não é só os livros. Eu tenho um filho que vai fazer vestibular para Medicina, a minha filha vai ser para Direito, mas ele vai fazer para Medicina, se Comunicação estuda mais que Direito, Medicina estuda mais que Comunicação e Direito juntos. Até para entrar na universidade, é um grau de estudo, de comprometimento consigo mesmo e com os livros, que faz com que você diga o seguinte: será que a vida é só livro? Não, a vida é o viver, e aí você tem formas de viver; você pode ter a vida sem liberdade de viver, você vive sem acontecer o momento, sem produzir nada pra ninguém. Quando você vive interagindo, você vive com liberdade, com a possibilidade de ter, na sua vida, algo que marque, seja para sua geração, outras gerações, seja para seus parentescos, seus descendentes. Mas eu digo que o importante de tudo isso é:

além de você ter o aspecto acadêmico, saiba interagir, saiba viver, que está acima de tudo, é muito rápido. A gente está com 15 anos trabalhando de *office-boy* no escritório, outra hora você está advogado, e quando você menos espera, seus filhos estão fazendo vestibular. Então, quando você abre o olho, eles já estão indo embora, fazendo o Mestrado lá não sei aonde, porque a gente vai até São Paulo, aí os filhos já querem ir para os EUA, querem fazer mestrado lá fora, aí o bom da vida é isso.

Concita Alves: Eu gostaria de saber sua opinião. A Constituição de 1988 é considerada a Constituição mais cidadã que a gente teve no Brasil. Diante disso, eu gostaria de saber sua opinião a respeito do que você acha da condução coercitiva.

Erick Pereira: Olha, você tem que entender a essência cultural de momentos. Em 1215, você tem o nascimento de um constitucionalismo [na Carta Magna inglesa], que discutia o quê? Divisão de terras; então o valor maior era, “vamos agregar para dividir terras”. Se você fizer um corte epidemiológico, trazer o tema pra Revolução americana, o que você vai discutir na Revolução americana? Você vai discutir, na Revolução americana, igualdade. Eles tinham liberdade, mas não tinham igualdade, então a Constituição Americana traz o tema igualdade. Em momentos muito

próximos, você vai para a Revolução Francesa, que poeticamente é igualdade, fraternidade, uma coisa bem bacana. Mas a Revolução Francesa discutia o quê? Liberdade. Então, você começa a ter essas Constituições ainda na identidade de cada uma delas. O que aconteceu no Brasil? A Constituição de 1988 é analiticamente diferente porque nenhuma Constituição tem tanto artigo como a nossa. Nós temos, hoje, 100 emendas, que é quase outra Constituição, e o que de essência aquela Constituição tinha? Ela buscava preservar os direitos mínimos, porque nós passamos um período, e aí, se a gente for olhar as Constituições brasileiras, ela é cíclica, ela começa na Monarquia. O Brasil é o único no mundo onde você conseguiu ser Estado antes de ser sociedade, Elias fala, você tem massa; depois da massa surge uma comunidade, essa comunidade é por cor, por gosto, por região; depois dessa comunidade, você tem uma sociedade, e essa sociedade, que é só em termos morais, vai produzir um conjunto de normas, o chamado ordenamento jurídico. Aí, você tem Estado, o Estado tem essa evolução, só que o Brasil, nós éramos meramente uma comunidade, nós éramos índios etc, vem a Corte portuguesa e diz, “não, Estado brasileiro”, e cria o Estado imperial brasileiro. Então, nós tivemos uma grande dificuldade já nesse amadurecimento, porque nós passamos a ser Estado antes de ser sociedade, e aí vem a

primeira Constituição, de 1824, que era uma Constituição do Poder Moderador. Ou seja, era uma Constituição imperial, não era uma Constituição de natureza constitucional, tanto que o Imperador manda estudar a Constituição americana, a Carta das 13 colônias dos EUA. Para poder ter a Carta, ele precisou ter os direitos individuais e os direitos do Estado fundidos em uma única Carta, porque Constituição é só direito do Estado, é estrutura estatal, isso é Constituição, mas os EUA inauguraram essa modalidade diferente e cria o presidencialismo, que até então não existia. O Brasil vem com a de 1924, e começa a discussão para surgir uma República, então nós vamos subir para um Estado republicano, quando você tem aí a de 1921, a primeira Constituição republicana. E aí nós descendo, vamos aí até chegar aí a de 46, quando chega na de 46, a mais constitucional das constituições é a nossa. Aí vem a emenda 69, que alguns acham que é a Constituição, então a dúvida é, nós temos sete ou nós temos oito? Se considerar a de 69, passa a ter um número maior. Quando você chega na de 88, o que se debatia naquele momento? O direito mínimo. Então, é direito a ter direito, é cidadania. Por isso que você começa a dizer essa é uma Constituição cidadã, ainda você, e aí Ulysses Guimarães, que foi o grande precursor dessa ideia de ter direitos, do cidadão brasileiro ter direito à liberdade, ter direito de expressão,

direitos mínimos de ir e vir, as ações constitucionais, mandado de segurança. São coisas que foram garantidas em uma Carta imensa, e eu digo muito o seguinte: o direito constitucional, hoje nós temos uma divisão, duas formas de direito, digamos assim; o direito comum, costumeiro, direito inglês, de como começou o constitucionalismo; e um que tem que ser escrito. O nosso problema é que, no Brasil, tudo tem que ser escrito e tudo só se resolve com reforma, então nós vivemos uma crise de reformismo, e você pode prestar atenção, qualquer problema, faz uma reforma política, faz uma reforma tributária. Tudo é reforma no Brasil, quando, na verdade, isso é uma retórica utilizada. O que você tem que ter é efetividade. Nós temos mais de seis milhões de normas da Constituição, a resoluções de normas legislativas. Então, se você não dá efetividade ao que já existe, por que tantas emendas na nossa Constituição? A Constituição brasileira, ela precisa ter aceitabilidade, efetividade, é aquela história que a gente usa muito, essa lei pegou, brasileiro sempre diz isso. Não, essa lei não pegou. Vamos tentar fazer com que a Constituição brasileira seja uma lei que pegou.

Apresentador: Eu acho que a Concita colocou também da constitucionalidade da condução coercitiva.

Erick Pereira: Tudo que gera restrições a direitos, eu tenho uma grande preocupação, porque, qual o sentido, seja

fundamento jurídico, seja fundamento filosófico, de você fazer uma condução coercitiva de alguém que ainda não foi perguntado ou ainda não se escusou de não ir? Qualquer cidadão hoje, grande maioria das pessoas vibram, levou fulano de tal, fulano de tal foi conduzido coercitivamente para prestar um depoimento. Hoje é fulano de tal, amanhã pode ser você, porque a condução coercitiva pode ser genérica. Eu imagino o seguinte, o Estado que chama, “vem cá”, que você precisa [prestar] esclarecimento sobre determinada ocorrência. Verdade ou não, “venha cá”, esclareça isso, você praticou ou não esse delito? Se você não vai, se você se esconde, o Estado tem o direito de ir lá e dizer, “venha cá, que nós estamos chamando, você não pode obstruir essa investigação”. Mas do nada, qualquer cidadão, porque alguém, um delator, porque uma testemunha, fulano de tal, qualquer estado brasileiro perguntar se você iria prestar esclarecimentos, vai lá e lhe conduz de uma forma que você não sabe o que está acontecendo. Eu acho que você, no equilíbrio ou na colisão de princípios, porque isso que existe é uma colisão de direitos e eles não vão desaparecer, eles vão viver juntos, só que um vai ter que ceder ao outro. Naquele que tem que ceder se é a segurança do Estado em aplicar uma coesão em algo que está começando a ser investigado e o seu direito de presunção de inocência, de que você tem

esse mínimo de presunção de inocência, por ser um grau de civilidade de uma nação. É por ele que você mede esse grau de civilidade de uma nação, eu acho que, nessa colisão, quem tem que ceder é a condução coercitiva. O Estado tem que primeiro comunicar, “eu quero lhe ouvir, nem que seja em 24 horas”, “olha, amanhã você tem que estar a tal hora, na Polícia Federal, perante o Ministério Público, perante tal juiz que você tem que prestar os esclarecimentos”. Mas você tem que ser comunicado que você tem que ir e não partir do pressuposto de que você é culpado, ou é bandido, ou praticou irregularidades, salvo se você provar diferente, não é isso que a Constituição prevê. Então acho que, por isso, eu sou contrário a essa condução coercitiva, a qual o Supremo discutiu de forma muito apertada de que realmente há inconstitucionalidade, e eu já tinha escrito isso. Eu tenho um artigo na Folha de S.Paulo onde eu falo sobre a pressa em condenar, e se vocês entrarem lá na Folha de S.Paulo, vocês vão ver o porquê eu sou contrário à condução coercitiva.

BLOCO 3

Apresentador: Professor Erick, estávamos falando aqui no final do bloco passado sobre a interpretação dos princípios constitucionais. Está na Constituição também que ninguém deverá ser declarado culpado até o momento do

trâmite em julgado, né isso? Mas no Brasil é comum que, [em] um julgamento em segunda instância, o condenado seja encaminhado para prisão, né? Como explicar esse processo?

Erick Pereira: O Brasil vive duas teorias. A teoria do garantismo, pela qual você tem que se render do máximo de liberdade possível de alguém, e você tem uma teoria do positivismo, essa garantia que você trabalha onde a liberdade é um bem maior. Ela traz que as execuções de pena não aconteçam no segundo grau, você tenha direito a recorrer, e [com] esses recursos, só em [decisão] definitiva que você vai cumprir aquela sentença que lhe condenou. Só que isso gerou, no Brasil, um sentimento de impunidade. Pessoas dizem que ela só ia para cadeia aquelas pessoas que não tinham advogados. O pobre [é] que iria para cadeia e o rico conseguia procrastinar, demorar suficientemente; esse sentimento de impunidade fez com que houvesse um reflexo no Poder Judiciário. E aí o momento em que se vive o Poder Judiciário, é o momento em que, se aplicasse a punição em segundo grau, houve a condenação antes do trânsito em julgado, você aplica. Mas o que gera essa grande preocupação, e eu sou a favor da corrente do maior índice ou do maior efeito de liberdade? É que, quando você vai discutir esse tema, você não pode personalizar esse tema. E aí a nossa maior Corte tinha dois tipos de recursos; se

ele julgasse um determinado recurso que era um *habeas corpus*, haveria um resultado, e você tinha que executar a pena de imediato. Se ela discutisse uma ação em abstrata, que é uma ação indireta de constitucionalidade, teria outro resultado, e aí você não teria a execução imediata da pena. E, aí, o que acontece por você personalizar o tema? E aí é [a] grande dificuldade do constitucionalismo brasileiro, queria que determinada pessoa, determinado agente público fosse preso, a presidência do Supremo vai lá e coloca a ação de direito individual. A ministra que desempatou, ela diz, olhe, na individual, “eu vou votar dessa forma”, do tipo de *habeas corpus* do presidente Lula, nesse aqui, ele realmente tem a execução de pena imediata, para manter a colegialidade, porque ela já tinha decidido dessa forma. Mas quando o Supremo for julgar a ação indireta de constitucionalidade, eu acho que não pode ser executado de imediato. Quando pessoa lisa, você gera uma prisão inconstitucional, não só o presidente Lula, mas qualquer um que esteja cumprindo prisão de segundo grau, já em segundo grau, uma ação provisória, já imediata de uma condenação de primeiro grau, é prisão inconstitucional. Porque o próprio ministro do Supremo que vai desempatar vai dizer que, quando for julgar essa ação indireta de constitucionalidade, que você não pode aplicar a ação imediata de segundo grau. Isso gera uma

insegurança, como é que o cidadão brasileiro vai conseguir compreender que, se julgar, vai estar lá a nomenclatura em latim *habeas corpus*, “esse aqui eu mando prender”; mas se for em outra nomenclatura, “não, esse aqui eu não mando prender”. Quando a gente personaliza, você gera esse reflexo, depois não se entende porque a sociedade se divide, porque é injusto você imaginar, queira ou não, tenha ou não, simpatia pelo agente público que está preso. Tenha ou não, é injusto você imaginar que alguém está preso, mas que daqui a uns meses, ele pode estar solto pelo mesmo tribunal que hoje disse que era [culpado]. Então, essa individualização é o que vai fragilizar o constitucionalismo brasileiro, e às vezes leva a esse descrédito que gera por decisões judiciais que não têm eficácia ou, digamos assim, um efeito pedagógico que se precisa ter. Porque, quando você compara com outros sistemas, o efeito pedagógico da sanção, ele é muito mais importante do que o próprio cumprimento dessa sanção, que ela serve para inibir outras práticas, e mais aquela que o Estado já se pronunciou.

Caio Rodrigues: Nós estamos em um ano eleitoral e a internet, as redes sociais são usadas como estratégia pelos políticos. Como você vê, por exemplo, as questões dos boatos e as *fake news*, a influência que isso pode trazer nesse período eleitoral para a população?

Erick Pereira: Hoje, o debate sobre *fake news* é um debate em que você tem o pensamento de que só o sistema pode corrigir. O que é uma *fake news*? Quando você cria alguma notícia falsa, primeiro, nós usamos termos americanos; nós temos termos, né, notícia falsa, e na hora que eu mando essa notícia falsa para um alguém, que mexe com o sentimento dessa pessoa, dificilmente você vai checar se ela é verdadeira ou não. Como ela é muito imparcial, de imediato você começa a replicar, e quando você replica, é porque você se satisfez. Epa, fulano de tal foi preso, fulano de tal foi flagrado, você começa a fazer essa produção de boato dessa notícia falsa, ela tem uma vida, né? Tem uma teoria que explica a vida útil de uma *fake news*, qual o tempo que a *fake news*, o boato, pode existir, e depois ele cai por si só. Mas essa produção cientificamente já se chegou à seguinte conclusão: classe A e B ainda checa; as classes C, D e outras simplesmente replicam. Na hora que recebe, ela passa a *fake news*, começa a dar um movimento muito grande para essa *fake news*. Eu estava assistindo à palestra de um seminário que eu participei em São Paulo, que ele foi o marqueteiro do ex-presidente Barack Obama, ele pega lá uma imagem do Barack Obama, e começa Barack Obama a fazer um discurso odioso, a imagem que você está olhando que é Barack Obama, que é a voz de Barack Obama, tudo. O que

é isso? Um programa de computador que pega todas as falas do presidente Barack Obama, recorta as palavras, reconstrói o discurso e Barack Obama fala, você escuta que é a voz de Barack Obama, ele faz um discurso totalmente homofóbico, um discurso violento, só com técnicas do robô. Aí, com três minutos ele aparece e explica isso aí, que foi um trabalho feito sobre o cuidado que precisa ter com *fake news*. Nós tivemos uma geração de vírus. Vocês lembram quando a gente tinha computador, o vírus, as telinhas caindo, veio os antivírus, então eu acredito que [o problema da] *fake news*, ele só será resolvido quando nós tivermos o antivírus da *fake news*. Aquela história de, quando você jogar uma *fake news*, vai vir um alerta vermelho, o próprio sistema vai olhar se nos grandes meios de comunicação que tem PJ, porque você tem um PJ que você não identifica, grandes emissoras, TVU, você vai lá e tem um CNPJ, você sabe as verdades dela. Mas o WhatsApp, por exemplo, que é seu, meu e de todos nós aqui, a gente começa a passar e não sabe de onde veio, mas na hora que você começa a ter o próprio sistema, com criação de robôs. Hoje, em todas as áreas você tem essa produção, você tem a Quarta, como se chama, a Quarta Revolução Industrial. O que é a Quarta Revolução Industrial, se não essa produção de que, o próprio sistema que vai equilibrar o próprio sistema. Culturalmente, nós

não vamos ter tempo de acompanhar a *fake news* como não tínhamos tempo de acompanhar o vírus; foi preciso criar um antivírus para você, se vê hoje, e mesmo assim, de vez em quando, aparece um lá e destrói seus dados. A *fake news*, o próprio sistema vai equilibrar, é a internet precisando equilibrar, aí você precisa ter projetos, cabeças brilhantes. Nós temos aqui o pessoal de TI, da Metrópole, jovens de uma cabeça, de uma inteligência; ele chega pra conversar com você, em uma hora, ele faz um programa com robô para produzir algo para você, e aí você vai ter um Judiciário no mundo que está trabalhando. Você tem um escritório nos EUA que são os robôs produzindo, ele olha e faz o seu perfil inteiro, o que você gosta, o que você faz, o que você pensa, e faz uma petição exatamente da forma que você gostaria de ler, e por isso que você vai lá e defere. Então, se você tem tantos sistemas, em uma velocidade tão grande, a Quarta Revolução Industrial que todos nós estamos vivendo, e vocês vão viver, talvez, a Quinta Revolução Industrial. Essa virtualidade se tornando presente, porque você é presente e se tornou virtual, agora nós vamos para os hologramas, nós vamos começar a materializar a virtualidade. Então, isso aí, ela só vai ser produzida a partir do momento em que você tenha muito cuidado nessas eleições, porque é crime; injuriar, caluniar, difamar é crime. Então, se você

partir dessa premissa de que não posso propagar difamação contra ninguém ou ofensas contra ninguém, porque vira difamação, eu passo a diminuir a *fake news*. Porque toda notícia que é ofensiva, eu posso estar produzindo, divulgando algo que está ofendendo alguém, eu tenho que pensar que isso é crime. Eu sou tão partícipe do crime quanto aquele que me mandou e eu recebi. Então, você começa a reduzir diante do senso de responsabilidade penal e civil que todos nós temos com uma eleição sadia, com lisura, normalidade, essa é a eleição que você tem que botar. A eleição é festiva, é algo que temos que comemorar com alegria; por enquanto, o brasileiro não está se animando nem com a Copa, imagine com a eleição que vai ser em outubro.

Apresentador: Erick, inclusive no final de 2017, nessa reforma política eleitoral visando às eleições de 2018, houve uma discussão em torno dessa possibilidade de alguém denunciar um discurso de ódio, uma notícia falsa diretamente no provedor para que a notícia fosse tirada do ar. Até entrou no campo dos críticos de comunicação uma possibilidade de censura prévia, e acho que isso foi vetado; é um caminho, é uma possibilidade?

Erick Pereira: Você sabe que, no sistema americano você não tira *fake news*; no sistema americano, você coloca uma notícia falsa. Primeiro, lá não tem justiça eleitoral, no sistema

americano, não existe justiça eleitoral, são juízes federais de lá. E aí você tem lá uma notícia ofensiva, apareceu lá “notícia ofensiva”, quando aparece, você não tira a notícia ofensiva, tá lá, é o direito de liberdade e manifestação. Agora quem colocou a notícia ofensiva vai responder por indenizações milionárias porque, diferente do Brasil que tem medo de condenar, a Justiça no Brasil condena em mil reais, dez mil, “vixe, é muito dinheiro”. O sistema americano, se pegar alguém no crime propagando a notícia falsa ou ofensiva contra alguém, não tem essa determinação de ir tirar, só tira quando há o aspecto criminal. Por exemplo, fizeram um vídeo de Michelle Obama em uma cena explícita de sexo. Robô foi lá, pegou o rosto dela com a atriz que fazia esse pedaço dessa cena que tinha nesse filme erótico, botou a face de Michelle Obama. Isso foi um auê, está sendo ainda; o FBI está investigando, acha que foi mesmo a Rússia que fez mais um programa de vírus, etc. Pois bem, esse você tira. Mas se você manifesta uma liberdade de manifestação, de expressão na qual você ofende, chama um palavrão, pejorativo, uma injúria, calúnia, difamação, a lei americana não tira aquela notícia, mas, em compensação, ela determina para você, quando ela identifica o autor, uma indenização milionária. Então, a liberdade de expressão dos EUA, ela é muito forte; no Brasil, o que existia é que estava havendo uma censura

prévia. Você tinha uma notícia que ainda ia sair, aí vinha uma decisão, a *Veja* não pode veicular porque irá... Como, se eu não sei o que o veículo de comunicação vai dizer? Não, eu não posso ter censura prévia. O veículo de comunicação, diga o que quer dizer; vamos lá, vocês são de Comunicação, produziram o material de vocês, colocaram na internet. Se for ofensivo, a Justiça pode vir realmente para aplicar uma multa, para dar um direito de resposta, é assim que o sistema funciona, porque censura é péssima para qualquer país. Não é só o Brasil. Qualquer sistema é muito ruim [se] você censurar as pessoas. O problema é que você não pode imaginar que o discurso de ódio, o discurso da intolerância que nós estamos vivendo, o mundo vive esse discurso e o Brasil não ia ficar diferente, porque hoje no mundo, você aplica algo aqui, é lido nos EUA, na França. A gente chama isso de transconstitucionalismo, são os valores de sociedade que começam a se misturar. A gente tem que tirar o que é bom, o que é bom você tem que copiar; você não pode copiar o que é ruim, como o sistema brasileiro faz, muitas vezes esquece a peculiaridade e simplesmente copia, aí vêm os exemplos das delações. A delação no Brasil, você primeiro prende, aí depois você vai ter a delação. Em nenhum lugar do mundo tem que prender para ter delação, então esses sistemas, eles precisam ser copiados de formas positivas.

Jennifer Costa: Com a crescente descrença dos eleitores na política, como o senhor acha que isso vai interferir nos resultados finais das eleições deste ano?

Erick Pereira: Eu acho que nós temos alguns dados. Primeiro, nós temos eleitoras mulheres [em número] maior do que os homens, então nós temos que seguir exemplos de democracia na qual você tem mais candidata mulher do que homem. Isso não é uma imposição, para não estar se discutindo “laranja”, porque fica se dizendo, “a mulher é uma candidata laranja”; isso é pejorativo. Segundo, a palavra *empoderamento*; eu não tenho muita preocupação com determinadas nomenclaturas, eu gosto muito da efetividade, isso que eu disse no início, não adianta debates teóricos, a campanha de empoderamento da mulher, 30% das mulheres, 30% do fundo partidário, 30% da propaganda eleitoral. A mulher tem que entender que ela é maioria, que dentro de casa, a partir de casa, até o trabalho, ela tem uma forma diferente de enxergar, uma forma diferente de compreender, e que a participação dela é fundamental. Os exemplos no mundo de grandes escritoras, presidentes, primeiras-ministras, deputadas, o que nós temos que ter é começar por essa categoria um movimento natural, e aí você vai para o jovem. Olha a linha que estou seguindo, indo para a maioria, que são as mulheres, mas em termos

de candidatura, são minorias, não existe isso. Como você pode ter um partido chamado Partido da Mulher e não tem uma mulher nesse partido? Não é o nome do partido? Não podemos ter multipartidarismo que são partidos demais, 35 partidos. Nós temos que ter pluripartidarismo, nós temos que ter fortalecimento ideológico, diretriz partidária, é isso que vai fortalecer nossa democracia. Aí você cria o Partido da Mulher, OK, não tem uma mulher no diretório desse partido. Como que você vai imaginar que isso aqui veio para defender uma ideia? Porque o partido político é feito para defender ideia, nós nos unimos por uma ideia, nós estamos hoje aqui reunidos para ter um debate que o Jornalismo vai sair mais fortalecido do que há minutos atrás. Isso é a construção de grupos, isso é a formação de pessoas, o que Hanna [Arendt] fala no relacionamento e na construção dessa força de relacionamento. Foucault não explica o que é força, raridade, a linha de poder? É isso, você vem e vai para as mulheres, que são maioria em número de eleitoras, mas não são em número de candidatas. Você vai para os jovens, você quer festa maior se os jovens resolvessem ir para a rua, como eles foram os “caras-pintadas”. Eu não quero uma revolução de jovens, mas eu queria uma alegria de jovens, eu queria que o jovem participasse. Eu digo isso muito em sala de aula, a gente tem esse contato com você na sala de aula, vamos para a festa, vamos festejar; não vamos

pintar a rua porque é “jogo de futebol”, vamos pintar a rua porque é “Política”. Afinal, existe paixão nesse movimento, Política com P maiúsculo, de filosófico, de conceito, não é a política menor partidária que você vê o que está acontecendo neste país. E aí os jovens não estão nessa mobilização. Eu tenho a esperança de que as redes sociais despertem os jovens, as ideias e a necessidade dessa participação efetiva. E aí você vai para a classe dominante, que são os homens, que estão há tempos, e até por uma questão, se você for, cultural, for fazer um estudo dessa construção, por que o homem consegue dominar tanto, por que se aceita tanto determinada denominação, a gente passa mais um programa discutindo esse conceito de denominação. Mas eu acho que a força está na conscientização da importância de cada ano que ela teria, o único momento que nós somos iguais, quando a gente morre, somos iguais, e quando a gente vota. Não existe nenhuma diferença, o meu voto não é diferente do mais rico, do mais pobre, nós somos iguais. É como os russos, né, já que a gente estava falando de russos, não somos nem maiores, nem menores, nós somos iguais. Eles brindam assim, e quando eles brindam assim, com esse gesto, é simbolicamente importante, porque passou por uma revolução. Se você estudar esse sistema russo, e como eles se compuseram, e o que o atual presidente quer buscar em volta desse domínio que teve, você vai entender a importância da

participação popular. Do contrário, você vai viver sempre sob uma opressão, como hoje a Rússia vive.

CONSIDERAÇÕES

Erick Pereira: É uma imensa satisfação estar juntos aqui com perguntas tão importantes, né, com tanta atenção e troca de ideias. Nós hoje saímos maiores, nós construímos pensamentos juntos a partir dessa instigação que nós tivemos e dessa responsabilidade científica e jornalística de uma notícia imparcial, séria e objetiva como nós vimos hoje aqui.

Capítulo 19

Entrevista com Ângela Paiva

PROGRAMA 17



Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)

Endy Mahara (Jornalismo)

Leticia França (Jornalismo)

Rafael Lopes (Jornalismo)

Alexandre Carvalho (Jornalismo)

Felipe Matheus (Jornalismo)

Entrevistado

Ângela Paiva

Reitora da UFRN.

Apresentação em *off*

Ângela Maria Paiva Cruz é natural de Martins. É formada em Matemática, Mestre em Filosofia e

Doutora em Educação. Atuou como professora na Rede Municipal e Estadual. Exerceu a função de vice-reitora no mandato do professor Ivonildo Rego. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de reitora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 60 anos de história.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos começar falando da sua infância. Nas nossas pesquisas aqui, vimos que é natural de Martins, uma família até extensa, de muitos irmãos, pais agricultores. Quais são as lembranças da sua infância em Martins e como a senhora veio parar aqui em Natal?

Ângela Paiva: É interessante lembrar, isso é muito presente na nossa vida, de como fomos na nossa infância, de como vivemos com nossa família. Então, eu sou de Martins, mas não da cidade; nasci no sítio chamado Serra Nova, e lá vivemos oito irmãos, uma família numerosa, meus pais agricultores, pequenos agricultores. Mas uma marca bem fundamental na minha família [era] que a casa onde nós morávamos era uma casa onde, naquela época e ainda hoje em alguns lugares no Brasil, há escolas em salas grandes das famílias. Ainda há isso, e naquele tempo, a sala da minha casa, no tempo que meus avós moravam, a minha casa era

uma escola, e no tempo do meu pai também tinha escola na minha casa, de modo que eu tive duas irmãs mais velhas que foram professoras nesse ambiente de escola rural. Aí vocês já podem ver que ser professora é algo bem natural e está no nosso DNA, na nossa infância, então, muita simplicidade; e eu lembro, então, que educação sempre foi uma diretriz para minha família, de considerar como principal fator de cidadania e de construção de futuro. Então essa é a marca principal, além da vida de muito contato com a natureza, com os animais, com as plantas, com as flores do nosso clima, do nosso bioma, mas é uma cidade serrana e, portanto, de uma natureza belíssima. Essas são lembranças gostosas da nossa infância.

Endy Mahara: Aproveitando o gancho do início da sua vida, vamos para o início da sua carreira. Como a senhora decidiu seguir pelo rumo da docência, inicialmente ser professora, se essa influência veio das suas irmãs, por exemplo, ou de algum professor marcante que a senhora teve na vida, e se, no começo da sua carreira, você chegou a imaginar de estar no cargo que ocupa hoje como reitora.

Ângela Paiva: De fato, ter professoras na família foi uma coisa marcante. Uma das minhas irmãs que foi professora, a mais velha, foi professora que usou palmatória, então isso são marcas da história da educação brasileira,

principalmente, em que castigar fazia parte de educar; essa é uma questão importante. Então, ter professoras na escola foi um demarcador da valorização da educação; teve um professor, sim, que marcou a minha vida, professores, vários professores. Eu fiz o ginásial em Martins. Na época, não existia Ensino Médio em cidades do interior; basicamente, existia Ensino Médio em Mossoró, Caicó e Natal, e lá a gente só tinha o nível ginásial, que hoje é o Fundamental maior. Todos me encantaram; eu fui uma aluna muito estudiosa, muito dedicada e me apaixonei pela matemática desde sempre, portanto, meus professores de Matemática. Inclusive, tenho episódios, se me permite; tinha dois professores de matemática no ginásio, todos os dois excelentes, e um deles batia [com a] capa de livro, e eu gostava desse. Só que não era o meu, e nós fizemos lá na década de 70 – nossa, vou contar minha idade – um abaixo-assinado para trocar de professor, década de 70, vigia da ditadura militar. Nós fomos “perseguidas”, nem o abaixo-assinado nós conseguimos entregar; rasgamos, porque nos vimos ameaçadas. Os alunos dessa turma da sétima série, nos vimos ameaçados de sermos suspensos e rasgamos a lista, e passaram-se umas duas semanas de investigação intensa para descobrir quem tinha começado a fazer esse movimento. Tinha sido eu, que apenas escrevia o cabeçalho da prova, botar o nome, botar

objetivo do documento, e nós rasgamos, e o que eu queria? Nós queríamos um professor tão bom [quanto] o que nós tínhamos, mas o que nós tínhamos era muito lento e eu queria aprender mais matemática. Então, tem um episódio aí dessa história; esses dois professores me marcaram desde o ginásio, porque eu era apaixonada por matemática.

Letícia França: Ao longo da sua trajetória, você já ocupou cargos muito importantes, tanto como professora, que tem uma responsabilidade enorme de compartilhar conhecimento com os alunos, quanto hoje, como reitora, que é, sem dúvida, o cargo mais alto das universidades. Ambos tem suas peculiaridades, tem seus desafios. Eu queria saber, assim, o que esses cargos contribuíram para sua vida e qual deles te dá mais satisfação?

Ângela Paiva: Completando a resposta anterior: quando eu comecei a estudar e escolhi Matemática exatamente, e já sabia que queria ser professora, tanto que fiz, primeiro, uma licenciatura, e depois, um bacharelado, e segui aí; depois da graduação, já fiz concurso para universidade. Então, ser professora, eu iniciei no *campus* de Santa Cruz; passei quase dez anos no *campus* de Santa Cruz, na década de 80, e naquele período, não havia política de interiorização. Eu queria fazer pós-graduação e não tinha como, porque não tinha professor, e veio o processo de fechamento do

campus, então fui removida para Natal, e sempre querendo me qualificar enquanto professora. Mas, desde lá, eu já participava de muitas atividades relativas à administração universitária. Eu era membro de conselhos superiores, como Consep e de comissões permanentes, como a comissão de pesquisa, etc. Depois, estando no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, nós também continuamos participando de administração, coordenação de curso, chefia de departamento. Depois, fui também para a vice-direção do Centro de Humanas e sempre muito atuante nas comissões permanentes, como a Comissão de Desenvolvimento Institucional, comissão própria de avaliação, de modo que busquei sempre contribuir para discutir, elaborar e dar opiniões sobre a política acadêmica e sobre a administração da universidade. Ter as duas experiências, de gestão e professora, é muito bom ter projetos que a gente cuide. A gente dorme pensando neles, a gente acorda e ainda não terminou de pensar nos projetos que tem que executar. Mas é muito cativante, muito motivador, é muito desafiador você saber que nós temos quase 45 mil alunos que esperam de nós, cinco mil servidores que têm uma expectativa naquilo que a gente projeta junto com a comunidade acadêmica. Então, é muito estimulante, mas antes de tudo, eu não seria reitora se eu não fosse professora. A experiência de ser professora

é uma experiência muito rica, de modo que, se houvesse um outro modelo, de qualquer pessoa assumir o cargo de reitoria não ter a vivência da docência, eu imagino que é uma dificuldade imensa, Fernando, porque é conhecer o dia a dia de sala de aula, é conhecer como pensa o aluno, como demanda o aluno, como a convivência universitária se dá no meio dos estudantes, no meio de um departamento, no meio de um Centro Acadêmico, da área acadêmica. É disso que a gente tira as experiências pra poder olhar, escolher as políticas e projetos mais importantes; então, docência é muito importante para a gente assumir um cargo de na alta administração da universidade. É muito bom, as duas coisas são muito desafiadoras e se complementam; mas antes de tudo ser docente, ser professora, é a questão fundamental.

Apresentador: Professora Ângela, Graduação em Matemática, Mestrado na Filosofia, Doutorado em Educação, qual a importância dessa busca por uma formação interdisciplinar ou até transdisciplinar para formação do docente, do pesquisador? Como o diálogo dessas disciplinas estão hoje ajudando realmente na formação do docente, do pesquisador nas instituições federais de ensino?

Ângela Paiva: É uma pergunta muito interessante. Você veja que a interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade, porque são duas coisas muito diferentes, são importantes.

Eu penso hoje, pela minha experiência tanto pela minha formação quanto na administração universitária, é que esse modelo deveria ser o modelo vigente acadêmico em uma universidade. Você tem uma visão que se complementa de cada fenômeno social, natural, ou seja de todos os fenômenos, das formas que puder ler, assim, do que acontece no mundo físico, na natureza, no ambiente biológico. Então, se a gente puder ler sobre as várias facetas, leituras do mundo, de um ponto de vista – no meu caso, com formação em Matemática, Filosofia e Educação –, eu penso que isso nos dá uma possibilidade de leitura, do mundo, dos problemas e da construção de soluções, que é muito mais rica que uma formação disciplinar focada em uma mesma área. Evidentemente é que, uma disciplina, você precisa aprofundar mais pra ficar como sendo, onde produzir mais, onde você vai pesquisar mais, onde mais você vai atuar na pós-graduação, na extensão e na pesquisa. Mas a multidisciplinaridade é algo muito essencial para a descrição do mundo, para o estudo, para os resultados que a gente tem da pesquisa. Isso me dá, hoje eu percebo isso – com esse tempo que eu tenho de gestão, enfim, são alguns anos, de vice-reitoria, e próximo ano termino a segunda gestão de reitora –, essa formação multidisciplinar me ajuda muito em entender que, quando eu recebo um grupo de pessoas da

Comunicação, quando eu recebo um grupo de pessoas das Tecnologias, das Ciências Humanas, das Ciências Exatas, da Saúde, etc., para trabalhar certos problemas, eu comprehendo muito, largamente e profundamente, aquilo que eles estão trazendo. Essa percepção do mundo, e compreensão mais profunda das questões, me é dada também por essa formação disciplinar. Você vê que no meu trabalho de Doutorado, por exemplo, da Educação, eu não fui fazer uma coisa díspar daquilo que eu havia feito na Graduação nem no Mestrado. Porque eu consegui trabalhar matemática, do ponto de vista de currículos, de construção de conhecimento, dando um tratamento axiomático, portanto lógico, trabalhando a lógica de um conhecimento que é matemático, e levando isso, levando a contribuição para a questão do ensino de Matemática, da Egiptologia, das Ciências, da Filosofia, da Ciência. Enfim, eu consegui conjugar Matemática, Filosofia, Educação em um projeto de pós-graduação.

Rafael Lopes: Professora, gostaria de saber quais foram os pontos mais significativos desde o seu primeiro contato com o cargo de reitora, no seu primeiro mandato que a senhora trouxe para o segundo; e o que foi mais necessário para dar continuidade a essa expansão que a UFRN tem vivido nos últimos anos? A gente viu que a universidade é outra universidade nesse segundo mandato, principalmente com

o contato que a gente tem com nossos professores. A UFRN, ela era uma instituição muito menor, principalmente nas décadas de 90, início dos anos 2000. Queria saber da senhora quais foram os principais pontos, inclusive, os motivacionais, que fizeram a universidade crescer tanto nesses últimos anos.

Ângela Paiva: Excelente pergunta. Veja bem, eu peguei esse momento de implantação e consolidação da grande expansão que aconteceu na universidade por volta de 2007 e 2008, enquanto eu estava vice-reitora, e que eu fui coordenadora do projeto Reuni, que criou, inclusive, Publicidade e Propaganda, depois Designer, vários cursos, mas a gente dobrou. Reuni é a reestruturação e expansão das universidades federais, foi um decreto de 2006, e nós implantamos esses cursos posteriormente. Então, eu vivi essa experiência de coordenar o Reuni, discutir com a comunidade acadêmica aquilo que ela desejava. Eu lembro que, naquela época, nós tínhamos 13 cursos, quatro só de Humanas, que estavam na pró-reitoria de graduação, aprovados, os projetos pedagógicos sem condições de serem implementados, porque faltava professor, laboratório, sala de aula, etc. Então nós ajudamos a consolidar, implantar esses cursos, as primeiras turmas desses cursos, e a primeira gestão foi de fato implementar, iniciar os cursos, contratar os professores, os técnicos e fazer as obras, implementar o plano de obras da universidade.

Porque, obra, a gente não começa e termina rápido; demora um pouco, mesmo que tenha começado na gestão do professor Ivonildo várias obras, nós inauguramos já na nossa gestão, iniciamos outras e consolidamos. Isso é um demarcador, a infraestrutura para essa expansão é um aspecto, tem as primeiras turmas, as demandas de qualificação, por exemplo, de um novo modelo pedagógico que foi implantado aqui. Nós, hoje, convivemos com um modelo de um ciclo só, mas temos os modelos de bacharelados interdisciplinares que são os BCT, bacharelado e tecnologia que já deu origem a um outro bacharelado que foi o da tecnologia da informação, o BT do IMT. Então nós temos em convivência dois modelos que são diferentes, um é [em] ciclos e outro é em um ciclo só, e implantar isso na universidade, mudar essas estruturas de pensamento e de formação, é uma coisa muito difícil. Focos principais: qualidade acadêmica. A gente não podia expandir sem dar conta da qualidade acadêmica, a questão da interiorização e uma motivação. Eu poderia não estar aqui se, naquele tempo, tivesse curso superior no interior. Então interiorizar a universidade foi uma diretriz que nós conduzimos com a razão e com o coração, porque eu me imaginava no lugar daqueles estudantes que hoje estão no interior e que precisam migrar famílias ou parte da família para as grandes cidades, para poder ter uma oportunidade

de nível superior. Então, interiorizar e consolidar, e aí isso se consolida agora mesmo nessa segunda gestão, que é o caso, quando eu falo de consolidar, não é só ter cursos de graduação no interior, é ter pesquisa e pós-graduação. E hoje nós já temos 20 cursos presenciais no interior, incluindo Psicologia e Medicina, área da saúde se consolidando lá, e nós temos pós-graduação, nós temos sete Mestrados no interior; Escola Agrícola de Jundiaí, Santa Cruz, Currais Novos e Caicó. Então, quando é que se pensava que a gente podia ter mestrado no interior? Nós temos. Outro fator importante: a inclusão social. Isso também é uma coisa; eu sou egressa de Escola Pública e a universidade viveu por muitas décadas dando possibilidades a pessoas do setor privado, porque aqui há espaço para todos, mas os alunos da Escola Pública não tinham oportunidade, porque também veio a política de cotas, e antes disso, a universidade já tinha ação afirmativa. Então, interiorizar, a qualidade acadêmica, a inclusão e a internacionalização; exemplo disso é o nosso esforço para consolidar o Instituto Ágora.

BLOCO 2

Alexandre Carvalho: Como meu colega Rafael falou anteriormente, a universidade tem obtido um crescimento muito grande nos últimos anos recentemente; inclusive, ela foi

incluída na lista de melhores instituições da América Latina e foi considerada uma das melhores do Norte-Nordeste. Em 2016, houve um censo da educação superior e a UFRN foi considerada a quarta mais cara do país, com custo médio, por aluno, de 56 mil e alguma coisa; esses dados são do Inep. O que a senhora acha que pode ser afetado no crescimento da universidade com a redução dos custos, do orçamento que vem sendo constante reduzido nos últimos anos? A senhora acha que esse crescimento, essa notoriedade que a universidade vem tendo nos últimos anos pode ser afetada com a redução do orçamento?



Ângela Paiva: Obrigada pela pergunta, e já direto ao ponto, pode. Já está afetando; veja bem, esse custo, é bem questionável a forma que ele foi publicado, várias universidades objetaram. Há várias formas de se calcularem os custos de uma universidade, e uma universidade como a UFRN, que tem fazendas, hospitais, ela é diferente, Escola de Música, Superintendência de Educação, TV, Rádio. Se você colocar tudo isso no custo/aluno, você vai ter um custo diferente, e compare com uma universidade que só tem cursos de uma estrutura, salas de aula, biblioteca, e não tem nenhuma infraestrutura, e apenas você dá aulas, tem algum laboratório e ponto-final. Então, custos de uma universidade, a gente tem que olhar que nós temos uma universidade com ensino, pesquisa e extensão, e procuramos dar aos alunos uma condição muito ampla de formação da sua cidadania. Você não quer apenas se formar em Jornalismo, você quer possibilidades ricas para sua formação, então [há] essa escassez de recurso, a crise econômica, mas há também uma mudança de visão na leitura e do projeto da Educação Superior e da Educação Pública, haja vista que há a aprovação da emenda constitucional 95. Nós estamos apenas no primeiro ano de vigência constitucional, então, de 2015 para cá, recursos de capital foram cortados ano a ano em 50%, ao ponto de, este ano, termos um modelo que

fica [com] quase todo recurso de capital que é para obras, livros, equipamentos, quase todo capital ficou centralizado no MEC, e apenas uma pequena parcela para começar o ano, digamos assim, pra gente empenhar alguma compra, pagar algum compromisso que a universidade assumiu. Mas tudo está lá, e tudo que a universidade precisa, vai a reitora, o reitor lá, provar ao MEC que aquilo é importante para a universidade. Se você olhar isso em cinco anos, dez anos, se esse modelo prossegue assim, nós não teremos na UFRN de 60 anos, nos 70, nós não teremos a mesma visão e a mesma leitura de uma boa universidade, nem uma avaliação de uma boa universidade, porque vai deteriorar essas estruturas que nós temos. Então, o custeio, não tem investimento para o custeio quando a gente faz projetos de inclusão em uma universidade e depois você tira as bolsas dos estudantes, tira a condição de se construir residência universitária, restaurantes universitários; aonde e como essas pessoas que vêm do interior, que têm uma vulnerabilidade econômica na sua família, como elas vão permanecer e ter sucesso na universidade? Então a resposta é: essa visão de educação superior, esse modelo de financiamento instalado nos últimos anos no Brasil, essas visões são muito prejudiciais à universidade, como as federais, que querem qualidade, inclusão, gratuidade e questão da universidade democrática

para todas as pessoas. Educação não é para alguns, educação é para todos. É Direito Humano constitucional, e você pergunta, o que vamos fazer? Vamos trabalhar para que essa emenda constitucional, ela caia. Não é que ajuste fiscal não seja necessário; ajuste fiscal nas contas públicas é muito necessário. O que nós precisamos fazer é retirar da restrição Educação e Saúde, que são basilares para cidadania brasileira.

Apresentador: Pois é, assim, lamentável que, justamente, se prioriza o corte de gastos para essas duas áreas tão importantes.

Ângela Paiva: É uma visão míope, né, Fernando. É uma visão míope da questão do desenvolvimento do país, sem essas duas condições, e olhe que para a Educação, você tem o PME com metas muito ainda simples para a educação de um país no contexto da América Latina. O Brasil está atrás de muitos países da América Latina em relação à oportunidade da educação superior.

Apresentador: E uma notícia que foi divulgada, no ano passado, que o STF aprovou os cursos de pós-graduação no nível *lato sensu* cobrados dentro das Instituições Federais de Ensino. A senhora chega a concordar com pelo menos essa possibilidade ou já abre um precedente para privações de setores específicos de uma Instituição Federal de Ensino?

Ângela Paiva: Não, não abre precedentes. O que foi aberto foi para apenas os cursos de especialização *lato sensu*, e essa já é uma realidade; há muitas demandas nas universidades federais para que ofertemos para empresas, tribunais, para empresas públicas, para fundações, para instituições, da própria administração pública direta e indireta, que a universidade que tem um largo conhecimento e profundo conhecimento técnico e científico em várias áreas capacite essas pessoas. Então, evidentemente que são cargas horárias diferenciadas dos professores para dar conta dessa demanda. Então, historicamente, isso já vinha sendo cobrado; o que não pode ser cobrado é o Mestrado e o Doutorado, porque esses são considerados, está no ensino regular de Educação Superior. Graduação, Mestrado e o Doutorado, que se chama o Mestrado e Doutorado, o *stricto sensu*, isso aí não concordamos, a associação dos reitores não concorda, e trabalhamos pela manutenção da gratuidade. Agora, especialização, se o STF vetasse isso, tiraria a oportunidade de essas instituições terem uma qualificação que já vinham tendo, e dando a contrapartida também para a universidade, porque são horários diferenciados; inclusive, isso hoje está bem regulamentado na UFRN.

Felipe Matheus: Nos anos de 2016 e 2017, a senhora fez parte da presidência da Andifes. Essa ocupação da presidência

que a senhora fez, de certa forma, trouxe alguma influência para a UFRN, de alguma maneira?

Ângela Paiva: Trouxe influências e contribuições, porque na presidência da Andifes, e olhe que assumimos a presidência após impeachment da presidente Dilma, instalação de um novo governo. Então, foi um exercício de reconstruir as relações das instituições com os vários ministérios, porque tudo mudou, tudo que dependia de ministérios, nós tivemos que fazer o reencontro. Para a universidade tem impacto porque, primeiro, eu sei das coisas em primeira mão, ou seja, de tudo que é bom e de tudo que é problema, a presidência da Andifes é buscada para resolver, ou para divulgar, ou para implantar e disseminar nas universidades. Então, traz uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre as administrações públicas, sobre os projetos das universidades, até porque nós, como diretoria, temos que responder junto ao Governo, junto ao parlamento, junto à mídia, aos jornais, às televisões. Então, essa é uma oportunidade também que dá uma notoriedade à própria universidade, e a universidade também ganha com isso, porque nós estamos mais perto de todas as questões que envolvem o ensino, a extensão, a pesquisa, o financiamento, a relação com o setor privado, a relação da universidade com os governos, eu digo governos nacionais e subnacionais. Então esses desafios são colocados

à mesa de quem está à frente da diretoria de uma associação como essa, e foi um momento bastante dramático, de visão, de concepção de educação, um Governo que tinha essa perspectiva de uma universidade pública de qualidade com financiamento em expansão. E o que nós vimos na sequência foi uma situação bastante dramática de cortes de recursos, de contingenciamento. Inclusive, para projetos sociais de impacto social bastante relevante.

Apresentador: Professora Ângela, uma realidade que eu percebo na minha própria trajetória aqui dentro, desde como aluno de Graduação, Mestrado e Docência, é o crescimento das escolas, dos institutos, como o IMD, Medicina Tropical, Instituto do Cérebro, Instituto Nacional de Física. O que diferencia esses institutos-escolas de outros departamentos tradicionais da nossa instituição?

Ângela Paiva: Essa foi uma escolha que a universidade fez na nossa primeira gestão e continuamos essa discussão na nossa segunda. Nós fizemos uma discussão do que queremos na universidade, os centros recheados de departamentos, quando havia algumas unidades que queriam ser multidisciplinares. Ao invés de ter um conjunto de departamentos, alocar professores ali de diversas áreas para focar no ensino mais multidisciplinar, na pesquisa e na extensão, com esse foco interdisciplinar. E que o modelo de gestão se coaduna

com isso, que a gente chama na UFRN, é o modelo cêntrico, e o modelo que tem em departamentos e o modelo das unidades acadêmicas especializadas que aqui adotamos, institutos, escolas e faculdades, pode ser qualquer um; a escolha é do grupo que constrói a proposta. Então, democraticamente, nós decidimos que cada grupo, cada área, pode escolher como quer se organizar, se quer ser um centro com subdivisões, com departamento fragmentando as áreas, ou se quer trabalhar de uma forma mais orgânica do contexto interdisciplinar. Então foi assim que nós criamos e apoiamos a criação da Escola de Ciência e Tecnologia, do Instituto Metrópole Digital; a Escola de Enfermagem ainda estava com um padrão meio indefinido, mas também ficou como unidade de Saúde, Escola de Saúde de Natal, Escola de Música, Escola Agrícola de Jundiaí, todas são, a Escola Multicampi de Caicó com curso de Medicina, embora só tenha um curso, mas já tem pós-graduação em áreas mais abrangentes da Saúde. Então, essa foi uma escolha da universidade; então não só convivemos com modelos pedagógicos diferenciados de um ciclo com vários ciclos, vivemos também na UFRN de forma harmônica, respeitando como cada grupo quer ser organizado. E temos as estruturas cênicas e também as estruturas que permitem muito mais facilmente a convivência de muitas áreas em uma unidade organizacional chamada

Instituto, Escola ou Faculdade. Então você veja que vários projetos que hoje se desenvolvem no Instituto Metrópole Digital, eles estão em diálogo com o Instituto do Cérebro, com o Instituto de Medicina Tropical, com o Centro de Ciências Biológicas, com o Centro de Saúde, com o Centro de Educação e assim por diante. Medicina Tropical *idem*, aquele instituto [que] ainda é uma unidade suplementar, no futuro, pode ser acadêmica, mas trabalha de uma maneira interdisciplinar.

Alexandre Carvalho: Um dos grandes feitos da sua gestão foi a Comissão da Verdade, cujo relatório foi feito em 2015, e por meio de depoimentos, conseguiu contar um pouco sobre a ditadura, principalmente no ambiente universitário. Aproveitando o final, que a gente já está caminhando para o final da sua gestão, além desse, eu queria que a senhora contasse um pouco sobre a Comissão de Verdade, e além desses, quais foram os feitos que a senhora pontua como marco da sua gestão? A relação com o corpo discente, docente, o que a senhora pontua como grande feito da gestão de senhora?

Ângela Paiva: Nós estamos já agora, Alexandre, organizando o relatório da gestão, um relatório que vai ser de oito anos e, assim, oito anos é difícil em contar em poucas páginas. Não quero falar disso com vaidade, mas eu tenho orgulho também; orgulho é uma coisa natural de nós, humanos. Mas

temos, assim, muito orgulho de ter trabalhado na questão da inclusão social. Hoje, nós temos mais de 200 alunos pós-ENEM com cotas, Sisu com cotas, mas nós já tínhamos aqui alunos com deficiência, cegos que tocam flauta, que fazem curso de Música. E, assim, é um dos projetos mais bonitos, e que eu gostaria, e vamos ter um destaque no nosso relatório. Você destacou aí a Comissão da Verdade; eu considero uma das grandes realizações da nossa gestão. Nem todas as universidades fizeram a Comissão da Verdade, e nós sabíamos; aliás, algumas pessoas nem sabiam que tinham sido investigadas ou tiveram algum prejuízo por causa da ditadura implantada aqui na universidade, em todos os lugares, em todos os espaços do Brasil. É um resultado fantástico, é um dos relatórios; temos um livro belíssimo, inclusive em formato digital, um dos poucos relatórios que é citado no relatório da Comissão Nacional da Verdade. Pelo estudo, muito bem conduzido pelo professor Carlos Gomes, o Centro de Referência Direitos Humanos é um outro projeto que encontramos mais ou menos em andamento. Nós demos força a esse Centro de Referência Direitos Humanos, que assiste a populações em vulnerabilidade social econômica etc. Esse centro ficou fechado porque faltou orçamento, e nós reabrimos com muito esforço, este ano, o Centro de Referência Direitos Humanos. Nós criamos um comitê

Universidade com Diversidade porque nós vivemos um momento em que o respeito à diversidade e pluralidade, se não for na universidade que a gente muda essa cultura de respeito às diferenças, onde vamos fazer isso? Então, esse comitê está instalado, e várias políticas e ações emanam dessas discussões que temos nas universidades. Eu repito que a consolidação da interiorização, porque depois de ter uma pós-graduação, é difícil voltar atrás em um projeto de universidade no interior, então esse é um aspecto importante. A permanência com sucesso, as políticas de permanência que adotamos aqui são também um diferencial; nossa política de inclusão é uma referência nacional. E tem dois projetos que nós criamos agora, que foram projetos da melhoria da qualidade da Graduação e da Pós-graduação; certamente esses projetos darão os seus frutos nos próximos seis, dez anos, e foram plantados agora. Então eu precisaria, assim, de vários programas para falar mais, mas eu gostaria de destacar o desenvolvimento tecnológico, um outro marco importante, que nós implantamos um programa de incubação de empresas na universidade; temos cinco incubadoras. Temos outras de tecnologias sociais e temos o primeiro Parque Tecnológico do Rio Grande do Norte implantado aqui, que é o Metrópole Digital. Poucas universidades no Brasil têm um Parque Tecnológico. A UFRN já tem o dele.

BLOCO 3

Endy Mahara: A gente está vivendo um período que a inclusão e o empoderamento feminino estão muito em debate, seja no cinema, seja no empreendedorismo, e junto a isso estamos nos 60 anos da universidade, e em 60 anos a senhora foi a primeira mulher a ser Reitora da Universidade. Eu queria saber como a senhora vê o porquê de não ter tido outra mulher antes, e como o seu papel como a primeira reitora pode abrir portas após o final do seu mandato ano que vem?

Ângela Paiva: Boa pergunta, vou até refletir mais quando sair da reitoria, mas essas perguntas são assuntos de dissertação de tese. Eu recebo vários alunos que vêm nos entrevistar sobre essa questão da mulher em cargos de administração. Veja bem como é paradoxal, as universidades; por muito tempo nós tivemos aqui várias mulheres que foram diretoras, chefes, coordenadoras, mas só próximo aos 60 anos, a UFRN teve a eleição de uma reitora. Veja, antes de mim, apenas a professora Tércia Maranhão foi vice-reitora com o professor Oto Anselmo, mas a reitor, outro já tinha concorrido, mas não tinham sido eleitas. Então, esse é um momento que se dá por uma, acredito, cultura patriarcal; alguns chamam de machista, mas vamos falar de cultura patriarcal. Ela vige

em todo o mundo, e nós estamos ainda vivenciando essa cultura. E cultura não se muda quando se quer, isso é uma construção; então em termos de qualificação das mulheres, doutoramentos, formações em nível de pós-graduação, a universidade sempre teve, em algumas áreas mais, em outras áreas menos. Nas áreas Tecnológicas e Exatas são menos, mesmo nas Exatas, tem também muitas mulheres em algumas áreas. Então, em termos de qualificação e escolaridade, de titularidade, títulos que as mulheres têm, nós até temos conseguido avançar bastante. Mas não é na mesma medida que acontecem as oportunidades de administração, mesmo em administrações privadas, por exemplo, onde não tem uma carreira bem definida. As mulheres e os homens com titulações iguais ganham diferentemente – as mulheres ganham menos. No setor público, onde a gente tem carreiras, nós ganhamos igual, mas não fosse uma carreira que sustenta independente de gênero, nós ganharíamos diferente. Então, mesmo em uma universidade onde estão instaladas as oportunidades do pensamento crítico, do debate de ideias, por mais contraditórias que elas sejam, esse pensamento vige porque está arraigada na nossa vida, na nossa cultura, no nosso imaginário. Então, o resultado de ter somente perto dos 60 anos uma mulher reitora é da corrente da nossa cultura patriarcal; a UFRN está até à frente de outras universidades

que, perto dos 90, 100 anos, ainda não tiveram reitoras mulheres. Então, é importante a gente observar que esse pode ser um demarcador e referenciais; não é a pessoa Ângela, mas uma mulher reitora, e considere que isso aqui foi uma construção. Eu ser reitora foi uma construção, um acreditar, um trabalho focado. Não foi planejado eu ser reitora, o que planejei foi ser professora, e ser professora universitária; mas o que eu penso e falo, às vezes nos ambientes que principalmente tem jovens, crianças, eu tenho procurado deixar pelo menos uma lição: o que quiserem, procurem fazer com garra, com muita dedicação, muita responsabilidade, com muito compromisso ético e muito estudo. Vocês conseguiram, não é por ser mulher que vocês não vão conseguir, é muita luta, e para a gente convencer uma comunidade que você é capaz. A gente sente certas diferenças no começo; no início da gestão, a gente às vezes percebia, “será que vai, será que não vai?”. Essas coisas não eram ditas, mas elas foram sentidas. Felizmente, a gente tem conseguido dar uma contribuição importante na condição de primeira mulher como reitora na UFRN. Espero que seja assim.

Letícia França: Ainda dentro dessa temática, recentemente, a universidade enfrentou uma situação muito delicada em que uma estudante mãe trouxe sua filha para a sala de aula e o professor não permitiu a permanência delas em sala.

Isso acabou gerando bastante debate e discussão. Mas pelo contrário, algo muito recorrente, inclusive, muitas estudantes acabam tendo que largar os estudos porque não têm com quem deixar seus filhos. Então, minha pergunta é justamente sobre isso. Assim, a senhora, não somente como reitora, mas também como mulher, qual o seu posicionamento sobre esse assunto e quais as soluções que a universidade traz para essas mulheres?

Apresentador: Complementando também, assim, qual seria o papel da universidade para tentar equacionar um cenário como esse?

Ângela Paiva: Veja bem, esse caso é um caso simbólico para a gente aprender e tirar lições. Uma das conclusões, e que [é também de] várias pessoas com quem a gente debateu esse assunto, é que sala de aula é sala de aula, onde o professor tem uma gestão acadêmica para fazer, ali ele está para construir conhecimento. Fatores que interferem ou que venham a interferir na aprendizagem precisam ser fatores tratados em ambientes de sala de aula e com a coordenação de curso. Então isso é apenas um fato; a questão de estudantes mães, mulheres mães e também homens pais de crianças, com filhos e que precisam em algum momento deixar seus filhos em algum lugar, com alguém, para poder assistir aula, isso vem sendo tratado pela universidade há algum tempo. Eu

era vice-reitora ainda e debatia muito no Diretório Central dos Estudantes essa questão do empoderamento feminino. Havia naquela época do DCE, que ainda há, um coletivo de mulheres, e eu participei, fui convidada por Melanie, que era, na época, não sei se vocês conheciam, era presidente do DCE. Ela me chamava aos sábados para uns grupos de conversas desse coletivo para trabalhar questões das mulheres nas universidades, mulheres, e uma das questões que elas colocavam era a maternidade. A maternidade, que é uma coisa tão importante na vida das mulheres, não destruir a possibilidade, não interferir negativamente na possibilidade da escolaridade de concluir o curso de Graduação. Foi nessa época que nós criamos o auxílio-creche, porque se a gente abrir hoje uma creche na universidade, ela tem que ser pública, ela tem que atender demanda de todos. Nós não podemos mais ter uma creche na universidade para filhos de professores de técnicos de alunos, como o NEI; o NEI hoje [tem] demanda aberta, e essa foi uma regra criada pelo Ministério da Educação, porque as creches hoje estão no alcance, na alçada dos municípios, algumas coisas no Estado também. Mas, por exemplo, em um certo tempo, acho que 2000, acho que era Fernando Haddad ou Mercadante que era ministro da Educação, foi estabelecido que as escolas como o NEI que tinham creche também – nós temos creche e temos

o NEI Educação Infantil –, que saíssem das universidades e fossem entregues aos municípios. Nós, reitores, que temos essas escolas, que chamamos de Colégio de Aplicação, nós defendemos a permanência, mas um critério que foi estabelecido pelo MEC foi: mantenha, mas a demanda é aberta, ela não pode ser exclusiva para o aluno, tem que ser aberta, porque o sistema é financiamento público. Então, o que nós criamos aqui, por não podermos ter creche dedicada somente a receber filhos de estudantes, foi criar o auxílio-creche, que beneficia, este ano inclusive, hoje nós melhoramos o valor. Foi feito um estudo a partir do caso da Valesca sobre aquele valor que era cobrado; isso foi muito debatido com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, com o DCE, para a gente melhorar o valor do auxílio-creche. Então, tem cerca de 100 pessoas que são atendidas pelo auxílio-creche e são formas que a gente tem de apoiar, porque a gente tem que buscar essas soluções. Há uma regra inclusive sobre a questão da amamentação, que nós temos que facilitar, não é para proibir. Quem vir uma mãe amamentando não pode proibir; a gente tem que facilitar esses espaços. Também nessa época, Fernando, foi pedido à administração universitária que nós tivéssemos nos banheiros, em algum local dos setores de aula, um fraldário, porque às vezes você vem aqui, alguém fica com a criança e a mãe e o pai ficam assistindo aula. A

gente colocou em alguns locais, esses lugares de trocar fralda de criança, então a universidade, ela está se acomodando e dando conta na medida do possível a essas demandas para receber mães e pais que tenham crianças e que, em algum momento, não tem onde deixar. E não pode prejudicar a sala de aula também; a criança em sala de aula é algo que tem que ser dialogado e compreendido, mas o professor tem autonomia de resolver se isso interfere na aprendizagem dos outros alunos, ele tem que resolver esse problema junto com a coordenação de curso. Mas isso não quer dizer que a universidade não tem soluções, formas de ajudar; só não podemos ter, infelizmente, creches exclusivamente dedicadas, assim como podemos ter um NEI somente para filhos de pessoas da comunidade acadêmica.

CONSIDERAÇÕES

Ângela Paiva: Eu agradeço muito esse espaço para conversar com os estudantes, é desafiador. As perguntas foram excelentes, e nós estamos fazendo isso na semana, no mês, no período, no ano em que celebramos 60 anos da universidade. Tivemos momentos importantes, e vamos ter outros, como a CIETEC dedicada aos 60 anos. Nós tivemos uma aula magna lá em março com os ex-reitores da universidade contando, situando essa universidade no tempo, em cada período. Nós

estamos fazendo seminários, discutindo o futuro, como estamos e como nós podemos contribuir, por exemplo, para uma pós-graduação de qualidade, de excelência, a qualidade da Educação Básica, o desenvolvimento científico e tecnológico e de inovação. E um próximo seminário que vamos fazer vai ser sobre inclusão social. Então segue uma programação, inclusive cultural, que nós vamos ter, e eu chamo atenção que, até o final do ano, nós teremos uma grande ópera, a Ópera Sapiens, que teve no dia 25 de junho, que foi o dia do aniversário da criação com a Assembleia Universitária; nós tivemos uma *avant-première* da Ópera Sapiens, do professor Danilo Guanais, e essa ópera grandiosa que celebra os 60 anos, ela deverá ser apresentada em grande estilo, e totalmente completa, no mês de novembro ou dezembro, então são muitas comemorações. A UFRN, nos seus 60 anos, se configura como um dos maiores patrimônios, senão o maior patrimônio educacional e cultural do Rio Grande do Norte, e nós estamos aqui com os alunos, que são o nosso futuro. Então, estamos fazendo exercícios nos 60 anos de formar profissionalmente pessoas com a competência técnica, ética e também com essa formação cidadã para uma visão de universidade, país, desenvolvido de forma no âmbito social e econômico. As universidades têm um papel muito importante, e eu encerraria aqui dizendo

que nós estamos nesse período em que a Educação Pública gratuita de qualidade inclusiva precisa da defesa da sociedade para o Estado brasileiro, com desenvolvimento sustentável para as próximas décadas. Muito obrigada.

Capítulo 20

Entrevista com Alice Carvalho

PROGRAMA 18



clique
e assista
no Youtube

Entrevistadores

Luiz Fernando Dal Pian (Apresentador)
Joan Fontes (Jornalismo)
Aracely Xavier (Jornalismo)
Rafael Lopes (Jornalismo)
Michelle Ariany (Jornalismo)
Judson Araújo (Rádio e TV)

Entrevistado

Alice Carvalho
Atriz.

Apresentação em *off*

Do *stand-up* ao teatro. Do riso ao pranto, mas sem nunca abandonar o humor e o riso largo em sua

caminhada. Essa é Alice Carvalho, 22 anos e muita história pra contar em sua experiências como, atriz, escritora, roteirista e dramaturga. Foi observando e produzindo os próprios *shows* e tocando vários instrumentos musicais que decidiu, ainda criança, que queria ser uma multiartista. E atuar em todas as posições.

BLOCO 1

Apresentador: Vamos falar um pouco de como você se descobriu atriz. Em que momento você teve a certeza e convicção de que gostaria de trabalhar com a arte, com o campo das artes teatrais, como foi isso?

Alice Carvalho: Certeza, eu não tenho até hoje... Mas o meu começo foi uma coisa bem natural. Assim, eu era uma criança hiperativa, dava meu trabalho na escola. Minha mãe conta que [quando] eu tinha sete anos, cheguei a fazer cinco esportes, porque eu era uma criança muito hiperativa, muito difícil. E aí, em uma dessas ironias da vida, a criança hiperativa terminou quebrando a vidraça da biblioteca para depois virar escritora, né, e meu professor de Artes da escola, Nemias Damasceno, que, inclusive, é um teatrólogo muito respeitado aqui em Natal até hoje, ele era meu professor de Artes lá na escola. Foi ele que me levou para fazer um exercício de oficina, a escola estava começando a introdução

na Escola de Teatro, e eu fiz minha primeira pecinha na Feira de Ciências. Aí eu comecei, fui atrás de cursos livres, e estou aí até hoje, mas é uma coisa que a gente não tem muita certeza, até porque não é um mercado muito sólido para quem é artista e ator aqui no Nordeste.

Michelle Ariany: Os seus pais, eles te incentivaram ou te motivaram a seguir outra carreira?

Alice Carvalho: Desde sempre eu tive muita motivação. Eu não fui criada pelos meus pais, eu fui criada pelos meus avós e a minha mãe, que me teve muito cedo, então ela foi criada junto comigo. Mas foi uma coisa que eu tive suporte desde muito pequena, assim, né, porque, como eu disse, era uma criança hiperativa; então, em primeira instância, o teatro, a arte em si surgiu muito mais como um paliativo para essa necessidade de expressão que eu tinha, que era muito grande. Aí depois foi acontecendo, e eles se deram conta que eu queria aquilo para a minha vida, ao mesmo tempo que eu fui me dando conta também. Eu estreei meu primeiro espetáculo com uma dramaturgia profissional, “entre aspas”, eu falo, com 15, 16 anos, estreei lá na Casa da Ribeira, com um espetáculo meu, e mais dois amigos em cena comigo. E foi assim, eu montei o cenário do espetáculo com o dinheiro que eles iam me dar de presente de 16 anos, sabe, e eu peguei o dinheiro, montei o cenário do espetáculo,

fui no Alecrim, comprei as coisas e montei o espetáculo com os colegas, e a gente estreou. Eu acho que, quando eles viram aquilo no palco, disseram, “rapaz, é sério mesmo”. Desde então, desse primeiro espetáculo, lá na Casa da Ribeira, eu venho emendando um projeto atrás do outro, e eles vêm dando muita força. Inclusive, meu avô é a parte que mais me estabiliza, assim, porque é uma carreira muito incerta, tem caminhos incertos e vários melindres, e é importante você ter uma base sólida que lhe deixe seguro, de onde você quer chegar, da sua meta, e se dá menos importância assim.

Judson Araújo: Início de carreira é sempre difícil, Alice; quais foram as dificuldades e frustrações que você encontrou nesse início?

Alice Carvalho: Eu tenho até hoje. Vou fazer seis, sete anos de carreira profissional, venho estudando desde muito novinha, mas sete anos que coloquei minha cara a tapa, mas é muito não, é não atrás de não. Desde sair aqui de Natal, já saí várias vezes daqui de Natal, e ir não sei aonde fazer um teste em um lugar grande que todo mundo quer chegar; você vai lá, faz esse teste e você é “cozinhado”, e nas vésperas de gravar, aí troca, não é você, é outro ator, e você tem que saber lidar com isso. Tem que saber lidar com isso porque desde atores mais novos, como eu, até atores mais experientes, tem que fazer teste, é teste atrás de teste, estudar, investigar a

linguagem. Eu acho que o que me deixa menos frustrada é que sempre vou ter os livros, sempre vou ter a oportunidade de aprender com os meus. Aqui em Natal, tem gente muito inteligente, muito boa, que justamente faz essa função de deixar mais leve essa trajetória, que é tão cheia de tombos. Enfim, eu acho que tombos a gente sempre vai ter, mas o que importa é ter outras pessoas ao seu redor.

Apresentador: Uma curiosidade é que você está cursando artes visuais aqui no Departamento de Artes, Licenciatura; passa pela tua cabeça também ensinar, trabalhar nas escolas algum tipo de manifestação artística?

Alice Carvalho: Eu atualmente desenvolvo alguns projetos de oficinas livres, *workshops*; eu tenho um projeto, que participo com os Jovens Escribas, chamado Ação Leitura, a gente vai em algumas escolas, dá palestra. Outros festivais de literatura, também dou oficina de escrita, dramaturgia, de roteiro. Mas eu não tenho, pelo menos agora, não acho que tenho a capacidade de lecionar. Eu acho que, pra mim, é a profissão mais importante do mundo é a do professor, mas eu não acho que tenho essa verve, assim, mas, enfim. O caso está aí, estou com o corpo sempre aberto para receber, se for isso, a gente vai pra frente e faz.

Joan Fontes: Como você analisa o panorama audiovisual e também a questão do teatro no Rio Grande do Norte?

Alice Carvalho: A questão do audiovisual tem tido um *boom* muito grande, porque o audiovisual passou por um período que ninguém sabia que existia cinema aqui para um período agora, não sei, talvez, quatro, cinco anos para trás, não tenho tanta certeza, começou a chegar uma enxurrada de projetos, produtos, obras audiovisuais muito boas, circulando o mundo, ganhando prêmios e foi uma coisa que aconteceu do nada, assim. Não sei se todo mundo tem essa impressão que eu tive, mas era quase do não conhecimento da maioria da massa para agora estar em um percurso de produção muito legal. Não está no ideal, até porque a gente não tem editais de fomento que tenham cachês, enfim, verba tão alta quanto se é necessário para a produção de alta qualidade, mas os profissionais daqui têm se desenvolvido de uma maneira incrível. E tem dado nó em pingo d'água, porque edital de 15 mil reais para você rodar um curta-metragem é nada para 30 profissionais, quase 40 profissionais é absolutamente nada. Mas eu vejo que o audiovisual potiguar, ele tem alçado voos inacreditáveis, assim; puxando a brasa para minha sardinha, foi inacreditável o que aconteceu com a gente de *Septo*, com orçamento de 16 mil reais. O teatro continua com produções sensacionais; tiveram estreias de

2016 para 2018, estreias maravilhosas, e muita coisa ainda para estrear, e os grupos estão começando a se organizar, porque a gente teve quase que um boicote, né, com os teatros fechados. O teatro é a casa do artista. Eu acho que quando se fecha um teatro, se tira a perspectiva de produção do artista que faz uma *performance* ao vivo, como é o teatro. A música, às vezes, sobrevive de uma apresentação em outros lugares que acomodam os *shows*, mas o teatro, muitas vezes, precisa, de fato, daquele edifício, sabe, daquele palco italiano para acontecer. Eu vejo que agora, em Natal, a gente tem o TCP, o Teatro de Cultura Popular, mas o Alberto Maranhão está fechado, o Sinval Vanderlei, a gente está brigando na loucura para que não coloquem abaixo aquele teatro, [que se] reforme e seja acessível de novo para o povo. Eu acho que o teatro está passando um período muito difícil para toda a classe; primeiro porque, se não há teatro, não há formação de público e não se há procura pela obra. Imagina, você vai fazer a obra pra quem, se não tem formação de público, sabe? É muito difícil às vezes você só ter somente um teatro para as grandes oligarquias, um teatro que é privado; nada contra, mas é preciso ter teatro para o povo. A gente vive esse período por aqui, mas espero que as coisas mudem.

Apresentador: É preciso ter a completariedade da inserção pública nesses tipos de espetáculos, né?

Alice Carvalho: Sim, com toda certeza. Eu acho que o Poder Público precisa entender que cultura não é gasto, cultura é investimento. Teatro, universidade, biblioteca, nenhuma a menos, só a mais.

Apresentador: Uma curiosidade é que, no seu começo, você investiu muito no gênero humor, no gênero comédia, inclusive, escrevia crônicas e escreve crônicas, fazia apresentações de *stand-up comedy*. Fala como foi esse processo, como foi a experiência.

Alice Carvalho: Foi uma coisa natural, também, eu sempre gostei da linguagem. Eu acho que me apaixonei porque assisti uma série americana que é sobre a vida de um comediante, e foi quando comecei a me apaixonar pelo estilo de *stand-up comedy*, comecei a buscar mais as coisas, tava ficando mais acessível essa coisa de *streaming online*, tava saindo essa coisa de *streaming*. E aí coincidiu ser a época que está se formando o Comédia Potiguar, que foi o primeiro grupo de *stand-up comedy* aqui de Natal, e eu acho que foi em 2012. Não lembro quantos anos tinha, sou de Humanas... não tenho como falar agora, mas era 16 anos, foi ali junto com *Do Amor*, 16, 17 anos. *Do Amor* é uma comédia escrachada, rasgada, e aí eu comecei a investir, como exercício, escrever para *stand-up comedy* porque é uma lógica completamente outra. Às vezes, é uma questão

muito matemática, inclusive, o riso passa uma impressão que é improviso, mas é muito minucioso, sabe, é uma palavra que vem antes que ele entrega a piada, e tem que colocar uma palavra depois. Então, assim, é uma coisa fantástica. Comprei livros e mais livros para escrever e fiz minha primeira apresentação. Foi sensacional porque fui *Open Mic*, que chama, você abre para um comediante maior, e eu abri para um grande amigo meu, hoje já falecido, Alison Vilela, de João Pessoa, ele ganhou destaque nacional fazendo o humor dele. Eu fiz um textinho de cinco minutos, sabe, com 16, 17 anos. Eu entrei ao som da Galinha Pintadinha, porque era menor de idade, não podia estar ali, naquele bar, fazendo aquele *show*. A resposta foi muito inusitada do público, foi meu primeiro *show* e teve uma resposta muito boa, assim, logo de cara; voltei, comecei a exercitar melhor a escrita, terminei fazendo alguns *shows* em São Paulo, fiz o Nordeste todo praticamente. Só que aí terminou uma época que eu estava em cartaz com o *stand-up comedy*, mas eu ia entrar em processo com o *Septo*, que é um drama, é uma série que ia mexer muito comigo, ia tocar em lugares difíceis de serem acessados pelo ator, e resolvi dar um tempo como o *stand-up comedy*, e falei assim: “quando terminar o *Septo*, volto com o *stand-up comedy*”. Aí eu emendei *Inkubus*, que é um espetáculo monólogo, uma transição de gêneros total, porque

Septo é audiovisual, tem aquele lugar do drama, e *Inkubus*, que é um espetáculo monólogo vai muito para o drama, mas para o thriller, suspense, é um monólogo, então saí de um e fui para outro, mas até hoje estou tentando voltar para o *stand-up*. Mas falta tempo, mas eu espero voltar em algum dia, espero que seja uma edição de comemoração, algo assim.

Rafael Lopes: Todo profissional, no início de carreira, ele se espelha em alguns outros profissionais que já estão no mercado, já tem uma experiência mais vasta. Quais são os atores, assim, em nível nacional, ou até mesmo internacionais, que você olha, assim, e se espelha e vê, “nossa, essa atuação me representa”, digamos assim?

Alice Carvalho: Quando eu comecei, eram pessoas que eu era fã, de fã-clube mesmo, e hoje tive a sorte de ter como amigo, no meu círculo pessoal, é Ingrid Guimarães e Heloísa Perissé; elas são atrizes incríveis. Inclusive, na época de escola, eu lembro que colocava uma peruca e ficava imitando a personagem dela, a Leandra Borges, e aí eu conheci elas uma vez no teatro, e eu não sei o que aconteceu com a vida, que agora elas estão no círculo [de relações]. A Ingrid Guimarães assinou o prefácio do meu livro, e sempre foram grandes inspirações, principalmente pela trajetória de construção da carreira. A carreira delas foi baseada na falta de sorte, de vários não na cara, e elas fizeram a própria oportunidade,

e isso me inspira muito até hoje, porque antes de eu fazer minhas coisas, a maioria das coisas que eu tenho hoje na praça são autorais, e isso eu aprendi com elas. Enquanto eu não acho uma oportunidade, enquanto eu não acho uma aprovação naquele teste, naquele elenco, para aquela coisa, eu vou lá e faço o meu. Elas me inspiram como artistas, como seres humanos. E o Hélder Rodrigues, que é também um grande amigo meu, da Companhia Melhores do Mundo, de teatro, ele me inspira muito na comédia. Internacionalmente, eu estou pirada naquele pessoa da série *Game of Thrones*, o estilo de interpretação; mas é assim, eu acho que perto da gente, tem muito mais gente que inspira. Titina Medeiros mora ali do lado de casa, e é uma atriz fenomenal; Nara Kely, tem muita gente boa aqui em Natal que eu acho que dá de capota nesse pessoal internacional.

Apresentador: Na cena cultural para as artes cênicas do teatro, tem muita gente boa ganhando papéis de relevância; como você percebe, que é um movimento de engajamento dos próprios atores, ou está realmente tendo um tipo de incentivo e apoio mais por parte das instituições?

Alice Carvalho: Eu acho que é uma questão dos atores, da classe em si; eu vejo muito pouca participação da instituição pública. Eu acho que tem pouquíssima participação. É muito fácil dizer, “eu apoiei desde o começo”, e depois

que a pessoa está lá, né? Mas, há pouco tempo, teve vários atores que tiveram destaque nacional, em uma grande série, e isso se deu ao fato da gente estar trabalhando aqui para tá trazendo grandes testes de elenco pra Natal, saiu uma grande leva de atores para uma projeção nacional, em cinema, e vários outros que estão também fazendo isso. Hoje, a gente se organiza em formato de núcleos de estudos, inclusive, então, os atores daqui da classe de atores, depois que a gente percebeu que, se ficar nessa coisa de esperar que aconteça, eu acho que é aquela questão que falei de fazer sua própria oportunidade. Acho que a gente se juntou para fazer nossa própria oportunidade, enfim; agora estão vindo mais testes de elenco pra cá, estão abrindo caminhos e oportunidades para o resto do Brasil, ver que existem muitos atores e muita técnica. Inclusive, preparadores de elenco, com Márcia Lohss, que trabalha com uma técnica aqui que acho que outra pessoa em Natal não trabalha; é uma das melhores técnicas do Brasil, e ela é daqui de Natal.

BLOCO 2

Aracely Xavier: Você falou para a gente que era uma criança hiperativa, e hoje, você continua uma adulta hiperativa. Como lida com isso?

Alice Carvalho: Continuo hiperativa, só que a sorte é que tem um milhão de possibilidades para poder me acalmar. Tem dramaturgia, tem teatro, tem a produção, porque a gente também faz a produção das nossas próprias coisas. Mas continuo hiperativa, imaginando mil coisas depois que acabam as mil coisas, e meu instinto de sobrevivência é assim.

Apresentador: Você tem 22 anos apenas e está escrevendo, atuando, dirigindo, roteirizando... Me fala, dá para viver hoje somente daquilo que você gosta, das artes, dá para pagar todas as suas contas?

Alice Carvalho: Define “viver”. Dá, eu acho que termina que essa questão do instinto de sobrevivência faz com que a gente arranje outras coisas para fazer. Eu não dirijo ainda, mas acho que não devia fazer isso tão cedo porque acho que tenho muito que aprender. Mas uma coisa que eu faço, quase não falo, eu toco em festas à noite, termina que eu ainda sou DJ, no quarto tempo do dia. E aí termina que a gente vai achando uma coisa para pagar, uma coisa ali, e editais de fomento, a gente corre atrás sempre; a maioria dos que existem aqui em Natal, como eu disse, não tem um valor que dê pra gente viver tranquilo. Mas é isso, a necessidade faz com que a gente arranje um milhão de desdobramentos para a própria arte, e vai tirando um daqui, bota um ali. Mas

o que importa é que, no fim do dia, eu esteja em paz com minha consciência, fazendo o que eu gosto.

Michelle Ariany: Tem uma coisa que você não faria para ter um papel de protagonista, seja em novela ou no cinema? Você é muito camaleoa, a gente já viu você emagrecer, mudar cor de cabelo, raspar a cabeça... Tem algo que você não faria?

Alice Carvalho: Eu acho que eu não faria, e já recusei trabalho em publicidade por isso, é fazer propaganda para uma ideologia que endossa o discurso do opressor, entende? Eu posso fazer uma personagem que seja vilã, que seja malvada, racista, classista, que reproduza machismo. Mas eu jamais vou endossar um discurso de uma obra em si, seja ela cômica ou dramática, que o pano de fundo dela seja um preconceito velado, sabe? Preconceito velado, que ele não fala da sua cor, mas fala do seu cabelo; então eu acho que eu não faria, é isso, é fazer uma obra endossando o discurso do opressor. Mas quanto à minha arte, quanto ao meu corpo, engordo e emagreço, enquanto minha saúde não for prejudicada por isso, tira cabelo,cabelo cresce, então tá tudo certo.

Judson Araújo: A princesa empoderou ou ainda há muito o que empoderar?

Alice Carvalho: Sempre tenho que empoderar ainda mais. Eu acho que ainda tem muita coisa para aprender,

quanto como sou como mulher, a questão do feminismo, meu próprio lugar de falar. Mas eu acho que, para a artista que eu era quando fiz *Do Amor* para a artista que eu sou agora, eu acho que estou nesse caminho de empoderamento.

Apresentador: É interessante contextualizar a pergunta do Judson, que isso faz referência a um livro seu.

Alice Carvalho: Sim, um livro meu. *A Princesa Empoderou* é um livro de crônicas, e boa parte dos textos que trato nele, com humor, ou só com uma crítica, ou textos mais melancólicos, têm muito a ver com as relações interpessoais e questão do preconceito incutido na sociedade. Eu acho que fez parte do meu processo de crescimento também, a escrita disso.

Apresentador: Empoderamento, empoderar-se são conceitos que estão muito em pauta do espaço público; para você, Alice, o que é de fato empoderar-se, o que seria o processo de empoderamento independente para qualquer tipo de grupo social?

Alice Carvalho: Eu acho que é muito subjetivo, mas eu acho que, pelo menos na minha visão, o empoderamento é eu olhar para as coisas que já estão postas na sociedade antes do meu nascimento e perceber o que é construção social e o que é da natureza das coisas. Por exemplo, construção

social é muitas vezes eu estar andando na rua e passar uma pessoa de cor por mim – isso não falo eu, Alice –, um indivíduo estar passando na rua e passa uma pessoa de cor e você esconde a bolsa. Isso é construção social ao redor de como as pessoas de cor foram tratadas através dos tempos, isso aí não é a natureza das coisas. Então eu acho que empoderamento é isso, você olhar para as questões de opressão, para as questões que já estão postas na sociedade, e entender o que é uma construção de um *status* que quer se manter como *status*. Enfim, tentar mudar isso, pelo menos no seu “microuniverso”, isso é o que eu tento fazer com meu empoderamento, analisar essas coisas que não são naturais e desconstruí-las em mim; para você se empoderar, tem que destruir um bocado de coisa dentro de você.

Apresentador: Entender um pouco o argumento, o lugar de fala do outro também, né?

Alice Carvalho: Também, entender seu próprio lugar de fala. Eu posso falar sobre o quê? Tem questões que eu jamais poderia falar, não estaria apta a falar. Por exemplo, eu não estaria apta a falar sobre questões de pessoas transgêneras porque eu não estou nesse lugar de fala, e é uma questão muito simples e não posso falar sobre isso. Porque eu vou falar sobre isso se tem pessoas que são trans e podem falar? Empoderamento também é muito isso, é você reconhecer o

seu lugar de fala e dar oportunidade para o outro assumir o lugar de fala. Na minha arte, o que eu tento fazer é humildemente entender e conhecer meu lugar de fala e calar a boca quando não é.

Joan Fontes: Como você lidou vendo a websérie *Septo* chegar onde chegou, recebendo prêmios que recebeu, exibida internacionalmente? Como foi assim, para uma série que você falou, feita com poucos recursos, como foi isso?

Alice Carvalho: É uma coisa que a gente tenta acreditar até hoje que está acontecendo. Recentemente, alguns meses, a gente foi aprovado em um edital de financiamento de um grande banco brasileiro e a gente vai conseguir filmar as próximas temporadas com, sei lá, 15 vezes o recurso que a gente filmou a primeira. Tudo isso não só por causa da capacidade dos profissionais envolvidos, porque eu absolutamente não fiz nada sozinha; inclusive, no primeiro dia de *set*, eu só fazia chorar vendo as pessoas trabalhando, sem acreditar naquilo que estava acontecendo. Mas isso se dá muito a esses festivais internacionais. Eu sou muito grata a tudo isso que aconteceu, e estou deixando essas coisas só acontecerem porque é muito inacreditável. Há alguns meses, a gente estava recebendo convite para se inscrever em festival, olha que coisa doida; não é mais a gente indo atrás, são os festivais vindo falar, “olha, se inscreve aqui no

meu festival”. Isso é muito surreal, eu não digo que é inédito, porque eu acho que é até presunçoso, mas na minha carreira, é uma coisa inédita, e tenho certeza de que na dos meus colegas de trabalho também foi. A gente não esperava isso nem nos melhores sonhos, isso está dando desdobramentos profissionais para todo mundo que trabalhou.

Apresentador: Para o público da TVU que ainda não tem conhecimento da websérie *Septo*, fala um pouco sobre como é a natureza e como vocês financiaram, tem esse caráter da participação do público, no *crowdfunding*... fala rapidinho sobre a websérie e em relação a esses prêmios.

Alice Carvalho: *Septo* é uma série de cinco capítulos, série feita para a *web*, e conta a história de uma triatleta potiguar que é ponta de classificação, ela é a melhor no que ela faz, está nas cabeças de chave nacionalmente e ela está prestes a ser convocada para disputar as Olimpíadas de 2016. Só que ela percebe que ela viveu uma vida toda programada na função da carreira de vida de atleta, aquela vida toda regrada, e ela percebe que não é muito o que queria, quando ela se vê na iminência de atingir um patamar que a mãe dela não conseguiu, e a mãe dela é também triatleta. Quando ela se vê ali, prestes a conseguir, ela pensa, “não é isso que eu quero”, e aí ela tem que lidar com um bocado de coisas, frustrar o pai, porque a mãe dela faleceu de uma

doença grave; e a série começa a partir desse momento que ela está se dando conta, que ela tem essa epifania de, “não é por aqui que eu quero ir”. Durante esse momento, dessa epifania dela, ela passa mal durante esse momento que recebe – eu estou falando, mas não é *spoiler*, isso aqui é só o *release*, tá disponível no YouTube –, ela é socorrida pela personagem da Priscila Vilela, a Lua, e Lua tira a vida dela de rota, elas vivem um romance. Mas a questão principal que a gente coloca em *Septo* é que Jéssica não está em conflito com a sexualidade, ela está em conflito com a carreira dela, e o que ela quer para a vida dela. A sexualidade dela está naturalmente ali, ela sempre foi o que ela é, e aí é até uma das maneiras que a gente usa na série, é a questão da representatividade feminina e lésbica na tela, sem que seja o grande tabu do desenrolar da trama. A gente financiou *online* pelo *crowdfunding*; a gente teve uma divulgação maciça porque a nossa distribuição aqui no Brasil, ela é feito pelo Brasileiríssimos, é uma marca presente em todas as redes sociais e tem quase dez milhões de seguidores, e foi muito importante para a divulgação de *Septo*. A gente conseguiu 289 pessoas apoiando a gente *online*, a gente atingiu uma marca assim, no Catarse, de 16 mil reais e, por fora, a gente ia nas festas de Natal e vendia caipirinha, fazia bazar. Foi uma coisa muito louca para conseguir arrecadar essa grana, mas

a gente filmou com esses recursos, esses poucos recursos, e não deve ter chegado a 19 mil, mas foi muito pouco. Foi muito doido, porque foi apoiado por fãs antes mesmo de existir; eles apoaram a gente antes do produto existir, a gente filmou um *trailer* sem ter a série pronta, a gente filmou o *trailer* à parte da série. E aí teve esse apoio massa, e *Septo* só aconteceu pelo apoio das pessoas.

Rafael Lopes: Qual foi o seu maior, digamos assim, público mais emocionante da sua vida? Todo artista, principalmente, ator que está muito no teatro, tem o palco ali como local sagrado, todos eles guardam uma lembrança positiva sobre o público que mexeu com o emocional a ponto de interferir em um momento ali do espetáculo. No seu caso, qual foi esse público e aonde foi?

Alice Carvalho: Eu acho que tiveram dois. No Teatro Alberto Maranhão, no *Do Amor*, a gente fez lá uma edição comemorativa de um ano, e lotou o Teatro Alberto Maranhão como eu nunca tinha visto. Eu nunca tinha lotado um teatro daquela maneira, então foi muito marcante na minha vida. O segundo público foi em ação que a gente fez com o *Inkubus*, a gente fez uma apresentação pequena, é um monólogo que fala sobre violência contra a mulher, e aí a gente fez essa apresentação em uma casa pequena lá no Passo da Pátria para um público pequeno assim de pessoas.

A gente apresentou, as pessoas que ficavam na minha cara assim, assistindo o monólogo muito perto de mim, e quando acabou, acho que ouvi a coisa mais incrível na minha vida, que foi uma senhora que estava assistindo, acho que tinha 60 anos, virou para mim e disse: “É, você falou um negócio aí nessa história aí que você contou que eu agora que me toquei, que você fala que viveu a vida e os sonhos em função dele”. A minha personagem fala isso para o companheiro dela. A senhora falou assim: “Eu acabei de me tocar que eu vivi a vida, o sonho de outra pessoa, por sua causa”. Aí desmonta o ator, acabou o ator, não tem nada que pague. Um público pequenininho de pessoas. E, com o *Septo*, foi uma exibição que a gente fez na Argentina; foi a primeira exibição internacional do *Septo*, e eu lembro que tava lotada a sala de exibição da universidade de cinema lá de Buenos Aires. Eu estava sentada na primeira fileira e fui para a última, sozinha, sem falar espanhol, tava falando inglês muito mais ou menos, um “portunhol” muito arranhado, e sentei na última fileira, e vi um mar de gente assistindo, e quando acabou, ligou a luz, todo mundo olhou pra mim e perguntou: “cadê o resto?” Eu pensei, gente, eles gostaram, e chorando assim, sabe, sem acreditar, porque é muito maluco isso, você fazer uma coisa na esquina da sua casa e rodar o mundo com isso. Pessoas que não falam nem sua língua,

não entendem nem o linguajar, as gírias daqui de Natal, e você ver isso tocando as pessoas, atravessando fronteiras.

Apresentador: Mas e aí, cadê o resto de *Septo*?

Alice Carvalho: Agora que o programa está indo ao ar, eu suponho que eu deva tá gravando semana que vem.

Apresentador: Coisa boa. Tem uma continuidade de quantos capítulos, tem isso programado ou ainda não?

Alice Carvalho: Então, a gente passou por uma revisão. Inicialmente seriam cinco episódios, mas a gente recebeu essa verba maior para filmar o resto das temporadas, então a gente está entre seis ou oito episódios, o que não posso revelar muito agora, porque faz parte da estratégia de divulgação de *Septo*. Não posso falar muito sobre isso, mas a gente está entre seis ou oito episódios, e vai ser uma reviravolta bem grande na história.

Apresentador: Retomando os festivais, vocês já participaram de quantos?

Alice Carvalho: De nove. Agora a gente está no nosso novo festival. Primeiro foi Buenos Aires, depois Coreia do Sul, “Asia Web Awards”, “Rio Web Fest”, Alemanha, “Hollywood Streaming Awards”, em Hollywood também, Hamburgo, na Alemanha, São Paulo, eu acho foi selecionado

também. Eu espero que venham mais aí com a segunda temporada. Mas a gente rodou um bocado.

BLOCO 3

Apresentador: A gente estava falando no bloco passado sobre os festivais. Eu tenho uma curiosidade pessoal, eu imagino que os estudantes também, de como é estar no festival, quais são as interações que rolam, tem representatividade brasileira, norte-rio-grandense, como é essa troca de experiências?

Alice Carvalho: Nos que a gente foi, só tinha gente de Natal, mas em alguns outros internacionais, tinha alguns brasileiros. No de Buenos Aires, só tinha a gente do Brasil; foi muito interessante, até porque a maioria dos orçamentos das webséries de fora, tinha uma websérie de fora que tinha orçamento de um milhão de euros competindo com o *Septo*. Terminou que *Septo* ganhou melhor websérie deles. Mas tem uma presença de brasileiros que está começando a crescer agora, assim, tem uma websérie também muito boa, estamos quase sendo coagidos, a gente sempre encontra com eles nos festivais, que é *Red*, que é do Rio de Janeiro; tem outra ótima, *Breach*, ambos LGBTQ. Isso é muito engraçado, né, essa representação está chegando no mundo dos festivais

internacionais muito mais que webséries que não abordam a temática, enfim, que não têm esse tipo de representação. Mas, é isso assim, é uma coisa que está começando a crescer agora, e eu tenho certeza que vai virar um formato muito bem consolidado assim. É uma coisa que a gente acha, às vezes, que a websérie é como uma série de TV dividida em menos tempo e colocada para plataformas móveis. Só que já tem se consolidado com formato específico, uma linguagem que precisa ser parte de uma forma muito particular, a partir do roteiro já, porque tem que lidar com a distração do *smartphone*, esse tipo de coisa. Mas o Brasil está crescendo muito nesse ponto.

Aracely Xavier: Durante a gravação de *Septo*, teve algum momento em relação ao esporte que você teve dificuldade?

Apresentador: Isso é muito importante colocar, porque você representou uma triatleta, e nos pareceu muito bem -preparada fisicamente para desenvolver o papel.

Alice Carvalho: Rapaz, eu levei cada queda de bicicleta que vocês não têm noção. Eu tive que perder o medo, bastante, para nadar no mar; era uma triatleta, então tinha que me familiarizar com aquilo. Teve várias cenas que tive que fazer no mar mesmo, vou fazer muito mais agora nas próximas temporadas, só que eu perdi peso, perdi 9kg. Durante

as filmagens, eu perdi mais ou menos dois para poder fazer o último capítulo, que eu estou bem diferente do primeiro. Tive esse processo de emagrecimento durante as filmagens, foi muito maluco, mas já fazia esporte quando era mais nova e meio que já tinha uma base, só que uma negação para andar de bicicleta, só sabia dar corrida mesmo. Nadar no mar; eu caí muito de bicicleta durante *takes*, só que é isso, a gente está lá se entregando de corpo e alma, e com arranhões.

Apresentador: E sobre a peça *Inkubus*, você citou há pouco que se trata da questão da violência contra a mulher, da repercussão positiva que teve de uma senhora no espetáculo. Você consegue ter alguma projeção otimista com relação à cultura do machismo, da violência contra a mulher? Como você analisa, há um aumento da clara discussão? Esse é um ponto, mas em relação à mudança de cultura em relação ao tratamento adequado com a mulher?

Alice Carvalho: É até um pouco perigoso eu afirmar isso porque, de certa forma, eu tenho uma bolha, porque eu sou uma mulher de cor; não sou negra retinta, mas sou uma mulher de cor, só que sou classe média, não posso falar a partir da minha visão. Porque eu posso até dizer que, do lugar que estou, eu vejo as coisas melhorarem, mas se eu for ali para Mãe Luiza, acho que não vai ter muita gente concordando comigo. As visões são diferentes para outros tipos

de pessoas que são atingidas de outras formas pelos tipos de opressão, mas acho que, assim, um ponto positivo é que os casos estão sendo expostos. A gente vê grandes figurões até da TV brasileira caindo, do cinema mundial caindo, no campo das artes, da música, do futebol, da comédia. As mulheres estão tendo mais força para se expressarem contra isso, mesmo que muitas outras estejam se sentindo coagidas dentro das favelas e nas zonas mais marginais das cidades. Só que a internet e globalização estão aí, e eu espero que a gente possa utilizar cada vez mais a nosso favor; é muito duro ser um dos países que mais mata mulheres no mundo. A minha projeção é muito baseada na minha visão privilegiada, não tenho como falar por outras mulheres, mas eu acho, a internet e globalização têm ajudado nisso.

Rafael Lopes: Até pouco tempo atrás, no mês de abril, tramitava no congresso uma pauta que foi muito discutida e divulgada por vários atores de nível nacional, que foi a retirada da obrigatoriedade do DRT de artista. Vários atores, em seu Instagram, postaram, fizeram críticas a essa pauta. Eu queria saber de você, que tem participado de projetos, que leva o nome da nossa cultura, do nosso meio artístico potiguar para o cenário nacional e para o mundo também, como você enxerga isso, se você se posiciona, como vários se posicionaram, como retrocesso? Porque parece que nosso

país, ele está andando no caminho contrário de outros lugares do mundo. Nós já tínhamos a profissão regulamentada. Queria saber sua opinião sobre essa possível retirada.

Alice Carvalho: É o retrocesso do golpe. O golpe, quando se instala, vai minando vários setores da sociedade; pra mim, é só mais uma prova que esses figurões que estão no poder que acham que cultura é evento e arte não é produção, não pode ser fonte de emprego para várias pessoas de diversas camadas sociais. Pra mim, foi só um atestado de uma coisa que a gente já sabia, a falta de valorização. Agora, eu acho, o que a gente tem que fazer é ir para cima e lutar para que isso não passe de forma alguma. Porque isso é tirar o mínimo de nós, se muitos atores que conseguem empregos em escala nacional, em emissoras de TV, todos eles precisam do seu DRT para terem seus direitos assegurados. Para que não se cruze nenhum limite, nenhuma fronteira com relação ao trabalho daqueles atores, aquilo ali é o que assegura aquelas pessoas, então a gente perder ainda esse direito do DRT é mais um passo atrás para uma classe que vem lutando, se esgoelando para ter um teatro aberto.

Rafael Lopes: E sobre esse ponto, você acha que os profissionais das artes cênicas aqui da nossa capital são organizados? Porque a gente vê que várias outras profissões sobre esses processos de retiradas de direitos, eles são bem

unidos, e foram à luta para tentar pelo menos manter aquilo que já era garantido. Aqui, em Natal, você enxerga que os profissionais, os atores em si, eles são unidos enquanto classe para lutar por esses direitos e pela não continuidade dessas propostas inadmissíveis?

Alice Carvalho: Eu acho que a gente está aprendendo a ser por causa da união dos atores. Não derrubaram o Sandoval e construíram um shopping. Isso pra mim já foi uma prova que, agora, a gente tem avançado enquanto uma organização política que de fato é, uma classe artística organizada, eles têm função social de fato. Porque, por exemplo, a questão que ia acontecer, o Sandoval, o teatro continua fechado, mas o que ia acontecer era que uma derrubada para a construção de um shopping de uma grande companhia vinda de São Paulo. A gente se organizou não só entre a classe artística, mas a gente se integrou com os civis, com os vendedores, com os camelôs, com as pessoas que iam perder um teatro no bairro que não é de zonas à margem, mas que a elite coloca o Alecrim como uma zona marginal, se aproveita do Alecrim quando é necessário, e essa organização da classe artística com o social foi fundamental para que a gente conseguisse deixar a galopes mais lentos, assim, para os galopes que avançavam loucamente em cima da derrubada do teatro. Só que eu acho que tem muito o que se aprender. Artista tem

que entender que tem que ser muito político; essas coisas que estão acontecendo no Brasil agora têm sido quase que um soco na nossa cara, pra gente acordar e se organizar.

Apresentador: Até para tentar manter o mínimo de cultura, o Ministério da Cultura também foi toda uma mobilização nacional de ocupações para tentar manter o mínimo de política de investimento dessa área.

Alice Carvalho: Sim, com certeza.

Joan Fontes: Só voltando à questão do humor, a gente vê poucas mulheres fazendo humor atualmente, e gostaria de saber como é ser mulher e fazer humor e também queria saber o que você aborda nos seus textos?

Alice Carvalho: O que eu tentava fazer, eu posso falar através do meu viés apenas, não de outras mulheres, é o que eu tentava, era fugir bastante da expectativa dos homens, até dos meus companheiros de cena, que colocavam sobre mim. No sentido de que, quando a mulher sobe para fazer *stand-up*, a maioria pensa que ela vai falar sobre ciclo menstrual, gravidez, assuntos que muitas vezes, para a cabeça do homem regular, está restrito ao universo feminino. Então, o que sempre tentei fazer, não que eu não tocasse em pautas importantes, mas o que eu fazia era tentar fazer humor sobre qualquer coisa, assim como os homens fazem. Falava

sobre feminismo também, só que eu lembro que eu fazia um *show*, tocava violão enquanto fazia *shows*, era uma coisa diferente, e uma coisa que eu percebo, para as mulheres que estão na comédia, é que elas precisam se reafirmar e terem um respaldo muito maior para serem reconhecidas do que os homens. Justamente por causa dessa questão de expectativa que se coloca em cima da mulher, eu continuo abordando, continuo fazendo comédia como sempre fiz, mesmo escrevendo textos e não apresentando. Mas eu acho que o principal desafio de ser mulher na comédia é esse, você ter que superar uma expectativa, você ter que ir muito além, para você receber o mesmo confete que um homem recebe fazendo humor regular.

Apresentador: Tem uma questão interessante que Joan levanta aí sobre fazer humor, que alguns humoristas que trabalham pela liberdade de expressão plena na sua linha humorística, diz que o mundo está muito chato por causa do politicamente correto, então não pode fazer humor. Como se faz, então, o humor de fato, que não venha a agredir, ofender ou depreciar qualquer tipo, grupo social? O que seria esse humor realmente renovado e mais em sintonia com as atuais exigências públicas?

Alice Carvalho: Eu aprendi com o Helder Rodrigues, da Companhia Melhores do Mundo, é uma frase muito simples,

que é: “quando você bate no oprimido, está errado”. Está errado, você vai ficar endossando o discurso do opressor para fazer comédia? Você vai fazer comédia da forma mais fácil que existe? Que besteira. Você é comediante para subverter as coisas. Então eu acho que esse papinho de que o mundo está chato, o mundo não está chato, é que o mundo está vendo agora a verdadeira face de quem não tem o mínimo de ética para exercer uma profissão tão bonita quanto é a comédia.

Aracely Xavier: Alice, você fala dos seus personagens, a gente falou um pouco da websérie *Septo*. Como é compor um personagem?

Alice Carvalho: Eu acho que é você andar em uma linha muito limítrofe entre o que você é e o que você entende daquele outro ser. No sentido de que, quando eu vou compor uma personagem, eu tento buscar da maneira mais que existe a raiz e a essência daquele sentimento primário que empolga o personagem para contar aquela história que a gente vai ver em algo que eu vi. Então eu tento me aproximar daquela pessoa através da identificação, daquele indivíduo através da identificação, só que a partir desse momento que eu tento desvendar mais ou menos como é o caminho pelo texto, porque o texto ajuda muito a gente. Eu faço uso de música. Música para mim é quase uma das primeiras fases para a gente entender um personagem, muita leitura, eu

tento enriquecer meu repertório da melhor forma possível. Porque, na maioria das vezes, você chega na sala de ensaio, é importante que você chegue com o repertório bem grande para que o diretor vá lhe podando, melhorando. Mas eu assisti muita coisa. Tem uma frase de Patrício Júnior, que é escritor do Jovens Escribas, que ele fala sobre escrever livros, mas isso serve para compor personagens: antes de você escrever uma página de um livro, leia 10. É o que eu uso mais ou menos para compor a personagem; antes de compor a personagem, conheça várias e se alimente daquela arte da melhor forma possível.

Apresentador: Aquela pergunta que parece um pouco clichê, mas não deixa de ser uma curiosidade bacana. O que é mais desafiador para você enquanto artista: escrever, roteirizar ou interpretar?

Alice Carvalho: Eu acho que atuar é mais difícil pra mim, porque atuar implica você estudar. Mesmo em um monólogo, você está dependendo de várias outras pessoas, não só dependendo, mas se alimentando de outras pessoas. Seja no audiovisual, seja no teatro, além do convívio com várias outras pessoas, você depende de outros colegas para realizar aquilo. O que é ótimo, muito importante, mas que também torna o processo mais difícil, não que seja só dependente... talvez eu não esteja conseguindo colocar de uma

maneira inteligível. Mas é andar nesse limite: você sendo uma pessoa enquanto você é assistido por outras pessoas, ou às vezes você nem ser outra pessoa, mas está vivendo outra história lembrando quem você é ainda. É uma coisa muito esquizofrênica, ser ator, mexe com muitos lugares que você acessa e não consegue voltar às vezes. A escrita é um processo muito solitário, é você no íntimo do seu quarto, mas é bastante doloroso, seja até na comédia, porque é uma questão técnica que você tem que se alimentar de muitos referenciais. Eu acho mais difícil atuar porque essa é a questão de ter o tempo todo o controle da sua mente, o tempo inteiro, e da técnica. Mas é de mim.

CONSIDERAÇÕES

Alice Carvalho: Foi ótimo estar aqui com vocês. Fui tirada da estabilidade muitas vezes pelas perguntas, porque a gente tem que refletir sobre coisas que nem passou pela sua cabeça. Mas é só agradecer à TVU, pelo convite, e a vocês que estão aqui, por terem tirado um tempinho para entender um pouco do que eu faço.

Ficha técnica

APRESENTADOR

Luiz Fernando Dal Pian Nobre

SUPORTE ACADÊMICO

Valquíria Kneipp

Emily Araújo

Renato de Moraes

Alexandre Mulatinho

ENTREVISTADOS

Ângela Paiva

Alice Carvalho

César Ferrario

Dino Lincoln

John Carlos Mantilla
Diógenes da Cunha Lima
Ianne Silva
Emanoel Francisco Pinto Barreto
Fernando Amaral
Francisco Barbosa Albuquerque
Gilliard de Medeiros
Janduhi Medeiros
Erick Pereira
Jussier Ramalho
Manoel de Medeiros Brito
Manoel Neto
Mirian Moema Filgueira Pinheiro
Sheila Maria Freitas de Souza Fernandes e Melo
Victor Filgueira

DISCENTES

Adriana Macedo
Aldo Henrique
Alexandre Beethoven
Alexandre Carvalho
Alyrson Aguilar
Ana Carla Dantas
Aracely Xavier

Aryellen Dias
Brenda Crisóstomo
Caio Oliveira
Caio Rodrigues
Carol Lima
Concita Alves
Endy Mahara
Eudes de Araújo
Felipe Matheus
Felipe
Gustavo Sousa
Jailson França
Jenifer Costa
Joan Fontes
João Mário
Judson Araújo
Leonardo Julierme
Letícia Araújo
Lucas Félix
Marcelo da Rocha
Maria Luiza Nunes
Michele Ariane Rafael Lopes

EQUIPE TVU

Ariston Bruno (estúdio)

Diogo Medeiros (estúdio)

Edilson Américo (estúdio)

Gorete Gurgel (direção da TVU)

Hamilton Filho

Izaías Bezerra (estúdio)

Josceliano Maciel (técnico)

José Garcia (gerência técnica)

José Zilmar Alves da Costa (superinten-
dente de Comunicação)

Luiz Henrique Gehlen (direção e produção)

Matheus Cirne (chefe de produção e programação)

Max Herbert (chefe de operações)

Rodivan Barros (estúdio)

Taiane Cristina (estúdio)

Referências

- ALBUQUERQUE, Francisco Barbosa. *Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/2ZbyxjF>. Acesso: 14 set. 2020.
- ALBUQUERQUE, Francisco Barbosa. *Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/2BgVCJw>. Acesso: 14 set. 2020.
- ALBUQUERQUE, Francisco Barbosa. *Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/386iKXu>. Acesso: 14 set. 2020.
- AMARAL, Fernando. *Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/2CBAduX>. Acesso: 14 set. 2020.
- AMARAL, Fernando. *Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/381suCe>. Acesso: 14 set. 2020.
- AMARAL, Fernando. *Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/2YzFJH2>. Acesso: 14 set. 2020.
- BARRETO, Emanoel Francisco Pinto. *Programa Xeque Mate Piloto.* Disponível em: <https://bit.ly/3g5U2cb>. Acesso: 14 set. 2020.
- BRITO, Manoel de Medeiros. *Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/2YBgzI8>. Acesso: 14 set. 2020.

BRITO, Manoel de Medeiros. *Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/2VlQJ90>. Acesso: 14 set. 2020.

BRITO, Manoel de Medeiros. *Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/3eAns24>. Acesso: 14 set. 2020.

CARVALHO, Alice. *Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/2ViihvW>. Acesso: 14 set. 2020.

CARVALHO, Alice. *Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/2Z8j43I>. Acesso: 14 set. 2020.

CARVALHO, Alice. *Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/31nuQdc>. Acesso: 14 set. 2020.

FERRAIO, Cesar. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/3dBowBi>. Acesso: 14 set. 2020.

FERRAIO, Cesar. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/3dIsXuo>. Acesso: 14 set. 2020.

FERRAIO, Cesar. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/3i5FRpG>. Acesso: 14 set. 2020.

FILGUEIRA, Victor. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/3g6iWIZ>. Acesso: 14 set. 2020.

FILGUEIRA, Victor. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/3i7xXft>. Acesso: 14 set. 2020.

FILGUEIRA, Victor. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/2Vn84yf>. Acesso: 14 set. 2020.

FREITAS, Sheila. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/2VpG79g>. Acesso: 14 set. 2020.

FREITAS, Sheila. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/2ZbpgrQ>. Acesso: 14 set. 2020.

FREITAS, Sheila. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 3*. Disponível em: <https://bit.ly/2YB3DSz>. Acesso: 14 set. 2020.

LIMA, Diógenes da Cunha. *Programa Xeque Mate Parte 1*. Disponível em: <https://bit.ly/3g6fjTn>. Acesso: 14 set. 2020.

LIMA, Diógenes da Cunha. *Programa Xeque Mate Parte 2*. Disponível em: <https://bit.ly/2BFVwuX>. Acesso: 14 set. 2020.

LIMA, Diógenes da Cunha. *Programa Xeque Mate Parte 3*. Disponível em: <https://bit.ly/3dDJpvR>. Acesso: 14 set. 2020.

LINCOLN, Dino. *Programa Xeque Mate Parte 1*. Disponível em: <https://bit.ly/31wIET1>. Acesso: 14 set. 2020.

LINCOLN, Dino. *Programa Xeque Mate Parte 2*. Disponível em: <https://bit.ly/2BJOzsI>. Acesso: 14 set. 2020.

LINCOLN, Dino. *Programa Xeque Mate Parte 3*. Disponível em: <https://bit.ly/38IJcRZ>. Acesso: 14 set. 2020.

MEDEIROS, Gilliard. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 1*. Disponível em: <https://bit.ly/3fZj395>. Acesso: 14 set. 2020.

MEDEIROS, Gilliard. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 2*. Disponível em: <https://bit.ly/3dBmkK4>. Acesso: 14 set. 2020.

MEDEIROS, Gilliard. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 3*. Disponível em: <https://bit.ly/2A4CU7o>. Acesso: 14 set. 2020.

MEDEIROS, Janduhi. *Entrevista Xeque Mate Parte 1*. Disponível em: <https://bit.ly/31ntTSa..> Acesso: 14 set. 2020.

MEDEIROS, Janduhi. *Entrevista Xeque Mate Parte 2*. Disponível em: <https://bit.ly/3dItD2U>. Acesso: 14 set. 2020.

MEDEIROS, Janduhi. *Entrevista Xeque Mate Parte 3*. Disponível em: <https://bit.ly/3i7mht6>. Acesso: 14 set. 2020.

MANTILLA, John Carlos. *Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/2NyxrxE>. Acesso: 14 set. 2020.

MANTILLA, John Carlos. *Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/2NzK1YS>. Acesso: 14 set. 2020.

MANTILLA, John Carlos. *Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/2YAUYj7>. Acesso: 14 set. 2020.

PAIVA, Angela. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/3dDPnNh>. Acesso: 14 set. 2020.

PAIVA, Angela. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/2Nu1h1s>. Acesso: 14 set. 2020.

PAIVA, Angela. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/31jF0f1>. Acesso: 14 set. 2020.

PINHEIRO, Miriam Moema Filgueira. *Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/2NA0R9L>. Acesso: 14 set. 2020.

PINHEIRO, Miriam Moema Filgueira. *Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/2Bd500V>. Acesso: 14 set. 2020.

PINHEIRO, Miriam Moema Filgueira. *Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/2NuGFGo>. Acesso: 14 set. 2020.

RAMALHO, Jussier. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/2Ab1WSy>. Acesso: 14 set. 2020.

RAMALHO, Jussier. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 2.* Disponível em: <https://bit.ly/38bMG4s>. Acesso: 14 set. 2020.

RAMALHO, Jussier. *Entrevista Programa Xeque Mate Parte 3.* Disponível em: <https://bit.ly/2A7LDG7>. Acesso: 14 set. 2020.

SILVA, Ianne. *Programa Xeque Mate Parte 1.* Disponível em: <https://bit.ly/3eH9RpC>. Acesso: 14 set. 2020.

Referências

SILVA, Ianne. *Programa Xeque Mate Parte 2*. Disponível em: <https://bit.ly/2BeIqov>. Acesso: 14 set. 2020.

SILVA, Ianne. *Programa Xeque Mate Parte 3*. Disponível em: <https://bit.ly/2Nwzu0p>. Acesso: 14 set. 2020.

Sobre os organizadores

ALEXANDRE FERREIRA MULATINHO

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN); Mestre pelo mesmo programa. Especialista em Gestão Pública pela Escola da Assembleia do Rio Grande do Norte (2018), graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela UFRN (1992). Tem experiência e atuação nas áreas de Jornalismo Impresso, Assessoria de Imprensa e Comunicação Organizacional. É pesquisador na área de mídia sonora. Integra o Grupo de Estudos da Nova Ecologia dos Meios (GENEM), da Unesp; e o Grupo de Estudos de Mídia – Análises e Pesquisas em Cultura, Processos e Produtos Mídiáticos (GEMINI), da UFRN.

EMILY GONZAGA ARAÚJO

Doutoranda em Estudos da Mídia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM-UFRN); Mestre pelo mesmo programa. Jornalista, é graduada em Comunicação Social pela mesma instituição. É vinculada à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Foi professora substituta no Departamento de Comunicação Social da UFRN por seis anos, onde ministrou disciplinas para os cursos de Jornalismo, Audiovisual e Publicidade e Propaganda. Atualmente, pesquisa temas relacionados à audiovisual, infância, mídia e consumo.

RENATO FERREIRA DE MORAES

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN); Mestre pelo mesmo programa. Especialista em Gestão da Comunicação Institucional pela Universidade Castelo Branco. Jornalista, graduado em Comunicação pela UFRN. Tem experiência em produção e edição de textos jornalísticos e assessoria de comunicação. Atualmente, pesquisa temas relacionados à linguagem de TV, programas populares, assistencialismo e Análise de Discurso. Integra

o Grupo de Estudos da Nova Ecologia dos Meios (GENEM), da Universidade Estadual Paulista (Unesp); e o Grupo de Estudos de Mídia – Análises e Pesquisas em Cultura, Processos e Produtos Mídiáticos (GEMINI), da UFRN.

VALQUÍRIA APARECIDA PASSOS KNEIPP

Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – Bauru), doutora e mestre em Ciência da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), graduada em Comunicação Social – Jornalismo (Unesp – Bauru), professora Associada de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, líder da linha de Estudos da Mídia e Práticas Sociais do grupo de Estudos da Nova Ecologia dos Meios do CNPq e Diretora de Comunicação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (2019-2023). Foi diretora científica da Alcar (2007-2011) e coordenadora do GT de Mídias Visual e Audiovisual (2008-2011), coordenadora (2017-2019) e vice-coordenadora (2013-2017) do programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM).

Sobre os organizadores



Da esquerda para a direita, na frente: Letícia França, Endy Mahara, Ana Carla Dantas, Valquíria Aparecida Passos Kneipp, Emily Gonzaga Araújo, Letícia Araújo, Rafael Lopes, Joan Fontes e Alexandre Ferreira Mulinho. Segunda fila: Gustavo Souza, Caio, João Mario Costa, Renato Ferreira de Moraes, Felipe Matheus, Marcelo Rocha, Jailson França, Felipe Silva, Érika Tores, Fábio Isaac e Judson Barbosa.

Xeque Mate: por trás da entrevista

Este livro traduz o programa de entrevistas *Xeque Mate*, uma experiência profundamente inovadora de ensino e da prática de jornalismo em nosso estado. Coordenado por professores e tendo alunos da UFRN como entrevistadores, de trajetória longeva e bem-sucedida, é precursor do icônico *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, e uma excelente produção regional que acompanho há muito tempo. A publicação aborda as variações e grandes entrevistas deste programa que proporciona aos alunos aprendizados práticos, uma vez que suas diversas atividades são desenvolvidas em um estúdio de TV, revelando-se ora como um espaço de experiências, ora como a oportunidade de aproximar teoria e prática.

O livro ilumina um programa de TV feito exclusivamente para a entrevista. Identifica e questiona caminhos para a construção de conversas televisionadas que permitam a expressão bilateral de ideias, a busca pela verdade, a escuta do outro, a interação com o outro. Verifica algumas entrevistas ao longo da sua história que se voltam para o encontro de entrevistador e entrevistado. Condensa informações de diferentes momentos. Uma obra de grande valor, traz conhecimento e promove a memória histórica. Boa leitura!

Diógenes da Cunha Lima



Este livro foi produzido
pela equipe da EDUFRN
em junho de 2022.



 **edufrn**

 **ABEU**
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias